



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E  
SABERES NA AMAZÔNIA**

**ELIENE ROSA CHAVES**

**O LÉXICO DA FAUNA E DA FLORA NOS REGISTROS DE  
MAX BOUDIN: PERDA E CONSERVAÇÃO DESSE LÉXICO  
POR ÍNDIOS TEMBÉ DA REGIÃO DO GURUPÍ**

**BRAGANÇA – PARÁ**

**2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E  
SABERES NA AMAZÔNIA

**ELIENE ROSA CHAVES**

**O LÉXICO DA FAUNA E DA FLORA NOS REGISTROS DE  
MAX BOUDIN: PERDA E CONSERVAÇÃO DESSE LÉXICO  
POR ÍNDIOS TEMBÉ DA REGIÃO DO GURUPÍ**

Dissertação submetida ao curso do Programa de Pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras – Linguística.

Linha de pesquisa: Leitura e Tradução Cultural

Orientadora: prof. Dr<sup>a</sup>. Tabita Fernandes da Silva

BRAGANÇA – PARÁ

2016

**ELIENE ROSA CHAVES**

**O LÉXICO DA FAUNA E DA FLORA NOS REGISTROS DE MAX  
BOUDIN: PERDA E CONSERVAÇÃO DESSE LÉXICO POR ÍNDIOS  
TEMBÉ DA REGIÃO DO GURUPÍ.**

Dissertação submetida ao curso do Programa de Pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras – Linguística.

Conceito: EXCELENTE .

Aprovado em: 16 de AGOSTO de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tabita Fernandes da Silva  
Universidade Federal do Pará/UFPA  
(orientadora da Dissertação – Presidente da banca)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues  
Universidade Federal do Pará /UFPA  
(Membro Interno da Banca)

---

Prof. Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues  
Examinador Externo/Universidade Federal Rural da Amazônia/UFRA  
(Membro Externo da Banca)

BRAGANÇA – PARÁ

2015



## **DEDICATÓRIA.**

*A Deus,  
Por conceder Sabedoria.*

*Aos Tembé do passado, do presente e do futuro da aldeia indígena Teko-haw.*

*À minha família, esposo e filho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia por me conceder a honra de fazer parte do quadro de alunos de 2014 em busca de realizar a titulação de Mestre na área de Letras e na linha de pesquisa Leitura e Tradução Cultural, por acreditar na minha capacidade de realizar a pesquisa e permitir minha colaboração bibliográfica no acervo de dissertações do programa.

Agradeço a todos os professores desses dois anos de curso que se dispusera a nos ensinar, em especial à Dr<sup>a</sup>. Raimunda Benedita Cristina Caldas, ao Dr<sup>o</sup>. José Guilherme dos Santos Fernandes e à Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Reis Rodrigues pelas aulas que impulsionaram meus encantos pela vida acadêmica.

Agradeço ao professor Dr. Elias Maurício Rodrigues da Silva (UFRA) pesquisador linguista, por sua presença desde a graduação sempre a colaborar com suas análises minuciosas e de grande relevância para executar e fomentar esta pesquisa e dissertação.

Agradeço ao Renan Costa, secretário da PPLSA, por sua gentileza e dedicação aos alunos do programa, grata. Agradeço à minha turma de Mestrado 2014 e a turma anterior 2013/2 e a posterior de 2015 da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança, por estarem comigo nos momentos agradáveis e de superação nos trabalhos acadêmicos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro viabilizando a realização desta pesquisa com dedicação e satisfação. Grata.

Agradeço à linguista emérita e Dr<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) pelas palavras de confiança ao mencionar meu nome durante a palestra no I Seminário de Tradução e Interculturalidade em 2014 para demonstrar a importância de realizar pesquisas linguísticas em comunidades indígenas. É um honra!

Agradeço a minha orientadora no Programa de mestrado, professora linguista Dr<sup>a</sup>. Tabita Fernandes da Silva, por impulsionar e orientar os meus trabalhos acadêmicos na área do contato linguístico, por sua gentileza e paciência que me dedicou na construção desta dissertação. Meu eterno Agradecimento e Inspiração!

Agradeço ao povo Tembé, assim como suas Lideranças Tembé da comunidade Teko-haw, o cacique Sérgio Tembé, Caparay Tembé, Sandra Tembé por tornar acessível a execução da pesquisa e aos demais colaboradores: Ruth Tembé, Livino Tembé, Roberto Tembé, Sandra Tembé, Osmael Tembé (Uzu), Zilma Tembé que auxiliaram ativamente na realização desta pesquisa e a toda comunidade indígena da aldeia Teko-haw pela recepção.

Agradeço à Prefeitura de Paragominas do Pará, à Casa de Saúde Indígena de Paragominas – CASAI e à Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI pelas informações sobre o povo indígena Tembé da aldeia Teko-haw. Em especial à secretária Jamilla e ao motorista Jair pela acessibilidade à aldeia Teko-haw. E aos Técnicos de Enfermagem da aldeia Teko-haw: Edielson (2014), Sumara e Márcio (2015) colaboradores desta pesquisa.

Agradeço às amigas, em especial Pâmela Paula de Sousa Neri e Andréia da Silva Ribeiro, pelo espírito de amizade constante e magnífico.

Agradeço aos meus pais, José e Maria pelo dom da vida e aos meus pais adotivos Reginaldo e Sueli, por me ensinarem o valor e o prestígio da educação.

Agradeço aos parentes que contribuíram para que eu obtivesse sucesso em meus estudos, Francizete e Fabricio, aos Tios Cida e Carmem pela hospitalidade Bragança.

Agradeço aos meus sogros Luís Guilherme e Maria do Socorro pelo apoio familiar para prosseguir com meus estudos. Agradeço a minha avó, Carmem Muniz Bezerra, por sua aspiração de estudar e ser um exemplo de educadora por experiência e por sua sabedoria adquirida ao longo da vida.

### ***Parafraseando...***

*O grande e emérito doutor em linguística RODRIGUES (UnB) que durante toda sua vida dedicou-se às pesquisas científicas, cujos trabalhos são fontes de inspiração para vários outros que foram seus orientandos, em especial CABRAL (UnB), SILVA E CALDAS (UnB-UFPA). Rodrigues durante os seus ensinamentos acadêmicos sempre esclareceu para seus orientandos que o trabalho de um linguista nunca está acabado e pronto em suas dissertações ou teses, os estudos são uma tentativa de entender a língua em questão naquele momento da história. O conhecimento natural, social e cultural de um povo e sua língua podem ser reavaliados em uma constante busca pelo conhecimento conforme os eventos ocorridos nos períodos históricos e, não é vergonhoso reavaliar um ato de pesquisa científica própria ou de outrem, é simplesmente praticar e buscar o conhecimento com esmero contínuo (AYRON DALL'IGNA RODRIGUES, IFNOPAP, 2011).*

## RESUMO

O presente estudo visa contribuir para o conhecimento da dinâmica do léxico de itens da fauna e da flora da língua Tembé registrada por MAX BOUDIN (1966). O estudo apresenta um levantamento do léxico da flora encontrado nesse registro lexicográfico, publicado há 50 anos, em comparação com as atuais denominações empregadas por falantes nativos Tembé, da aldeia Teko-haw e tem como objetivo verificar a dinâmica desse léxico e seus resultados como perda e conservação desse léxico na atualidade. A pesquisa se justifica pela situação de extremo contato interétnico vivenciada por esses índios na atualidade, ao mesmo tempo, em que vive, como resultado desse contato, uma situação de bilinguismo que tem favorecido o uso do português. Interessa saber como, nesse contexto, os índios Tembé da atualidade denominam itens da fauna e da flora, elementos tão intrinsecamente ligados a práticas de sobrevivência como, por exemplo, a caça, a pesca e a produção da farinha, e de que modo tais resultados podem nos dar mais respaldo para o estudo da relação entre língua, natureza e cultura. Tomamos como parâmetros nesta pesquisa obras lexicográficas e descrições linguísticas e históricas disponíveis sobre os Tembé tais como BOUDIN (1966), GOMES (2002), ZANNONI (1992) E WAGLEY & GALVÃO (1966), SILVA (2010) entre outros. A verificação desse léxico empregado pelos índios Tembé do Gurupí visa trazer mais contribuição para o conhecimento da dinâmica do léxico ao longo do tempo em contextos de intenso contato cultural como é a situação vivenciada pelos índios Tembé da referida região. O estudo vincula-se aos princípios teóricos da Linguística do Contato e da Lexicologia seguindo a vertente e linha de pesquisa Tradução Cultural.

Palavras-chave: Léxico. Fauna e Flora. Língua Tembé. Max Boudin. Contatos Culturais.

## SUMMARY

This study aims to contribute to the knowledge of the lexicon of the dynamics of the fauna and flora of items Temb  language recorded by MAX BOUDIN (1966). The study presents a flora lexicon survey found that lexicographical record, published 50 years ago, compared with the current names used by native speakers Tembe, the Teko-haw village and aims to determine the dynamics of this lexicon and its results as loss and conservation of this lexicon today. The research is justified by the extreme interethnic contact situation experienced by the Indians today, while he lives as a result of this contact, bilingualism situation that has favored the use of Portuguese. Interested to know how, in this context, the Temb  Indians today called items of fauna and flora, elements so intrinsically linked to survival practices such as, hunting, fishing and the production of flour, and how such results they can give us more support for the study of the relationship between language, culture and nature. We take as parameters in this research lexicographical works and linguistic and historical descriptions available on Temb  such as BOUDIN (1966), Gomes (2002), ZANNONI (1992) and Wagley GALVÃO (1966), Silva (2010) among others. The verification of this lexicon employed by Tembe Indian Gurupí aims to bring more contribution to the knowledge of the lexicon dynamics over time in intense cultural contact contexts as is the situation experienced by the Tembe Indians of that region. The study is linked to the theoretical principles of Linguistics Contact and Lexicology following the shed and research Cultural Translation line.

Keywords: Lexicon. Fauna and Flora. Tembe Language. Max Boudin. Contacts Cultural.



## LISTA DE FIGURAS OU QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Fig. 01: Mapa de Maranhão.....   | 29 |
| Quadro 01: Situação Fundiária e Populacional das Áreas Indígenas.....  | 30 |
| Fig.02: Acesso à aldeia Teko-haw pela Estrada do Sete em Paragominas.....                                    | 44 |
| Fig.03: Rio Gurupí fotografado durante a viagem de voadeira.....   | 45 |
| Fig.04: Localização e acesso à Reserva Indígena do Alto Rio Guamá.....                                       | 46 |
| Fig. 05: Casa Tembé.....   | 48 |
| Fig. 06: Capela e Santuário de São Benedito na aldeia Teko-haw.....  | 56 |
| Fig. 07: Trecho do Mapa Etno Histórico de Curt Nimuendaju - 1944 – Destaque para os deslocamentos Tembé..... | 63 |
| Fig. 08: Linguista Max Henri Boudin em 1954, entrevista à Revista Imparcial.....                             | 85 |
| Fig. 09: As versões dos dois volumes do Dicionário Tupí Moderno.....   | 86 |

## LISTA DE ABREVIATURAS

|       |  |
|-------|--|
| SPI   | Serviço de Proteção aos Índios.                                |
| FUNAI | Fundação Nacional do Índio.                                    |
| TIARG | Terra Indígena Alto Rio Guamá.                                 |
| RIARG | Reserva Indígena do Alto Rio Guamá.                            |
| ISA   | Instituto Socioambiental.                                      |
| CASAI | Casa de Apoio à Saúde Indígena.                                |
| SESAI | Secretária Especial de Saúde Indígena.                         |
| CAIP  | Centro de Atendimento Indígena de Paragominas.                 |
| PMP   | Prefeitura Municipal de Paragominas – PA.                      |
| IBGE  | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.               |
| CNPq  | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. |
| MN    | Museu Nacional.  |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 22 |
| 2. O POVO TENETEHÁRA: UM POUCO DE HISTÓRIA.....                                  | 27 |
| 2.1. BREVE ETNOGRAFIA DOS TENETEHÁRA.....  | 28 |
| 2.2. Sobre “ser Tenetehára”.....   | 32 |
| 2.3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TENEHÁRA: ALGUMAS<br>CONSIDERAÇÕES.....            | 32 |
| 2.3.1. Família Extensa.....  | 33 |
| 2.3.2. Sistema Econômico.....  | 34 |
| 2.3.3. Política.....   | 36 |
| 2.3.4. Religiosidade.....  | 36 |
| 2.4. BREVES ACONTECIMENTOS NA FASE DE CONTATO INTERÉTNICO DOS<br>TENETEHÁRA..... | 37 |
| 2.4.1. Escravos.....   | 38 |
| 2.4.2. Servos.....   | 38 |
| 2.4.3. Ignorados.....  | 38 |
| 2.4.4. Clientes.....   | 39 |
| 2.4.5. Autonomia velada dos Tenetehára.....                                      | 39 |

|  |    |
|--|----|
| 2.4.5.1. Serviço de Proteção ao Índio – SPI..... | 40 |
| 2.4.5.2. Fundação Nacional do Índio – FUNAI..... | 40 |
| 3. OS ÍNDIOS TEMBÉ DO GURUPÍ/PA.....             | 41 |
| 3.1. Os Tenetehára – Tembé e Guajajára.....      | 41 |
| 3.2. Localização Geográfica.....                 | 43 |
| 3.3. Acesso à aldeia Teko-haw.....               | 43 |
| 3.4. ORGANIZAÇÃO SOCIAL: ALDEIA TEKO-HAW.....    | 47 |
| 3.4.1. Economia.....                             | 49 |
| 3.4.1.1. A base da alimentação Tembé.....        | 49 |
| 3.4.2. Política.....                             | 50 |
| 3.4.2.1. Liderança.....                          | 51 |
| 3.4.3. Localização Geográfica.....               | 52 |
| 3.4.3.1. Situação Fundiária.....                 | 52 |
| 3.4.4. Religiosidade.....                        | 52 |
| 3.4.4.1. Xamanismo e Ritual.....                 | 52 |
| 3.4.4.1.1. Festa da Moça.....                    | 53 |
| 3.4.4.1.2. Semana Santa.....                     | 54 |
| 3.4.4.1.3. Devoção à São Sebastião.....          | 54 |

|   |    |
|---|----|
| 3.4.4.1.4. Ritual Cultural - Homenagem à Capitoa Verônica Tembê.....                                  | 56 |
| 4. O CONTATO INTERÉTNICO E TRADUÇÃO.....  | 57 |
| 4.1. INTRODUÇÃO.....  | 57 |
| 4.2. O CONTATO INTERÉTNICO.....   | 58 |
| 4.3. O CONTATO LINGUÍSTICO.....   | 58 |
| 4.3.1. Breve visão do Contato Linguístico: Thomason e Kaufmann (1988); Thomason (2001).....           | 58 |
| 4.4. O CONTATO INTERÉTNICO E OS SEUS IMPACTOS PARA OS POVOS ENVOLVIDOS.....                           | 62 |
| 4.4.1. Breve panorama do Contato Interétnico: fatos e relatos sobre a história da aldeia Tekohaw..... | 62 |
| 4.5. O CONTATO INTERÉTNICO E AS LÍNGUAS DOS POVOS ENVOLVIDOS.....                                     | 65 |
| 4.5.1. Consequências do conato linguístico.....   | 66 |
| 4.5.2. Bilinguismo.....   | 66 |
| 4.5.3. Alternância de códigos.....  | 68 |
| 4.5.3.1. Tipos de Alternância de códigos.....   | 69 |
| 4.5.4. Empréstimo.....  | 70 |
| 4.6. O CONTATO INTERÉTNICO E AS PRÁTICAS CULTURAIS.....   | 72 |
| 4.7. O CONTATO INTERÉTNICO E HIBRIDISMO CULTURAL.....   | 74 |

|  |    |
|--|----|
| 5. LEXICOLOGIA E CULTURA.....  | 75 |
| 5.1. CAMPOS LEXICAIS.....  | 78 |
| 5.2. LEXICOGRAFIA: DICIONÁRIOS E OBRA LEXICOGRÁFICA. ....  | 82 |
| 6. O LINGUISTA MAX HENRI BOUDIN E A OBRA – DICIONÁRIO DO TUPÍ<br>MODERNO (DIALETO–TEMBÉ–TENETEHÁRA DO ALTO RIO<br>GURUPÍ.....                      | 85 |
| 6.1. MAX HENRI BOUDIN.....   | 85 |
| 6.2. O DICIONÁRIO DO TUPÍ MODERNO (DIALETO – TEMBÉ –TENETEHÁRA DO<br>ALTO RIO GURUPÍ.....  | 86 |
| 6.2.1. Organização fonética - Dicionário do Tupí Moderno (dialeto – Tembé – Tenetehára do<br>Alto Rio Gurupí.....                                  | 89 |
| 6.2.1.1. Alfabeto Fonético.....  | 89 |
| 6.2.1.2. As fontes bibliográficas que contribuíram na elaboração do Dicionário Tupí Moderno<br>citados por Boudin.....                             | 88 |
| 6.3. TABELAS DE ITENS LEXICAIS: DA CAÇA, DA PESCA E DA PRODUÇÃO DA<br>FARINHA SELECIONADAS DO DICIONÁRIO TUPÍ MODERNO DE MAX BOUDIN –<br>1966..... | 89 |
| I. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA.....   | 90 |
| A. TABELA DE CAMPO LEXICAL DA CAÇA.....  | 90 |

|   |     |
|---|-----|
| a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça, itens como partes do corpo desses animais ou afins.....                | 93  |
| b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça.....  | 100 |
| c) Tipos de armadilhas ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça.....   | 100 |
| d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos.....                          | 101 |
| e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.....  | 102 |
| f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.....  | 102 |
| II. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA.....   | 103 |
| B. TABELA DE CAMPO LEXICAL DA PESCA.....  | 103 |
| a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca e partes do corpo desses animais.....                                  | 103 |
| b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca.....   | 106 |
| c) Os Tipos de armadilhas ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da caça.....                                      | 107 |
| d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca.....   | 108 |
| e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.....   | 109 |
| III. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FLORA.....  | 101 |
| C. TABELA DE CAMPO LEXICAL DA PRODUÇÃO DA FARINHA.....  | 101 |
| a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal..... | 101 |
| b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha.....   | 112 |
| c) Os produtos materiais resultantes do processo da produção da farinha.....  | 112 |
| d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da produção da farinha.....   | 113 |
| e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.....  | 116 |

|   |     |
|---|-----|
| 7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....   | 117 |
| 7.1. Objeto de estudo.....  | 117 |
| 7.2. Objetivo da pesquisa.....  | 118 |
| 7.3. Local da pesquisa.....   | 118 |
| 7.4. Colaboradores da pesquisa.....   | 119 |
| 7.5. Técnica de coleta de dados.....  | 119 |
| 7.6. Período destinado à pesquisa de campo.....   | 120 |
| 7.7. Dados coletados.....   | 120 |
| 7.8. Tratamentos de dados.....  | 120 |
| 7.9. Critérios de apresentação e análise dos dados.....   | 121 |
| 8. APRESENTAÇÃO, ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA.....   | 122 |
| 8.1. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E RESULTADOS DAS PRÁTICAS CULTURAIS NA ALDEIA TEKO-HAW.....  | 122 |
| 8.1.1. AS PRÁTICAS CULTURAIS.....   | 122 |
| 8.1.1.1. As práticas culturais de caça, de pesca e de produção da farinha como base da sobrevivência alimentar no cotidiano atual dos Tembé da aldeia Teko-haw..... | 122 |
| a) Manutenção das práticas culturais.....   | 122 |
| b) Manutenção da prática com diferença nos modos de fazer.....  | 123 |
| c) Variedade dos alimentos adquiridos por meio do cultivo.....  | 124 |
| d) A inserção de alimentos comprados e produzidos na cidade.....  | 125 |
| 8.1.1.2. As práticas culturais de caça, de pesca e de produção da farinha como uma prática familiar.....  | 126 |
| 8.1.1.3. A regularidade das práticas culturais de caça, de pesca e de produção da farinha.....  | 126 |
| 8.1.1.4. Os agentes da caça, da pesca e da produção da farinha.....   | 127 |
| 8.1.1.5. Os modos de se realizar a prática da caça na atualidade (instrumentos, armadilhas, os lugares de caçar).....   | 129 |
| a) Instrumentos e armadilhas utilizados na prática da caça.....   | 129 |
| b) Os lugares de caçar.....   | 130 |
| c) Os lugares de pescar.....  | 133 |



|  |     |
|--|-----|
| 8.1.1.6. Os modos de se realizar a prática da produção da farinha na atualidade (os espaços da roça, vegetais usados como matéria-prima, instrumentos usados)..... | 134 |
| a) Nomes dos espaços específicos para a atividade da farinha? (roça, poço, casa da farinha).....   | 134 |
| b) Os vegetais usados como matéria-prima.....  | 134 |
| c) Os modos de fazer a farinha.....  | 135 |
| 8.1.1.7. A fauna disponível para a prática da caça e usada na alimentação.....   | 136 |
| 8.1.1.8. A fauna disponível para a prática da pesca e usada na alimentação.....  | 138 |
| 8.1.1.9. Os produtos resultantes do processo da produção da farinha e usados como alimento dos Tembê.....  | 138 |
| a) Tapioca.....  | 138 |
| b) Beiju.....  | 139 |
| c) Farinha de tapioca.....   | 140 |
| d) Goma.....   | 141 |
| e) Tacacá.....   | 142 |
| f) Tucupi.....   | 142 |
| 8.1.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DAS PRÁTICAS CULTURAIS.....   | 143 |
| 8.2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISES E RESULTADOS DOS ITENS LEXICAIS DA ALDEIA TEKÓ-HAW.....  | 145 |
| 8.2.1. COMPARAÇÃO DAS TABELAS DOS ITENS LÉXICAIS DE BOUDIN (1966) E COLETADOS PELOS COLABORADORES.....   | 145 |
| I. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA.....  | 146 |
| i. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.....  | 146 |
| ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração.....   | 150 |
| iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.....   | 155 |
| II. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA PESCA.....  | 157 |
| i. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.....  | 157 |
| ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração.....   | 161 |

|  |     |
|--|-----|
| iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.....                   | 163 |
| III. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA.....                                | 165 |
| i. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.....        | 165 |
| ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração..... | 168 |
| iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.....                   | 170 |
| 8.2.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DOS ITENS LEXICAIS.....                                   | 173 |
| 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 174 |
| REFERÊNCIAS.....   | 178 |

## ANEXOS

### ANEXO A

MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA A COLETA (RECOLHA) DE DADOS.

I. LÉXICO DA FLORA REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FARINHA.

### ANEXO B

MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA A COLETA (RECOLHA) DE DADOS

II. LÉXICO REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FAUNA: CAÇA

### ANEXO C

MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA A COLETA (RECOLHA) DE DADOS

III. LÉXICO REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FAUNA: PESCA.

### ANEXO D

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

## TABELAS DAS PRÁTICAS CULTURAIS COLETADOS EM PESQUISA DE CAMPO

I. PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS REFERENTES À CAÇA, A PESCA E A PRODUÇÃO DA FARINHA.

COLABORADORES INDÍGENAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 55 A 85 ANOS.

II. PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS REFERENTES À CAÇA, A PESCA E A PRODUÇÃO DA FARINHA.

COLABORADORES INDÍGENAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 20 A 50 ANOS.

### APÊNDICE B

#### TABELA DE LÉXICO COLETADOS EM PESQUISA DE CAMPO.

I. CAMPO DA FAUNA: Caça e pesca.

II. CAMPO DA FLORA: Produção da farinha;

### APÊNDICE C

I. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA, DA PESCA E DA PRODUÇÃO DA FARINHA.

a) léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações;

b) léxico conhecido por todos os indivíduos com alteração;

c) léxico conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração;

d) léxico conhecido por 02 indivíduos sem alteração/com alteração;

e) léxico conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração;

f) léxico conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração;

g) léxico conhecido por 05 indivíduos sem alteração/com alteração;

h) léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.

### APÊNDICE D

FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE INDÍGENA TEKÓ-HAW FEITAS DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Figura 01: Ramada da aldeia Tekó-haw.

Figura 02: Campo de Futebol Brasil – Tenetehára.

Figura 03: Posto de Saúde da aldeia Tekó-haw.

Figura 04: Visão Panorâmica da Escola da aldeia Teko-haw.

Figura 05: Placa de inauguração da escola na aldeia Teko-haw.

Figura 06: Formatura dos alunos da escola.

Figura 07: Lideranças Indígenas da aldeia Teko-haw durante a formatura.

Figura 08: Família Indígena Tembé – colaboradora Zilma Tembé e suas filhas.

Figura 09: Sr. Manené Tembé – contador de história.

Figura 10: Artesanato Tembé feito por Manené Tembé.

Figura 11: Produção da farinha da aldeia Teko-haw.

Figura A: Forno e Pá.

Figura B: Cocho e peneira.

Figura C: mandioca peneirada.

Figura 12: Fauna – Pesca - base alimentar da aldeia Teko-haw.

Figura D: Prática da pesca – Malhadeira

Figura E: Prática da pesca – Pescador Tembé.

Figura F: Prática da pesca – Canoa

Figura 13: Fauna de base alimentar da aldeia Teko-haw.

Figura G: Jabuti.

Figura H: Queixada ou Porcão.

Figura I: Anta.

Figura 14: Trajetos - aldeia Teko-haw.

Figura J: Ladeira da viúva.

Figura K: Entrada – Reserva Indígena Tembé.

Figura L: Ponte da estrada do Sete.

Figura M: Voadeiras na margem do rio Gurupí na entrada aldeia Teko-haw.

Figura N: Rio Uraim – acesso a aldeia Tembé Cajueiro.

Figura O: Rio Gurupí – 2º ponto de acesso ao rio Gurupí na aldeia Teko-haw.

Figura 15: Marcas do contato interétnico na aldeia Teko-haw.

Figura P: Colaboradora Ruth Tembé.

Figura Q: Colaborador Livino Tembé.

Figura R: Colaborador Roberto Tembé

Figura S: Colaboradora Sandra Tembé

Figura T: Colaborador Osmael Tembé

Figura U: Colaboradora Zilma Tembé

Figura 16: Colaboradores indígenas Tembé.

Figura V: Capela de São Benedito.

Figura W: Casa da farinha de alvenaria.  
Figura X: Máquinas Industriais - Farinha.  
Figura Y: Venda de produtos industrializados.  
Figura Z: Fossa construída para - escolar  
Figura #: Construção de uma igreja.

Figura 17: Instituições públicas de apoio indígena.

Figura \*: SESAI – Paragominas/PA.  
Figura ◆: CASAI – Paragominas/PA.

## APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaboradora - Ruth Tembé.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaborador - Livino Tembé.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaborador - Roberto Tembé.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaboradora: Sandra Tembé.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaborador: Osmael Tembé (Uzu).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ASSINADO  
Colaboradora: Zilma Tembé.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa consiste em um estudo do léxico dos campos da fauna e da flora, especificamente aquele ligado às práticas da caça, pesca e produção da farinha registrado no dicionário de Boudin (1966) com o propósito de averiguar a dinâmica desse léxico ao longo do tempo e, nesse movimento, analisar os possíveis processos de perda, e conservação desse léxico usado pelos índios Tembé, atuais falantes da língua, os quais são bilíngues e vivenciam uma extrema situação de contato com falantes de outras línguas indígenas e da língua portuguesa.

Em primeiro lugar, é adequado justificarmos nesta pesquisa a razão da escolha de um léxico específico da fauna e da flora. Entendemos que os elementos dos mundos da fauna e a flora têm uma estreita relação haja vista que um não sobrevive sem o outro. Além disso, ambos são campos seriamente afetados pelas mudanças ambientais e modificação do meio ambiente provocada pelo homem. Sabemos que as mudanças ambientais certamente forçaram as populações que sobrevivem de atividades como pesca, caça e agricultura - as quais são práticas que lidam diretamente com a fauna e a flora - a pensar novas formas de sobrevivência e até de adaptação das antigas formas dessas mesmas práticas de sobrevivência.

Se, por um lado, as observações dos elementos da fauna e da flora são bastante apropriadas e permitem à verificação dos processos de perda e alterações desses elementos, estes são também apropriados para uma investigação dos processos de manutenção desses mesmos elementos, tanto no que diz respeito ao desaparecimento desses exemplares no mundo biofísico quanto no que respeita ao desaparecimento do material linguístico correspondente que serve para denominá-los. Certamente que esta pesquisa, a considerar nossa área de atuação, concentra-se no estudo do material linguístico correspondente aos campos da fauna e da flora, empregados nas três práticas culturais mencionadas, a saber, caça, pesca e produção da farinha.

A escolha dos itens lexicais da flora e da fauna referentes às práticas da caça, da pesca e da produção da farinha para esta pesquisa justifica-se pela necessidade de se delimitar um objeto de estudo ligado a práticas culturais de sobrevivência dos indígenas que tivesse sido incorporado e adotado por indivíduos não indígenas. Assim, entendemos que as práticas tradicionais da caça, da pesca e da produção de farinha conforme feita pelos índios foi

apropriada, por meio do contato, pelos não indígenas, tendo sofrido alguma forma de adaptação. Com o tempo, os próprios indígenas passaram a ter contato com essas práticas conforme praticada pelos não indígenas com as suas devidas adaptações e alterações. Dessa forma, o léxico escolhido da fauna e da flora extraído dessas três práticas foi propício, permitindo responder a importantes interrogações desta pesquisa, a saber: a) quais itens lexicais dessas práticas foram conservados? b) quais foram perdidos? c) que relação pode ser percebida entre natureza, cultura e língua? Essas interrogações, de alguma forma, podem chegar a trazer alguma contribuição para o entendimento da dinâmica da língua em relação à dinâmica da natureza e da cultura.

Conforme já mencionado, na época, o dicionário de Boudin (1966) foi feito tendo como base a língua Tembé (pertencente ao subramo IV da família linguística Tupí-Guaraní) falada na região do Gurupí (divisa entre Pará e Maranhão). A obra foi publicada em 1966 em dois volumes. Já passou meio século desde que o dicionário foi publicado contendo formas da língua que, segundo o autor, eram empregadas pelos índios que falavam o Tembé e viviam na região do Gurupí àquela época.

Com a situação de extremo contato vivenciada por esses índios na atualidade, é interessante investigar como as atividades da pesca e da caça foram afetadas por questões ambientais, perda de espaço entre outros. A pesquisa possibilitou averiguar como, nesse contexto, os índios Tembé da atualidade denominam itens da fauna e da flora, elementos tão intrinsecamente ligados a práticas de sobrevivência tais como a caça, a pesca, a produção da farinha e de que modo resultados como perda e manutenção podem abrir caminho para estudos sobre os empréstimos do português em substituição ao léxico que foi perdido.

A pesquisa é relevante para a linha de pesquisa Leitura e Tradução Cultural, uma vez que, por meio dela, foi possível contribuir para a compreensão dos fenômenos linguísticos e sociais envolvidos na complexa questão do contato interétnico e dos efeitos que ele deixou nas línguas dos povos envolvidos. Os resultados deste estudo podem contribuir para o entendimento das estratégias que as comunidades tradicionais utilizam para as atividades de nomear itens culturais de prática culturais perdidas e das que ainda se mantém mesmo com alguma modificação. Além disso, também podem contribuir para o entendimento das estratégias de tradução de itens antes não pertencentes à cultura não indígena e ligada às atividades relacionadas à fauna e à flora depois que o não indígena delas se apropriou. A

pesquisa permitiu, ainda, refletir sobre a diversidade linguística e cultural, bem como uma discussão sobre a memória de contato interétnico que originou, de forma única, essa identidade cultural Tembé, o que gerou importantes informações para a sociedade sobre a comunidade indígena pesquisada.

Conforme já explicitado, o estudo se concentra em averiguar ganhos e perdas do léxico referente à fauna e à flora – especificamente os ligados à caça, a pesca e a produção da farinha - empregado na comunidade indígena Teko-haw, na região do Gurupi da atualidade em comparação com o que foi registrado por Boudin (1966). Este estudo foi viável por causa da existência de registro escrito da língua como o que foi feito por Boudin que produziu uma obra lexicográfica denominada por ele mesmo de *dicionário (1966)*. O autor produziu dois dicionários (Tembé-Português/Português Tembé) nos quais registrou a variedade da língua Tembé conforme falada àquela época pelos índios da região do Gurupí. O volume Tembé-Português foi o utilizado nesta pesquisa.

Além da obra de Boudin foram de grande e particular importância outras obras de natureza antropológica e histórica as quais darão o embasamento teórico da pesquisa uma vez que a pesquisa busca apoio de várias áreas de estudo.

A presente dissertação constitui-se de nove capítulos que, a seguir, sumarizamos brevemente.

O capítulo I, que se constitui como introdução deste trabalho tem como objetivo o de sintetizar e apresentar a discussão elaborada durante a pesquisa teórica, teórico-metodológica e a pesquisa de campo, bem como apresentar, previamente, até onde a pesquisa conseguiu alcançar dentro de sua proposta.

O capítulo II busca apresentar as perspectivas teóricas que norteiam a pesquisa. Assim, inicialmente, retratamos o contexto histórico e social dos Tenetehára conforme as pesquisas de autores especialistas no assunto, a fim de contribuir para a compreensão da cultura mais antiga, anterior aos descendentes dos Tembé e Guajajára, com o fim de observar os arranjos culturais da memória histórica desses indígenas.

O capítulo III enfoca a etnia Tembé, preocupando-se em evidenciar a situação cotidiana dos indígenas para compreender a atual situação vivenciada por esses índios do



presente e como a comunidade e seus indivíduos estão sendo retratados na memória coletiva e individual dentro do atual contexto histórico e social, marcado por forte contato intercultural, o qual gera uma situação que se diferencia da dos seus antepassados Tenetehára, principalmente em virtude da mescla social e cultural com povos não indígenas.

O capítulo IV apresenta uma discussão com base na Linguística do Contato ou Línguas em Contato tratando dos resultados do contato e enfocando os principais fenômenos de mescla para as línguas envolvidas. Desse modo, contribui para a compreensão de como o contato entre línguas contribui e influencia a dinâmica pela qual as línguas passam. Essa discussão é bastante relevante para a nossa proposta de verificar os processos de perda, e conservação do léxico Tembé referente à fauna e flora presentes nas práticas da pesca, caça e produção da farinha. Como já mencionado, o povo Tembé da região do Gurupí tem experimentado uma extrema situação de contato, resultando, assim, numa situação sociolinguística marcada, atualmente, pelo bilinguismo, pois seus falantes utilizam para se comunicar, tanto a língua Tembé quanto a língua portuguesa. Dessa forma é notável a condição dinâmica das línguas em contato nessa comunidade. Essa condição dá espaço para que haja influências mútuas, tais como a inserção de léxicos, a manifestação diversificada em sua estrutura de morfossintaxe, fonética e outros. O léxico, no entanto, é um desses níveis da língua que mais recebe essas influências e no qual nos concentraremos.

Em se tratando de resultado linguístico dos contatos interculturais existente nessa comunidade indígena bilíngüe, é bastante comum o fenômeno do empréstimo, que consiste, principalmente, na adoção de material lexical de uma língua para outra. Os empréstimos linguísticos trazem algumas consequências para a língua importadora de um novo léxico, como, por exemplo, a baixa frequência de uso de um item lexical correspondente na língua nativa, com a sua conseqüente perda. Isso pode ser tanto a curto, como também a longo prazo. Este estudo específico não é realizado por nós no presente trabalho, mas é uma necessidade que se impõe a partir do observamos nesta pesquisa.

O capítulo V capítulo traz algumas discussões sobre a relação entre língua e cultura, para explicitar que, através da língua, podemos conhecer a sociedade e a cultura de um povo. Trazemos, ainda, as discussões teóricas sobre os campos léxicos, para

compreendermos como executamos a distribuição dos itens lexicais do passado e do presente nesses campos.

De fato, não se poderia deixar de tratar, teoricamente, do léxico nesta pesquisa, pois, como já aferido, o léxico é o nosso objeto linguístico de observação. Ao tratar do léxico, consideramos que este tem estreita e clara relação com a cultura e com a história de um determinado povo. Como entendemos que estudar o léxico também é estudar o homem e sua história, o estudo foi fundamental para um maior conhecimento dos sujeitos falantes que se entrecruzaram na formação das comunidades que compõem a região do Gurupi, trocando experiências culturais e saberes diversos. Por meio do estudo desse léxico específico há possibilidade de se reunir informações essenciais sobre a dinâmica da língua, suas modificações e, ainda, sobre a dinâmica cultural vivida pelos índios Tembé do Gurupí, sujeitos essenciais para esta pesquisa.

O capítulo VI apresenta a pesquisa de Max Henri Boudin, com ênfase em sua obra denominada Dicionário de Tupí Moderno (1966), assim como traz o levantamento dos itens lexicais referentes aos três campos lexicais, a caça, a pesca e a produção da farinha para posterior comparação com dados recolhido atuais pelos colaboradores. Esse capítulo também contribui para a compreensão de como foi elaborado e organizado linguisticamente o dicionário, como a questão fonética do dicionário e os modelos de bibliografias de outros autores que proporcionaram a base teórica do Dicionário de Tupí Moderno de Boudin.

O VII capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo. O capítulo constitui-se de breve descrição de como se deu essa pesquisa na comunidade, quais as técnicas e métodos para a coleta e análise de dados e outros procedimentos necessários para a realização da pesquisa de característica quali-quantitativa.

No VIII capítulo apresentamos os dados, as análises desses dados e, ainda, os resultados dessa pesquisa. A pesquisa de campo apresenta a análise e os resultados das práticas culturais e elementos lexicais concretizadas pelos falantes da aldeia Teko-haw. As práticas culturais que interessam a esta pesquisa, conforme já mencionado, são as práticas da caça, da pesca e da produção da farinha que reúnem elementos dos âmbitos da fauna e da flora. A intenção foi a de observar a sobrevivência ou não da prática cultural e, junto disso, verificar a sobrevivência ou não do léxico da língua Tembé referente a cada uma dessas

práticas. A análise das práticas culturais foi feita tendo como base algumas perguntas fundamentais que foram feitas em entrevista durante a pesquisa de campo, bastante representativas do que buscávamos encontrar, mencionadas no desenvolvimento dessa pesquisa. A pesquisa também apresenta a análise e os resultados dos elementos lexicais referentes às três práticas culturais extraídas dos registros de Boudin (1966) conforme mencionado por nós anteriormente. Esses elementos lexicais foram usados nas entrevistas para fins comparativos com vistas a verificar se ainda são mantidos (conservação) ou não (perda) na língua Tembé falada hoje na aldeia Teko-haw.

E por fim, no capítulo IX as considerações finais desta pesquisa. A proposta que tínhamos ao pensar em realizar esta pesquisa era a de verificar, em termos mais gerais, a relação entre língua e cultura, implementando tal verificação por meio do estudo de três práticas culturais desenvolvidas na aldeia Teko-kaw habitada por índios Tembé. Organizamos esses campos considerando três práticas fundamentais assentadas em dois grandes campos gerais: fauna e flora. Tínhamos a intenção de verificar a relação que as práticas culturais tecem com os elementos da natureza. As três práticas por nós eleitas para investigação (caça, pesca e produção da farinha) estão diretamente ligadas e dependentes de duas instâncias naturais básicas: a fauna e a flora. Nesse encadeamento nos perguntávamos até que ponto as modificações no ambiente natural (fauna e flora) teria interferido naquelas três práticas culturais (caça, pesca e produção da farinha) e até que ponto isso se refletiria na língua, mais especificamente, no léxico.

O estudo não só contribuiu para o conhecimento da língua em estudo, quanto viabilizou oportunidade para o conhecimento do povo falante da língua, uma vez que estudar uma língua é, inevitavelmente, estudar o povo que a fala.

## **2. O POVO TENETEHÁRA: UM POUCO DE HISTÓRIA**

A história dos índios Tenetehára, atualmente, já conta com alguns registros que permitem formar um olhar mais sólido sobre sua trajetória histórica. É uma história que se complexifica a partir do advento da chegada dos europeus em terras brasileiras. O passado Tenetehára está repleto de contato interétnico e de migração, situação influenciada por constantes movimentos sociais, econômicos e políticos durante o período da colonização do Brasil.

As obras bibliográficas sobre a história dos Tenetehára são diversas, representadas, principalmente, pelos antropólogos WAGLEY E GALVÃO (1961); ZANNONI (1999) e GOMES (2002). Esta última, a mais densa, apresenta detalhes importantes e valoriza a história dos Tenetehára desde a colonização francesa do Maranhão até a atualidade. Contempla importantes informações sobre o período em que os Tenetehára se dividiram em dois grupos, a saber, os Tembé e os Guajajara. Este é um fator de grande relevância, pois os Tembé do Gurupí são os indivíduos privilegiados nesta pesquisa. Contamos com a colaboração de estudos linguísticos sobre os Tenetehára: Guajajara e Tembé, como por exemplo, a tese de SILVA (2010). Assim utilizaremos na construção desse capítulo os estudos desses autores mencionados, entendendo que cada autor trata da questão segundo a especificidade de sua área de atuação, seja segundo a antropologia, a sociologia ou a linguística. Escolhemos tratar a história dos Tenetehára seguindo uma certa ordem cronológica, um pouco similar à maneira como Gomes trata a trajetória histórica desse povo, considerando os seus valores sociais, econômicos, políticos e religiosos conforme procedemos nos tópicos seguintes.

## **2.1. BREVE ETNOGRAFIA DOS TENETEHÁRA**

No período da colonização da região do Alto Pindaré, os índios Tenetehára foram, primeiramente, localizados no Maranhão (Wagley; Galvão, 1961, p. 23). O Maranhão é um estado que concentra um grande número populacional de etnia indígena. Nas primeiras navegações de colonizadores europeus, o Maranhão foi um foco de grandes desembarques europeus na história da colonização do Brasil, por isso é necessário compreender um pouco da etnografia do Maranhão.

O Maranhão é dividido em, pelo menos, sete regiões ecológicas: Litoral, Baixada, Cerrado, Cocais, Pré-Amazônia, Chapadas e Planalto. Na parte norte-ocidental do estado, localizadas na Pré-Amazônia maranhense estão às microrregiões do Gurupí, Pindaré, Imperatriz, Alto Mearim e Grajaú. (DINIZ, 1994, p.9 apud SILVA, 2010, p. 1016).

Figura 01: Mapa de Maranhão.



Fonte – extraída do endereço eletrônico: <https://www.google.com.br/search=mapamaranhão>.

O Maranhão teve um papel decisivo como território de colonização pela sua própria característica etnográfica referente ao Litoral, pois apresenta um berço de praias lineares e sem córregos marítimos de longa extensão, ou seja, acesso rápido e prático. Em comparação com o Estado do Pará, a situação do litoral paraense é composta por grandes várzeas marítimas de longa extensão que dificultou o acesso das embarcações no período da colonização no Brasil.

No Maranhão, habitavam oito povos indígenas, divididos em dois troncos linguísticos: 1) TUPÍ – Tenetehára, Guajá e Urubu-Kaapor; 2) MACRO-JÊ/família timbira – Krikati, Pukobyê, Apanyekrá, Rankokamekrá, Kre pu'm kateyê (RODRIGUES, 1986, P.39).

Gomes (2002, p.524-535) descreve, detalhadamente, o panorama populacional dos Tenetehára e demonstra que antes da ascensão populacional dos Tenetehára, houve uma situação crítica e a população parecia estar no fim. Zannoni (1999, p.22) contribui com um quadro de situação fundiária e populacional das Áreas Indígenas, conforme observamos:

Quadro 01: Situação Fundiária e Populacional das Áreas Indígenas (adaptado).

|    | ÁREA INDÍGENA     | MUNICÍPIO                                   | POVO INDIG.                   | SUPERFICIE    | POPULAÇÃO                   |
|----|-------------------|---|-------------------------------|---------------|-----------------------------|
| 01 | A.I. Alto Turiáçu | Carutapera, Cândido Mendes, Monção Turiáçu. | UrubuKaapor/<br>Timbira/Guajá | 530.525,00 há | 820                         |
| 02 | A.I. Awá          | Zé Doca, Bom Jardim, Carutapera.            | Guajá                         | 118.000,00 há | 196                         |
| 03 | A.I. Caru         | Bom Jardim                                  | Guajajara/Guajá               | 172.667,00 há | 225                         |
| 04 | A.I. Pindaré      | Bom Jardim                                  | Guajajara                     | 15.003,00 há  | 535                         |
| 05 | A.I. Araribóia    | Amarantes                                   | Guajajara/Guajá               | 413.288,00 há | 4.100                       |
| 06 | A.I. Governador   | Amarantes                                   | Gavião Pukobyê                | 41.664,00 há  | Gavião 430<br>Guajajára 240 |
| 07 | A.I. Krikati      | Montes Altos, Amarante, Sítio Novo.         | Krikati                       | 146.000,00 há | 557                         |
| 08 | A.I. Bacurizinho  | Grajaú                                      | Guajajara                     | 82.432,00 há  | 1.650                       |
| 09 | A.I. Morro Branco | Grajaú                                      | Guajajara                     | 49,00 há      | 72                          |
| 10 | A.I. Canabrava /  | Barra da Corda,                             | Guajajara                     | 137.329,00 há | 3.805                       |

|    |                                |                |                            |                     |               |
|----|--------------------------------|----------------|----------------------------|---------------------|---------------|
|    | Guajajara                      | Grajaú         |                            |                     |               |
| 11 | A.I. Lagoa Comprida            | Grajaú         | Guajajara                  | 13.198,00 há        | 252           |
| 12 | A.I. Urucu/Juruá               | Grajaú         | Guajajara                  | 12.697,00 há        | 448           |
| 13 | A.I. Geralda/Toco Preto        | Grajaú         | Krê'pum'kateyê / Guajajara | 18.506,00 há        | 115           |
| 14 | A.I. Rodeador                  | Barra da Corda | Guajajara                  | 2.319,00 há         | 83            |
| 15 | A.I. Kanela/Buriti Velho       | Barra da Corda | Canela Rankokamekrá        | 125.212,00 há       | 1.075         |
| 16 | A.I. Porquinhos/Aldeia Chinela | Barra da Corda | Canela Apanyekrá           | 79.520,00 há        | 363           |
|    | <b>TOTAIS</b>                  |                |                            | <b>1.908.389 há</b> | <b>14.996</b> |

Essa população, diante do forte crescimento dos últimos vinte anos, está estimada em 14.996 indivíduos. Em 1975, segundo os dados da FUNAI, (GOMES 1977, p.138 *apud* ZANNONI, 1999, p.21) a populacional Tenetehára no Maranhão era de 4.272 indivíduos, somando, atualmente, 11.410. Como se pode perceber, houve um aumento populacional na proporção de 167% em vinte anos. Em proporções menores também a população dos outros povos aumentou nesses últimos anos. Em 1988, estimava-se uma população total de 11.830 indígenas no Maranhão. Houve, portanto, um aumento populacional na ordem de 26,76% em oito anos, isto é, cerca de 3,3% ao ano. Os motivos para esse crescimento foram muitos. Para alguns, foi a mudança em relação aos tabus antes e após o parto (Tenetehára); para outros, foi

a recuperação da terra (Ka'apor). O único povo que teve o decréscimo populacional, nesses anos, foi o Guajá, em consequência da invasão do seu território por madeireiros, fazendeiros e lavradores.

## **2.2. Sobre “ser Tenetehára”**

Os índios Tenetehára foram mencionados pela primeira vez na historiografia pelos franceses, no século XVII como “les Pinariens”, “os habitantes do Rio Pindaré” (Wagley; Galvão, 1961). Os Tenetehára tinham nesse nome “Tenetehára” sua autodenominação que, segundo Zannoni (1999, p.21) significa: **Ten** (ser) **ete** (verdadeiro, real) **hara** (nós), ou seja, “nós somos o povo verdadeiro”.

Alguns autores discutem que o termo Tenetehára foi utilizado pelos indígenas apenas para denominar o sujeito de sua própria etnia. Mas, para Gomes (2002) a autodenominação dos Tenetehára está relacionada com os vários momentos históricos e culturais vividas por essa etnia indígena, principalmente pelo fato de que esses índios lutaram e resistiram para conservar sua própria base populacional, étnica e cultural. Esse estado de resistência estimulou os índios da mesma família a se autodenominarem Tenetehára durante o processo de colonização. Assim complementam estudos atuais:

Convém notar que a hipótese de Gomes sobre o surgimento da autodenominação Tenetehára como forçada por algum momento histórico especial, encontra apoio em outras situações referentes aos Tenetehára. Esses índios usam o termo *Karaiw* (cognato de caraíba) para designar os brasileiros não indígenas. Antes disso, porém, segundo os Tenetehára mais antigos, esses índios usavam o termo *mâzân* para os luso-brasileiros, que corresponde no português a *marinheiro*. O termo *apy'aw* usado até a década de 1960, que tem uma conotação corriqueira de “indivíduo”, também já foi usada para designar os brasileiros (SILVA, 2010, p.1025).

Apesar de os Tenetehára passarem por um período de constante contato interétnico e cultural no período da colonização, sua decisão de conservar e nomear itens de outras culturas na sua própria língua indígena resultou na conservação e resistência de sua própria etnia, cultura e base populacional por um longo tempo.

## **2.3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TENETEHÁRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

É de grande importância o estudo desenvolvido por Wagley e Galvão (1961) sobre a organização da sociedade Tenetehára no que diz respeito à organização familiar, aos



sistemas econômicos, político religioso. Nesse tópico, trataremos principalmente as formas de sobrevivência dos índios Tenetehára bem como a base de sua economia uma vez que o interesse de nossa pesquisa centra-se, especialmente, no estudo do léxico referente às práticas da pesca, caça e produção da farinha, que se constituem, claramente, em formas de subsistência desses índios.

### **2.3.1. Família Extensa**

A estrutura da sociedade Tenetehara, à época da pesquisa de Wagley e Galvão era baseada na "família extensa" (Wagley; Galvão, 1961, p. 39). Era constituída por um número de famílias simples unidas entre si por laços de parentesco e constituía-se a partir do casamento realizado entre as filhas do chefe da família e parceiros de outras famílias. Assim, as mulheres traziam trabalhadores masculinos para dentro do grupo familiar.

Um fator determinante para a constituição de uma família extensa Tenetehára era que essa família contasse com um certo número de filhas moças que tivessem participado do ritual da puberdade. Isto porque tal ritual permitia a realização de uma união conjugal, conseqüentemente o aumento da família e, portanto, mais pessoas envolvidas na economia doméstica. O jovem recém-casado era obrigado a trabalhar para o sogro, na roça dele, na mesma unidade familiar a qual veio a pertencer por meio do casamento, pelo menos num período de dois anos.

A família extensa Tenetehára, portanto, podia ser definida como uma unidade social, sendo que, em si, ela reunia todos os elementos constitutivos de uma comunidade Tenetehara. Se o chefe de família tivesse prestígio, outros poderiam agregar-se a ele, tornando-se, assim, também uma unidade produtiva. Nesse sentido ela era uma sociedade doméstica.

Nota-se que, ainda hoje, a sociedade Tenetehára, salvaguardadas pequenas diferenças, ainda mantém algumas desses princípios mais antigos. Não obstante, na atualidade, aconteçam casamentos interétnicos, o homem de outra etnia que casar com uma índia Tembé, por exemplo, terá que se integrar à sociedade Tembé e permanecer morando junto ao povo do qual sua mulher faz parte.

Nota-se também, atualmente, que as novas aldeias são formadas com base nesse núcleo familiar. Uma família e seus agregados são transferidos para um novo espaço onde dali se formará uma nova aldeia com um novo nome.

### **2.3.2. Sistema Econômico**

A base para a economia dos Tenetehára esteve diretamente ligada à flora e à fauna. E essa relação terminava por envolver três importantes práticas culturais como a produção da farinha, a caça e a pesca, para falar das três principais.

O manejo da agricultura era representado pela plantação de milho, feijão, cará e outros. Mas era na mandioca que estava o seu principal cultivo. A **mandioca** era o cultivo de maior importância e de extensão territorial pelos Tenetehára, pois acreditavam nas lendas que se referiam aos primeiros tempos da humanidade Tenetehára. A mandioca, segundo a lenda Tenetehára, teria sido trazida pelo herói cultural, Maíra (Wagley; Galvão, 1961, p. 47), daí a grande importância atribuída a esse vegetal.

A plantação de mandioca nas roças era prática tradicional de grande importância realizada pelos Tenetehára. Os alimentos gerados pelo manuseio da mandioca eram diversos como farinha, tapioca, mingaus, beijos, bolos e outros (Wagley; Galvão, 1961, p. 52). As ações para a produção da farinha são muito bem detalhadas na obra de Wagley e Galvão: desde a preparação da roça, passando pelo plantio da mandioca até a colheita da mandioca. Entre a preparação da roça e o plantio, os autores elencam importantes etapas: a) roçagem; b) derrubada; c) queimada; d) coivara). Segundo os autores, os instrumentos utilizados na produção eram o facão, o machado, o côcho entre outros.

Era exatamente do cultivo da mandioca que chegava à mesa do índio Tenetehára uma variedade de alimentos para sua sobrevivência. Da atividade da caça e da pesca é que chegava à mesa Tenetehára a proteína animal, representada pelas carnes vermelhas e pelas carnes brancas de peixes e certas aves.

Para os Tenetehara, o trabalho tinha um relacionamento estreito com sua própria cultura, com sua religião. Maíra, o herói cultural, ensinou como viver, como trabalhar na roça e como plantar alimentos. Enfim, foi ele quem havia dado aos Tenetehara os produtos

alimentícios. Foi ele quem ensinou a caçar e a pescar. E era a ele que o Tenetehara agradecia pelas colheitas. Tudo, portanto, estava relacionado ao seu mundo espiritual.

Na região do Pindaré, o suprimento de carne dependia, exclusivamente da **caça e da pesca**. A fauna era rica, especialmente nas cabeceiras menos povoadas do rio (Wagley; Galvão, 1961, p. 65). O homem se preocupava com a caça. Havia as caças grandes tais como veado, caititu, porco, queixada, anta, guariba e aquelas caças consideradas pequenas como cutia, tatu, paca, assim como os pássaros. A melhor ocasião para a caçada era durante o inverno, quando os animais fugiam às inundações e se concentravam nas regiões mais altas. (Wagley; Galvão, 1961, p. 66). A distribuição da carne de caça era feita dentro da família extensa. Caçar era considerado um dos trabalhos mais pesados e, por isso, o homem merecia todo cuidado.

A pesca era praticada em menor escala pelos índios Tenetehára. Era feita em horas de lazer e nas estações secas quando o peixe se concentrava em poções. Esse era o método mais comum em igarapés e rios (Wagley; Galvão, 1961, p. 68). Os Tenetehára utilizavam instrumentos fabricados e plantas asfíxiantes para exercer a pesca:

Os Tenetehára se reúnem em grupos e caçam o peixe por todos os meios possíveis, facões, redes, cacetes, peneiras e paris. Nessa época é também comum o uso da corda, uma corda estendida entre as duas margens do rio, suportando 10 a 20 anzóis mergulhados à meia-água. Os peixes mais comumente usados na alimentação são: piranha, surubi, curimatá, cascudo, pirapema, sarapó e jeju. Principalmente nas aldeias vizinhas de igarapés, é frequente construir-se uma tapagem e envenenar a água com o cipó de timbó (WAGLEY; GALVÃO, 1961, p. 66-67).

As práticas tradicionais da caça e da pesca eram atividades desenvolvidas e aperfeiçoadas, porque, como eram práticas de sobrevivência do cotidiano acabavam por se ajustarem e se adaptarem às condições oferecidas pelo meio ambiente.

A divisa do Trabalho em tempos passados, segundo os antigos, era mais rígida. Como sua economia era de subsistência, com algumas exceções, ele estava preocupado muito mais com o cotidiano, não fazendo parte da mentalidade dele o acúmulo.

O homem derrubava a mata e preparava as roças, plantava e colhia a mandioca. Caça, pesca e cestaria, preparo de armadilhas, redes de pesca, armas, canoas e construção de habitações eram tarefas masculinas. As mulheres cabiam o cultivo de outras plantas, o transporte dos produtos e utensílios em geral, cozinha, carregar água para o abastecimento da casa, fabricar cerâmica e tecer redes de algodão para dormir (WAGLEY; GALVÃO, 1961, p. 58).

Apesar de essas atividades serem estipuladas, antigamente, conforme a questão do gênero, com o passar dos anos, foram sofrendo mudanças na estrutura da divisão do trabalho feitas pelos Tenetehára devido sua situação intensa de contato interétnico e conflito territorial. Essas mudanças certamente alteraram em alguns aspectos os modos de praticar a produção da farinha e as atividades de caça e pesca.

### **2.3.3. Política**

Quanto à organização política, cada chefe de família exercia uma função política e representativa frente às outras famílias extensas e frente ao órgão da sociedade envolvente. O cacique, líder da aldeia, direcionava seu povo em relação à arte do ataque e com conselhos sábios sobre a sobrevivência na floresta e à prática de rituais que confirmavam a identidade dos Tenetehára.

A função política estava provavelmente ligada à figura do chefe guerreiro, que guerreava, mas que oferecia, sobretudo, segurança ao seu grupo. Nesse período as guerras, a defesa e a paz eram os elementos constitutivos da política Tenetehára. Evidentemente que com os anos essa função política sofreu mudanças e adaptações devido ao contato interétnico, mas trataremos desse novo fator no capítulo seguinte, com os atuais Tenetehára representados pelos Tembê do Gurupí.

### **2.3.4. Religiosidade**

No capítulo V, da obra de Wagley e Galvão, estes priorizam por tratar com bastante atenção a religiosidade Tenetehára. Segundo o autor, a religiosidade Tenetehára não havia sofrido mudanças, apenas incorporações cristãs.

Apesar de mais de trezentos anos de exposição intermitente à influência de missionários, os Tenehára mantêm praticamente inalteradas suas crenças tradicionais. Respondendo ao esforço da catequese aceitaram alguns conceitos cristãos, embora alguns deles pareçam contraditórios às suas crenças (WAGLEY; GALVÃO, 1961, p.105).

A ideia de um paraíso no céu (cristianismo) fundia-se à crença original em uma aldeia dos sobrenaturais (Tenetehára), que os pajés, após sua morte, iriam viver uma vida plena e ideal. Tupã era o criador da humanidade, das plantas, dos animais e outros e morava

no céu. Maíra era um herói cultural e sua história assemelhava-se à ideia de Jesus Cristo do catolicismo.

Para as situações de infortúnios que aconteciam com os Tenetehára como parto difícil, doença, panema nas caçadas, destruição de uma colheita, as soluções para tal não eram motivos para se recorrer a *Tupã*, pois acreditavam que tais males fossem ação dos *azang*, espíritos errantes dos mortos: *ywan* ( dono da água e dos seres que moram na água); *marana y'wa* (o dono da mata e dos bichos). Para resolver essas situações de infortúnio os Tenetehára recorriam ao pajé, um ser que possui poderes desenvolvidos por ele mesmo na terra, por meio de uma prática denominada *xamanismo*, capaz de controlar ou chamar vários seres sobrenaturais malignos e hostis. Durante o ritual o pajé aproveitava para curar e proteger os leigos da ação maligna daquelas entidades (Wagley; Galvão, 1961, p. 115).

As duas cerimônias mais importantes realizadas pelos Tenetehára eram as seguintes: A Festa do Mel, realizada durante a estação seca e a Festa do Milho, na época das chuvas. A Festa do Moqueado, que marcava a passagem da puberdade para os jovens Tenetehára era realizada nessa mesma ocasião, como parte da Festa do Milho (Wagley; Galvão, 1961, p. 126).

Os Tenetehára aceitavam e incorporavam a suas crenças originais apenas aquelas ideias e elementos cristãos que lhes pareciam mais coerentes em seu ponto de vista. Apesar de todo um esforço externo, a religião dos Tenetehára permaneceu fundamentalmente Tenetehára (Walgley; Galvão, 1961, p.105-106).

#### **2.4. BREVES ACONTECIMENTOS NA FASE DE CONTATO INTERÉTNICO TENETEHÁRA**

GOMES (2002) relata as etapas do contato com os Tenetehára, cujos acontecimentos foram marcados por um determinado tipo de relação de produção que geralmente fundamentou as relações interétnicas. Assim, nessa relação com a sociedade não indígena dominante, os Tenetehára foram, respectivamente, escravos, servos, ignorados, clientes embora manifestassem uma certa autonomia velada possível de ser notada. Trataremos brevemente dessas etapas com a intenção de perceber a dinâmica histórica vivida por esse povo e de que modo isso influenciou determinadas práticas culturais.

#### **2.4.1. Escravos**

No início do século XVII, os Tenetehara habitavam na elevação do curso médio do rio Pindaré, no trecho onde desaguam os rios Caru, Zutiua e Buriticupu, em área da floresta pluvial amazônica, totalizando cerca de 10.000 mil habitantes. Depois de expulsarem os franceses do litoral, os portugueses travaram algumas expedições em busca de **escravos** no vale do Pindaré, o que implicou uma redução exacerbada dos Tenetehára. Nesse período muitos Tenetehára passaram a vivenciar uma situação de escravidão sob o domínio português.

A partir dos meados do século XVII, foram os jesuítas que mantiveram contato com os territórios dos Tenetehara e, assim, alguns índios livremente se estabeleceram em aldeamentos missionários. Por causa da disputa da mão-de-obra indígena entre religiosos e colonos, os Tenetehára passaram por mais de uma mudança de local, de modo que uma parte firmou-se no baixo Pindaré no lago Maracu e a outra parte em São Francisco Xavier ou Carará, no Maranhão.

A partir desse período, inicia-se outra fase de domínio na vida dos Tenetehára caracterizada como servidão.

#### **2.4.2. Servos**

GOMES (2002, p.105) salienta que, “para os Tenetehára, o tempo da servidão se inicia com a chegada dos representantes jesuítas ao alto Pindaré e a decisão de fazer missão entre ele”. Nessa época, os indígenas que viviam em aldeamentos missionários ou naqueles sujeitos à requisição de mão-de-obra pelos colonos eram aparentemente livres. Nesse período, os Tenetehára se encontram na etapa de **servidão**. Isso se caracterizava como um trabalho de mão-de-obra indígena para jesuítas ou colonos que, apesar de ser recompensado, era feito sob condições precárias e de pagamento mínimo. A servidão era forçada e os índios não tinham nem mesmo escolha de para quem trabalhar se para os jesuítas ou para os colonos.

#### **2.4.3. Ignorados**

Os índios Tenetehara que se haviam fixados nos cursos médio e alto do Pindaré e seus afluentes foram **ignorados** pelos colonos e passaram por um momento de extensão

territorial e aumento demográfico. Eles se ampliaram para oeste e noroeste na direção do Gurupí e adiante. E também para o sul e sudeste, para a mata seca de transição entre a floresta amazônica e o cerrado, nos cursos altos do Pindaré, Buriticupu, Zutiua, Grajaú e Mearim. A razão de ficarem assim esquecidos é porque a região do Maranhão que vai se desenvolver economicamente nessa época são os vales do Itapecuru e do Monim, a leste, com o plantio do arroz e do algodão, feito por escravos africanos, introduzidos pela Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, cuja criação decorre também de uma iniciativa pombalina.

A anulação do Diretório em 1798 e a imprecisão da política indigenista que se acompanhou, até com medidas consideradas antiquadas, como a autorização de escravização provisória de índios em apropriadas regiões do Brasil, parece não ter conseguido atingir os Tenetehara.

#### **2.4.4. Clientes**

Com o tempo, toma lugar um novo tipo de relação entre os Tenetehára e os indígenas, Surge uma espécie de negociata, **o clientelismo**, nos meados de 1840. Uma parte da população sertaneja do baixo Pindaré começa a se expandir. Essa relação era baseada na troca financeira de produtos manejados pelos Tenetehára e de grande interesse dos não indígenas. Assim, no Gurupí começam a adentrar regatões ou comerciantes em busca do óleo de copaíba, extração vegetal de grande valor financeiro nesse período. Os Tenetehara constituem com os brancos uma relação de troca mercantil. Conservavam-se livres, mas analisados pelos brancos como socialmente inferiores, situação corriqueira nas diferentes províncias no reinado de Pedro II.

Inicialmente, as aldeias Tenetehára foram postas aos cuidados de diretorias parciais subordinadas à diretoria geral de índios do Maranhão, que também recebeu missionários capuchinhos, outra medida geral do Império. Os encarregados das diretorias e colônias incumbiram, sem inovações, aos missionários capuchinhos ou membros da elite local de levar adiante a relação de clientelismo com os indígenas Tenetehára. O fato era que, tanto nas colônias como nas aldeias delas distantes, os Tenetehara estavam em contato com comerciantes, fazendeiros, sertanejos pobres e sujeitos a um intenso processo de assimilação.

#### **2.4.5. Autonomia velada dos Tenetehára**

As relações dos Tenetehara com o brancos tomam uma nova direção a partir da oposição de uma parte deles contra a missão capuchinha de Alto Alegre, no alto Mearim, em 1901. A missão fora instalada no século XIX e, apesar de sua contribuição no ensino escolar, nas artes e ofícios, algumas atitudes de membros da missão foram interpretadas pelos Tenetehára de modo negativo. Assim, as mortes de brancos e indígenas por repressão de ambos os lados foram motivos para uma rebelião sangüinária. Dessa forma no episódio de Alto Alegre crianças, mulheres, padres, freiras não foram isentos da morte nessa rebelião dos Tenetehára contra os não indígenas da missão dos capuchinhos.

Após o episódio, por cerca de 20 anos, atitudes de suspeita e suposição imperaram entre brancos e Tenetehara, principalmente na área onde existiu o confronto. Conforme Gomes, essa revolta, de certa forma, contribuiu para adiar o processo de assimilação dos Tenetehara à sociedade do entorno.

#### **2.4.5.1. Serviço de Proteção ao Índio (SPI)**

Esses acontecimentos seguem com a instalação na região do **Serviço de Proteção aos Índios (SPI)**, criado em 1910. As relações patrono-cliente persistem. Gomes aponta que os funcionários do órgão não se comportam precisamente como superiores. Alguns funcionários eram inspetores, encarregados de postos, professores, enfermeiros. Ressalta que, entre os funcionários aliciados na região de Barra da Corda, o SPI se deparou com pessoas que trabalharam francamente em benefício dos Tenetehara, manifestando que os anseios pelo povo indígena Tenetehára não eram universais mesmo nos espaços em que suas áreas eram altamente ambicionadas. Esse momento possibilita as primeiras tentativas na acepção de identificar e delimitar as terras Tenetehara, sem que o processo fosse burlado até o final.

#### **2.4.5.2. Fundação Nacional do Índio (FUNAI)**

É no período, que sucede ao SPI em 1967, que essas terras serão demarcadas, homologadas e registradas. Funcionários um pouco mais preparados e, sobretudo índios mais ciosos de seus direitos, zelam por garantir essas terras. Para isso contribuíram as novas possibilidades econômicas, viabilizadas pela **FUNAI** que ofereceram aos Tenetehára, a oportunidade de venda de artefatos com arte indígena, ou diretamente nas lojas comerciais e nas paradas rodoviárias; o fornecimento de maconha, tradicionalmente cultivada para uso



próprio, aos consumidores forasteiros; o trabalho assalariado nos estabelecimentos de empresários agrícolas que vinham se estabelecer na região oriunda do sul do país; o plantio de arroz para venda; e o salário de professores bilíngues.

Gomes (2002) disponibiliza uma demanda de informações, indicações bibliográficas e documentais referentes à atuação político-administrativa daqueles que lidaram com os Tenetehára e índios vizinhos nos diferentes períodos e regiões, tornando-se uma excelente obra de consulta para os Tenetehára atuais e para o não indígena.

O que se nota nessa sucessão de relação entre os Tenetehára e não indígenas dominantes foi uma clara posição de desvantagem a que esses índios foram submetido. Certamente que essa trajetória marcada pela posição de inferioridade, traria sérios efeitos às práticas culturais desse povo, com alterações drásticas em seu modo de vida, com reflexo na língua por eles falada.

### **3. OS ÍNDIOS TEMBÉ DO GURUPÍ/PA**

Neste capítulo o propósito é apresentar a etnia Tembé, sua localização, história do contato e a organização social. Os Tembé fazem parte do tronco Tupi, da família linguística Tupi Guarani, e tem como ancestral o antigo povo Tenetehára<sup>1</sup>. Partimos da história do contato da etnia Tembé e passaremos a nos concentrar na aldeia Teko-haw, local alvo do presente estudo. Assim observamos a relação de contato valendo-nos dos estudos histórico-antropológicos de WAGLEY & GALVÃO (1961) e GOMES (2002) e das contribuições linguísticas de CARVALHO (2001) e SILVA (2010) que corroboram para o entendimento da atual situação de hibridismo cultural em que se encontra a etnia Tembé da região do Gurupí, mais especificamente os que habitam na aldeia Teko-haw. A importância de concretizar estudos sobre a cultura de etnias indígenas é de grande relevância, pois o número de etnias indígenas ameaçadas de extinção no mundo é alarmante, destacando-se o Brasil com uma gama de etnias indígenas localizadas na Amazônia.

#### **3.1. Os Tenetehára -Tembé e Guajajara**

---

<sup>1</sup> O linguista Carl Harrison (1970, *apud* Gomes, 2002) afirma que a palavra Tenetehára é composta pelo verbo /ten/ (“ser”) acrescida do qualitativo /ete/ (intenso, verdadeiro) e o substantivizador /har (a)/ (“aquele” “o”), portanto aquele que apresenta integridade

O povo Tenetehára atualmente subdivide-se em dois grupos indígenas: os Tembé e os Guajajára. Falam as línguas Tembé e Guajajára, respectivamente, as quais pertencem ao sub-ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, juntamente com o Tapirapé, o Avá-canoeira, o Asuriní do Tocantins, o Parakanã, o Suruí e o Turiwára (RODRIGUES, 1985 apud SILVA, 2010, p.1126).

Por volta do século XIX, quando da migração dos Tenetehára para o Rio Gurupí (fronteira do Pará com o Maranhão) e para os altos cursos dos Rios Capim e Guamá (estado do Pará), estes índios passaram a ser conhecidos pelo designativo “Tembé” que, em Tupinambá e na Língua Geral Amazônica significa “lábio de gente”, provavelmente este termo pode ter sido usado por brasileiros da região para nomear os índios com que negociavam. O texto a seguir mostra que

O termo Tenetehára só foi registrado como autodenominação por Kurt Nimuendaju, em 1914, quando de sua visita aos Tembé do rio Gurupí. A primeira hipótese que logo se impõe é a de que o termo teria surgido por esse tempo, mas esta não se sustenta diante da constatação de que se já contemplara quase um século da migração de índios Tenetehára para o Oeste (Tembé) e para o Leste (Guajajára) do seu território original no médio e alto Rio Pindará (SILVA, 2010, p.1128).

O termo “Tembé” pode ter sido atribuído a eles em razão do hábito de furar o lábio inferior para colocar um “tembetá”, adereço em forma de cilindro. Não obstante terem abandonado o hábito do enfeite labial, atualmente os Tenetehára que habitam na região mencionada ainda são conhecidos pelos designativos “Tembé”. O linguista Boudin (1966, p.7), registra o termo *tembeb* que significaria “nariz chato”.

Na história, o termo “Guajajára”, mantido até o presente, foi introduzido no ano de 1616, durante as perseguições brutais praticadas pelos colonizadores contra esses índios. Porém, para os próprios Tenetehára a designação “Guajajára”, significa ‘donos do Guajá’. Temos que o termo Guajajára:

Pode ter tido como fonte a língua Geral Amazônica do século XVIII, o qual foi atribuído a eles por índios Tupinambá da ilha de São Luís por ocasião de contato com os Tenetehára habitantes do Médio e Alto Pindaré. (GOMES, 2002 apud SILVA, 2010).

Conforme Gomes (2002), os índios Tenetehára mostram preferência por serem chamados de “Tenetehára” e só se referem a si mesmos como “Guajajára” em conversa com brasileiros, usando esse último designativo para se referir aos índios Guajá, a quem

consideram terem sido Tenetehára no passado ou que os Tenetehára primitivamente teriam sido como os Guajá.

### **3.2. Localização Geográfica**

Os primeiros Tembés localizam-se no estado do Pará e estão subdivididos em três grupos básicos: **Os Tembés Turiwara, os Tembés do Alto Guamá e os Tembés do Gurupí.** Esses dois últimos grupos estão fixados na Reserva Indígena do Alto Rio Guamá (RIARG, 2005), estabelecida no Nordeste do estado do Pará, entre a margem do Rio Guamá e a margem esquerda do Rio Gurupí, limite sudoeste do estado do Pará com o Maranhão, numa área que engloba alguns municípios como Santa Luzia do Pará, Nova Esperança do Piriá, Paragominas e Ourém. Nesta área na margem esquerda do rio Gurupí também vivem os também os índios Ka'apor, Guajá, Kreje e Munduruku. Os Turiwara estão localizados na região do Rio Acará-miri no município de Tomé-Açu a 260 km de Belém às margens da rodovia PA 140, contando com uma população de 12 famílias.

De um modo geral, pode-se afirmar que os Tembés, ramo oriental dos Tenetehára, se localizam no Estado do Maranhão, enquanto os Tembés, o ramo ocidental, no Estado do Pará. Entretanto, uma parte dos Tembés vive na margem direita do rio *Gurupí*, no estado maranhense enquanto os *Tenetehára-Tembés*, do ramo ocidental, no Estado do Pará, na Terra Indígena do Alto Rio Guamá -TIARG. (Wagley;Galvão(1961, p. 22).

Os Guajajára, em sua totalidade, localizam-se no estado do Maranhão, mais precisamente ao longo do rio Pindaré, no vale do Turiaçu afluente do rio Gurupí que demarca a fronteira entre os estados do Pará e do Maranhão. Dados da FUNASA (2013) apresentam este povo como o mais numeroso do Brasil, por volta de 19 mil membros.

### **3.3. Acesso à aldeia Teko-haw**

O acesso de Belém (capital do Pará) até a aldeia Teko-haw (ver mapa) acontece em várias etapas. Primeiro toma-se um ônibus intermunicipal até Paragominas onde está localizado o polo base da FUNAI de Paragominas, a CASAI (Casa do Índio) ou SESAI (Casa polo do Índio). Depois em carro particular ou de ônibus faz-se o trajeto por uma estrada cuja situação de conservação não é das melhores, estrada de chão batido, conhecida como estrada do Sete (foto nº 2); segue-se até o assentamento da CAIP (Centro de Atendimento ao Indígena em Paragominas) que é alcançado após, aproximadamente, três horas de viagem dependendo do clima; em caso de chuva, o percurso pode demorar até 5 horas.

Figura 02: Acesso à aldeia Teko-haw pela Estrada do Sete em Paragominas.



Fonte: acervo da autora, 2014.

Depois de moto ou carro tipo Off Road 4x4 chega-se à aldeia Cajueiro, que fica às margens do Rio Uraim que, por sua vez, desemboca no rio Gurupí. Neste rio, toma-se uma voadeira e depois de 20 minutos de navegação alcança-se o Rio Gurupi, gastando-se, aproximadamente 01 hora e 30 minutos; depois se alcança, finalmente, a aldeia Teko-haw<sup>2</sup>.

No período sem chuva, pode-se chegar de carro percorrendo-se a estrada que dá acesso direto à aldeia Teko-haw. Neste percurso a viagem pode levar até 4 horas devido às condições da estrada.

*A equipe de pesquisa teve acesso à aldeia Teko-haw pelos dois trajetos. Na ida tivemos auxílio da CASAI com Transporte, nesse percurso fomos de carros 4X4 de Paragominas até a aldeia Teko-haw. Na volta, a equipe percorreu da Aldeia Teko-haw até a aldeia Cajueiro de voadeira acesso pelo rio Gurupí, e do cajueiro até Paragominas de carro 4x4 (CASAI) [grifo meu].*

Entre a aldeia Cajueiro e a aldeia Teko-haw, o rio Gurupi é bastante sinuoso e sua largura varia entre 01 km e 01,5km. Se a entrada no rio acontecer no período da manhã é

---

<sup>2</sup>Este percurso acontece em tempos de inverno, com pouca água. No primeiro semestre do ano de 2014, até este tipo de acesso ficou comprometido devido o volume de água, que não permitia nem chegar até a primeira aldeia.

possível encontrar-se várias embarcações normalmente conduzidas por indígenas das várias aldeias existentes ao longo do rio.

Figura 03: Rio Gurupi fotografado durante a viagem de voadeira.

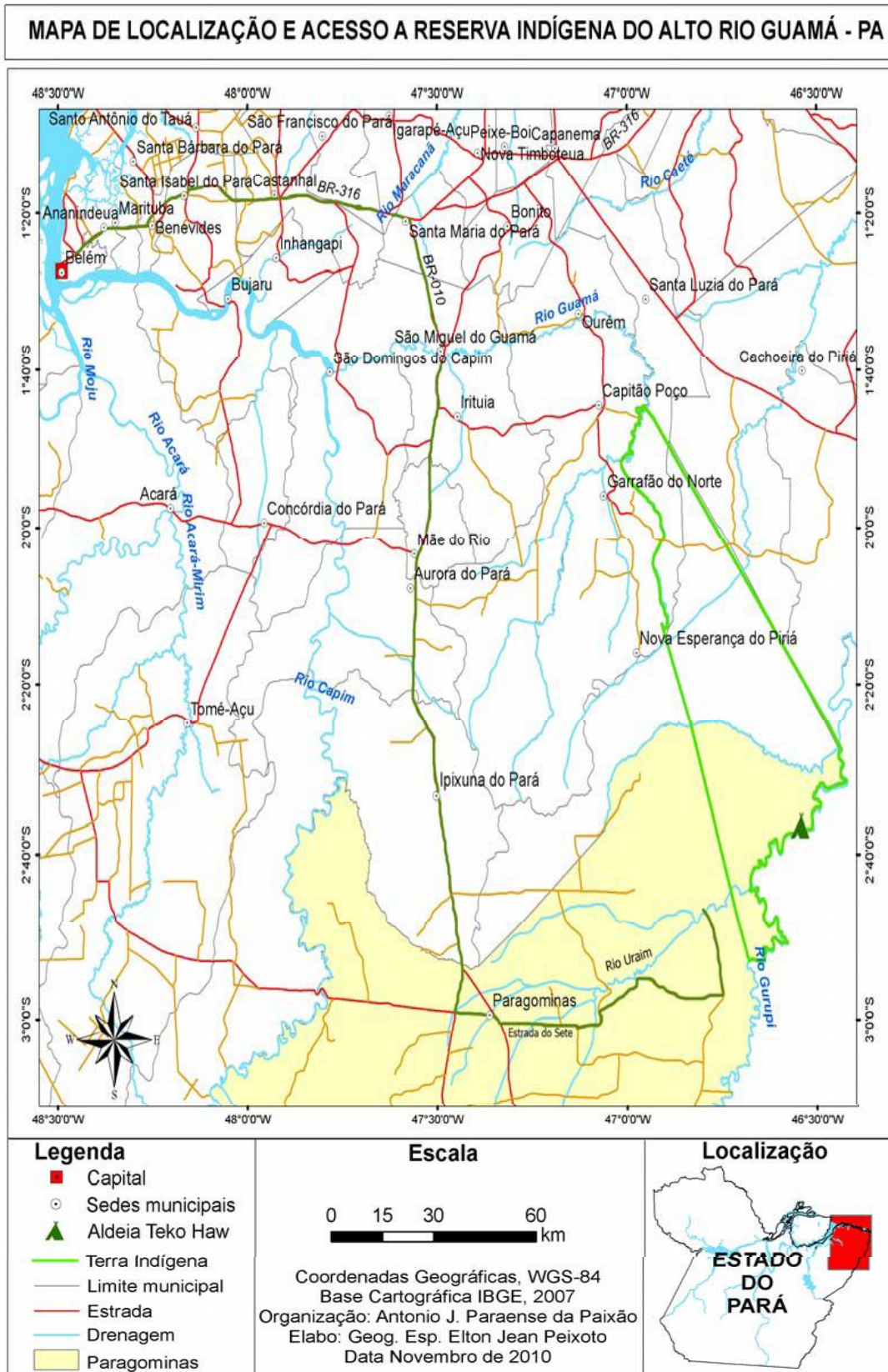


Fonte: acervo da autora, 2014.

No percurso da aldeia Teko-haw até a aldeia Cajueiro existem, na margem do rio do Gurupí, as aldeias indígenas Floriano (Tembé), Sitio Novo (Ka'apor) e Sussuarana (Tembé).

No entanto, se a viagem for realizada no período da tarde, após o meio-dia, a possibilidade de encontrar outra embarcação é bem remota, a maioria dos deslocamentos dos indígenas pelo rio Gurupi ocorre pelo período da manhã, por dois motivos: o primeiro é que a maioria dos serviços oferecidos nos povoados mais próximos ocorre até às 13 horas; a segunda razão é por conta do calor, pois o rio exala um mormaço que torna a viagem estafante.

Figura 04: Localização e acesso a Reserva Indígena do Alto Rio Guamá.



Fonte: IBGE, 2010.

### 3.4. ORGANIZAÇÃO SOCIAL<sup>3</sup>: ALDEIA TEKÓ-HAW

As migrações ocorridas terminaram por fixar os Tembé nos territórios onde atualmente habitam. Comumente os Tembé do Gurupi e, mais precisamente, os da aldeia Teko-haw são considerados os mais tradicionais. Para os Tenetehára-Tembé, diante das incontáveis investidas de regatões, de invasores, a escolha por lugares de difícil acesso se tornou um requisito de defesa que, mesmo assim, não se mostrou tão eficaz.

A palavra *Teko-haw*, segundo Gomes (2002) quer dizer Morada “lugar de vivência”. Perguntando aos habitantes, eles nos informam que o termo quer dizer “Lugar de gente”. Essa aldeia é a maior aldeia Tembé da região do Gurupi e a liderança local é bastante atuante no que concerne às reivindicações dos indígenas da região.

Segundo a FUNAI e o ISA (2014), os índios Tembé se organizam em 20 aldeias, sendo 14 dos Tembé do Gurupí e o restante dos Tembé do Guamá. A aldeia do Teko-haw conta com, aproximadamente, 342 habitantes os quais têm acesso à infraestrutura básica como abastecimento de água, energia solar, um serviço de rádio para contato com a sede do município e com outras aldeias, casa de farinha, posto médico, escola e o campo de futebol localizado no centro da aldeia. A energia elétrica está disponível entre as 18h e 21h gerada por motor a diesel, que está fixado na escola e o combustível é fornecido pela prefeitura municipal de Paragominas por meio da Secretaria Municipal de Educação. A Funasa e a Secretaria Municipal de Educação disponibilizam voadeiras para atender as aldeias e transportar os seus funcionários assim como serve a aldeia em alguma eventualidade. Alguns moradores possuem pequenos barcos para sua locomoção entre as aldeias e Paragominas.

A aldeia tem aspecto de vilarejo. As casas estão dispostas com sua frente voltada para as ruas que são bem definidas, não são caminhos estreitos, são, de fato, ruas.

As casas não apresentam formato padrão e isso se deve, também, ao fato de que a aldeia, apesar de ser na sua grande maioria Tembé, abriga moradores de origem Ka'apór, Muduruku e também de origem Timbira.

---

<sup>3</sup>As fontes para este tópico são variadas. São oriundas de referências bibliográficas, relatos de servidores públicos não indígenas da área de saúde e de educação e, principalmente, do período de contato e convivência na aldeia (2014-2015).

Figura 05: Casa Tembé.



Fonte: acervo da autora, 2014.

O lazer pode ser preenchido pelos adultos pelo jogo de dominó. As crianças gostam de brincar com os animais de estimação, como cachorros, anta e alguns porcos do mato. Estes últimos, quando atingem idade adulta, são consumidos pela família quando não fogem para a mata. Remar, pescar e nadar no rio Gurupi é bastante apreciado pelos menores. Normalmente essas atividades são desenvolvidas com a supervisão das mães quando estão lavando roupas às margens do rio. No entanto, o futebol ocupa lugar de destaque entre os moradores da aldeia, praticado tanto pelas meninas quanto pelos meninos na faixa etária de 12 a 18 anos. *No período das 13h as 15h o campo é reservado às meninas e no período da 16h00h as 18h00h é reservados aos meninos [grifo meu]*. Todos os jovens indígenas Tembé praticam o futebol diariamente, de modo a se manterem em forma para as disputas de jogos esportivos com outras aldeias e nos Jogos Indígenas, este ultimo agora é tradição anual no Brasil.

Em 1940, Wagley e Galvão (1961, p. 39) apresentaram a seguinte organização social do povo Tenetehára e que podemos observar, atualmente, na aldeia Teko-haw se perpetua em sua organização social e cultural:

a unidade mais importante na estrutura social Tenetehára é a família extensa, constituída por um número de família simples, reunidas por laços de parentesco. É mais importante que a família biológica (homem, esposa e filhos) porque além de constituir a base da produção econômica é mais estável e subsiste ao rompimento



das famílias simples o que garante maior segurança ao indivíduo [...] a família extensa é baseada no controle de um homem sobre um numero de filhas.

Embora os Tembé venham de uma tradição de liderança masculina, a aldeia Teko-haw, já foi liderada por longo tempo pela capitoa Verônica Tembé, mas esta situação parece ser uma exceção, porque a tradição de líderes homens ainda é o mais presente na atualidade. A liderança feminina ocorre por herança do esposo, mas é vista como situação transitória, pois a autonomia do grupo e sobrevivência se apoia na personalidade da líder, ou seja, a herança não é tão natural assim, pois, se a esposa não tiver espírito de liderança, a herança não ocorrerá. Esta afirmação está pautada no caso específico da Capitoa Verônica que, até no seu ultimo dia vida, com movimentos bastante limitados por causa da idade e da perda de visão, permaneceu sendo referencia para assuntos ritualísticos e culturais na aldeia.

A residência pós-casamento era do tipo uxorilocal<sup>4</sup>, mas o contato também modificou esta característica, já que muitas moças foram levadas pelos regatões, outras mais recentemente, preferiram ir morar nas cidades de Belém, ou municípios próximos à aldeia, casando com não índios e muitas vezes trabalhando como domésticas. Dessa forma os chefes não tinham como expandir nem manter as famílias extensas.

### **3.4.1. Economia**

#### **3.4.1.1. A base da alimentação Tembé**

Vale ressaltar que a aldeia Teko-haw ainda apresenta características de seus antepassados Tenetehára, evidenciadas nas práticas tradicionais como a **caça**, a **pesca** e a agricultura da **mandioca** que são considerados a base alimentar dos Tembé. A **caça** e a **pesca** principalmente no período não chuvoso. Cena comum na aldeia Teko-haw são as crianças, indistintas de sexo, pescando piabas que são tratadas lá, mesmo, na beira do rio e que são fritas e consumidas com a chola<sup>5</sup>. A pesca é realizada com anzol ou com armadilhas de origem indígena as quais ficam “armadas” de um dia para o outro no rio Gurupi ou na entrada de algum igarapé que nesse rio desemboque.

Como já foi mencionada no capítulo anterior dessa pesquisa, outra atividade bastante praticada é a caça, esta específica para os homens. Os animais caçados são o catitu,

---

<sup>4</sup> Casamento cuja formatação impele o homem a habitar na família da mulher.

<sup>5</sup> Uma espécie de pirão cru onde se mistura o chamado vinagrete com farinha.

cutia, paca, anta, tatu, guariba, jacu, mutum, queixada e o jabuti e outros. Este último é o único alimento permitido na semana santa, período em que os Tembés realizam uma semana de caça ao jabuti.

A agricultura também é praticada, mas ainda utilizam a coivara (derrubada e queima da mata derrubada). A maior cultura é a da **mandioca**. É da mandioca que preparam a farinha, ingrediente que não pode faltar na alimentação Tembé<sup>6</sup>. O trato da mandioca é uma atividade que envolve toda a família, dos mais velhos aos mais novos.

O açaí e a bacaba são complemento nas refeições dos Tembés. Nas proximidades das residências podemos encontrar algumas plantas que também podem ser consumidas: urucum, limoeiro, etc. Há também o jenipapo de onde retiram a tinta para a pintura corporal. O hábito da pintura corporal é uma prática que intensifica a identidade indígena do povo Tembés.

Devido à proximidade do assentamento CAIP, na aldeia Teko-haw já se consomem produtos industrializados, como sal, óleo, açúcar, café (bastante consumido), bolacha, leite e algumas carnes em conserva. Na aldeia já existe um comerciante indígena que vende produtos industrializados, o Sr. CaparayTembé, uma das lideranças da Aldeia. *Pela manhã há uma voadeira percorrendo a aldeia oferecendo pão e gelo (fala do enfermeiro Edielson-2014 [grifo meu])*. Os índios que recebem algum custo financeiro do governo ou possuem outra fonte de renda fixa, costumam deslocar-se até Paragominas para realizar as “compras do mês”.

Alguns mestres da arte indígena Tembés produzem artesanatos como: pulseiras, brincos e cocais de penas e/ou miçangas, flechas, maracas, canoas e entre outros. A intenção é vender para visitantes e outros habitantes da aldeia; as confecções também são feitas por encomenda. Há, também, a venda de óleo de copaíba, mel e andirobade acordo com cada estação de abundância do produto. Mulheres e homens compartilham dessa forma de economia na aldeia.

### **3.4.2. Política**

---

<sup>6</sup>Os paraenses em geral recebem o apelido de papa chibé por serem grandes consumidores da farinha de mandioca e a mesma tem uma grande influência na economia das populações rurais paraense.

### 3.4.2.1. Liderança

Para que o grupo permaneça coeso e as cisões sejam menos frequentes, as lideranças têm papel fundamental. No entanto, ao se tratar deste tópico, é possível identificar nas aldeias dois tipos de lideranças, aqui as definirei como liderança cultural; atualmente, representado pelo Sr. Caparay Tembé (filho da Capitoa Verônica Tembé, antigamente, ela era representante da liderança Cultural Tembé da aldeia Teko-haw) e também tem-se a liderança para política externa Sr. Sérgio Muxi Tembé, também filho da falecida Capitoa Verônica.

A liderança cultural é referência quando se trata de temas como saberes tradicionais, rituais, temas mais domésticos da aldeia e a língua Tembé, este último se apresenta fortemente representado pela identidade cultural nas músicas cantadas pela liderança cultural nos dias festivos, fator de grande importância para manter a língua materna viva. A liderança política domina a língua Portuguesa e a língua Tembé para assuntos externos e internos à aldeia, porém concentra-se em assuntos que tratem das relações interétnicas. Espera-se da liderança política a capacidade de articulação junto às autoridades, que promova, ou que busque melhorias estruturais para a aldeia, acesso aos serviços públicos como educação, saúde e transporte e, principalmente, que tenha conhecimento mínimo sobre o funcionamento da sociedade nacional. Na aldeia Teko-haw as decisões das lideranças políticas e culturais indígenas são partilhadas, pois essas lideranças não tomam decisões sem antes consultar a comunidade. Podem, sim, levantar ideias, mas não podem decidir pela comunidade como um todo.

Os Tembés do Teko-haw realizam reuniões periódicas, para discutir situações da aldeia, e essas reuniões são respaldo para as ações da liderança. As reuniões são bastante demoradas, podendo levar o dia inteiro com pausas apenas para o almoço, mas os participantes podem se ausentar e voltar das mesmas sem problemas. Estas reuniões são frequentadas, em sua maioria, por homens, mas as mulheres também se fazem presente.

*Durante a minha estadia na aldeia observei uma reunião da comunidade que aconteceu numa sexta-feira 05 de dezembro de 2014; somente os indígenas da aldeia Teko-haw podem participar. Os não indígenas não podem participar da reunião. Na reunião a língua falada é exclusivamente Tembé, mas, após a reunião, são comentados os assuntos discutidos na língua portuguesa para aqueles habitantes Tembé que não falam a língua Tembé, apenas o português [grifo meu].*

### **3.4.3. Localização Geográfica**

#### **3.4.3.1. Situação Fundiária**

O estado do Pará é considerado o estado com maior índice de crimes motivados por questões fundiárias e os indígenas do estado e, em especial, os Tembés não estão imunes a esta situação.

Segundo dados do ISA (2014), existem hoje no Brasil 563 terras indígenas ocupando cerca de 100.009.427 hectare. Totalizando um percentual de 11,74% do território nacional. Na Amazônia Legal são 371 terras indígenas, ocupando uma área de 98.766.430 hectare.

Os Tembés do Guamá e do Gurupi estão localizados na área intitulada Altos Rio Guamá e a mesma tem seu decreto assinado pelo interventor federal Joaquim Magalhães Barata, no ano de 1945, mas a demarcação ainda hoje é alvo de entraves jurídicos impetrados por grandes empresas da região que invadiram o território da RIARG. (GOMES, 2002.)

Os tembés têm sido obrigados a conviver com centenas de famílias de posseiros em suas terras e sofrem os efeitos da atuação irregular de madeireiros, fazendeiros e empresários. Entretanto, longe de conformar-se com essa situação, esse povo tem lutado pela desocupação de seu território e reivindicado seus direitos junto aos órgãos públicos e poderes locais.

Os Tembés têm que manter postura de vigilância perene para que suas terras não sejam saqueadas. Para tanto, as lideranças das aldeias utilizam o rádio para se manter informados sobre o que ocorre dentro da reserva e, constantemente, realizam reuniões entre as aldeias que estão mais próximas. Os Tembés que habitavam as cercanias da reserva indígenas e apenas cultivavam pequenas roças, motivados por certas invasões passaram a fixar moradia e fundar povoados da etnia Tembés, nos arredores da reserva Tembés, situação da nova aldeia Faveiro, tida também como uma ação de vigilância sobre as terras indígenas Tembés.

### **3.4.4. Religiosidade**

#### **3.4.4.1. Xamanismo e Ritual**

Os Tembés incorporam os dias santos e os batizados Cristãos, mas não o cristianismo como sistema religioso. Em sua mitologia, Maíra é o principal herói cultural e o

ciclo mítico da criação é o mesmo de vários outros povos Tupi-Guarani. Os espíritos dos animais (em especial os pássaros), aos quais os índios chamam de piwara, são os responsáveis pelas complexas regras alimentares, observadas particularmente durante os períodos de puberdade, gestação e primeira infância (ISA, 2014).

O xamanismo é representado espiritualmente e materialmente pelo pajé, a figura intermediária entre os humanos e os sobrenaturais, que chama e domestica os espíritos com seus charutos de meio metro (tawari), cantos e máscaras. Remédios feitos de plantas, penas, ossos ou pelos, são aplicados pelas mulheres nos transgressores de regras alimentares. Se o tratamento fracassa, um pajé, dentre os poucos existentes, é procurado. Os ritos de puberdade constituem uma boa ocasião para a revelação de novos pajés.

Os rituais existentes na etnia Tenetehára que são mencionados pelos estudiosos Wagley e Charles (1961, p.106) “*Os cerimoniais nativos foram abandonados, não porque os Tenetehára tenham perdido a crença ou já não os considerem atrativos como divertimento; simplesmente, os cerimoniais sofrem hoje a competição imposta pelas condições econômicas atuais*”. Os Tembés não possuem muitos ritos coletivos atualmente. No subtópico seguinte apresentamos o rito de passagem Festa da Moça, um rito da semana Santa e da Festa de São Benedito. Apresentamos, também, a nova e atual Festa Cultural, em homenagem a Capitoa Verônica.

#### **3.4.4.1.1. Festa da Moça**

A Festa da Moça na aldeia Teko-haw não tem uma data fixa, pois a realização da festa tem estreita ligação com um rito de passagem vivenciado pelas meninas e meninos da aldeia com a chegada da puberdade: as meninas com o primeiro ciclo menstrual e os meninos com a mudança de voz, normalmente na faixa etária dos 11 aos 15 anos.

A Festa é voltada, principalmente, para as meninas, cuja participação é cercada de preparações e proibições. Os meninos também participam do ritual, mas não estão submetidos à mesma preparação. Ressalta-se que o rito em si se dá na primeira menstruação. A menina avisa a mãe, que logo a proíbe de comer qualquer comida e sair sozinha. Percebe-se que este momento é cercado por vários tabus e estes acreditam que a moça está suscetível a todo tipo de perigo, por isso requer uma atenção especial. Neste período, não podem tomar banho no rio, pois os espíritos da água ou da mata podem fecundá-la ou trazer-lhe doenças. Relata-se que havia meninas que já estavam esperando a festa ou cerimônia há mais de um ano.

Quanto à alimentação, as meninas passam a obedecer a uma dieta alimentar nas quais peixes e caças são bem vindos, sendo que pássaros são limitados no cardápio. Este regime só é quebrado no último dia da festa. Hoje, entretanto, percebemos transformações neste ritual, se compararmos aos relatos antropológicos de Galvão e Wagley que estiveram com os Tenetehára no período de 1941 a 1945:

Antigamente, tanto rapazes como meninas submetiam-se a um período de isolamento que antecedia os ritos de puberdade... Durante esse período não podem comer carne, somente milho, mandioca, farinha e mingaus. Uma vez ou outra, pequenos peixes considerados inofensivos lhes são servidos. A água que bebem deve ser ligeiramente aquecida. (GALVÃO E WAGLEY, 1961, p.88).

A Festa da Moça acontece no centro da aldeia, na Ramada. No dia da festa, pela manhã, as meninas e meninos são pintados de jenipapo e adornados para assim começar a Festa. Em pares e dispostos em fila indiana, e após se acomodarem com seus pares, cada moça entrega um punhado de paçoca de nhambu<sup>7</sup>, somente aos mais velhos.

A partir da Festa da Moça, meninas e meninos estão prontas para casar e os que se recusam são amaldiçoados, não tendo longevidade e saúde, segundo a falecida Dona Verônica, guardiã da tradição Tenetehára, que comandou passo a passo o rito (ISA, 2014).

#### **3.4.4.1.2. Semana Santa**

Não há na aldeia Teko-haw a presença de alguma instituição religiosa. A primeira marca ficou na lembrança dos mais antigos, a capela de São Benedito. Esta não é frequentada com assiduidade, sendo aberta apenas na Festa do santo.

A Semana Santa, na realidade, dura duas semanas: na semana que antecede a Semana Santa, desde o sábado, cessam-se as atividades de pesca, de caça, os banhos no rio não são aconselhados, como também os jogos de futebol. As pessoas se reúnem nas casas para jogar baralho ou dominó, isto durante todo o dia; na sexta-feira santa o jogo de baralho adentra a madrugada e muitos deles amanhecem jogando. No entanto, durante a semana Santa o silêncio é ainda maior, não se ouvem esses ruídos comuns dos dias comuns.

Na sexta-feira, em quase todas as casas pode-se encontrar um jabuti sendo preparado. À primeira vista pode-se imaginar que todas estas interdições como caçar, jogar

---

<sup>7</sup> Mistura-se a carne desse pássaro com farinha d'água, socado no pilão.

futebol, que tem características semelhantes aos costumes católicos de não comer carne e de não fazer muito barulho, se dá também em respeito ao sofrimento de Cristo. No entanto, entre os Tembé isso se deve a uma forma de manter vivo o seu universo religioso, ou de manter “os deuses Tembé”. Os Tembé acreditam que os locais são povoados de espíritos e estes espíritos podem ser bons ou ruins. Os tembé incorporam certos costumes aos seus e os retratam conforme sua cultura.

Um dos componentes do universo mítico dos Tembé é exatamente a crença nos espíritos das matas e das águas, um universo que comporta a dualidade bem x mal. Mas se a pessoa agir de forma correta nos moldes que a tradição comanda, não há chance para que seja capturado pelo lado negativo.

#### **3.4.4.1.3. Devoção a São Benedito**

Ao entrar na aldeia Teko-haw (acesso pelo rio Gurupí), o visitante passará pela casa de farinha e logo depois avistará a ramada, o campo de futebol, a escola e passará bem ao lado de uma ermida construída em homenagem a São Benedito que se sobressai na paisagem por ser toda pintada em verde bastante chamativo.

A construção é toda em madeira. A ermida guarda somente um oratório e alguns instrumentos musicais como tambor e maracás usados durante a festa de São Benedito. A ermida- passa a maior parte do tempo fechada, sendo aberta em dois momentos especiais: durante a Semana Santa e durante a festa de São Benedito, quando então passa dia e noite aberta.

A culminância da festa acontece no período entre 16 a 26 de dezembro, quando há um período de preparação em que o Santo percorre as aldeias da região arrecadando doações para a festa.

A festa chama a atenção por se tratar de uma tradição pouco comum na região do Gurupi. No estado do Pará a devoção a São Benedito se concentra na região nordeste. Há duas versões para o surgimento desta tradição na aldeia: a primeira aponta para os contatos com os remanescentes de quilombo que habitavam esta região e hoje estão localizadas pouco mais acima do rio Gurupi. De fato, nas aldeias Cajueiro, Teko-haw e Canindé encontramos negros residindo e com sobrenome Tembé. A outra versão é de que a ermida foi erguida pela capitão

Verônica Tembé em cumprimento a uma promessa feita durante o desaparecimento de seu filho nas matas; como o adolescente, na época, foi encontrado com vida, então a capitoa cumpriu a promessa. Ambas as versões não se anulam, pois é do contato com os negros da região que certamente D. Verônica conheceu a São Benedito.

Figura 06: Capela de São Benedito na aldeia Teko-haw.-



Fonte: acervo da autora, 2014.

#### **3.4.4.1.4. Ritual Cultural - Homenagem à Capitoa Verônica Tembé**

Esse feriado foi criado na data de 01/12/2014 para homenagear a Capitoa Verônica, uma mulher indígena que representa a figura ativa de uma liderança cultural e ritualística Tembé. Essa festa cultural aconteceu pela primeira vez exatamente um ano após o falecimento da mesma. Segundo o Sr. Sérgio Tembé, a festa acontecerá todos os anos. O feriado é um esforço dos indígenas para preservar a cultura Tembé. A festa possui características comemorativas Tembé, os preparativos duram dias, há comidas específicas, cantos e danças para homenagear a capitoa Verônica pela sua contribuição na preservação da cultura Tembé da aldeia Teko-haw e lembrar aos habitantes Tembé a importância de manter viva a tradição e a cultura Tembé da aldeia Teko-haw.



A atual liderança cultural, o Sr. Caparay, um dos filhos da homenageada Capitoa Verônica Tembé, enfatiza a importância da preservação da cultura Tembé nos dias atuais.

A aldeia Teko-haw, representado pelos suas lideranças, se esforça para manter a tradição cultural dos Tenetehára-Tembé e busca realizar as cerimônias, rituais e práticas tradições de acordo com os ensinamentos de seus antepassados.

#### **4. CONTATO INTERÉTNICO - CONTATO LINGUÍSTICO E TRADUÇÃO**

##### **4.1. INTRODUÇÃO**

O contato entre povos não é coisa recente e é situação bastante notada entre os povos antigos. A história de contato entre o povo romano e os povos por eles conquistados é uma espécie de laboratório das possibilidades, tanto positivas quanto negativas, que o contato entre povos traz para as culturas e as línguas dos envolvidos. O legado romano transmitido aos neolatinos teve um alcance muito amplo, inclusive chegando até nós, o povo brasileiro.

O Brasil, por sua vez, também tem uma história bastante particular de contato envolvendo, principalmente, europeus, povos indígenas e africanos que se mesclaram e formaram o povo brasileiro, durante o período de colonização. Dentro dessa situação estão os povos indígenas em geral que, por meio do contato entre povos, emergiu como povo híbrido, uma situação que é constatada por diversos estudiosos linguistas, sociólogos e antropólogos conforme será visto neste capítulo.

As situações de contato entre povos viabilizam modificações e adaptações na língua e nas práticas culturais dos povos em contato e o léxico envolvido em tais práticas recebe impactos desse contato.

Neste capítulo será discutida a situação linguística e cultural vivenciada pelo povo Tembé da aldeia Teko-haw. Durante a trajetória histórica dos Tenetehára, antepassados dos Tembé, algumas obras de grande relevância já mencionadas no segundo capítulo, desvendam a existência dos contatos entre povos – não indígenas e indígenas – que colaborou para a atual situação e para a construção atual da identidade cultural do povo Tembé, caracterizada pelo hibridismo linguístico e cultural.

Os efeitos do contato vivenciado pelo povo Tembé se manifestam em diversas situações tais como no modo de realizar seus costumes, de praticar sua religião, nas suas vestimentas e nas práticas culturais como a caça, a pesca e a produção da farinha entre outros. Portanto, este capítulo, trata, principalmente, dos impactos que o contato entre povos pode trazer para as práticas culturais de um povo e a língua dos povos envolvidos.

## **4.2. O CONTATO INTERÉTNICO**

O contato interétnico constitui-se de eventos ocorridos durante toda a história de dominação de territórios, concebidas desde o mundo antigo. A cultura dos colonizadores era imposta aos nativos, além da ideologia, cultura e língua dos envolvidos. Durante o contato interétnico, os povos se mesclam e reformulam suas ideologias.

No entendimento do senso comum, contato interétnico seria o “impacto” entre etnias diferentes, culturas diferentes, ocasionando a apropriação de práticas, conflitos e junções ora negativos ora positivos e até mesmo a ocorrência de conflitos identitários. Sendo assim, traços culturais passam de uma sociedade para outra, como nos “estudos de aculturação”, ou instituições e atores concretos (porém imaginados em termos de “papéis sociais”) atuam como mediadores de complexas relações de confronto entre grupos humanos que se concebem como culturalmente distintos (sem que lhes ocorra indagar o que significa este “culturalmente”).

Sabe-se que há resultados entre objetos distintos que entram em contato. Com os povos, suas culturas e línguas não são diferentes. É como afirmam Tarallo e Alkmin (1987, p.9): “Serão também os homens e suas culturas, suas línguas, sua sintaxe e sua fonologia afetados por fenômenos de contato, mistura, alquimia e mescla? É obvio que sim!”. Desse modo, as línguas em contato se manifestam na estrutura da língua, formando-a de acordo com o contexto de seus indivíduos em relação direta com sua cultura.

Os resultados desse período de contato entre culturas mostra como o encontro entre povos distintos pode gerar mudanças na situação linguística dos povos envolvidos.

## **4.3. O CONTATO LINGUÍSTICO**

### **4.3.1. Breve visão do Contato Linguístico: Thomason e Kaufmann (1988) e Thomason (2001)**

Condições históricas, políticas, culturais e sociais são, via de regra, desencadeadoras de determinadas práticas e movimentos - como, por exemplo, práticas comerciais, exogâmicas, movimentos migratórios, invasões territoriais – por sua vez propiciadores de contatos linguísticos. Esses últimos são vistos como um dos fatores externos de grande relevância para os estudos sobre a história de uma língua, uma vez que o conhecimento daí resultante interage com os estudos sociolinguísticos, culturais, políticos - o que tem contribuído também para o avanço de pesquisas em linguística histórica. Estudos sobre contato linguístico, desse modo, se tornam um suporte para a análise linguística e para estudos de disciplinas em interface.

Dentre os trabalhos sobre contato linguístico que constituem referência importante na literatura, lançamos mão, como pilar para a realização de nossa pesquisa, as obras de Thomason e Kaufmann (1988) e Thomason (2001), pioneiros dos estudos sobre contato linguístico os quais deslumbraram a visão de outros autores da área.

Thomason e Kaufmann (1988) afirmam que os fatores sociais são importantes para um estudo no que refere ao contato linguístico. Em sua teoria, afirmam que as mudanças vão se condensando nas fronteiras linguísticas. Assim sendo, discutem, com base em uma análise realizada a partir de diversas situações de contato, a questão do estudo da língua em si e por si mesma - estudo que não se revela apropriado no que diz respeito aos efeitos da situação de contato. Assim, Thomason e Kaufmann (op. cit.) procuram comprovar, pautados em estudos detalhados e, ainda, em estudos críticos sobre fatores linguísticos advindos das situações de contato, que é a história sociolinguística dos falantes de uma mesma comunidade, e não a estrutura de suas línguas, que constitui o fator decisivo primário do resultado linguístico do contato de línguas.

Thomason (2001) elabora seu trabalho dando ênfase aos estudos de caso e às consequências do contato linguístico. Ao fazê-lo, busca sustentar a teoria de que os fatores sociais são importantes e explanatórios para um estudo abrangente e profundo do contato linguístico. A autora observa que a língua não é algo independente, que pode ser estudado sem que se faça alusão a uma série de fatos ligados à história na qual ela está inserida, isto é, sem que se levem em conta os fatos linguísticos relacionados ao conjunto de acontecimentos em uma sociedade, no que se refere à comunicação entre os falantes. Essa é a razão pela qual

os citados autores afirmam que a sequência de transmissão linguística normal de uma língua é que relaciona, geneticamente, esta língua a um sistema de línguas que a antecedem (Thomason e Kaufmann, 1988, p.10). Na transmissão linguística normal, dizem os autores, o que se transmite é a língua como um todo – estruturas fonológicas, lexicais, morfossintáticas e semânticas inter-relacionadas (Thomason, 2001, p.198-201).

A autora trata igualmente do que denomina de contato linguístico II (dois), voltando-se para a influência das línguas mistas. Ao que tudo indica, a autora parece discutir dois modos de tratar os idiomas mistos em um processo bilíngue: por perda gradual de uma língua em virtude da influência de outra língua ou por criação abrupta - decisão deliberada - muitas vezes por manutenção de uma distinção social ou étnica, por parte de pessoas que são bilíngues ativos em ambas as línguas.

Thomason e Kaufmann (1988) propõem que se comece um estudo sobre contato linguístico, observando-se a diferença no que diz respeito a empréstimos – incorporação de elementos estrangeiros em uma língua nativa de um grupo de falantes, a qual é passível de passar por transformação pelo acréscimo de traços incorporados e interferência linguística. Assim, entende-se que a situação de contato linguístico cria possibilidades de alteração tanto na língua tida como dominante como na dominada, caracterizando uma heterogeneidade linguística a partir de uma influência mútua entre os diferentes indivíduos falantes, o que, conseqüentemente, pode levar a uma perda linguística para alguns indivíduos falantes de uma determinada língua, principalmente os mais jovens, bem como pode causar, também, alterações, em parte, na identidade desses indivíduos. Para os autores, a interferência linguística se inicia com a fonética e a sintaxe, podendo abranger, em alguns casos, a morfologia.

No que diz respeito à mudança linguística induzida pelo contato linguístico, Thomason aponta sete mecanismos e os analisa em profundidade. Tais mecanismos são os que se encontram a seguir.

1. Mudança de código (*code-switching*), que é o uso de elementos estruturais de duas (ou mais) línguas pelo mesmo falante em uma mesma conversação (por implicação), a expressão ‘a mesma conversação’ significa que todos os outros participantes também falam, ou pelo menos entendem, ambas (ou todas) as línguas em jogo; comumente, a

mudança de código pode ser intersentencial (isto é, pode se dar na fronteira entre sentenças) ou intrassentencial (no interior de uma única sentença).

2. Alternância de código é o modo pelo qual um falante usa duas (ou mais) línguas para a comunicação, mas não na mesma conversa com o falante com o qual interage; em outros termos, o falante (que fala mais de uma língua) usa uma língua em um conjunto de ambientes e utiliza outra(s) língua(s) em outro(s) conjunto(s) de ambiente(s) diferente(s). Exemplo de alternância de código: um indígena Guajajara fala com outro indígena Guajajara em Tenetehára e, em determinados ambientes, usa o português com um falante não indígena ou não Guajajara.
3. Familiaridade passiva, situação de fala que ocorre quando um falante adquire um traço de uma língua que compreende (ao menos em alguma extensão), mas que nunca usa ativamente.
4. ‘Negociação’, mecanismo que se realiza quando os falantes mudam sua língua (A) para aproximar o que acreditam ser os padrões da outra língua ou dialeto (B);
5. Estratégias de aquisição de segunda língua, referentes ao aproveitamento do material da língua materna do falante para uso na língua-alvo.
6. Aquisição bilíngue de primeira língua, mecanismo de interferência que se dá na aquisição de duas primeiras línguas simultaneamente (e cujos exemplos mais claros envolvem traços sintáticos, como padrões de ordem de palavra, e traços fonológicos não salientes, como padrões entoacionais).
7. Decisão deliberada: mecanismo acionado, por decisão do falante, na realização de mudanças triviais – principalmente na adoção de empréstimos.

O extenso material de pesquisa fornecido por Thomason (2001) sobre contato linguístico e temas correlatos, como áreas linguísticas e mecanismos vinculados à mudança linguística instigada pelo contato, se completa com uma abordagem voltada para pidgins, crioulos e línguas mistas (Thomason 2001, p.157- 195).

#### **4.4. O CONTATO INTERÉTNICO E OS SEUS IMPACTOS PARA OS POVOS ENVOLVIDOS**

##### **4.4.1. Breve panorama do Contato Interétnico: fatos e relatos sobre a história da aldeia Teko-haw**

Por volta de 1615, segundo dados de Wagley e Galvão (1961, p. 23-25), uma expedição francesa manteve contato com índios do Alto Pindaré no Maranhão, próximo às cidades hoje conhecidas como Santa Luzia e Zé Doca, região central do estado. Exatamente quando os franceses são expulsos do Maranhão, por volta de 1653, os jesuítas aportam no Maranhão para iniciar trabalhos de catequese onde ficaram até 1759, quando foram forçados a abandonar a região. Estes foram os contatos iniciais dos Tenetehára com não índios. O contato com os franceses fora fortuito, no entanto, com os jesuítas a constatação é outra, pois são conhecidas todas as consequências da catequização desenvolvida pela companhia de Jesus junto aos indígenas ao longo do território brasileiro, gerando situações e mentalidade de dependência.

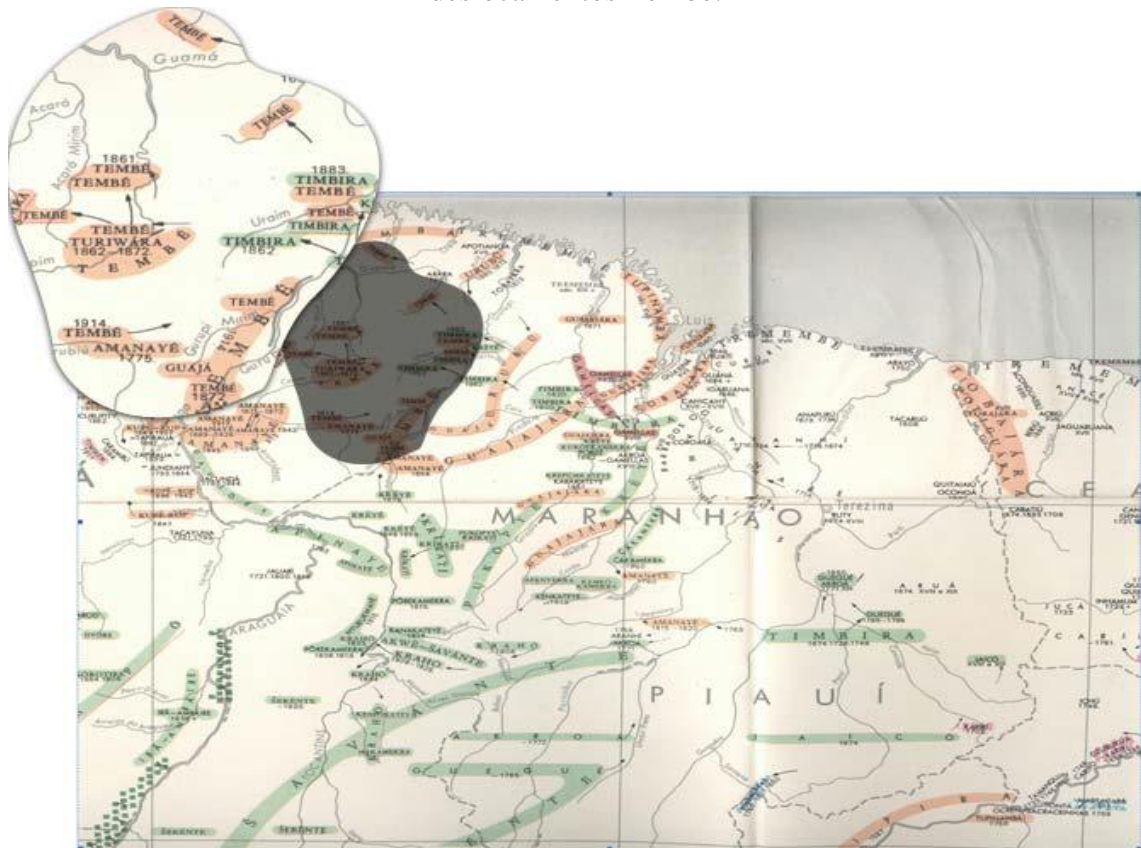
A seca que assolou o nordeste brasileiro nos anos de 1887-1880 trouxe vários imigrantes dessa região para as regiões dos rios Pindaré e Gurupi, para que os mesmos trabalhassem na extração da copaíba e este novo contato vai marcar um momento de grande perda populacional para os Tenetehára, acometidos de varíola, sarampos e coqueluche. Além disso, muitos indígenas refugiaram-se nas matas para evitar maiores contatos.

Desse movimento, parte dos Tenetehára, conhecidos como Tembê, localizaram-se na parte do rio Pindaré e Carú, no Maranhão até atingirem as regiões dos rios Capim, Guamá e Gurupi, ambos no Pará, permanecendo na região do Maranhão o grupo Guajajara. O grupo que migrou para o Pará se subdividiu em três frentes: um grupo atinge o rio Capim, outro grupo fixa-se no alto do Rio Guamá e o último grupo permanecerá mais próxima à fronteira do estado do Pará com o Maranhão, mas especificamente no médio Gurupi e ficou durante longo tempo dividido entre estes dois estados<sup>8</sup> (ver figura 07).

---

<sup>8</sup> Nos dias atuais, algumas aldeias como a do Teko-haw, separados que estão do Maranhão apenas por 300 metros de rio, transitam entre os dois estados constantemente. Atravessam para ir pescar nos igarapés do Maranhão, fazem roça do “outro lado”.

Figura 07: Trecho do Mapa Etno Histórico de Curt Nimuendaju - 1944 – Destaque para os deslocamentos Tembé.



FONTE: IBGE.

A extração da copaíba<sup>9</sup> trouxe dois problemas para este grupo: o primeiro foi à necessidade de deslocamento constante das famílias, o segundo a exploração a que foram submetidos pelos comerciantes do óleo que utilizavam a embarcação conhecida como regatão e que deu o mesmo nome a esses comerciantes.

Esta exploração nem sempre foi acatada de modo tão pacífico. Em 1861 um grupo de 7 índios atacou um regatão e matou 9 pessoas, a consequência de tal “rebelião” foi a extinção da aldeia pela ação do chefe de polícia que espancou os indígenas e enviou as crianças para a sede do município. Portanto, a extração da copaíba e a relação com os regatões marcam definitivamente a história destes povos que são obrigados a desenvolver defesas e estarem constantemente em movimento (ISA, 2014).

---

<sup>9</sup> Copaíba (*Copaifera sp*) conhecida planta medicinal que fornece o bálsamo ou óleo de copaíba, líquido transparente e terapêutico, que é a seiva extraída mediante a aplicação de furos no tronco da árvore até atingir o cerne. O uso medical empregado como anti-inflamatório e anticancerígeno. Pelas propriedades químicas e medicinais, o óleo de copaíba é bastante procurado nos mercados regional, nacional e internacional. É presença comum nas residências das famílias que habitam a zona rural amazônica (Dicionário Houaiss).

Para coibir a atuação dos regatões junto aos indígenas da região, o governo criou um sistema que ficou conhecido como sistema de Diretorias Parciais, que foi uma tentativa de melhorar a versão dos aldeamentos jesuíticos outrora desenvolvidos. Este sistema consistia em promover aldeamentos indígenas e assim possibilitar um melhor gerenciamento das diversas situações. No entanto esta tentativa fracassou, pois estes ajuntamentos apenas ajudavam na proliferação de doenças, de forma muito mais rápida. Outra grande consequência foi a liberação de grandes áreas para frentes extrativistas desenvolvida por grandes proprietários e os regatões também permaneciam explorando os indígenas em busca de ouro, de madeira e, principalmente, como remeiros. O sistema foi um verdadeiro malogro, pois não conseguiu cumprir os objetivos para os quais fora criado e de certa forma propiciou uma nova forma de exploração dos que deveriam ser seus protegidos (GOMES, 2002).

Este sistema perdurou, no papel até a criação, em 1910, do Serviço de Proteção ao Índio, que passou a trabalhar com os chamados postos de atração. A região do Gurupi, entre 1911 e 1929, teve três postos, o primeiro posto denominado Felipe Camarão tinha como objetivo pacificar os índios Urubu Kaapór, os Tembé que habitavam as cabeceiras do Gurupi, se aproximam das imediações do posto e serviram de intermediários entre os agentes do SPI e os Kaap'ór. O posto foi extinto em 1915.

A política de atração dos povos objetivava controlar e transformar indígena em “trabalhador nacional”; assim a proteção que o SPI oferecia tinha como prerrogativa tornar os indígenas iguais entre si, suprimindo assim, as especificidades de cada aldeia. A consequência mais evidente dessa política de aldeamento foi a liberação das terras indígenas para exploração agrícola do tipo intensiva.

Surgido em 1927, o Posto Pedro Dantas que se localizava próximo ao local onde os índios Kaapór realizavam a travessia da margem paraense à margem maranhense do rio Gurupi, resistiu somente dois anos e foi substituído pelo posto Canindé. Estes postos são referências quando se trata de contato, pois a presença dos mesmos demarca um momento novo na história, tanto do povo Tembé, quanto dos Kaapós. Segundo os documentos da ISA, os indígenas dessas etnias buscaram fixar-se nas proximidades dos postos, isto é, os que restaram das diversas epidemias: sarampo, malária e outras. Então, a maioria das aldeias buscou fixar-se no médio Gurupi, região que permanecem até hoje. Importante lembrar que



foi através destes postos de atração que a FUNAI, na década de 70, arregimentou inúmeros Tembés para trabalharem na Transamazônica em novos postos de Atração das etnias Assuruni do Xingu e Parakanã, mantendo, assim, de alguma forma a ideologia do SPI. Nesse período a FUNAI ordenou também a transferência dos Tembés do Gurupí para o rio Guamá, mas eles se recusaram a migrar.

A história do contato dos Tembés demonstra que a FUNAI os teve como parceiros, ou seja, “não criavam problemas”, no entanto, nos dias atuais, os Tembés continuam parceiros desde que as promessas sejam cumpridas. Entre os que atuam junto aos Tembés há uma máxima: *“para os Tembés só prometa se de fato puder cumprir caso contrario não se pode antever as reações”* [grifo meu].

Hoje em dia tornou-se prática comum tornar autoridades ou algum representante oficial refém da aldeia, até que se abram negociações ou que suas reivindicações sejam atendidas. A Secretaria Municipal de Educação (CASAI E CESAI) e a FUNASA pela natureza de sua atuação, e por estarem mais presentes na aldeia, acabam sendo os principais alvos dessas ações. Essas reações podem ser entendidas como estratégias da política indígena e reação a política indigenista equivocada desenvolvida pelos governantes.

#### **4.5. O CONTATO INTERÉTNICO E AS LÍNGUAS DOS POVOS ENVOLVIDOS**

A Sociolinguística Variacionista surgiu a partir dos estudos de Weinrich, Labov e Herzog, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, considerando o contexto social de produção, utilizando, para tal, o método de análise quantitativa de dados. Portanto, compete o estudo da intrínseca relação entre língua e sociedade. De acordo com Alkmim (2007, p.50), a Sociolinguística correlaciona “as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”. Nesse sentido, a língua é concebida como sendo heterogênea e socialmente determinada, sujeita a variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões culturais e ideológicos de uma dada comunidade linguística.

O termo “contato entre línguas” é cunhado de em 1953, na obra de Uriel Weinreich, *Languages em contact*, que considera que as línguas estão em contato quando são usadas alternadamente por indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Em sua definição mais simples, “contato linguístico” é o uso de mais de uma língua no mesmo tempo e no mesmo lugar (Thomason, 2001). O contato entre línguas, este também pode ser considerado como:

Podemos dizer que duas línguas estão em contato quando são usadas pelos mesmos indivíduos, ou seja, quando existe uma situação de bilinguismo (ou multilinguismo) em que falantes bilíngues (ou multilíngues) constituem o *lócus* do contato. Esta situação sociolinguística é uma das mais favoráveis às mudanças linguísticas, em que ocorrem fenômenos de empréstimos ou transferências na estrutura de ambas às línguas (SILVA CORVALÁN, 1989, p.178, apud, GARCIA, 2009).

Qualquer que seja o grau de intensidade e o momento em que ocorre, o contato provoca mudanças, ou, pelo menos, a influência de uma língua sobre a outra. A condição dinâmica das línguas em contato dá espaço para que sempre estejam abertas para influências mútuas, inserção de léxicos, manifestação diversificada em sua estrutura de morfossintaxe, fonética e outros. O léxico, no entanto, é um desses níveis da língua que mais recebe essas influências.

#### **4.5.1. Consequência do contato linguístico**

O Contato linguístico existente entre povos apresenta algumas consequências que estão mais diretamente relacionadas à pesquisa realizada neste trabalho: o bilinguismo, alternância de códigos, empréstimos.

#### **4.5.2. Bilinguismo**

Definir o bilinguismo e identificar um indivíduo bilíngue é tarefa aparentemente fácil. De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007, p. 453) o bilíngue é um indivíduo que fala duas línguas ou dois dialetos da mesma língua. Na visão popular, ser bilíngue é o mesmo que ser capaz de falar duas línguas perfeitamente.

Um indivíduo bilíngue, ao se comunicar, apresenta características próprias, podendo optar pelas variantes e línguas que domina de acordo com o seu interlocutor ou com a situação em que a interação ocorre. Ou seja, o bilíngue não apenas pode escolher diferentes variedades de uma língua, como pode escolher entre duas línguas.

Calvet (2002, p.36) cita Weinreich (1953) a partir de uma definição em que este trata da palavra ‘interferência’, em seu livro “Languages in Contact”, como sendo um remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário que envolve parentesco, cor, tempo, etc. Contudo, Calvet afirma que tal definição só foi utilizada por Weinreich ao ratar de falante bilíngue.

Dessa maneira, relativamente à interferência (fenômeno individual), Calvet (2002, p.36) procura fazer distinções explicativas entre interferências fônicas, sintáticas e lexicais. Para este último autor, as interferências fônicas referem-se a um conjunto de elementos linguísticos presentes em outro conjunto de elementos também linguísticos; as interferências sintáticas incidem na organização da estrutura de uma frase em determinada língua B segundo a estrutura da primeira língua A; e as interferências mais simples, no campo lexical, são aquelas que caem no jogo estratégico dos falsos cognatos, sendo que a interferência lexical é mais frequente quando as duas línguas em foco não organizam do mesmo modo a experiência vivida. Assim, Calvet deixa claro em seu trabalho que a interferência lexical pode fazer frutificar o empréstimo – um fenômeno coletivo.

Com relação à mistura de línguas, alternâncias de código e estratégias linguísticas, Calvet explica que o confronto de um indivíduo com duas línguas, as quais ele utiliza vez por outra, concorrerá para uma mistura destas em seu discurso e para a produção de enunciados bilíngues (Op. cit., p. 43). Isso o levará a criar enunciados indicadores não mais da interferência, mas de uma colagem caracterizadora de mistura de línguas ou alternância de códigos com funções diversas, desde uma zombaria (piadas) à escolha de um código de interação entre os falantes ou, ainda, à sobreposição de códigos. De acordo com Calvet, o contato linguístico não produz apenas interferência, alternâncias e estratégias, mas também gera um problema de comunicação social (Op. cit., p. 51).

Dentro do que se chama de contato linguístico há várias situações que são gestadas, tais como as situações de bilinguismo e diglossia. Desse modo, uma noção estendida de Ferguson (1959) define diglossia como sendo:

Uma situação linguística relativamente estável, na qual, além das formas dialetais de uma língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), existe uma variedade superposta muito divergente, altamente codificada, veiculadora de um conjunto de literatura escrita vasta e respeitada [...].

Para completar seu estudo sobre o resultado de línguas em contato, Calvet (2002, p.61-62) aborda quatro situações polares que tratam de bilinguismo e diglossia e são apresentadas em Fishman (1967). São elas:

1. *bilinguismo com diglossia*, em que todos os indivíduos da comunidade conhecem as variedades alta e baixa, como é o caso do Paraguai, em que se fala espanhol e guarani;
2. *bilinguismo sem diglossia*– em que há numerosos bilíngues em uma sociedade, sendo que esses não se utilizam das variedades linguísticas para usos específicos;
3. *diglossia sem bilinguismo* – situação identificada quando, em uma comunidade social, há divisão funcional de usos entre duas línguas, mas um grupo só fala a variedade alta, enquanto o outro fala somente a variedade baixa, como era o caso da Rússia czarista, em que a nobreza falava francês e o povo, o russo;
4. *nem diglossia, nem bilinguismo* – situação em que há uma só língua, o que é possível acontecer em uma comunidade muito pequena.

Para Calvet (2002), o estabelecimento de determinadas condições em uma sociedade vem seguido de uma dependência linguística, o que mostra a existência de uma relação mútua entre língua e comunidade de falantes em um mesmo espaço geográfico. A língua influencia a sociedade e vice-versa.

#### **4.5.3. Alternância de códigos**

Em uma situação de bilinguismo, na qual o indivíduo tem habilidade de fazer escolhas entre variedades de uma mesma língua ou duas línguas, o resultado dessa interação é, pelo menos, a ocorrência de alternância entre os códigos (code-switching) envolvidos na interação. Este fenômeno recorrente na fala bilíngue constitui, portanto, um importante

aspecto do contato de línguas, mas apenas recentemente recebeu atenção dos pesquisadores, citado por estudiosos sobre o resultado do contato linguístico mencionado acima.

O mais influente e mais citado nome dos estudos sobre o code-switching é Gumperz (1982), que propôs o primeiro inventário de funções do code-switching, mostrando que este fenômeno é uma estratégia discursiva adotada por falantes bilíngues, que não ocorre de maneira randômica. Gumperz (1982) relaciona o code-switching às escolhas estilísticas dos monolíngues. Segundo ele, esta prática discursiva presente na interação bilíngue sinaliza informação contextual equivalente ao que é transmitido através da prosódia e outros processos lexicais ou sintáticos em ambientes monolíngues. A escolha linguística gera, portanto, pressuposições acerca de como o que foi dito deve ser decodificado. Ainda para Gumperz, a escolha do código não é uma escolha de conteúdo, mas de estratégia discursiva, de cunho social, pois, segundo ele, os falantes não utilizam a linguagem somente por conta de suas identidades sociais ou de fatores situacionais, buscam também explorar as potencialidades das escolhas para transmitir significados de natureza sócio-pragmática. Assim, o uso de uma variante em detrimento de outra possui relevância de natureza intencional para o significado da mensagem, fazendo da escolha do código não uma escolha de conteúdo, mas, principalmente, uma estratégia discursiva.

#### **4.5.3.1. Tipos de Alternância de códigos**

Segundo Poplack (1980, p. 170), há divergências na literatura a respeito do que é code-switching verdadeiramente. Poplack(1980) apresenta três alternâncias, as quais podem ser distinguidas porque se correlacionam com a competência comunicativa bilíngue do respectivo falante:

1. *O tagswitching*: vem a ser a transferência de expressões idiomáticas e retóricas de uma língua para outra língua, introduzindo essas expressões, muitas vezes, integralmente na outra língua, em manifestações comunicativas bilíngues;
2. *O inter-sententialswitching*: no qual o conhecimento em ambas as línguas têm que ser maiores do que no o tagswitching, quando frases isoladas fazem parte de línguas diferenciadas e, com isso, diferentes sistemas gramaticais estão de acordo com as gramaticais dessas línguas;

3. *O intra-setenciasswitching*: que pode ocorrer no meio das frases, ou em partes de frases, e, com isto, exige uma maior competência linguística do falante bilíngue.

Nos estudos de Poplack quando trata sobre alternância de códigos associada a variáveis demográficas, descreve a extensão de empréstimos e quatro variáveis independentes de alternância de códigos (localização da comunidade regional, classe social, idade e proficiência de língua).

A alternância de códigos (também referida como code-switching) caracteriza-se pelo uso de duas ou mais línguas em uma conversação. Em uma comunidade, cuja localização está situada na fronteira - como é o caso da Teko-haw\_Tembé a alternância de códigos está fortemente marcada pela influência da língua, o português como língua oficial e língua Tembé como língua materna.

De acordo com o autor:

Vale dizer, para que haja uma língua é preciso que haja um povo que use, sendo que esse povo tem que viver e conviver em determinado território. Porém, vimos também que atualmente essa situação, se é que ainda existe, é a exceção, não a regra. A regra é o bilinguismo ou multilinguismo, em que duas ou mais línguas convivem em um mesmo território (COUTO, 2009, p. 49).

A alternância de código também é influenciada pelo espaço geográfico, no caso dos Tembé, e a sua localização na divisão do Pará/Maranhão contribui, segundo o autor:

Na verdade, tudo tem a ver com o espaço. Assim, populações se deslocam (conceito espacial), para o território de outra população. A co-presença no espaço leva à interação entre os dois povos/línguas, que pode levar a um estado de comunhão que, por seu turno, poderá resultar em comunicação. No início, tentativas de comunicação interlinguística. Com a convivência, as línguas serão processadas nas mentes dos indivíduos, o que pode levar um lado a apropriar-se a língua do outro, mesmo que fortemente marcada pela própria língua materna, ou ambos os lados formarem uma terceira realidade, um meio unificado de intercomunicação (COUTO, 2009, p. 50).

Na alternância de código, como já mencionado, é um dos fenômenos mais comuns no contato de línguas e é uma das extremidades de um contínuo que termina com a morte de línguas. Entre os dois extremos estão os empréstimos, fenômeno ao qual se dedica a próxima seção.

#### **4.5.4. Empréstimo**

Empréstimo é o termo usado nas discussões sobre interferência, transferência e empréstimo para se referir ao que ocorre com os itens lexicais nas situações de influência de uma língua sobre outra. Entretanto, ao falar dessa influência mútua, deve-se considerar o fato de que as palavras podem interagir na fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

É difícil definir em que momento um item lexical recebe o status de empréstimo numa língua, pois a mudança linguística é um processo diacrônico e a distinção entre uma simples alternância e uma incorporação nem sempre é clara.

Além disso, para a autora, a frequência de ocorrência do code-switching é previsível e diferente das ocorrências de formas nativas da língua, ocorrendo em um determinado número de falantes, uma ou duas vezes.

Outro ponto discutido nas pesquisas sobre contato e influência de uma língua em outra requer atenção: por que as línguas emprestam termos de outras? Weinreich (1968) aponta três razões: a) a frequência de uso de pares homônimos, ou seja, palavras usadas com menos frequência tendem a ser substituídas; b) necessidade de se expressar em domínios como a da emoção, da comida e da comunicação, fazendo as palavras antigas perder sua força diante da boa aceitabilidade do novo termo; e, a maior dentre as três razões, c) necessidade de designar novos conceitos, pois a língua reflete as influências políticas, tecnológicas, culturais e até econômicas que uma cultura sofre.

Esta última razão apontada por Weinreich (1968) para o empréstimo leva Grosjean (1982) a considerar o empréstimo lexical como o principal resultado do contato de línguas. Os empréstimos lexicais são, de acordo com Myers-Scotton (1992), de dois tipos: empréstimos culturais, que se relacionam a objetos ou conceitos novos para a cultura da língua que recebe o termo; e empréstimos nucleares, que representam objetos ou conceitos já codificados nessa língua.

Os empréstimos lexicais entram nas línguas por diferentes processos. É necessário, apenas, haver um vínculo entre a alternância de código e o processo de empréstimo dessas formas, porque elas preenchem um vácuo lexical, podendo entrar na língua sem esforços adicionais. Embora as formas nucleares possam entrar em uma língua sem uma alternância de código generalizada entre seus falantes.

O bilinguismo está na origem dos empréstimos linguísticos Parafraçando Grosjean (1982, p. 341), quando falamos em bilinguismo é necessário se referir aos empréstimos, pois eles são o legado dos que convivem com duas línguas<sup>10</sup>.

#### 4.6. O CONTATO INTERÉTNICO E AS PRÁTICAS CULTURAIS

A percepção das práticas culturais enquanto um modelo de circuito, conforme Johnson (1999), apresentado como um esquema fundamental para a análise dos fenômenos contemporâneos, através da e para a corrente dos Estudos Culturais, tem no conceito de representação uma centralidade.

Stuart Hall (1997) remete-se à linguagem por ser consequência a um espaço cultural partilhado em que se dá a produção de significados através da representação. Não há, portanto, uma maneira única de apropriar-se da linguagem como pertencente exclusivamente ao remetente ou ao receptor: os códigos só funcionam se são partilhados, pelo menos na medida em que tornem possível a tradução entre os falantes. A linguagem é constituída na sociedade e, como a cultura é dinâmica, sofrem transformações e adaptação simultânea. Com o passar do tempo, é inegável que haverá modificação cultural que essa sociedade emprega.

Devemos aprender, portanto, a considerar o significado menos em termos de exatidão e verdade e mais em termos de efetivo intercâmbio – um processo de tradução, que facilite a comunicação cultural enquanto sempre reconheça a persistência da diferença e do poder entre os diferentes falantes dentro do mesmo circuito cultural. Segundo Hall (1997),

é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

A chamada “virada cultural” foi responsável por uma revisão e até mesmo por uma renovação teórica, a partir da evolução da definição antropológica da cultura, como a caracterização de um determinado modo de vida comum a um grupo ou a uma época.

Essa perspectiva de âmbito cultural apresenta uma discussão entre o estreito elo que une alimentação e cultura, onde a alimentação é um elemento das ciências sociais que

---

<sup>10</sup> e “as long as languages continue to come into contact with one another, through individual bilingual sand in bilinguals communities, they will not fail to influence one another” (GROSJEAN,1982, p. 341).



ampliem a compreensão do papel do alimento na vida cotidiana das pessoas, das famílias e da sociedade. Além de nutriente, o alimento é prazer sensorial, é ritual, é linguagem simbólica religiosa, veicula significados.

Em praticamente todas as culturas, os alimentos sempre foram relacionados como um bem saudável, não apenas porque a sua abundância ou escassez colocam em questão a sobrevivência humana, mas também porque o tipo de alimentação e a explicação saudável para a sua utilização sempre influenciaram a atitude diante da comida, considerando a sua adequação a certas idades, gênero, constituições físicas ou enfermidades presentes.

Os hábitos alimentares são ações individuais, construídas e reproduzidas socialmente, portanto, historicamente produzidas, ecologicamente possíveis, socialmente desejadas. Cada indivíduo tem uma trajetória alimentar que começa com um alimento, o leite, e se expande para um número muito grande de alimentos e preparações, atitudes e rituais relacionados à alimentação.

Nesta abordagem, os fatores essenciais na determinação dos hábitos alimentares são: a disponibilidade objetiva de certos produtos alimentares em condições específicas de clima, solo, chuva etc.; as influências culturais do processo de colonização; a classe social como modo de vida, delimitando as práticas e hábitos; e a contínua produção de novos hábitos e práticas pela introdução de alimentos industrializados ou de alimentos não tradicionalmente usados para o consumo humano.

Assim, os hábitos e práticas alimentares produzidos historicamente se transformam em hábitos culturais que integram o modo de viver deste grupo social ou povo. Considera-se também que numa sociedade capitalista não existem hábitos e práticas alimentares homogêneas, pois existem hábitos que, mesmo desejados por todos, não podem ser transformados em práticas por grande parte da população.

Todas essas considerações reforçam a proposta de demonstrar o significado do circuito cultural nas práticas culturais referente ao hábito e prática alimentar de uma comunidade ou grupo social.

O hábito e prática alimentar enquanto um comportamento produzido dentro de um campo eminentemente cultural é representado nesta pesquisa por campos lexicais referentes

ao âmbito alimentar da comunidade indígena Tembé da aldeia Teko-haw: a caça, a pesca e a produção da farinha.

#### **4.7. CONTATO INTERÉTNICO E HIBRIDISMO CULTURAL**

O Brasil é um país de múltiplas cores, múltiplas facetas, ou seja, de múltiplas culturas. Na Amazônia se encontra a maioria das línguas indígenas existentes. O panorama das línguas indígenas da Amazônia se caracteriza, hoje:

Pelo predomínio de três famílias linguísticas amplamente distribuídas no espaço geográfico: Aruák, a Karíb e a Tupi-Guaraní, [...]. Ao sul do rio Amazonas a família Tupi-Guaraní tem suas línguas distribuídas por todos os grandes afluentes. [...]. Entre o Xingu e o Tocantins, entretanto, há também um espaço Tupi-Guaraní mais setentrional, que pelo Xingu abaixo se aproxima do rio Amazonas e que, do baixo Tocantins se estende para leste até o Gurupí e mesmo o Pindaré no Maranhão(RODRIGUES, 2000, p.17).

Nesse panorama linguístico, encontram-se os Tembé, cultura transcendente dos Tenetehára. Houve grandes transformações na cultura indígena durante o contato interétnico, pois as línguas nativas sofreram retaliações e adaptações, os entrecruzamentos de etnias distintas contribuíram para a criação de culturas. Esse fator colaborou para mudanças na cultura indígena nos dias atuais.

Segundo Burke (2003, p.16) muitos pesquisadores de diferentes áreas estão dedicando cada vez maior atenção aos processos de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural. O preço da hibridação é a perda de tradições regionais, locais e também o aparecimento de reações étnicas ou nacionalistas bem como a tensão entre regionalismo e mestiçagem. Burke se refere ao hibridismo cultural nos diversos aspectos: nos artefatos, na arquitetura, na alimentação, no mobiliário, nas imagens, na pintura, nos textos traduzidos, na música, na religião, nas festividades, etc.

Burke considera que hoje todas as tradições culturais estão em contato, que em nosso mundo nenhuma cultura é uma ilha e que fica cada vez mais difícil manter a singularidade de culturas. As tradições culturais estão em contato com tradições alternativas. Para entender o hibridismo cultural podemos lembrar que desde o início nosso país surgiu do contato entre diferentes culturas. Este efeito do contato foi negado por muito tempo e atualmente começa a ser pensado e discutido com o conceito de hibridismo cultural.

Sabemos que o hibridismo cultural reflete-se nas principais práticas existentes em uma comunidade. O estudo discutido nesta pesquisa tem como *locus*, a aldeia Teko-haw que se encontra em situação de hibridismo cultural, devido a sua história de contato interétnico que influenciou tanto a língua quanto as práticas culturais desta aldeia.

## 5. LEXICOLOGIA E CULTURA

A partir do conhecimento do extralinguístico - contexto histórico e social - da aldeia Teko-haw situada no estado do Pará, cumpre observarmos como a língua recorta esse conhecimento. Isso inclui também verificar como se realiza a relação entre língua e cultura, especialmente por meio dos estudos do léxico, um dos sistemas que mais se aproxima da realidade extralinguística.

Cumpre apresentar, neste momento, as considerações teóricas referentes à Lexicologia que contribuem para fortificar a análise proposta nesta pesquisa, as quais dão a base fundamental para a análise dos dados em campos lexicais.

Essa base teórica fundamenta o modo como a língua recorta a realidade, mantendo uma estreita relação com a cultura e, por meio de determinados conceitos, embasa como se dá essa relação. Nessa base está a prerrogativa de que o conhecimento dos aspectos extralinguísticos é essencial para a realização dos estudos da língua, especificamente, no que concerne aos estudos do léxico.

A Lexicologia é uma ciência recente, mas os estudos acerca das palavras remontam a Antiguidade Clássica. Sem o lugar merecido, os estudos lexicais permaneceram em segundo plano durante um bom tempo da história linguística. Relegados a segundo plano, os estudos lexicais foram deixados de lado para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Quase nada se fazia com as palavras de uma língua além de organizá-las alfabeticamente e buscar suas definições a partir de sua literatura. Apenas a Lexicografia tinha uma função definida até o início do século XIX, pelo menos (ABBADÉ, 2009). Nos finais do século XIX, com a marca triunfal da geografia linguística e, conseqüentemente, com o florescimento da onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais. No VII Congresso Internacional de Linguística, em 1952, na cidade de Londres, os conceitos linguísticos gerais

são elaborados sobre uma base fenomenológica, significando um sistema de referências extralinguísticas (ABBADE, 2009).

Os resultados dos estudos no campo da lexicologia têm asseverado que língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Para alguns indivíduos que não se aprofundaram nos estudos linguísticos, tem a impressão que a língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Desconhecem que cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias e culturais de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza. Se partirmos desse pressuposto de que a língua possui um caráter social, logo poderemos apreender que o contexto social viabiliza informações importantes sobre a história da língua de um povo. Sobre essas considerações, Biderman (1981, p.132) ressalta que:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias [...].

A língua é o meio que as pessoas utilizam para se comunicar, deixando em evidência o contexto social e a época de enunciação dos signos linguísticos. Isso porque a língua acompanha as mudanças sociais, possibilitando a criação de novas palavras ou mesmo a criação de um sentido diferente para um mesmo referente. Essas mudanças ocorrem lentamente e se justificam pelo fato de as mudanças sociais serem representadas pelos signos linguísticos para que possa ocorrer o diálogo e a compreensão entre os falantes.

A cultura realiza-se no meio social, logo se caracteriza pela vivência do povo, o que significa que, para estudar a cultura de um grupo de falantes, é preciso ter o conhecimento das práticas sociais, assim como das crenças e dos hábitos desses indivíduos.

O léxico é o nível da língua “[...] que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Por isso, é correto afirmar que povos diferentes possuam culturas diferentes, mesmo que falem a mesma língua. Podemos observar que léxico e cultura mantêm uma relação estreita, pois através da língua podemos apreender o vocabulário de um grupo de falantes e de conhecer sua cultura.

Para Biderman (2001, p. 179), “[...] qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades [...]”. O léxico comporta todo um acervo de unidades lexicais a que o falante de uma língua pode recorrer no momento de sua fala para expressar suas emoções e se comunicar.

Todo esse acervo lexical encontra-se na memória coletiva de uma sociedade, sendo passado de geração a geração. Logo, os itens lexicais das práticas tradicionais de um povo estão armazenados na memória coletiva desse grupo de falantes. Essas unidades lexicais também nos permitem compreender como eram organizados esses léxicos, bem como apreender o contexto social e cultural dos seus indivíduos.

Dessa forma, fica claro que o léxico de uma língua, portanto, expressa a configuração do mundo de uma dada comunidade de fala, haja vista que “é nele que uma dada comunidade linguística vasa o seu conhecimento e reconhecimento do mundo” (VILELA, 1995, p. 78).

Por meio do léxico de uma língua o falante expressa o seu conhecimento de mundo e evidencia o contexto social em que está inserido, porquanto o “[...] léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua [...] que estão disponíveis ao falante, para serem usadas conforme suscitar a situação” (BIDERMAN, 1996, p. 32). Esse acervo léxico se encontra em um plano virtual, como as várias possibilidades de itens lexicais que o usuário tem para enunciar.

A busca pelo conhecimento de mundo coincide na interação de povos, o qual caracteriza um processo dinâmico entre cultura e língua. A língua sempre passa por transformações no campo lexical devido essa interação linguística entre povos, sendo que as línguas em contato serão influenciadas ou influenciará, pois o léxico tem a possibilidade de se expandir e enriquecer o vocabulário de uma língua. A condição dinâmica das línguas em contato dá espaço para que sempre estejam abertas para influências mútuas, a inserção de

léxicos, a manifestação diversificada em sua estrutura de morfossintaxe, fonética e outros. Portanto, é notável que o léxico seja um:

“sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística” (BIDERMAN, 2001, p. 12).

Dessa forma, a língua de povos em contato sempre está em constante permutação, transformação, expansão no campo lexical devido a busca pelo conhecimento e reconhecimento de mundo e com o passar do tempo esse processo dinâmico da língua se reafirma pela própria concepção de estudos realizados na área da Lexicologia fixados no campo lexical de uma língua.

## **5.1. CAMPOS LEXICAIS**

Tomando por base as considerações de Coseriu (1977) sobre as definições de campo léxico, podemos observar que fazer a divisão dos itens lexicais disponíveis no dicionário Tenetehára em análise os campos lexicais podem contribuir para que o leitor tenha um entendimento maior da organização da língua, nesse caso da língua Tembé.

Dessa forma, asseveramos que através do léxico, ou seja, dos itens lexicais usados pelos falantes de uma língua, somos capazes de assimilar a cultura e o meio social de uma comunidade linguística.

É por isso que a divisão em campos léxicos nos possibilitará conhecer, mais detalhadamente, a comunidade indígena pesquisada. A análise dos itens lexicais via divisão em campos léxicos se justifica porque esse método facilita uma análise mais detalhada das práticas tradicionais. Para Biderman (2001), o indivíduo aprende uma língua que está na memória coletiva de seu grupo, conforme o contexto em que está inserido. Dessa maneira, esta autora destaca que a “incorporação paulatina do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos” (BIDERMAN, 2001, p. 181). O léxico é apreendido pelo falante conforme o contexto de realidade em que está inserido, sendo armazenado em sua memória, de maneira ordenada para que, ao enunciar, o falante busque por itens lexicais próprios para aquela determinada situação (BIDERMAN, 2001).

Logo, a análise dos campos léxicos, estudados nesta pesquisa, permitirá uma compreensão mais ampla do contexto das práticas referentes da caça, da pesca e da produção da farinha, uma vez que permite concentrar todas as ações dessas atividades no seu contexto social e cultural. Para Biderman (1981, p. 139),

[...] em virtude do número elevadíssimo dos elementos do léxico e da complexidade combinatória resultante desse número, é necessário supor que o cérebro organiza uma estrutura dos dados léxicos de grande funcionalidade, para que ele possa recuperar em frações mínimas de segundo (100 a 700 milissegundos) não só o significado de uma palavra, mas todas as suas características gramaticais e os usos que lhe são adequados, conforme o contexto do discurso, a situação momentânea e o registro linguístico requerido pela situação, pelo interlocutor e pelo assunto.

O falante já possui essa categorização em sua memória, para facilitar o acesso no momento da enunciação. Então, possuímos uma rede semântica mental que contém vários campos léxicos, que estão disponíveis para o momento da fala (BIDERMAN, 1981).

A categorização léxica permite que o usuário da língua consiga buscar os vocábulos com mais agilidade, uma vez que quando coordenamos os lexemas por categorias se torna mais simplificada sua memorização, logo que cada categoria oferece um conjunto de lexemas, que se assemelham e se agrupam por redes semânticas semelhantes.

O campo léxico termina por se estabelecer uma estrutura paradigmática, um conjunto de vocábulos que permanece disponível sistematicamente na memória do falante, que o acessa segundo o contexto de uso. É assim que Coseriu (1977, p. 210) define campo léxico: “O campo léxico é uma estrutura paradigmática primária do léxico, mais ainda: é neste domínio, a estrutura paradigmática por excelência<sup>11</sup>”.

Nesse sentido, Coseriu (1977, p. 210) afirma que “o paradigma léxico é constituído por unidades lexicais de conteúdo, chamadas de lexemas no momento em que estiverem categorizadas em campos léxicos”. Assim, os vocábulos do dicionário *Tembé-Português* de Max Boudin (1966) e que vamos nomear os campos léxicos são chamados lexemas, no momento em que estiverem classificados em campos lexicais. Nas abonações dos campos, estão as lexias, isto é, as unidades léxicas em uso, no contexto de utilização dos livros de compromisso.

---

<sup>11</sup> Tentativa de tradução nossa do original: “El campo léxico es una estructura paradigmática primaria del léxico, más aún: es en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia” (COSERIU, 1977, p. 210).

Biderman (2001, p. 167) esclarece que “lexema é a unidade léxica abstrata da língua, a que não está sendo utilizada pelos falantes naquele momento, mas que lhes é disponível no sistema”. Nas palavras de Coseriu (1977), “lexemas são itens lexicais disponíveis aos falantes, por isso ele denomina o campo léxico de paradigma, pois é a possibilidade de uso”.

Diante desse acordo, ressalta que, ao concretizar a categorização dos campos lexicais, enfocaremos no assunto decisivo para essa ocorrência, que é a semântica dos lexemas. Vale dizer que para perseverar que um item léxico concerne a um determinado campo lexical e não a outro é de grande e relevante importância considerar o significado naquele contexto de uso, pois isoladamente pode expor uma acepção que prevalece, porém que em determinado uso pode ter uma acepção menos frequente.

Por conseguinte, abarcamos que o sentido é determinado pelo contexto. Para Geckeler (1976, p. 53), “o significado de uma palavra se equipara, portanto, a soma dos diferentes contextos em que aparecem, ou seja, a soma de suas distribuições linguísticas<sup>12</sup>”. Evidencia a necessidade de averiguar os contextos e a maneira como às unidades lexicais estão agrupadas no dicionário. Dessa forma, a análise dos campos consistir em basear-se nos critérios semânticos, para entender a sua acepção, viável pelo contexto.

Para Ullmann (*apud* GECKELER, 1976, p. 74), “uma palavra só passa a ter significado mediante o seu uso, o que deve levar em consideração, portanto, o contexto social de enunciação”. Segundo essa perspectiva só se obtém os conteúdos lexicais mediante a consideração do contexto do uso. Avaliar que um item lexical está em um determinado campo léxico e não em outro só é possível se considerar o todo, numa perspectiva ordenada. Portanto, se o léxico se agrupa categorialmente, e admitido que se apreenda que as categorias são, também, opostas. Os campos lexicais, então, se agrupam categorialmente e no trabalho de identificá-los e descrevê-los é de suma importância procurar as semelhanças e oposições de sentido que os sustentam e organizam.

---

<sup>12</sup> Tentativa de tradução nossa do original: “El significado de una palabra se equipara, de esta manera, a la suma de los diferentes contextos en los que aparece, es decir, a la suma de sus distribuciones lingüísticas” (GECKELER, 1976, p. 53).



Os campos léxicos tratam-se de estruturas organizacionais que comportam lexemas, com a mesma rede semântica, mas que possuem traços distintivos, que estão articulados. Abbade (2009, p. 38) as palavras “[...] constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras. Assim, as palavras se unem como numa cadeia, onde a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos e, assim, por diante [...]”.

Assim como realizamos a separação por campo lexical, os arranjamos depositando unidades léxicas de uma mesma rede semântica unidos, levando em consideração a perspectiva da oposição. Compreende que são unidades léxicas que organizam campos lexicais distintos, por expor descrições sêmicos peculiares. Logo, todo esse acervo léxico no dicionário, disponível no capítulo três, do qual os três campos lexicais fazem parte, contribuem e permitem para o entendimento das práticas culturais, a caça, a pesca e a produção da farinha referente à alimentação da comunidade indígena Tembé. Isso demonstra que os itens lexicais divididos em campos léxicos fazem parte de um todo, dialogando e interagindo entre si, pois se tratam de um mesmo tema.

Cada campo lexical possui identidades e traços que o diferem de outro campo, de maneira que os campos lexicais vão possuir redes semânticas opostas. Logo, os campos lexicais apresentam oposições lexemáticas, já que os lexemas se diferenciam (COSERIU, 1977, p. 215).

Esses conceitos são confirmados por Coseriu (1977, p. 210) defende, a saber: “O paradigma pode ser definido como sendo constituído por unidades léxicas de conteúdo (“lexemas”) que compreende uma zona de significações contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras<sup>13</sup>”.

Geckeler (1976, p. 297) explicita que “*lexemas* são unidades lexicais que atuam um campo léxico e *arquilexema* corresponde ao ponto de vista do conteúdo, ao significado global de um campo léxico, trata-se da base semântica de todos os membros de um determinado campo”. Segundo o ponto de vista de Coseriu (1977), os itens lexicais que

---

<sup>13</sup> Tentativa nossa de tradução do original: “Puededefinirse como paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (“lexemas”) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran em oposición imediata unas conotras” (COSERIU, 1977, p. 210).

encabe o campo lexical são titulados de arquilexemas, e os que o compõem, lexemas. Este autor ainda ressalva que pode existir microcampos léxicos, mais especificamente dentro dos campos identificados, por ora nos cabe saber, para esta pesquisa que cada campo lexical possui suas especialidades semânticas.

## 5.2. LEXICOGRAFIA: DICIONÁRIO E OBRA LEXICOGRÁFICA

A finalidade da obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, “diluir” dúvidas. Sob essa ótica, sua principal missão será auxiliar os falantes nativos de uma língua com suas dificuldades de ortografia, de categorização e gramatical de palavras, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada, incluindo algumas informações etimológicas. Essa visão do dicionário monolíngue como fonte de soluções imediatas para determinadas dúvidas de uso da norma culta da língua produziu e fez prevalecer, durante muito tempo, a ideia de que qualquer dicionário fosse uma lista de palavras com determinadas informações sobre as mesmas e que, portanto, era um “produto-lista” de elaboração relativamente “fácil”.

Vale dizer que essas escolhas léxicas não são aleatórias, pois, como já assinalamos anteriormente, é preciso considerar o contexto de enunciação, o contexto social em que o sujeito está inserido. Logo, “[...] o usuário do sistema linguístico manifesta assim a sua individualidade, utilizando, de modo pessoal, o seu modelo comunitário de língua [...]” (BIDERMAN, 2001, p. 27).

Desse modo, a escrita pode até ser individual, mas representa o modelo comunitário da língua, que é transmitida de geração a geração. Para Biderman (1996, p. 44):

A herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência de transmissão da cultura. E o *léxico* da língua constitui um tesouro de signos lingüísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre. De um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar.

Notamos, desse ponto de vista, que a relação de léxico e cultura se realiza muito intimamente, uma vez que a língua transmite a cultura, por meio do acervo léxico, que está disponível virtualmente ao usuário da língua.

Nota-se que são unidades léxicas que constituem campos lexicais distintos, por apresentar traços significativos específicos. Logo, todo esse acervo léxico levantado do Dicionário de Max Henri Boudin, disponível no sexto capítulo, do qual os três campos lexicais fazem parte, contribui e permite que se conheçam as práticas culturais, do passado e do presente, da aldeia Teko-haw. Isso possibilita que os itens lexicais divididos em campos lexicais façam parte de um todo, dialogando e interagindo entre si, pois tratam da conexão entre a língua e a cultura Tembé.

Os trabalhos de documentação, descrição e de realização da pesquisa com colaboradores nativos não devem ser vistos como atividades paralelas, mas sim como momentos complementares de um mesmo processo. Mais do que isso, são atividades interdependentes, visto que é impossível fazer um bom trabalho de documentação que não envolva a reflexão e o engrandecimento da comunidade, bem como é igualmente inviável auxiliar a comunidade em suas demandas sem debruçar-se em diferentes esforços de análise.

Tomamos aqui algumas das ideias de Weinrich (1979) como um ponto de partida para nos guiar numa breve reflexão sobre a lexicografia.

No seu entendimento fundamental, a obra lexicográfica, quando sua elaboração estiver associada a um trabalho de lingüistas aplicados, terá, em geral, uma vinculação com três elementos básicos. Esses elementos são: a) um corpus de referência; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) uma concepção determinada de descrição do significado.

No que diz respeito ao corpus de referência da lexicografia, trata-se de uma amostra de uso de língua, do qual parte um determinado tipo de reconhecimento do léxico. Esse corpus deve ser o mais representativo possível em função do tipo de produto que se tem em mente e do tipo de usuário que se pretende atender.

Os elementos de concepção da gramática e a descrição do significado aparecem intrinsecamente relacionados. Se a obra tem um caráter mais descritivo ou mais prescritivo, se as apresentações das paráfrases definitórias que correspondem ao conteúdo de cada unidade lematizada são mais ou menos pontuais, acompanhadas de abonações ou de exemplos – isso tudo dependerá do tipo de filiação teórica, relativa aos Estudos da Linguagem, em que se enquadrem a obra e seus autores. Em síntese, a concepção de língua e uma determinada avaliação do papel do léxico frente ao todo da língua, subjacente a cada empreendimento

lexicográfico, modelará a apresentação de cada obra e decidirá o que deve ser privilegiado ou destacado.

Assim, por exemplo, no caso de um dicionário usado nesta pesquisa – nomeado dicionário no século XIX - no qual estejam apresentadas as unidades de frequências em um determinado corpus, não está organizado detalhadamente e sim aleatoriamente. No século XXI, uma concepção teórica específica do dicionário considera-o um sistema elaborado com detalhes precisos gramaticais e as obras lexicográficas uma lista de palavras aleatórias organizadas alfabeticamente com exemplos, que não diminuem sua importância para os estudos linguísticos realizados nesta pesquisa.

Outra reflexão importante a ser feita é sobre a frequência. Nesse caso, conforme os ensinamentos de Biderman (1998, p.162), “a língua poderá ser vista como um sistema probabilístico de combinatórias e de usos mais ou menos frequentes, salientando-se que a frequência será tomada como uma característica típica da palavra”.

Em uma perspectiva como essa, cada tipo de palavra registrada terá padrões de frequência que lhe são peculiares e isso deverá ser levado em conta na apresentação das informações para o consultante do dicionário, inclusive na descrição do significado mais usual ou frequente de cada palavra. Durante a organização e o levantamento dos campos lexicais da caça, pesca e da produção da farinha observa-se léxicos da língua Tembé alguns léxicos são iguais, mas com significados diferentes dependendo do contexto. Exemplos serão vistos na análise de dados, no capítulo oito dessa dissertação.

Afinal, uma obra lexicográfica ou dicionário são um tipo de repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples para dúvidas de grafia ou de regência verbal, mas também para o conhecimento e reconhecimento de mundo.

## 6. MAX HENRI BOUDIN E SUA OBRA: DICIONÁRIO DO TUPÍ MODERNO (DIALETO – TEMBÉ – TENETEHÁRA DO ALTO RIO GURUPÍ)

### 6.1. MAX HENRI BOUDIN

Max Henri Boudin foi um linguista que contribuiu com registros sobre línguas indígenas brasileiras (Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi e outros). Suas contribuições na área da Linguística enriqueceram a bibliografia especializada sobre os indígenas do Brasil, em especial sobre os Tembé do Gurupí.

Figura 08: Linguista Max Henri Boudin em 1954, entrevista concedida à Revista Imparcial.



Fonte: extraído do endereço eletrônico: <http://www.imparcial.com.br/site/o-imparcial-ha-50-anos-27-de-julho-de-2014-/max-henri-boudin-9>.

Boudin foi professor com grande experiência em pesquisa de campo, autor de muitos estudos, entre outros: Singularidades da língua Ia-té (1950); Apontamentos para um estudo da língua Kre-Yé, dialeto Timbira do alto Gurupí (1950); Os índios Fulniô (1964); O Simbolismo verbal primitivo – análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani (1963).

Este último trabalho citado constitui, sem sombra de dúvidas, complemento indispensável do dicionário aqui resenhado, uma obra sobre o dialeto Tembê (Língua Tenetehára – Família Tupi-Guarani – Tronco Linguístico Tupí). Seu caráter complementar dá-se, não só pelo processo expositivo, como também pelo processo explicativo.

## 6.2. O DICIONÁRIO DO TUPÍ MODERNO (DIALETO – TEMBÊ – TENETEHÁRA DO ALTO RIO GURUPÍ)

Figura 09: As versões dos dois volumes do dicionário do Tupí Moderno.

Versão I: Tembê Tenetehára/Português  
1ª Edição de 1966, volume I.

Versão II: Português/Tembê Tenetehára2ª  
Edição de 1978, volume II.



Fonte: acervo da autora, 2014.



Fonte: acervo da autora, 2014.

A produção lexicográfica de Boudin, que compreende dois volumes (Tembé-Tenetehára-Português e Português-Tembé-Tenetehára), contém mais de 10.000 verbetes em cada uma versão, apresentados em duas colunas, de 46 linhas cada uma, por página. A leitura dos verbetes demonstra que não se trata de um dicionário que apresenta um simples elenco vocabular. Cada palavra está estudada em sua dupla esfera de significação, abarcando, inclusive, os campos semânticos, o que permite bons subsídios para as investigações que dizem respeito às relações entre língua e cultura.

O dicionário construído por Boudin faz parte de um plano de trabalho realizado no curso de dois anos de convívio entre os *índios* do alto e médio rio *Gurupí*. Tinha ele por finalidade o levantamento exaustivo das línguas indígenas faladas na referida área, ou seja, os dialetos do *tupi* dos *Urubus e Tembé-Tenetehára*, e a língua dos remanescentes Timbira (grupo *gê*), que, no período de sua pesquisa, estava localizado nas imediações do Posto indígena – *Pedro Dantas*. Segundo o autor, nesse período, os *índios Tembé-Tenetehára* viviam às margens do alto e médio rio *Gurupí*, desde o lugar denominado *Cururu* até o *Marajupema* e localizava-se logo abaixo do Posto Indígena – *Pedro Dantas*, mantido pelo Serviço de Proteção aos *índios*, na fronteira dos Estados do Pará e do Maranhão. Outros grupos da mesma etnia achavam-se localizados no rio *Pindaré* (Maranhão), e alguns remanescentes no rio *Mearim* e na região de *Ourém* (Pará).

Boudin informa que o material linguístico *Krẽ-yé* (*Timbira*) foi publicado em uma revista universitária do Rio de Janeiro. Entretanto a parte *tupi* ficou esperando melhor oportunidade para poder ilustrar e comparar – a-posteriori – o capital lexicológico *Tembé* com o *tupi antigo* e, esporadicamente, com o *guarani* do Paraguai.

Esse dicionário tende para uma dimensão histórica e comparativa, citando as etimologias de autores setecentistas ou clássicos, como Montoya, Batista Caetano, Restivo e outros, deixando, assim, à mostra a possível mudança ou variação dos dialetos do ramo tupínico. As variações modernas, em termos de dimensão geográfica, são apontadas por palavras correspondentes em guarani contemporâneo, permitindo comparar o idioma falado no Paraguay em contraposição com um dialeto usado por elementos indígenas do norte do Brasil.

O autor justifica o ponto de vista do estudo realizado por duas razões principais, entre outras:

- a) Razões históricas, que culturalmente, nos obrigam a deixar para as gerações futuras, um precioso material de estudo, cujo levantamento tornar-se-á impossível daqui a poucos anos, devido ao desaparecimento progressivo do elemento indígena no Brasil ou a sua aculturação.
- b) Razões antropológicas, que nos levam a citar um dos maiores nomes da antropo-linguística, E. Sapir, que justifica deste modo tal tipo de estudo – A língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos inteligíveis à sociedade. Dia virá em que os esforços para apreender uma cultura primitiva sem a ajuda da língua, que nessa sociedade de fala, hão de parecer tão diletânticos como os trabalhos de um historiador que é incapaz de manusear os documentos originais da civilização que está descrevendo (BOUDIN, 1966, p.7).

Boudin relata que o presente trabalho, seja pura e simplesmente o levantamento lexicológico de um determinado tipo de fala, preocupou-se em definir os conceitos referentes às palavras **língua e dialeto**, cujo significado parece um tanto confuso, já que usamos outro vocabulário, em sentido lato.

Na realidade, mesmo no seu sentido mais restrito, há várias interpretações a respeito. Para o historiador existem dois tipos de línguas: umas ditas, nacionais, ou seja, determinados dialetos escolhidos e impostos por um poder central em toda a área geográfica onde se falam dialetos da mesma origem, área ou território controlado ou influenciado por este poder, a exemplo do toscano na Itália, do castelhano na Espanha, da “língua” de Oil na França. Além destas, sobrevivem línguas de minorias étnicas como os bascos (euzkarra), o bretão (gaélico), e dialetos que giram em torno da língua nacional: o catalão, o asturiano, o galego português na península ibérica, o provençal, o ocitano e gascão no sul da França, entre outros. Assistimos aqui a um processo de convergência, já que a aceitação do dialeto-padrão torna-se cada dia mais acelerada (BOUDIN, 1966, p.8).

Nesse período da história, o autor procura esclarecer o olhar dos estudiosos sobre a língua e sua complexidade, mostrando que, nesse particular, o pensamento do linguista é diferente do pensamento do antropólogo. O linguista observa que um dialeto é um conjunto de idioletos, segundo Raymond Gagné (*apud*, BOUDIN, 1966, p.8), cuja estrutura difere muito pouco e que tem mais de inteligibilidade relativa entre si do que qualquer outro grupo de idioletos. Tradicionalmente os dialetos são considerados como o resultado das mudanças de uma entidade mais ou menos homogênea – uma língua – mudanças que se fazem por divergências. Consequentemente os linguistas veem uma relação genética entre os dialetos. O antropólogo, por sua vez, destina pouca importância a essas denominações, cuja sutileza não



influi na vida da cultura. Quer seja língua, dialeto, patois ou gíria, a linguagem humana é um meio de compreender, expressar e transmitir sua cultura.

Àquela época o autor propunha pesquisas de longo prazo, em que fosse possível qualificar indiferentemente as falas indígenas de língua ou dialeto, até o dia em que os estudos de dialetologia diacrônica permitissem lobrigar a fonte real, e não suposta, de todas as línguas ou dialetos da família tupi-guarani.

Assim sendo, explica a escolha pela língua **Tembé** por ser ela muito clara, foneticamente falando, e de fácil transcrição tipográfica, sem, por isso, ter que fugir aos imperativos científicos que regem a transcrição das línguas ou dialetos de povos ágrafos. Do mesmo modo, segundo Boudin, a língua **Urubu** apresenta apenas variações fonéticas relativamente ao Tembé-Tenetehára e poucas mudanças no tocante ao vocabulário.

O autor segue de perto os ensinamentos de Ernest Cassirer: “Para compreender a linguagem, não se deve deter em suas formas, porém procurar a lei interna de sua formação”. Segue o princípio de que não se deve considerar uma língua como uma coisa acabada, como um produto. Pelo contrário, é preciso ver nela uma produção, um trabalho do espírito, que se repete eternamente.

### **6.2.1. Organização Fonética do Dicionário do Tupí Moderno de Boudin**

#### **6.2.1.1. Alfabeto Fonético**

Boudin utilizou o alfabeto fonético usado no “**Simbolismo Verbal Primitivo**” considerando ser este o que melhor traduz as possibilidades fonéticas da língua Tembé-Tenetehára, dando exemplos de palavras do português para ilustrar como os sons da língua Tembé deveriam ser pronunciados conforme a seguir se apresenta.

#### VOGAIS

**a ä e i ŷ o u**

#### SEMIVOGAIS

**w y**

| VOGAIS | EXEMPLO PORTUGUÊS                 | EXEMPLO TUPI     | TRADUÇÃO    |
|--------|-----------------------------------|------------------|-------------|
| 1 – a  | Amapá                             | <b>Awa</b>       | homem       |
| 2 – ä  | ö alemão (schön)                  | <b>Nupä</b>      | bater       |
| 3 – e  | Receber                           | <b>Ténêtéhar</b> | indío tembé |
| 4 – i  | Bemtevi                           | <b>zanê-rupi</b> | conosco     |
| 5 – ĩ  | Entre <b>u</b> e <b>i</b> francês | <b>hê-hĩ</b>     | minha mãe   |
| 6 – o  | Motivo                            | <b>Amo</b>       | outro       |
| 7 – u  | Murmúrio                          | <b>é-zur(i)</b>  | velha       |
| 8 – w  | Breu (semivogal)                  | <b>Pêw</b>       | chato       |
| 9 – y  | Atalaia (semi-vogal)              | <b>Tapwĩy</b>    | casa        |

O autor faz algumas considerações quanto à constituição fonética da língua Tembé:

(I) As vogais “**e**” e “**o**” podem ser neutras (sem acento), abertas (com acento circunflexo) ou fechadas (acento agudo).

(II) Consideram-se todas as outras vogais entre parênteses também como semi-vogais, caindo o acento tônico sobre a sílaba anterior.

(III) O til nasaliza levemente a vogal sobre a qual incide.

#### CONSOANTES

|                        |
|------------------------|
| <b>h k m n p r t z</b> |
|------------------------|

| VOGAIS | EXEMPLO PORTUGUÊS | EXEMPLO TUPI    | TRADUÇÃO  |
|--------|-------------------|-----------------|-----------|
| 1 – h  | jota espanhol     | <b>Hê</b>       | eu        |
| 2 – k  | Cacarejar         | <b>kanê'o</b>   | cansado   |
| 3 – m  | Mar               | <b>Témirêko</b> | espôsa    |
| 4 – n  | Neve              | <b>Nupã</b>     | bater     |
| 5 – p  | Patíbulo          | <b>Pétêk</b>    | bater     |
| 6 – r  | Para              | <b>hê-ra'ÿr</b> | Meu filho |
| 7 – t  | Tiritar           | <b>tu(w)</b>    | pais      |
| 8 – z  | Fazer             | <b>Zuka</b>     | matar     |

Nas consoantes, Boudin também oferece algumas explicações sobre a fonética das palavras elencadas no dicionário:

(I) O acento agudo no corpo da palavra indica um “**glottal-stop**” de tipo suave, comparável ao “**hamza**” árabe.

(II) O “**z**”, segundo um processo de aglutinação próprio, que será estudado numa Gramática Tupi Moderno, na parte reservada à Fonética, muda, às vezes, em “**y**” usando entre duas vogais, pronunciando-se como um **jota** português: Ex.; **i-z-wi** = êle (dela).

(III) As quatro consoantes seguintes: **K n p t** - Podem ser duplas ou bem acentuadas; elas se pronunciam com bastante ênfase como nas palavras italianas: ecco, madonna, traduttore, Beppo.

Ex.; **a-rêko** = eu tenho.  
**a-ini** = eu estou (imóvel).  
**ténêtéhar** = índio tembé.  
**pipir** = levantar um pano.

Segundo o autor, mesmo neste caso, o acento tônico costuma cair automaticamente sobre a última sílaba da palavra.

Boudin também faz uma observação sobre a fonte das palavras do português utilizada no dicionário: **N.B.** a terminologia portuguesa foi tirada do **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**, editado pela EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 1961.

#### **6.2.1.2. As fontes bibliográficas que contribuíram para a elaboração do dicionário do Tupi Moderno, citadas por Boudin**

Boudin ressalta que o interessado terá na obra um material para realizar pesquisas de caráter diacrônico. Isto é possível na medida em que o autor remete e reproduz, de modo pertinente, os ensinamentos e apontamentos dos clássicos estudiosos do guarani, citados a seguir:

**Batista Caetano** – Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor das “Conquistas Espirituais”: *Annais da Biblioteca Nacional*, vol. VII. Rio de Janeiro, 1879.

**Montoya (P. Antonio Ruiz de)** – *Arte de la lengua Guarani ó mas bien Tupi*: Viena/Paris, 1876.

**Restivo (Paulo)** – *Lexicon Hispano-Guaranicum. Vocabulário de la lengua Guarani*, Stuttgart, 1863.

**Martius (Dr. Carl Friedrl. Phil.)** – *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Erlanger, 1863.

**Adam (Lucien)** – *Matériaux pour servir à l'établissement d'une Grammaire Comparée des dialectes de la Famille Tupi* – Paris, Maisonneuve, 1896.

**Muniagurria (Saturnino)** – *El Guarani: elementos de Gramática Guarani y vocabulario de las voces más importantes de este idioma* – Bueno Aires, Edit. Coni, 1947.

**Jover Peralta (A.) e Osuña (T.)** – *Dicionário Guarani – Español y Español – Guarani* – Buenos Aires, ed. Tupã, 1950.

As anotações feitas pelo autor no dicionário Tupí disponibilizam um enorme acervo lexical e contribuí para a pesquisa atualmente realizada no âmbito da geográfica linguística ou da linguística comparada.

Na seção seguinte apresentamos o corpus lexical levantado nessa pesquisa, a partir do dicionário de Boudin conforme já antes anunciado.

### **6.3. TABELA DE ITENS LEXICAIS: DA CAÇA, DA PESCA E DA PRODUÇÃO DA FARINHA SELECIONADAS NO DICIONÁRIO TUPÍ MODERNO DE MAX BOUDIN, 1966**

Os léxicos encontrados no Dicionário do Tupi Moderno referentes às práticas da caça, da pesca e da produção da farinha, constituem um acervo de 601 léxicos, sendo, respectivamente, 260 léxicos da caça, 185 léxicos da pesca e 156 léxicos da produção da farinha. Convém esclarecer que os critérios adotados para incluir um determinado léxico em um dos três campos lexicais foram os seguintes:

**Caça:** a) todos os animais que se constituem presa no processo da caça, partes do corpo desses animais e afins; b) os instrumentos e utensílios usados na prática da caça; c) os tipos de armadilha utilizados pelo homem para a prática da caça; d) nomes de ações envolvidas na prática da caça; e) nomes dos lugares cruciais para a atividade da caça.

**Pesca:** a) todos os animais que se constituem presa no processo da pesca, partes do corpo desses animais e afins; b) os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca; c) os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca; d) nomes de ações envolvidas na prática da pesca; e) nomes dos lugares cruciais para a atividade da pesca.

**Produção da farinha:** a) os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal; b) os instrumento usados em todas as etapas da feitura da farinha; c) os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha; d) nomes das ações que envolvem a prática da produção da farinha; e) nomes dos lugares cruciais para a atividade da feitura da farinha.

A seguir apresentamos, então, por sua ordem, os itens lexicais da caça, da pesca e da produção da farinha encontrados.

#### **I. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA**

##### **A. CAMPO LEXICAL DA CAÇA**

**a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça, itens como partes do corpo desses animais ou afins;**

| Nº | Itens lexicais - Tembé  | Significado em Português  |
|----|---|---|
| 01 | Témiar (p.254)<br>Miâr (p.133)  | Presa, caça.<br>Caça, pesca, a coisa que se prende.   |
| 02 | A'ĩ-a'ĩr (vide: ra'ĩ-ra'ĩr)(p.17)<br>Ra'ĩ-ra'ĩr (p.221)   | Filhotes de.<br>Prole, ninhada, filhotes.   |
| 03 | A'í (p.17)  | Preguiça (espécie de macaco).   |
| 04 | 'Ak (p.18)  | Chifre.   |
| 05 | Aka i-kĩwaw (p.18)<br>Akãñ-mitang (p.20)  | Crista.<br>Cabeça vermelha, crista.   |
| 06 | Akãng (p.19)  | Cabeça.   |
| 07 | Apê (p.28)<br>Zawti-apê:  | Casco de jabuti (vivo)<br>Casca do jabuti morto.  |
| 08 | Akuru (p.21)  | Espécie de pássaro.   |
| 09 | Akuti (p.21)  | Cutia.  |
| 10 | Anäkä (p.26)<br>Äräkwä (p.34)<br>Azuru (p.47)<br>Ma-ita (p.125)<br>Parawa (p.183)<br>Pêri (p.189) | Espécie de papagaio.<br>Papagaio, aracuã.<br>Papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio de bico amarelo. |
| 11 | Arapapa (p.34)  | Espécie de papagayos; arapapá.  |
| 12 | Arapuha (p.34)<br>Mahâw (p.124)<br>Rapuha (p.224)   | Veado.<br>Esp. de veado branco.<br>Veado.   |

|           |   |  |
|-----------|---|--|
| <b>13</b> | Arar ≈ Arara (p.34)   | Tipos de arara.  |
| <b>14</b> | A'rawira (p.35)   | Espécie de pássaro vermelho.   |
| <b>15</b> | Aruá (p.36)<br>Maräkänä (p.127)                                     | Maracanã.<br>Maracanã (esp. de louro)  |
| <b>16</b> | Atora (p.38)<br>Mĩykur (p.136)                                      | Espécie de gambá<br>Mucura, gambá.   |
| <b>17</b> | Atĩnga-hu (p.42)  | Espécie de coruja.   |
| <b>18</b> | Awara (p.41)  | Raposa.  |
| <b>19</b> | Awiza (p.42)<br>Hawiza (p.56)                                       | Sabiá.<br>Sabiá (Espécie de pássaro).  |
| <b>20</b> | Aw(i)-zu (p.43)   | Penugem.   |
| <b>21</b> | Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303)                                  | Lontra.<br>Lontra.   |
| <b>22</b> | Hakã-tik (p.53)   | Espécie de passarinho não identificado.  |
| <b>23</b> | Hawêr (p.56)  | Pêlos.   |
| <b>24</b> | Haytĩ (p.57)<br>Wĩra-miri raytĩ (p.292)                             | Ninho.<br>Ninho.   |
| <b>25</b> | Hĩy (p.63)<br><br>Amé'a (p.23)<br><br>Ta'i (p.236)                  | Nome de um pequeno papagaio,<br>curica.<br><br>Espécie de curica.<br><br>Esp. de curica preta.   |
| <b>26</b> | Hôkô (p.64)<br>Kärä'u (p.97)<br>Mawari (p.130)<br>Wĩra-paku (p.292) | Socó (ave) espécie de socó.<br><br>Esp. de socó.<br><br>Esp. garça ou socó.<br><br>Esp. de socó. |

|           |  |   |
|-----------|--|---|
| <b>27</b> | Hupi'a (p.66)<br>Ma'ê-rupi'a (p.123)<br>Tupi'a (p.272)<br>Wĩra-rupi'a (p.292)  | Ovo.<br>Ôvo de...<br>Ovo.<br>Ovos de pássaro.   |
| <b>28</b> | Huwĩ (p.66)  | Sangue.   |
| <b>29</b> | Huruku'á (p.66)<br>Uruku'a (p.281)   | Surucuá (espécie de pássaro)<br>Surucuá (esp. de pássaro)   |
| <b>30</b> | Inamu (p.73)<br>Namu (p.173)<br>Pékwapa (p.186)<br>Pikwapa (p.196)<br>Uru (p.281)  | Nambu (ave).<br>Nambu.<br>Esp. de nambu.<br>Pécuapa (esp. de nambu)<br>Corcovado, esp.de nambuzinho.  |
| <b>31</b> | Inazê (p.73)<br>Karipira (p.97)<br>Kôrô-kôrô (p.105)<br>Mézu'i-zu'i (p.130)<br>Urutaw-ran (p.282)<br>Wäkäwä (p.284)<br>Winazê (p.290)<br>Wira-hu (p.292)<br>Wira-hu (p.292)<br>Zapukani (p.301)<br>Zawatô (p.303)<br>Zétapaw (p.340) | Gavião.<br>Carapira (esp. De gavião).<br>Esp. De gavião.<br>Esp. de gaviãozinho.<br>Gavião de penacho.<br>Esp. de gavião.<br>Gavião bobo.<br>Gavião.<br>Gavião.<br>Esp. de gavião pequeno, japacanim.<br>Gavião.<br>Gavião tesouro (esp. de falcão) |
| <b>32</b> | Ipêk (p.75)  | Espécie de marreco (pato)   |



|           |  |  |
|-----------|--|--|
| <b>33</b> | Ka'i (p.93)<br>Tamari (p.239)<br>Wapurikĩ (p.285)<br>Warĩw (p.285)<br>Zupara (p.335)<br>Zupati (p.335) | Macaco em geral.<br>Macaco cuxiú.<br>Macaco da noite.<br>Guariba (esp. De macaco).<br>Esp. de macaco da noite.<br>Esp. de macaco da noite. |
| <b>34</b> | Kamazyô (p.93)   | Camaleão.  |
| <b>35</b> | Kãng'ôk (p.96)   | Tirar ossos, espinhos.   |
| <b>36</b> | Kara-kara (p.97)   | Urubu, caracará.   |
| <b>37</b> | Karara (p.97)  | Mergulhão (pássaro)  |
| <b>38</b> | Karumê (p.98)  | Carumbé (esp. De jabuti c/manchas amarelas.  |
| <b>39</b> | Ku-aku (p.105)   | Chocar (aves e pássaros).  |
| <b>40</b> | Ma'ê-mêngo (p.119)<br>Tamanwa (p.238)  | Esp. De pequeno tamanduá.<br>Tamanduá geral.   |
| <b>41</b> | Kwanu (p.111)  | Porco espinho (coandu).  |
| <b>42</b> | Kwati (p.112)  | Coati.   |
| <b>43</b> | Ma'ê pépo-pépo-kwêr (p.121)<br>Wazay (p.286)<br>Wĩra-raw (p.292)                                       | As penugens, os enfeites de pena.<br>Penagens, cocares, enfeites de penas.<br>Penas, plumagens, penugens.                                  |
| <b>44</b> | Ma'ê-pirêr (p.121)   | Couro, pele de animal.   |
| <b>45</b> | Ma'ê-roo (p.123)   | Carne animal.  |
| <b>46</b> | Ma'ê-tuwi-tuwi (p.124)<br>Ma'i-twi-twi (p.125)<br>Ma-tui-tui (p.129)                                   | Esp. De maçarico menor (pássaro).<br>Maçarico (esp. de pássaro).<br>Maçarico, tarambola (esp. de pássaro).                                 |

|           |                                    |  |
|-----------|------------------------------------|--|
| <b>47</b> | Marakaza (p.127)                   | Maracajá, gato do mato.                |
| <b>48</b> | Maturya (p.129)<br>Tzigan (p.276)  | Cigana (esp. de pássaro).<br>Cigana.   |
| <b>49</b> | Mizu’i (p.136)                     | Andorinha.                             |
| <b>50</b> | Namê (p.173)                       | Esp. de colibri – pássaro: beija-flor. |
| <b>51</b> | Pak (p.181)<br>Ta’wêr-a’i (p.245)  | Paca.<br>Paca.                         |
| <b>52</b> | Péki (p.186)<br>Piki (p.195)       | Paturi.<br>Paturi.                     |
| <b>53</b> | Píkahu(p.195)                      | Pomba.                                 |
| <b>54</b> | Piku’i (p.196)                     | Rolinha.                               |
| <b>55</b> | Piru (p.201)                       | Perú.                                  |
| <b>56</b> | Rakĩkwer (p.222)                   | Rasto de veado.                        |
| <b>57</b> | Roo (p.230)                        | Carne.                                 |
| <b>58</b> | Taitetú (p.237)                    | Pecari – esp. de queixada.             |
| <b>59</b> | Tāngara (p.239)                    | Esp. de pássaro, tanagra.              |
| <b>60</b> | Tapi’ir (p.240)                    | Anta.                                  |
| <b>61</b> | Tapiti (p.241)<br>Tarêru’a (p.242) | Coelho.<br>Préa (esp. de coelho).      |
| <b>62</b> | Tatu (p.244)                       | Tatu.                                  |
| <b>63</b> | Tawĩru (p.245)                     | Saburu (esp. de pássaro)               |
| <b>64</b> | Tazahu (p.247)                     | Queixada (porco do mato)               |
| <b>65</b> | Terêkôkô (p.260)                   | Esp. de passarinho.                    |
| <b>66</b> | Tétêw (p.261)                      | Esp. de pássaro.                       |
| <b>67</b> | Tu’i (p.271)                       | Periquito.                             |

|           |                      |                                    |
|-----------|----------------------|------------------------------------|
| <b>68</b> | Tukan (p.271)        | Tucano.                            |
| <b>69</b> | Uru-zawar (p.281)    | Onça marajoara.                    |
| <b>70</b> | Urumä (p.281)        | Pato.                              |
| <b>71</b> | Wara (p.285)         | Guará.                             |
| <b>72</b> | Wara-pirāng (p.285)  | Guará flamengo.                    |
| <b>73</b> | Wawérêw (p.286)      | Esp. de oncinha.                   |
| <b>74</b> | Wīra (p.292)         | Pássaro.                           |
| <b>75</b> | Zäkami (p.297)       | Jacamim (p.297)                    |
| <b>76</b> | Zakarê (p.297)       | Jacaré.                            |
| <b>77</b> | Zaku (p.297)         | Jacu (galináceas)                  |
| <b>78</b> | Zaku-pê-tīng (p.297) | Esp. de jacu preto, vulgo cujubim. |
| <b>79</b> | Zanay (p.298)        | Jandaia.                           |
| <b>80</b> | Zan-a'i (p.298)      | Esp. de jandaia.                   |
| <b>81</b> | Zanu (p.299)         | Ema.                               |
| <b>82</b> | Zapê-ahôk (p.299)    | Nome da ave Parra Jaçanã.          |
| <b>83</b> | Zapu (p.301)         | Japu (esp. de pássaro)             |
| <b>84</b> | Zapun (p.301)        | Graúna.                            |
| <b>85</b> | Zapun-un (p.301)     | Jacu preto.                        |
| <b>86</b> | Zäpun (p.301)        | Graúna.                            |
| <b>87</b> | Zawati (p.303)       | Esp. de martin-pescador.           |
| <b>88</b> | Zawīru (p.304)       | Jaburu, ema.                       |
| <b>89</b> | Zawni (p.304)        | Bico de brasa (esp. de pássaro)    |
| <b>90</b> | Zawti (p.304)        | Jabuti.                            |
| <b>91</b> | Ziriw (p.329)        | Esp. de pássaro, udu.              |
| <b>92</b> | Zukaré (p.334)       | Pavão.                             |

|           |                |                              |
|-----------|----------------|------------------------------|
| <b>93</b> | Zéruti (p.340) | Juruti, pomba, esp. de rola. |
|-----------|----------------|------------------------------|

**b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;**

| <b>Nº</b>  | <b>Itens lexicais – Tembé</b>           | <b>Significado em Português</b>   |
|------------|---|---|
| <b>94</b>  | Hu'ïw (p.65)<br>U'ïw (p.279)            | Flecha.<br>Flecha.  |
| <b>95</b>  | Itakîhê (p.79)<br>Takîhê (p.237)        | Facão.<br>Facão, terçado.   |
| <b>96</b>  | Ita-takîhê-räymê (p.80)                 | Pedra de amolar.  |
| <b>97</b>  | Iw-ïwa (p.89)                           | Corpo da flecha (espécie de bambu).   |
| <b>98</b>  | Kîhê (p.101)                            | Ponta de ferro, taquara.  |
| <b>99</b>  | Ma'ê kitik-haw (p.119)<br>I'wéhé (p.84) | Lima.<br>Ralo. Lima.  |
| <b>100</b> | Mukaw (p.156)                           | Espingarda.   |
| <b>101</b> | Piwa (p.206)                            | Botoque na ponta das flechas para pássaros, flecha de ponta achatada para caçar pássaros. |
| <b>102</b> | Tazî (p.247)                            | Machado, ferro, metal, aço.   |
| <b>103</b> | Mukaw-rïapu (p.264)                     | Tiro de espingarda.   |
| <b>104</b> | U'ïw-rakwä (p.279)                      | Ponta da flecha.  |
| <b>105</b> | Wirapar (p.292)                         | Arco.   |
| <b>106</b> | Ziwo (p.330)                            | Flechar, acertar (com armas)  |

**c) Tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;**

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  |  |
|--|--|--|

| <b>Nº</b>  | <b>Itens lexicais – Tembé</b> | <b>Significado em Português</b> |
|------------|-------------------------------|---------------------------------|
| <b>107</b> | Akuti-kwar (p.21)             | Coelheira.                      |
| <b>108</b> | Izwa (p.91)                   | Visgo para caçar passarinho.    |
| <b>109</b> | Miha-mihaw (p.133)            | Armadilha.                      |
| <b>110</b> | Mõn garuk (p.143)             | Ficar de tocaia.                |
| <b>111</b> | Tukay (p.271)                 | Tapume, armadilha para caçar.   |
| <b>112</b> | Wĩra-rukay (p. 271)           | Armadilha para os pássaros.     |
| <b>113</b> | Wĩra-hézar-pĩrêr (p.290)      | Armadilha armada com paus.      |
| <b>114</b> | Wĩra-miri pari (p.292)        | Gaiola.                         |
| <b>115</b> | Wĩra-pĩkaw (p.292)            | Arapuca.                        |

**d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;**

| <b>Nº</b>  | <b>Itens lexicais – Tembé</b> | <b>Significado em Português</b> |
|------------|-------------------------------|---------------------------------|
| <b>116</b> | Ahĩk (p.17)                   | Pedaço, cortado [...].          |
| <b>117</b> | Apirôk (p.31)                 | Tirar a casca ou a pele mole.   |
| <b>118</b> | Aw'ô (p.43)                   | Depenar, tirar a pena.          |
|            | Mu'aw'ôk (p.152)              | Fazer depenar.                  |
| <b>119</b> | Êpézân (p.50)                 | Seguir, procurar.               |
| <b>120</b> | Etzak (p.51)                  | Olhar, vigiar, ver, achar.      |
| <b>121</b> | Hanõng (p.54)                 | Amarrar, armar.                 |
|            | Mu-zuru-péka (p.170)          | Armar.                          |

|            |  |  |
|------------|--|--|
| <b>122</b> | Hêm-ahĩ...wi (p.58)                      | Escapar, fugir de.   |
| <b>123</b> | Hupar (p.65)                             | Perder-se, desaparecer.  |
| <b>124</b> | Ita-momôr-haw (p.80)<br>Zapi (p.300)     | Lançar, atirar, bodoque*.<br>Atirar pedra com bodoque, atirar, lançar, disparar.   |
| <b>125</b> | (ma'ê) - ĩwo-har (p.89)                  | Ser bom atirador de flecha.  |
| <b>126</b> | Ma'ê-raro (p.122)                        | Espiar, aguardar a caça.   |
| <b>127</b> | Ma'ê-rêtahaw (p.122)                     | Fartura.   |
| <b>128</b> | Mo-émiar (p.139)<br><br>Mo-kurêr (p.142) | Dar uma parte da pesca ou da caça para repartir entre amigos.<br><br>Reservar comida, reservar uma parte da caça para repartir entre amigos. |
| <b>129</b> | Mo-zawaw (p.150)                         | Afugentar.   |
| <b>130</b> | Pé hé' Ang (p.186)                       | Cortar, partindo em pedaços.   |

**e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.**

| <b>Nº</b>  | <b>Itens lexicais – Tembé</b> | <b>Significado em Português</b> |
|------------|-------------------------------|---------------------------------|
| <b>131</b> | Kă'e (p.93)                   | Moquear.                        |
| <b>132</b> | Patzôk (p.183)                | Bolinhas de carne, passoca.     |
| <b>133</b> | Ziwêr (p.330)                 | Assado.                         |
| <b>134</b> | Ziwír (p.330)                 | Estar cru.                      |

**f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembé</b> | <b>Significado em Português</b> |
|-----------|-------------------------------|---------------------------------|
|-----------|-------------------------------|---------------------------------|

|            |   |   |
|------------|---|---|
|            |   |   |
| <b>135</b> | Há(i)-Kwêr (p.54)<br>Hapé (p.54)<br>I-přar (p.75)<br>‘Iw (p.83)<br>Ma’ê-rakïkwêr (p.121)<br><br>Pê (p.185)<br>Pê’ÿy (p.186)<br>Pê...mu-pïwa (p.187)<br>Rapê (p.224) | Trilha.<br><br>Caminho.<br><br>Trilha, caminho do rio.<br><br>Caminho trilhado.<br><br>Vestígio, traço, rasto, trilha, (de animais).<br><br>Caminho, estrada.<br><br>Caminho batido, trilhado.<br><br>Fazer uma trilha.<br><br>Caminho. |
| <b>136</b> | Ka’a (p.92)   | Mata, floresta.   |
| <b>137</b> | Ma’ê-zuka-haw (p. 124)  | Matadouro.  |
| <b>138</b> | Rémitim (p.228)   | Esconderijo de paca.  |

## II. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA

### B) TABELA CAMPO LEXICAL DA PESCA

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca e partes do corpo desses animais;

| Nº        | Itens lexicais – Tembê | Significado em Português            |
|-----------|------------------------|-------------------------------------|
| <b>01</b> | Äkari (p.20)           | Acari (esp. de peixe).              |
| <b>02</b> | Akara (p.20)           | Acará, nome de vários peixes.       |
| <b>03</b> | Akarä-whu (p.20)       | Acaraú-açu (peixe de água salgada). |

|           |   |   |
|-----------|---|---|
| <b>04</b> | Anira (p.27)<br>Arapô (p.34)<br>I-tu (p.82)<br><br>Iwĩr-atza-par (p.87)<br>To(w)i (p.270) | Espécie de sarapó.<br><br>Sarapó (peixe do Gurupí).<br><br>Espécie de sarapó de pequeno tamanho.<br><br>Espécie de sarapó.<br><br>Esp. de sarapó prêto. |
| <b>05</b> | Ani'ã (p.27)  | Bodô (espécie de acari) peixe do Gurupí.  |
| <b>06</b> | Araruha-pêw (p.35)<br><br>Wara-ruha (p.285)<br><br>Wara-ruha-pêw (p.285)                  | Espécie de caranguejo. Caranguejo.<br><br>Esp. de caranguejinhos dos igarapés.  |
| <b>07</b> | Aratay-iri (p.35)<br><br>Kiha-kay (p.101)<br><br>Zézu (p.328)                             | Espécie de jejú pequeno.<br><br>Esp. de jeju, (peixe do Gurupi).<br><br>Jeju (esp. de peixe)  |
| <b>08</b> | Hawa (p.56)<br><br>Kararu-kwêr (p.97)   | Espécie de grude gelatinoso do peixe.<br><br>Grude de peixes.   |
| <b>09</b> | Hazu (p.57)<br><br>Pira- razu:<br><br>Razu (p.225)  | Espinha.<br><br>Espinha de peixe.<br><br>Espinha de peixe.  |
| <b>10</b> | Ita-kuzêr (p.79)<br><br>Wärä-itä (p.285)  | Concha.<br><br>Concha, casca de molusco, mexilhão de água doce, ostra (tururu).   |
| <b>11</b> | Iwĩ-wa-ran (p.89)   | Lambari.  |
| <b>12</b> | Iya'u-kängwer (p.90)  | Uéua (espécie de peixe).  |
| <b>13</b> | Kĩr (p.101)   | Cartilagem, osso mole.  |
| <b>14</b> | Kri-kri (p.102)   | Esp. de peixinho parecido com o   |



|           |  |  |
|-----------|--|--|
|           |  | casculo.   |
| <b>15</b> | Kirimata (p. 102)                                | Curimatá (esp. de peixe do rio Pindaré).   |
| <b>16</b> | Kwana (p.111)                                    | Acuanã, peixe do rio Gurupi.   |
| <b>17</b> | Mamiri (p.125)<br>Piaw (p.193)<br>Wamiri (p.284) | Piaba (esp. de peixe).<br>(sardinha) piába (esp. de).<br>Piába (esp. de peixe), coáca. |
| <b>18</b> | Mãngwa (p.125)                                   | Esp. de rã comestível.   |
| <b>19</b> | Mani'i (p.126)                                   | Bagre, mandi.  |
| <b>20</b> | Manumê (p.127)                                   | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)  |
| <b>21</b> | Murakê (p.164)                                   | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré).  |
| <b>22</b> | Muti (p.165)<br>Puti (p.219)                     | Camarão.<br>Camarão.   |
| <b>23</b> | Nuza (p.178)                                     | Anujá (esp. de peixe)  |
| <b>24</b> | Paku (p.181)                                     | Pacu.  |
| <b>25</b> | Paru (p.183)<br>Paw-ru (p.184)                   | Esp. de peixe conhecido por coáca.<br>Coáca.   |
| <b>26</b> | Pé-kwêr (p.186)                                  | Escama, casca, crosta.   |
| <b>27</b> | Pêpo (p.188)                                     | Asa, barbatana de peixe, alça.   |
| <b>28</b> | Pikĩr (p.195)                                    | Peixinhos em geral (piquiras)  |
| <b>29</b> | Pira (p.199)                                     | Peixe.   |
| <b>30</b> | Pira-pirêr ma'ê (p.200)                          | Peixe de couro.  |
| <b>31</b> | Pira-zu (p.200)                                  | Dourado (esp. de peixe).   |
| <b>32</b> | Ruwêr (p.234)<br>Tuwêr (p.274)                   | Ovas (peixe)<br>Ovas de peixe.   |

|           |  |  |
|-----------|--|--|
| <b>33</b> | Tamata (p.238)<br>Tamwata (p.239)                      | Cascudo (peixe).<br>Cascudo (peixe)  |
| <b>34</b> | Tarã'ir (p.242)  | Traíra (peixe).  |
| <b>35</b> | Tinĩ'a (p.266)   | Jandiá (esp. de peixe)   |
| <b>36</b> | Tukunarê (p.271)                                       | Tucunaré, pescada (tucunaré de água salgada) (p.271)                         |
| <b>37</b> | Uru-wi (p.282)   | Surubim, surubi.   |
| <b>38</b> | Uruwi-ran (282)  | Gurijuba.  |
| <b>39</b> | Urumara (p.282)  | Pirapucu, bicudo (esp. de peixe)   |
| <b>40</b> | Uaraku (p.278)<br>Waraku (p.285)<br>Waraku-ran (p.285) | Aracu (esp. de peixe)<br>Aracu (esp. de peixe)<br>Aracurana (esp. de peixe). |
| <b>41</b> | Wapanarê (p.285)                                       | Panaré (esp. de peixe).  |
| <b>42</b> | Zakuna (p.297)   | Jacundá (esp. de peixe).   |
| <b>43</b> | Zawéwĩr (p.304)<br>Zawira (p.304)                      | Raia.<br>Arraia.   |
| <b>44</b> | Zinĩ'a (p.329)   | Jundia (esp. de mandi prêto)   |

**b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembé</b>   | <b>Significado em Português</b>  |
|-----------|---|--|
| <b>45</b> | Apak'wa-haw (p.27)<br>Ĩwĩpo-apakwa-haw :<br>Iwĩ-pô (p.86)<br>Iwo (p.89) | Feixe.<br>Feixe de cipó.<br>Cipó<br>Cipó, vareta flexível [...]enfiada no peixe. |

|           |  |   |
|-----------|--|---|
|           | Pikĩr-ĩwo-haw (p.195)<br><br>Po (p.206)                    | Fileira, enfiada de peixes pequenos passados num cipó ou vareta flexível.<br><br>Cipó, corda. |
| <b>46</b> | Ham (p.54)<br><br>Nêmo (p.176)<br><br>Inimô (p.74)         | Linha.<br><br>Fio, linha.<br><br>Fio.   |
| <b>47</b> | Hétĩwĩr (p.61)<br><br>Pina-rétĩwĩr:<br><br>Rétĩwir (p.228) | Barbela.<br><br>A barbela do anzol.<br><br>Barbela.   |
| <b>48</b> | I-äkwa (p.68)  | Cabaça para água, moringa.  |
| <b>49</b> | Ma'ê Kutuk-haw (p.119)                                     | Arpão, lança, azagaia, garfo.   |
| <b>50</b> | Pina (p.196)   | Anzol.  |
| <b>51</b> | Pina-pôr (p. 209)  | Isca.   |

**c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembé</b>   | <b>Significado em Português</b>  |
|-----------|---|--|
| <b>52</b> | Hôkô (p.64)   | Rede para pescar, de forma cilíndrica.   |
| <b>53</b> | Iemi (p.69)   | Cerca de Tabume para pescar (p.69)   |
| <b>54</b> | I-timor (p.82)<br><br>Timô (p.266)<br><br>Timô-rapôta (p.266)<br><br>Kunami (p.106) | Timbó – vapor, fumo, exalação.<br><br>Timbó.<br><br>Feixe de timbó<br><br>Cunambi (esp. de timbó cultivado). |

|           |                   |   |
|-----------|-------------------|---|
|           | Muhu-timô (p.155) | Timbó de muçum.   |
| <b>55</b> | Pari (p.183)      | Cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede.           |
| <b>56</b> | Zêké'a (p. 312)   | Matapi, armadilha de varinha trançada para tomar peixe, covo. |

**d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembé</b>        | <b>Significado em Português</b>                                   |
|-----------|--------------------------------------|---|
| <b>57</b> | Iapo (p.68)<br>Yar (p.295)           | Boiar.<br>Boiar.  |
| <b>58</b> | I-pé (p.74)                          | Na água [...].  |
| <b>59</b> | Kunami (p.106)                       | Bater timbó, embriagar o peixe.                                   |
| <b>60</b> | Mu-pikĩrwo (p.162)                   | Enfileirar, enfiar peixes num cipó.                               |
| <b>61</b> | Zapĩkĩrwo (p.300)                    | Enfiar peixes em um cipó.   |
| <b>62</b> | Mu-tĩk (p.165)<br>Pira-kutuk (p.200) | Fisgar peixe.<br>Fisgar o peixe, arpoar.                          |
| <b>63</b> | Mutĩ-mutĩk (p.165)                   | Morder a isca.  |
| <b>64</b> | Pé'ók (p.187)                        | Descascar, escamar.   |
| <b>65</b> | Piti'u (p.203)                       | Ter mau cheiro, cheirar forte (pessoas, animais) cheiro de peixe. |
| <b>66</b> | Zuwan (p.337)                        | Fazer moquecas.   |
| <b>67</b> | Iha-paw (p.70)                       | Atravessar água.  |
| <b>68</b> | Zé-pina-itĩk (p.338)                 | Pescar.   |
| <b>69</b> | Zé-pina-itĩkar (p.338)               | Pescador.   |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| Nº | Itens lexicais – Tembé   | Significado em Português                               |
|----|--|--|
| 70 | I (p.67)   | Água, rio.   |
| 71 | I-apé'a-ramo (p.68)<br>'Ar ≈ ɿ'ar (p.33);<br>Apê'a-ramo (p.28); A superfície do.<br>Y- Apê'a-ramo (p.28) à superfície da água. | À superfície da água.                                  |
| 72 | I-apĩ-hêm (p.68)   | Lugar onde nasce o igarapé.                            |
| 73 | I-apĩ-rupi (p.68)<br>Itĩ-apĩ-kutĩr (p.81)  | Rio acima.<br>Rio acima.                               |
| 74 | Iarapê (p.68)  | Igarapé.   |
| 75 | I-êê (p.69)  | Rio à-toa, aonde não se encontra peixe.                |
| 76 | I-hêmaw (p.70)   | A boca do rio.   |
| 77 | Ipanêm (p.74)  | Rio sem peixe, rio pobre [...]                         |
| 78 | I-paw (p.74)   | Lagoa, lago.   |
| 79 | Ipaw (p.74)<br>I-rĩpaw (p.77)<br>I-tĩpaw (p.82)<br>I-tinĩng (p.82)   | Secar o rio.<br>Rio seco.<br>Secar o rio.<br>Rio seco. |
| 80 | Ĩ-pĩ (p.75)<br>I-pĩ-wĩ (p.76)  | Fundo da água, rio.<br>No fundo da água.               |
| 81 | Ipikwi (p.75)  | Remar.   |

|            |  |                          |
|------------|--|--------------------------|
| <b>82</b>  | I pira-rénaw $\approx$ I-pôr-katu(p.76)          | Rio piscoso (rio rico).  |
| <b>83</b>  | I-pítêr (p.76)                                   | Canal (meio do rio)      |
| <b>84</b>  | I-pupĩr-uhu (p.76)                               | Rio muito largo.         |
| <b>85</b>  | I-pur (p.76)                                     | Fonte, manancial.        |
| <b>86</b>  | Irĩ(k)ĩ-rupi (p.77)                              | Descer o rio.            |
| <b>87</b>  | I-rapê (p.77)                                    | Leito do rio.            |
| <b>88</b>  | I ré'ĩm-katété (p.77)                            | Estirão (rio).           |
| <b>89</b>  | I-rêmé'ĩw (p.77)                                 | A beira do rio.          |
| <b>90</b>  | I-rémĩk (p.77)                                   | Água salgada, salmoura.  |
| <b>91</b>  | I-rĩapu (p.77)                                   | Cachoeira.               |
| <b>92</b>  | Irĩkaw (p.77)                                    | Córrego.                 |
| <b>93</b>  | I-rĩkwákên (p.77)                                | Correnteza do rio.       |
| <b>94</b>  | I-rĩpĩ (p.77)<br>I-tĩpĩ (p.82)                   | Rio fundo.<br>Rio fundo. |
| <b>95</b>  | I-rĩpínétza katu (p.77)                          | Água limpa.              |
| <b>96</b>  | I-rĩrĩk-haw (p.78)                               | Riacho.                  |
| <b>97</b>  | I-tĩng (p.82)                                    | Água turva.              |
| <b>98</b>  | I-tĩpuk (p.82)<br>I-tzororôm (p.82) Olho d'água. | Olho d'água.             |
| <b>99</b>  | Itĩ-uhu (p.82)                                   | Rio está cheio.          |
| <b>100</b> | I-tumatza-pé 9p.82)                              | Rio abaixo.              |
| <b>101</b> | I-wan (p.83)                                     | Mãe d'água.              |
| <b>102</b> | I-wakaw (p.83)                                   | As voltas do rio.        |

### III. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FLORA

#### C) CAMPO LEXICAL DA PRODUÇÃO DA FARINHA

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| Nº | Itens lexicais – Tembé                                      | Significado em Português   |
|----|---|--|
| 01 | ‘A-kwêr (p.22)<br>Hapo (p.54);<br>Īwĩra-rapo (p.87)         | Raiz comestível.<br>Raiz<br>Raízes.  |
| 02 | Amikĩr (p.23);<br>Têzwi (p.263)                             | Grelas, brotos. 0<br>Brôto, nascimento (planta), está brotando, grelar.    |
| 03 | Apê-um (p.29)   | De casca preta.  |
| 04 | Api (p.29)<br><br>Mandiópiu (126)<br>Mani’ôk-piruwê (p.202) | Mandioca podrida, [...] apodrecendo.<br>Mandioca puba.<br>Mandioca murcha. |
| 05 | Hĩk (i)’ar (p.62)   | Pé de (plantas).   |
| 06 | Huwĩ-kāng (p.66)<br>Ma’ê-ru’ă (p. 123)                      | Talo.<br>Olho da planta, talo.   |
| 07 | Iwĩr (p.86)   | Casca, fibra.  |
| 08 | Kāng (p.95)   | Ramo, galho.   |
| 09 | Mani’ĩ-ro(w)(p.126)   | Folha da mandioca.   |
| 10 | Mani’ôk (p.126)   | Mandioca.  |
| 11 | Mandiib (p.126)   | Árvore da maniva, mandioca (planta).                                       |

|           |  |                    |
|-----------|--|--------------------|
| <b>12</b> | Mani'ôk-pirêr (p.126)<br>Mani'ô-pêkwêr (p.126) | Casca da mandioca. |
|-----------|--|--------------------|

**b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembê</b>   | <b>Significado em Português</b>  |
|-----------|---|--|
| <b>13</b> | Î'a (p.66)  | Cabaça, cuia.  |
| <b>14</b> | Ingu'a (p.74)   | Pilão.   |
| <b>15</b> | Ipê (p.75)  | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.  |
| <b>16</b> | Ir(i)-z-akãng (p.78)<br>Iru-z-äkãng (p.79)<br>Panaku (p.182)<br>Paturun (p.183)<br>Manaku (p.125) (p.183) | Cesto.<br>Espécie de cesto que os índios [...].<br>Cesto, jamaxim, paneiro.<br>Patrona, cestinho trançado com fibra de guarumã que se traz a tiracolo.<br>Paneiro, cesta, jamaxim. |
| <b>17</b> | Käwära-péhé (p.99)  | Pá para mexer a farinha.   |
| <b>18</b> | Purupê (218)  | Enxada, enxó.  |
| <b>19</b> | Tépĩtĩ (p.260)<br>Miha-mihaw (p.133)  | Tipiti, expremedouro, prensa, manga para extrair o caldo da mandioca.<br>Prensa para a farinha d'água<br>espremedouro de mandioca.   |

**c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembê</b> | <b>Significado em Português</b> |
|-----------|-------------------------------|---------------------------------|
|-----------|-------------------------------|---------------------------------|



|    |  |  |
|----|--|--|
|    |  |  |
| 20 | Ãtã; u'i-ãtã (p.26)  | Farinha dura.  |
| 21 | Ku'i (p.106)   | Farinha.   |
| 22 | Makatzêr (p.125)   | Macaxeira (esp. de mandioca).  |
| 23 | Mani'ĩ-kwêr (p.126)  | O caldo da mandioca do qual obtém-se a tapioca.                      |
| 24 | Mandiócuí (p.126)  | Pó, farinha, polvilho, resíduo da mandioca.                          |
| 25 | Mézu (p.133)   | Beiju.   |
| 26 | Miapé (p.133)  | Beiju de mandioca.   |
| 27 | Minga'u (p.135)  | Mingau, angu, papa, sopa.  |
| 28 | Tiram Hêta (p.61)  | Farinha de sobra.  |
| 29 | Takaka (p.237)<br><br>Ihĩk (p.70)  | Tacaca, goma feita da massa da mandioca.<br><br>Resina, [...], goma. |
| 30 | Tĩpĩ'ak (p.267)<br><br>Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)<br><br>Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126) | Tapioca.<br><br>Coalho, tapioca.<br><br>Tapioca.                     |
| 31 | Tukupi (p.271)   | Tucupi, esp. de mólho.   |

**d) Nomes das ações e processos<sup>14</sup> que envolvem a prática da produção da farinha;**

| Nº | Itens lexicais – Tembê | Significado em Português |
|----|------------------------|--------------------------|
|----|------------------------|--------------------------|

<sup>14</sup> Nesta tabela destinada aos itens lexicais de ações e processos também constam os verbos em sua forma nominal.

|           |  |   |
|-----------|--|---|
| <b>32</b> | Akwa'ôk (p.21)   | Quebrar os galhos.  |
| <b>33</b> | Äkĩm (p.21)  | Molhado, ensopado, húmido.  |
| <b>34</b> | Êzwi (p.52)<br>Hêm (p.58)<br>Hêzwi (p.62)<br>Mu-zaw (p.166).             | Brotar, grelar.<br>Sair, brotar, nascer, emergir, crescer.<br>Está grelando, brotando.<br>Fazer brotar, florar, abrir (flores). |
| <b>35</b> | Apo'ôk (p.33)  | Desenraizar.  |
| <b>36</b> | Atĩr (p.38)<br>Moatĩr –<br>Mono'õng (p.145)<br>Mu-nĩk (p.161)            | Amontoado.<br>Amontoar<br>Juntar, ajuntar, amontoar, colher, reunir, agrupar, congregar.<br>Fazer, amontoar, pôr em montão.     |
| <b>37</b> | Awkĩ (p.43)<br>Pikwi (p. 196)  | Mexer, remexer, catar.<br>Mexer, remexer, revolver (torrando a farinha).  |
| <b>38</b> | Haw (p.55)<br>Mondok (p.143)   | Cortar, partir.<br>Cortar, quebrar, partir.   |
| <b>39</b> | Hên (p.59)   | Derramar.   |
| <b>40</b> | Hĩwĩ-kay (p.63)<br>(Iwĩ) - ĩwĩkôy (p.85)<br>Käy (p.100)<br>Zihĩr (p.328) | Cavar.<br>Cavar, escavar (terra) fossar para tirar as raízes.<br>Cavar.<br>Cavar.   |
| <b>41</b> | Ho-hôk (p.64)  | Secar.  |
| <b>42</b> | I-pê...ruru (p.75)   | Pondo-se de molho na água   |

|           |   |   |
|-----------|---|---|
|           | Mo-ruru (p.148)<br><br>Mu-p'iw (p.163)  | Fazer amolecer, pôr de molho, fazer inchar ponto de molho.<br><br>Amolecer, tornar-se mole, abrandar.   |
| <b>43</b> | Ip'ik'ôk (p.76)<br><br>P'iköy (p.195)<br><br>P'î'ôk (p.197)<br><br>Za-p'ih'ik (p.300)<br><br>Zap'î-po'o (p.300) | Arrancar raízes, principalmente de [...] mandioca, raízes.<br><br>Fazer uma coisa côncava, Arrancar raízes, cavar.<br><br>Extrair, arrancar raízes (mandioca).<br><br>Arrancar (batatas, mandiocas, etc).<br><br>Arrancar as raízes, arrancar o pé (plantas). |
| <b>44</b> | Iru-wapa'ar (p.79)<br><br>Kupir (p. 107)  | Roçar.<br><br>Fazer Trabalhos agrícolas, roçar.   |
| <b>45</b> | Iw'î-ap'ik (p.85)   | Depositar-se, [...], assentar.  |
| <b>46</b> | K'iy (p. 103)   | Tirar, puxar, tirar a força.  |
| <b>47</b> | Ma'ê-tim (p.124)<br><br>Ma'ê zu-tim (p.124)<br><br>Zé-mi-tim (p.314)<br><br>Zu-t'îm (p.337)                     | Semear, fazer tarefas agrícolas, plantar.<br><br>Semear.<br><br>Semear.<br><br>Semear, plantar, enterrar.   |
| <b>48</b> | Mih'îr (p.133)<br><br>Api (p.29)<br><br>Mu-kay (p.157)<br><br>Mu-n'ik (p.161)                                   | Assar, tostar, queimar, assado.<br><br>Queimar.<br><br>Abrasar, incendiar, queimar.<br><br>Incendiar, queimar, acender, abrasar, inflamar.  |
| <b>49</b> | Mo-î'u (p.141)  | Fazer beber, dar de beber, regar.   |
| <b>50</b> | Mo-ka'a-pir (p.141)   | Fazer capinar.  |
| <b>51</b> | Möngakwa'aw (p.143)   | Fazer crescer, cultivar.  |

|           |  |  |
|-----------|--|--|
| <b>52</b> | Mõngatĩro (p.143)<br><i>Mu-atiro (p.152)</i> | Limpar, pôr em ordem, preparar a roça.<br><i>Trabalhar em conjunto (limpeza de roças, caça e pesca).</i> |
| <b>53</b> | Mõngwaw (p.144)<br><br>Mo-waw (p.150)        | Peneirar, coar, filtrar, passar o crivo, crivar.<br><br>Peneirar, passar o crivo.                        |
| <b>54</b> | Mu-mézu (p.159)                              | Fazer beiju  |
| <b>55</b> | Mu-pupur (p.163)                             | Fermentar.   |
| <b>56</b> | Mu-tĩw (p.165)                               | Fazer plantação de, plantar.   |
| <b>57</b> | Tĩkwar (p.265)                               | Molhar a farinha para fazer chibé, pôr água na comida, fazer chibé.                                      |
| <b>58</b> | Tĩpĩtĩ <sup>15</sup> (p.267)                 | Expremer, tirar líquido por pressão.   |

**e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.**

| <b>Nº</b> | <b>Itens lexicais – Tembé</b>                             | <b>Significado em Português</b>                     |
|-----------|---|---|
| <b>59</b> | Apérêw (p.29)<br><br>Iwĩ-kwâr (p.85)                      | Furo, buraco, covas.<br><br>Buraco (no chão), cova. |
| <b>60</b> | Hiw-kup (p.63)  | Fila, filadeira.                                    |
| <b>61</b> | Iwĩ (p.84)<br><br>Iwy-kaywêr (p.85)<br><br>Iwĩ-ran (p.87) | Terra, solo, chão.<br><br>Terra.<br><br>Solo árido. |
| <b>62</b> | Iwĩ-ätä (p.85)  | Terra socada, Taipa.                                |

<sup>15</sup> É importante frisar que nos itens léxicos registrados no dicionário de Boudin (1966), de fato, há o mesmo verbete usado tanto para ação quanto para nome.

|           |   |  |
|-----------|---|--|
| <b>63</b> | Iwĩ-été (p.85)                              | Terra boa para a lavoura.              |
| <b>64</b> | Iwĩ-maran (p.85)<br>Iwĩ i-a(w)kĩ-haw (p.85) | Terra trabalhada.                      |
| <b>65</b> | Kó (p.103)                                  | Roça.                                  |
| <b>66</b> | Ko-rupaw (p.103)                            | Lugar das roças, local das plantações. |
| <b>67</b> | Kó- kay (p.104)                             | Queimada (roça)                        |
| <b>68</b> | Ko-ram (p.105)                              | Roça futura.                           |
| <b>69</b> | Mani'ôk-tĩm (p.126)                         | Mandiocal.                             |
| <b>70</b> | Tapĩy (p.241)                               | Casa.                                  |

Os itens da obra de Boudin levantados e apresentados no presente capítulo serviram de base para o questionário que foi apresentado aos indígenas colaboradores de pesquisa. A partir deles investigou-se o quanto desse léxico ainda se mantém na língua falada pelos Tembé da aldeia Teko-haw.

## **7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **7.1. Objeto de estudo**

O presente estudo contribui para o conhecimento do léxico da língua indígena Tembé, falada pelo povo indígena Tembé localizado no estado do Pará, mais precisamente na região da Amazônia Oriental. Resulta de minha participação no projeto de pesquisa *Contato Linguístico em Comunidades Indígenas na Amazônia Oriental*, desenvolvido no Campus Universitário de Bragança, no estado do Pará. A pesquisa foi realizada pela pesquisadora num período de 24 meses, entre os anos de 2014-2016, na condição de bolsista da Capes – CNPq e orientada pela mesma professora orientadora desta dissertação.

Este trabalho de pesquisa consiste em um estudo das denominações da fauna e da flora, específica e, estritamente, aquelas ligadas às práticas da caça, pesca e produção da farinha registradas no dicionário de Boudin (1966) com o propósito de averiguar a dinâmica desse léxico ao longo do tempo e, nesse movimento, analisar os possíveis processos de perda

e conservação desse léxico usado pelos índios Tembé, atuais falantes da língua, os quais são bilíngues e vivenciam uma extrema situação de contato com falantes de outras línguas indígenas e da língua portuguesa.

## **7.2. Objetivo da pesquisa**

Conforme já explicitado, o estudo se concentra em analisar ganhos e perdas do léxico referente à fauna e à flora – especificamente os ligados à caça, pesca e produção da farinha - empregado na comunidade indígena Teko-haw, na região do Gurupi da atualidade em comparação com o que foi registrado por Boudin (1966). Este estudo foi viável por causa da existência de registro escrito da língua como o que foi feito por Boudin que produziu uma obra lexicográfica denominada por ele mesmo de *dicionário (1966)*. O autor produziu dois dicionários (Tembé-Português/Português Tembé) nos quais registrou a variedade da língua Tembé conforme falada àquela época pelos índios da região do Gurupí. O volume Tembé-Português foi o utilizado nesta pesquisa.

## **7.3. Local da pesquisa**

Teko-haw é o *locus* específico onde realizamos esta pesquisa, comunidade indígena pertencente ao município de Paragominas, como já foi citado anteriormente. A escolha dessa comunidade deu-se em virtude do que a situação de contato vivenciada pela comunidade possibilita em termos de investigação para a área de estudos de Línguas em Contato. Conforme já mencionado em seção anterior, a comunidade que vive na aldeia Teko-haw vive uma situação linguística conhecida como bilinguismo – uso da língua materna, o Tembé, ao lado da língua de contato, o português.

Desse modo, interessou-nos investigar como as possíveis alterações nas atividades da caça, da pesca e da produção da farinha afetaram o léxico ligado a cada uma dessas práticas. A pesquisa possibilitou analisar como, nesse contexto, os índios Tembé da atualidade denominam itens da fauna e da flora, elementos tão intrinsecamente ligados a práticas de sobrevivência tais como a caça, a pesca, a produção da farinha e de que modo resultados como perda e manutenção, indicam a relação entre a língua e a cultura. Importantes perguntas a que nos fizemos foram as seguintes: a) quanto do léxico das três práticas culturais registrados por Boudin ainda se mantém na língua Tembé? b) o quanto desse léxico se

perdeu? c) como as mudanças culturais afetam o léxico a elas relacionado? d) como as mudanças na natureza interferem nas práticas culturais e vice-versa?

#### **7.4. Colaboradores da pesquisa**

Os colaboradores da pesquisa são moradores da aldeia indígena Teko-haw. Durante a pesquisa de campo contamos com a colaboração de 10 colaboradores, nascidos e criados na própria comunidade. Quanto ao sexo, o grupo de colaboradores foi constituído de 05 homens e 05 mulheres. No entanto, utilizamos os dados coletados de 03 homens e 03 mulheres. Um dos requisitos fundamentais estabelecidos para o alcance dos objetivos foi o de escolher pessoas entre 20 anos e 85 anos, que fossem naturais da comunidade e moradores da mesma, parâmetro de pesquisa que foi atendido. O critério idade foi muito importante para a pesquisa haja vista que as memórias são guardadas e recontadas pelos moradores mais antigos da comunidade. Não obstante esse fato, selecionamos indivíduos de três grupos etários por nós considerados como: a) o grupo de falantes mais idosos (colaboradores entre 65 a 85 anos); b) o grupo de falantes de faixa etária mediana (colaboradores entre 40 a 60 anos; c) o grupo dos falantes mais jovens (colaboradores entre 20 a 40 anos).

#### **7.5. Técnica de coleta de dados**

Os recursos materiais utilizados para coleta de dados foram bastante diversificados. Usamos na pesquisa de campo filmadora, máquina fotográfica, gravador de voz - utilizado com os idosos para melhorar a compreensão do áudio da entrevista em paralelo com a filmadora. O acervo constitui-se de cerca de 24 horas de filmagens, com margem de 30 minutos a 01 hora/30 minutos por entrevista, 1.200 fotos durante a realização das etapas da pesquisa de campo. Como instrumental de pesquisa utilizamos as entrevistas e os questionários abertos e fechados – com perguntas espontâneas durante a pesquisa e perguntas elaboradas previamente - com o intuito de reunir dados pessoais da comunidade e colaboradores, bem como lista de dados lexicais coletados do dicionário de Boudin (1966) para a coleta de dados referentes ao campo lexical da fauna e da flora, além das conversas informais entre colaboradores e pesquisadora, viabilizada pelas narrativas orais existentes na comunidade.

O sucesso na coleta de dados deu-se pela boa vontade dos moradores em colaborar com a pesquisa, assim como pelo tempo destinado pela pesquisadora para a coleta de dados, ou seja, a interação entre os colaboradores e a pesquisadora foi mútua, reforçada pela observação participante da pesquisadora junto aos colaboradores nos afazeres como a produção da farinha, desde o plantio, a colheita, o preparo da massa de mandioca até a torração, bem como no acompanhamento às tarefas narradas referentes à caça e a pesca.

#### **7.6. Período destinado à pesquisa de campo**

A pesquisa de campo durou cerca de dezesseis meses, no período de outubro de 2014 a janeiro de 2016, como atividade do projeto de pesquisa *Contato Linguístico em Comunidades Indígenas na Amazônia Oriental*, conforme já mencionado. Houve momentos de dificuldades para a realização da pesquisa de campo, tais como o difícil acesso à localidade por causa das fortes chuvas que tornaram a estrada alagadiça e quase impossível de trafegar. Por esse motivo, nem sempre nós conseguíamos dispor de transporte apropriado para chegar à comunidade de indígena Teko-haw. Houve dificuldades de acesso à aldeia Teko-haw, também, devido a conflitos internos e externos relacionados à política, à economia e à educação. A situação acabou gerando, também, dificuldades de comunicação com os colaboradores da pesquisa e certo atraso na pesquisa. Não obstante as dificuldades enfrentadas, conseguimos levar a pesquisa adiante, sem maiores transtornos, aproveitando o período em que não pudemos estar em campo para avançar na pesquisa bibliográfica.

#### **7.7. Dados coletados**

O corpus do trabalho é constituído pelo levantamento léxico no dicionário de Boudin (1966) em comparação com os dados fornecidos pelos colaboradores referentes aos campos da fauna e flora. Desse modo temos um conjunto lexical referente à prática da caça; outro referente às práticas da pesca e da produção de farinha.

#### **7.8. Tratamento dos dados**

Neste trabalho apresentamos um levantamento dos itens lexicais levantados do dicionário de Boudin, bem como apresentamos o léxico levantado durante nossa pesquisa de campo e, a partir daí, propusemos uma comparação entre os dois grupos de léxicos. A pesquisa feita em campo adiantada, no entanto, durante o processo da própria análise surgiu à



necessidade de retornarmos a campo para dirimirmos algumas dúvidas que se impuseram. Esclarecemos, assim, que este trabalho se considera completo no âmbito do que se propõe, tendo as seguintes etapas realizadas: a) apresentação dos itens lexicais extraídos de Boudin; b) apresentação dos léxicos colhidos em pesquisa de campo e que correspondem à fase atual da língua Tembé falada no Gurupí, especificamente na aldeia Teko-haw; c) análise dos léxicos levantados em pesquisa de campo; d) análise comparativa entre os léxicos registrados por Boudin e os encontrados ativos na fala dos índios Tembé da atualidade, considerando perda e conservação na dinâmica da língua e sua relação com a dinâmica histórico-cultural do povo Tembé.

### **7.9. Critérios de apresentação e análise dos dados**

As práticas culturais e os elementos lexicais que interessam a esta pesquisa, conforme já mencionado, são as práticas da caça, da pesca e da produção da farinha que reúnem elementos dos âmbitos da fauna e da flora. A intenção foi a de observar a sobrevivência ou não da prática cultural e, junto disso, verificar a sobrevivência ou não do léxico da língua Tembé referente a cada uma dessas práticas. A análise das práticas culturais será feita tendo como base algumas perguntas fundamentais que foram feitas em entrevista durante a pesquisa de campo. A sequência de apresentação e análise dos dados do léxico segue a seguinte disposição: a) análise do léxico referente à prática da caça; b) análise do léxico referente à prática da pesca; c) análise referente à prática da produção da farinha. Ao nos referirmos ao léxico conhecido com ou sem alterações/ estamos nos referindo a modificações que o item lexical tenha sofrido em sua estrutura como perda de material fônico, mórfico etc. Esse léxico é apresentado tomando-se como parâmetro o registro de Boudin. Assim como apresentamos o léxico que é conhecido por todos os indivíduos, acrescentamos também, o léxico que é desconhecido de todos os entrevistados.

## **8. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA**

### **8.1. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E RESULTADOS DAS PRÁTICAS CULTURAIS NA ALDEIA TEKO-HAW**

#### **8.1.1. AS PRÁTICAS CULTURAIS**

As práticas culturais que interessam a esta pesquisa, conforme já mencionado, são as práticas da caça, da pesca e da produção da farinha que reúnem elementos dos âmbitos da fauna e da flora. A intenção foi a de observar a sobrevivência ou não da prática cultural e, junto disso, verificar a sobrevivência ou não do léxico da língua Tembé referente a cada uma dessas práticas.

A análise das práticas culturais será feita tendo como base algumas perguntas fundamentais que foram feitas em entrevista durante a pesquisa de campo, bastante representativas do que buscávamos encontrar.

8.1.1.1. As práticas culturais de caça, de pesca e de produção da farinha como base da sobrevivência alimentar no cotidiano atual dos Tembé da aldeia Teko-haw.

No que diz respeito às práticas da caça, da pesca e da produção da farinha, interessava-nos saber se estas ainda são atividades que garantem a sobrevivência alimentar ou se tal sobrevivência tem sido promovida de outra forma. As respostas podem ser resumidas no seguinte:

#### **a) Manutenção das práticas culturais**

Pode-se notar que os produtos das práticas da caça, da pesca e da produção da farinha ainda são a base da alimentação no cotidiano dos Tembé. Isso pode ser confirmado nos depoimentos a seguir.

Nota-se na fala da Sr<sup>a</sup>. Rute Tembé, a seguir, a indicação de que caçar, pescar e fazer farinha tem o propósito da subsistência.

*Tudinho faz farinha, caça e pesca pra comer (Rute Tembé, 83 anos).*

*Esse cousa ainda dá, gente ainda pratica, ainda faz farinha, caça vai pro mato caçar, sai pra pescar, ainda faz (Uzu, 38 anos).*

O segundo depoimento revela que as práticas ainda são realizadas na aldeia. Acrescentando a observação presencial que disso fizemos durante nossa estada para pesquisa de campo, pode-se afirmar que as atividades de caça, de pesca e de produção de farinha ainda são realizadas na aldeia Teko-haw como estratégias fundamentais de sobrevivência.

*É! É realmente é o que gente é usado né no dia-a-dia da comunidade porque a gente é como nós indígena a gente veve da pesca, caça e da economia daqui mesmo produzido, da farinha tanto pro consumo como pra venda, temos artesanato também, geração de renda (Sandra, 43 anos).*

Como se pode observar, no último depoimento, a prática da farinha também tem fins de comercialização com os não indígenas. As constantes idas ao município de Paragominas, onde os Tembê têm apoio na área da saúde são aproveitadas para transportar a farinha produzida para venda. É importante observar que a venda de farinha é decisão particular de cada um, de cada família e não é uma ação comunitária.

Além desses, há outros depoimentos que reforçam a manutenção da prática cultural entre os Tembê da Aldeia Teko-haw, a qual pôde ser comprovada durante nossa estada entre eles. A própria alimentação desses índios tem a farinha, por exemplo, como elemento que não pode faltar à mesa. Esse hábito alimentar, junto ao gosto pelo alimento, provavelmente, é um dos fatores mais fortes de sustentação da manutenção da prática. É inegável, então, que as práticas da caça, da pesca e da farinha ainda são realizadas na aldeia Teko-haw como base da alimentação.

#### b) Manutenção da prática com diferença nos modos de fazer

Embora seja notável a manutenção das três práticas culturais, nota-se, no entanto, que estas já não são mais realizadas como antes. Observamos uma clara diferença no modo como os mais idosos veem a questão. Os depoimentos a seguir são de indivíduos de idade entre 60 a 90 anos. Nota-se, neles, a percepção que eles têm da mudança nos modos de realizar as três práticas culturais.

*A caça, pesca e farinha faz. De primeira a farinha era feita assim, na prensa, no tipiti, peneira peneirar (Ruth Tembê, 83 anos).*

*Todo mundo, gente fazia farinha, gente plantava tudo, hoje em dia, hoje em dia esse novato mais num fazem do jeito que nós fazia antes, entendeu. E nós antigamente quando era no machado, roçava, derrubava no machado e fazia um alquê de roça, plantava batata, plantava*

cará, plantava esse coisa de macaxeira, plantava melancia, plantava tudo dele (Livino Temb , 76 anos).

O primeiro depoimento rememora os modos como a farinha era feita, os instrumentos utilizados e o segundo destaca como o alimento era produzido e adquirido pela realiza o dessas práticas de caça, pesca e produ o de farinha. Nota-se, claramente, a sensa o que o falante tem da perda nos modos de aquisi o dos itens alimentares.

O final do depoimento do sr. Livino Temb  mostra a observa o feita por ele mesmo das perdas dos antigos modos de realizar as práticas culturais.

Ai nós... isso que era nosso alimento coisa de antigamente que o veio fazia, que nós fazia, então hoje em dia, nós tamo isso que eu to dizendo, nós tamo perdendo tudo, perdendo tudo (Livino Temb , 76 anos).

c) Variedade dos alimentos adquiridos por meio do cultivo

Quanto à variedade dos alimentos adquiridos por meio do cultivo, há uma observa o relatada dos mais antigos em rela o aos mais jovens, os mais antigos observam que há uma diferença referente ao modo e ao comportamento dos mais jovens em adquirir alimentos por meio do cultivo, do passado para o presente.

*De primeira nós plantava feijão, arroz, cará, melancia, cana, hoje gente compra n . Trabalhava na roça eu e o papai plantava antes arroz, feijão, cará, macaxeira, batata, cana, mandioca (Ruth Temb , 83 anos).*

Há uma crítica sutil no depoimento desses falantes, ao modo como as práticas alimentares do passado foram sendo alteradas, havendo o abandono da feitura de certos alimentos que hoje são comprados.

*Não planta mais cará, não planta mais melancia, não planta mais batata, não planta mais nada. Cana também fazia garapa, fazia mel, fazia rapadura, hoje em dia não se faz mais, isso ai ta si perdendo, eles vão perdendo já, tudinho. Antigamente nós fazia, os veio fazia (Livino Temb , 76 anos)*

O que se pode perceber, nas observa es dos mais antigos, é de que, no tempo atual, os mais novos não estão dando continuidade àquilo que os mais velhos faziam em termos de cultivo de certos itens alimentares no passado. Não se plantava apenas a macaxeira. Ao lado desta, havia outros elementos que também eram cultivados. Além disso, nota-se

como eles transformavam os elementos plantados em novos alimentos como a rapadura, o mel e que, por isso, a mesa do índio também era mais variada e mais farta.

d) A inserção de alimentos comprados e produzidos na cidade

Nota-se que o consumo de grande parte dos alimentos que eram comuns na mesa dos antigos, feitos por eles mesmos, ainda permanece. Vê-se, no entanto, que os alimentos industrializados já fazem parte da alimentação.

*Gente da muitas vezes gente usa várias vezes esse material que é industrializado sempre no final do ano que tem as festas né, tem as pessoas que vezes fazer como é festa do final do ano, pra natal quer fazer uma comida uma comemoração boa aí se reuni pra fazer uma festa cada um faz a sua parte pra colaborar no final do ano refrigerante, açúcar, preparação de bolo, farinha de trigo, manteiga, arroz, feijão, macarrão, café, leite, sopa (Sandra Tembê, 43 anos).*

*Agora que já está civilizado já compra açúcar, café, arroz, feijão, pão (Uzu, 38 anos).*

Pelo depoimento, observa-se que, fora do âmbito familiar, numa festa, por exemplo, o alimento industrializado já tem o seu lugar. Nota-se o refrigerante, o açúcar, o trigo, a manteiga, o arroz, o feijão, o macarrão, o leite etc, fazendo parte da mesa comunitária. Nota-se, na fala do próprio indígena, a expressão “civilizado” para justificar que é por isso que, atualmente, compram os alimentos mais básicos à sua mesa em vez de, eles próprios, produzirem.

Os dois últimos depoimentos apresentados acima são de indígenas de idade mediana e, no discurso deles, a admissão de que as coisas mudaram, não vem acompanhada de sentimento de perda, parece uma constatação pacífica, ao passo que, no discurso dos mais velhos, a carga de sentimento de perda é mais forte.

O sr. **Livino Tembê, 76 anos**, testemunha como a natureza era o local onde todo o alimento podia ser encontrado.

*Sim, nós compra né, arroz, feijão e açúcar, café e tudo gente compra, conserva, antigamente gente não comprava isso em canto nenhum tem ai no mato. Nós compra porque quer né, depois que acostumou comprar gente compra*

Neste último depoimento, o indígena admite que não haveria necessidade de comprar certos alimentos que, na atualidade, são comprados, já que tudo estaria disponível

“no mato”, como diz ele. Ele assevera que comprar não é exatamente uma necessidade, mas tão somente uma decisão que acabou virando costume.

8.1.1.2. As práticas culturais da caça, da pesca e da produção da farinha como uma prática familiar

*Todo mundo. Faz meno que ante, mais faz (Livino, 76 anos)*

*Todas daqui pesca, caça e faz farinha. (Roberto, 56 anos)*

*Olha, aqui, no geral, quase todos né, caça, pesca e faz farinha (Sandra, 43 anos)*

*Aqui é a maioria faz farinha. Na minha casa caça, pesca e faz farinha (Uzu, 38 anos).*

Faz parte da observação cotidiana o fato de que a produção de farinha, em alguns lugares, deixou de ser uma prática familiar depois que o produto passou a ser industrializado e comercializado, mas ainda se mantém em muitas comunidades do interior. No caso da aldeia Teko-haw, essa prática ainda se configura como uma prática familiar. Cada família produz a farinha que deve suprir a sua necessidade. Até a farinha produzida com fins de comercialização é feita no âmbito familiar. E há a participação de todos, sem distinção de gênero ou faixa etária. A presença das crianças nas casas de farinha é bastante comum.

Quanto às atividades de caçar e pescar, estas também são práticas decididas no seio da família, mas não, necessariamente, são realizadas por famílias específicas como é o caso da prática da farinha.

8.1.1.3. A regularidade das práticas culturais de caça, de pesca e de produção da farinha

*A gente caça duas vezes na semana, pesca quase todo os dia já, a farinha, faz uma vez na semana, depende da mandioca e faz pa durar a semana toda. (Roberto, 56 anos).*

*Nós caça, pesca e faz farinha. Caça e pescamos dois dia na semana e faz farinha, muita muita farinha, uma vez no mês, pra família toda e pro parente. (Uzu, 38 anos).*

*Em casa caça uma vez na semana, os homens se junta e vão. Na pesca é todo dia dá vontade vai pesca, faz farinha toda semana para comer e para vender né (Esposo da Sandra, Antônio)*

*A produção da farinha é assim, não é todo dia e nem semanal, às vezes ele tira assim como agora no mês de dezembro, esse mês fazer uma preparação de farinha pra venda e pra consumo aquele tempo, aí faz, né, uma quantidade que serve pra o consume e pra venda, aí pronto, pára de novo, aí quando tá acabando, aí que eles faz de novo. (Sandra, 43 anos)*

Das três práticas culturais nota-se que a que é feita com uma frequência maior é a pesca. Certamente que a proximidade com o rio, a maior disponibilidade do elemento procurado (peixe) e a relativa facilidade de realização da prática parece favorecer que esta seja feita com mais regularidade. A frequência com que pescam pode ser de dois dias na semana, mas pode ser até diária.

A prática da caça parece reunir mais complexidade, e exige, por isso, uma habilidade maior para realizá-la. Além disso, some-se o fato de o elemento procurado não ser tão disponível como o é o peixe. A devastação ambiental também tem gerado uma escassez de animais comestíveis, o que requer mais tempo no mato. Prova disso é que a caça é tarefa desenvolvida por homens. A frequência é de duas vezes na semana.

Quanto à produção da farinha, nos trechos acima, vê-se que a frequência com que é feita varia entre produção diária, produção semanal e produção mensal. No depoimento a seguir, encontramos um dado a mais: nota-se que a frequência da prática está relacionada à necessidade que cada família tem do produto. Se o produto acaba, faz-se farinha. Assim, o que regula a frequência da produção é a necessidade de consumo. Então se vê que essa prática ainda é muito necessária, porque atende a uma necessidade básica da alimentação familiar, mais do que para fins de comercialização.

#### 8.1.1.4. Os agentes da caça, da pesca e da produção da farinha

Ao observarmos os agentes envolvidos nas três práticas culturais vimos que a distribuição de agentes nessas práticas, ainda segue, bem de perto, a distribuição mais antiga conforme informado pelos entrevistados.

Quanto à atividade de caçar, ainda hoje é uma tarefa masculina, mas a mulher pode ir junto para fazer companhia, embora não realize, por assim dizer, a atividade. É o que os depoimentos nos revelam:

*Us homens que caça, a mulher não. Só os homens que caça, né, a mulher não. A mulher não sabe caçar na mata, só homem. (Ruth, 83 anos)*

*Só o homes (Livino, 76 anos).*

*Os homens, ás vezes a mulher vai junto, num caça não (Roberto, 56 anos).*

*Os homens, as mulheres não caçam (Sandra).*

*Aqui que eu vejo só os homens (Uzu, 38 anos).*

No caso da pesca, o padrão antigo foi alterado. Hoje essa prática conta com mais agentes para sua realização.

*Antigamente só era os homem. Hoje todo pesca aqui (Ruth, 83 anos).*

*O homem, a vezes a mulhé vai junto né, pa ajudar (Livino, 76 anos).*

*Os homens, as mulheres e as crianças de dia e de noite (Sandra, 43 anos). É tudo, homem, mulher, criança (Uzu, 38 anos).*

Apesar da alteração do padrão com a participação de novos agentes na prática da pesca, nota-se que ainda restam resíduos da visão de que a mulher não é um agente muito apropriado para a realização da tarefa de pescar. Isso pode ser observado no depoimento a seguir quando ao informante se pergunta sobre “quem pratica a pesca” na aldeia.

*O homem, mulher só presta por jacundá no rio. (Roberto, 56 anos).*

Na fala do sr. Roberto há a assertiva de que a tarefa de pescar é do homem. A mulher, quando muito, nesse particular estaria apta apenas para lidar com um tipo de peixe simples como o “jacundá”.

No que diz respeito à produção da farinha, há uma certa divisão de opiniões quanto aos agentes que realizam a tarefa. Segundo dona Rute Tembé, uma senhora da terceira idade, a farinha é feita pelos homens por causa da distância entre a roça e a casa.

*Os homens que faz farinha, porque a roça é longe (Ruth, 83 anos).*

Assim, esse distanciamento das atividades da casa, seria mais apropriado aos homens. O que se pode inferir, nesse depoimento, é que, nos casos em que a roça fica distante da casa, os homens é que realizam a atividade. Pode ser, também, que ela esteja se referindo ao padrão mais antigo vivenciado por ela já que, no presente, por causa da idade, ela já não realize tal tarefa e tenha falado baseada na memória de como as coisas eram feitas no passado.

Não é o que revela outro informante da terceira idade, o sr. Livino Tembé. Segundo ele, a tarefa é liderada pelos homens e à mulher cabe a tarefa de ajudar, assumindo um papel coadjuvante. Nota-se que ele refere-se ao passado, mas como o domínio dos tempos



verbais pelo informante não é pleno, acaba usando também, verbo no presente e por isso, pode-se inferir que ele esteja se referindo aos tempos atuais.

*O homem faz farinha e a mulher ajudava, espremia, coa (Livino, 76 anos).*

Reforçando a ideia de que a presença da mulher na feitura da farinha já era realidade no passado, temos o depoimento a seguir:

*Homem e mulher faz farinha hoje e antes também (Uzu, 38 anos).*

A informante de idade mediana assevera que a tarefa é realizada tanto por homens quanto por mulheres. Nota-se que pode ter havido uma alteração na distribuição dos agentes realizadores da tarefa.

*Homem e mulher (Sandra, 43 anos).*

A presença da mulher na produção da farinha é bastante enfatizada no depoimento a seguir, não mais como coadjuvante, mas como protagonista.

*A mulher e os homens faz farinha, a mulher que faz mermo (Roberto, 56 anos).*

Assim os depoimentos apresentados revelam que, atualmente, é na produção da farinha que a distribuição de agentes na atividade sofreu mais alterações. A atividade de pescar também conta com alterações, ficando a prática da caça como uma atividade realizada, quase que, exclusivamente, pelos homens, sendo a que, nesse particular, sofreu menos alteração.

8.1.1.5. Os modos de se realizar a prática da caça na atualidade (instrumentos, armadilhas, os lugares de caçar)

Nas seções anteriores fica bem evidente que a prática da caça ainda é uma atividade que se mantém no cotidiano dos índios Tembé da aldeia Teko-haw. Uma das questões que importava saber era se os modos de realização da caça, no que diz respeito às técnicas e aos instrumentos utilizados ainda são os mesmos e quais alterações podem ser encontradas nesse aspecto.

a) Instrumentos e armadilhas utilizados na prática da caça

Os instrumentos que ainda hoje são utilizados na atividade da caça são os seguintes: flecha, facão, espingarda, arco e bodoque. No passado, o arco e a flecha eram os mais usados e a espingarda o menos usado. Com o tempo, a espingarda veio a assumir o lugar de instrumento mais usado e o arco e a flecha, embora ainda existam, assumem o lugar de menos usado. Nota-se, assim, o aparecimento da arma utilizada pelos não indígenas assumindo o lugar principal.

*De primeiro não era espingarda, era flecha, o arco. De primeiro armadilha ninguém usa, não (Ruth, 83 anos)*

O botoque usado na ponta das flechas para caçar pássaros ainda é conhecido e, segundo os indígenas, ainda é usado.

Ao investigarmos quais armadilhas são usadas para a captura de animais, nota-se que a coelheira registrada por Boudin (1966) já não é mais conhecida pelos índios entrevistados. Apenas o mais velho afirma que a coelheira ainda existe e é usada. O depoimento deste indígena, no entanto, é contrariado pelo depoimento dos demais, um dos quais reconhece a existência da coelheira, mas observa que ela não está mais entre os instrumentos de captura de animais. Inferimos que o indígena mais velho usou a forma verbal no presente para indicar a existência da coelheira em si, sem, necessariamente, estar referindo-se à presença dela na atualidade como instrumento usado na aldeia.

O visgo utilizado para pegar pássaros ainda existe na aldeia, mas um informante não o reconhece. Quanto ao tapume, a maioria dos informantes diz que este já não existe mais. A gaiola, por sua vez, ainda é um instrumento usado para prender pássaros capturados. No caso da arapuca, uma espécie de cesto feito de paus para pegar pássaros, ainda é usada, segundo a maioria, embora um dos informantes afirme que já não se faz mais arapuca.

b) Os lugares de caçar

Considerando que o problema ambiental tem interferido nos modos de vida das comunidades tradicionais como as indígenas, por exemplo, certamente que a prática da caça sofreu fortes impactos. A invasão das terras indígenas por madeireiros e fazendeiros, bem como a devastação ambiental, tem sido os principais responsáveis pela alteração dos espaços onde vivem os animais e pela diminuição das espécies disponíveis para a prática da caça. Quando inquiridos sobre os lugares onde caçam, os indígenas mostram que a caça tem que ser

feita muito no interior da mata. Alguns animais de menor porte que eram capturados na mata mais próxima já não são mais encontrados nesses espaços.

*Só na mata né, dentro do mato mermo, anda muito (Ruth, 83 anos).*

*Se caça longe de casa, muito dentro da mata (Roberto, 56 anos).*

*No mato, gente mora na mata, né (Sandra, 43 anos).*

*Caça subindo na mata seguindo o rio. É descendo é subindo, do outro lado do rio (Livino, 76 anos).*

*No mato mermo (Roberto, 56 anos)*

*Mato dentro (Sandra, 43 anos).*

*Feito na mata mesmo (Uzu, 38 anos).*

Nos depoimentos a seguir os informantes revelam a dificuldade de se encontrar os animais de modo que se gasta mais tempo na atividade. A dificuldade tem feito com que certos animais capturados sejam vendidos por um valor alto, na concepção do indígena.

*Mata dentro, demora achar. Gente vem caçar muito bicho e leva muito... aí difícil achar caça, tem gente que vende muito dinheiro (Livino, 76 anos).*

*Antigamente gente saía no mato quando era ante de onze hora chegava trazia caça, era rapidinha, era só na mata que caçava, rapinho achava, pendia, matava e trazia, hoje é mais difícil tem que andar muito dentro da mata e demora. Muita queimada e entra na nossa terra fez a caça muito e sumiu (Ruth, 83 anos).*

Nota-se, no último trecho, que a informante atribui o sumiço e escassez dos animais a invasões e queimadas perpetradas por invasores.

Ainda uma outra interessante observação é a encontrada no depoimento a seguir em que o informante menciona o fato de que também se faz a caça em casa com os animais que são trazidos da mata e criados por eles.

*A caça é feita na mata, dentro de casa também com os bicho que cria (Uzu, 38 anos).*

Os modos de se realizar a prática da pesca na atualidade (instrumentos, armadilhas, os lugares de caçar).

Uma dada prática para ser realizada acontece cercada de um conjunto de escolhas que envolvem o tempo, os lugares e os instrumentos a serem utilizados naquela dada atividade. No caso da pesca, entre os Tembé, nota-se nos depoimentos a seguir, os horários escolhidos para uma boa pescaria conforme os de mais idade.

*As vedes que a gente saia, saia de manhã cedinho saia ia pesca (Livino, 76 anos)*

*Pescar ia cedinho pa chegar cedo com o peixe pa comer (Roberto, 56 anos).*

Vê-se, nos trechos acima, a preferência dos mais velhos pelo horário da manhã, bem cedo. Inclusive, o informante mais idoso assevera no trecho a seguir que não se pescava de noite.

*Pescava de dia, só homem, pescava no rio de dia, de noite não (Livino, 76 anos).*

Ao compararmos o depoimento do informante mais velho com o depoimento do informante mais jovem, nota-se uma mudança. Neste, nota-se uma maior flexibilidade de horários para a atividade da pesca.

*Pesca pra mim gente é mais costumado pescar de manhã ou à tarde e também à noite no rio Gurupí (Uzu, 32 anos).*

A observação do tempo escolhido para a realização de uma atividade como a pesca, por exemplo, pode estar relacionada a crenças, a tabus culturais, a questões de praticidade de aproveitar o tempo para chegar com o alimento em tempo hábil ou ao conhecimento que o povo reúne sobre o funcionamento da própria natureza, como o tipo de peixe que se deseja capturar, os horários em que o peixe pode ser encontrado com mais facilidade de modo que, adaptando-se à natureza, pode obter mais sucesso na tarefa. No caso dos Tembé, notamos que a escolha dos horários está mais relacionada a questões de praticidade, a de sair cedinho para voltar logo com o alimento, e de necessidade, por exemplo: o tempo disponível que o índio tem e a necessidade de alimento pode fazê-lo encarar a noite para aplacar tal necessidade, quebrando-se, assim, um tabu cultural, se for o caso, em nome da necessidade.

Essas são mudanças sensíveis, mas que denotam a dinâmica da cultura em virtude de mudança em outros aspectos da vida do indígena.

Em se tratando dos modos de pescar e dos instrumentos utilizados, houve unanimidade na afirmação de que, no passado, pescava-se com *flecha* inicialmente.

*Usava só flecha, nossa arma de antigamente era só flecha, ia só homem. A pesca era de flecha, de anzol, era assim. Armadilha precisava não, tinha muito peixe. Pescava de dia, só homem, pescava no rio de dia, de noite não (Livino, 76 anos).*

Nota-se, nos depoimentos, que, com o tempo, foi havendo a inserção de novos instrumentos como o anzol, as armadilhas, a rede e a malhadeira.

*Hoje em dia gente pesca com anzol, com malhadeira (Uzu, 38 anos).*

Hoje, o instrumento mais usado no passado, a flecha, perdeu o seu espaço, deixando de ser usada.

*Pescar ia cedinho pa chegar cedo com o peixe pa comer, antigamente era só com flecha que pescava, depois usou anzol e rede né. Agora gente pesca com anzol, malhadeira rede né de pescar, não usa mais flecha (Roberto, 56 anos).*

Entre as armadilhas usadas, ainda se faz o *tapume*, o *cacuri* e o *matapí*. Entre os entrevistados, um, apenas, afirma que essas armadilhas já não estão mais sendo feitas, o que, para nós, é um indicador de que o uso já não tem grande regularidade.

Ao serem interrogados se ainda faziam uso das plantas conhecidas como *timbó* e *cunambi*, plantas que contém uma substância que embriaga os peixe, favorecendo-lhes a captura, todos foram unânimes em afirmar que ainda se faz uso desse modo de pescar.

c) Os lugares de pescar

Os indígenas da aldeia Teko-haw, podem contar com outros lugares além do rio Gurupí para a realização da pesca. Pescam no rio Gurupí, mas também nos igarapés, nos lagos, em represas etc, fazendo uso das canoas, usando, em certos casos, os peixes menores como isca.

*Antigamente, se pescava na beira do rio, hoje também (Ruth, 83 anos).*

*Onde tem peixe nós pesca, rio, igarapezinho e ainda tem hoje (Livino, 76 anos).*

*Pesca no rio de canoa, linha e anzol, peixe pequeno corta e joga no rio quando vem o pacu flecha. Agora não, esse daqui não tem frecha, se tivesse frecha (Roberto, 56 anos).*

*Sim, igarapezinho, rio gurupí, tem peixe (Sandra, 43 anos).*

Conforme um dos entrevistados, eles costumam pescar num espaço específico a que eles chamam de *puçã*. O *puçã*, para eles, é o local onde os peixes se concentram, facilitando-se, assim, a captura.

*É gente pesca em todos, é que tem o rio, gente diz que, aí tem o nome, gente chama o nome **puçã** é o lugar que pra nós onde os peixes fica mais ali né, puçã, aí nó vai pescar só aí. Tem outros que é o lago, a represa, gente também pesca, no igarapé também quando esse tempo essa época os igarapé tão tudo seco aí fica essa represa, aquela poços de água (Ipaw'ai) de água onde fica peixe (Uzu, 38 anos).*

Nota-se que a prática da pesca é bastante favorecida pela presença do rio que passa bem em frente à aldeia, cuja proximidade facilita a regularidade da pesca e a realização desta por vários agentes diferentes.

8.1.1.6. Os modos de se realizar a prática da produção da farinha na atualidade (os espaços da roça, vegetais usados como matéria-prima, instrumentos usados).

a) Nomes dos espaços específicos para a atividade da farinha? (roça, poço, casa da farinha).

A farinha, para ser produzida, na aldeia Teko-haw, acontece em três espaços diferentes: a roça, o poço (rio, igarapé, lago etc.) e a casa de farinha.

*Tira mandioca da roça (kô) leva par o poço (ipü(ô)rami) aí leva para casa de farinha (tapïyhépi) (Ruth, 83 anos).*

*Gente pega a mandioca da roça (kô) vai para o poço (mïkwara) que é no rio também aí vai para a casa da farinha (Tupïypi) (Ruth, 83 anos).*

Segundo o sr. Roberto, no depoimento a seguir, a farinha ainda é feita como antigamente, ou seja, os modos de fazer farinha ainda são mantidos na aldeia Teko-haw.

*Faz ainda como antigamente, vai buscar mandioca na roça (kô), leva para ficar de molho tira no poço (Ipaw'ai) do rio e depois de três dias bora pa casa de farinha (Tupérapï) (Roberto, 56 anos).*

b) Os vegetais usados como matéria-prima

O vegetal principal usado como base para a produção da farinha, a mandioca, ainda é cultivada na aldeia Teko-haw. Desta, aproveita-se o talo que serve de alimento aos animais e é o que se usa para fazer o plantio. As folhas da mandioca não são usadas na alimentação pelos indígenas, dessa forma não usam essas folhas de maniva para fazer o famoso alimento consumido pelo paraense chamado de maniçoba, portanto maniçoba não faz

parte do cardápio alimentar desses indígenas, ou seja, este não é um hábito alimentar adotado pelos Tembé. A raiz é o que é utilizado para extração da massa que se transformará em farinha. Os depoimentos a seguir confirmam isso:

*Mandioca, talo para plantar (Ruth, 83 anos).*

*Mandioca: Faz a farinha; Talo: comida dos porcos, galinha e plantar também; As folhas: gente deixa apodecer no mato mesmo (Livino, 76 anos).*

*Só a mandioca pa fazer farinha, o talo planta e a folha joga fora (Roberto, 56 anos)*

*Talo: usa pra fazer replanti; Folhas: faz nada;Mandioca: faz farinha(Sandra, 43 anos).*

*Mandioca: faz farinha.Talo: usa pra já pra plantar na outra roça que for feita; Folha; não é usada (Uzu, 38 anos).*

c) Os modos de fazer a farinha

Nos excertos a seguir os entrevistados descrevem a sequência do processo de produção da farinha que, após o plantio e o amadurecimento da raiz, obedece à seguinte sequência: arrancar a mandioca; pôr a mandioca de molho; descascá-la; transportá-la para a casa de farinha; amassar a mandioca; pôr na prensa/ no tipiti; peneirar a massa; pôr a massa no forno; mexer a massa; torrar a farinha.

*Pra fazer farinha gente vai um dia na roça aí passa quase o dia todo arrancando a mandioca carregando pra botar de molho na água aí durante uns três, quatro dia torno volto lá mecher com a mandioca aí ta mole descasca tudinho ai carrega bota lá, machuca ela, bota na prensa depois coou aí vai jogar pro forno pra fazer a farinha(Uzu, 38 anos).*

*Vai lá na roça, traz a mandioca, bota na água deixa amolecer, gente faz aquele poceiro no garapé aí boto dento, quando a mandioca fica mole, molinha, aí vai descascar, tira da água bota na camélia vai machucar aí bota no tipiti aí acabou de espremer aí vai pa peneirar peneira tipo um quatro assim pa peneirar e depois de peneirar aquele forno já está quente bota fogo de baixo para esquentar, antigamente era cimento no lugar do metal do forno (Ruth, 83 anos).*

*Pá fazer farinha, gente plantava até quando madurava ai nó botava dento água, torrava aí tirava tapioca botava aí pronto fazia farinha, fazia farinha botava aí pronto, gente ia comer devagar até quando ia acabando fazia de novo, era assim. A mandioca vinha da roça, ia pro rio mermo banhar, ia pa casa de farinha, empanhava no paneiro, usava tipiti era assim (Livino, 76 anos).*

*Fazer farinha sempre, quando vai acabar a farinha ia na roça, pegava mandioca bota no rio, molece e levava pa casa de farinha, espremia no tipiti, peneira e bota no fogo pa torra, mexe e mexe torrar (Roberto, 56 anos).*

*A produção da farinha é assim não é todo dia e nem semanal, as vezes ele tira assim como agora no mês de dezembro esse mês fazer uma preparação de farinha pra venda e pra consumo aquele tempo aí faz né uma quantidade que serve pra o consume e pra venda aí pronto para de novo aí quando ta acabando aí que eles faz de novo. Eles pega mandioca na roça põe na água aí amolece né depois tira aí faz a massa coloca no tipiti aí depois que enxugar aquela massa aí penera aí que vai forno pra torrar, aí mexe até secar (Sandra, 43 anos).*

#### 8.1.1.7. A fauna disponível para a prática da caça e usada na alimentação<sup>16</sup>

No que diz respeito aos animais que, atualmente, são capturados pela prática da caça e usados na alimentação dos Tembé da aldeia Teko-haw conta-se com os seguintes: cutia, veado, macaco, carumbé (jabuti), porco espinho, coati, paca, tatu, queixada, jacaré, jabuti, anta, entre outros.

Os animais de maior porte, ainda usados na alimentação, atualmente, são: o veado, a queixada, o jacaré e a anta entre outros. No entanto, é notável que os fatores causados pela devastação ambiental sofrida na reserva indígena Teko-haw tem acarretado a diminuição desses animais de porte maior.

Os colaboradores masculinos, em uma conversa informal com a pesquisadora, ressaltam que o jacaré é caçado para servir de alimentação. Detalham que o abate do jacaré é feito em terra, pois é um predador do reino animal que apresenta vulnerabilidades em terra. Embora se imagine que o jacaré seja um animal que vive primariamente na água, não se pesca ou abate um jacaré na água por ser predador forte no seu habitat natural.

Os animais de menor porte como a cutia, o macaco, o jabuti, o tatu, o porco-espinho, o coati, a paca também já são caças difíceis de se encontrar atualmente. É preciso caminhar por horas dentro da mata, longe da aldeia, para encontrar uma dessas presas. Essas dificuldades encontradas atualmente estão relacionadas à devastação ambiental na reserva, como queimadas provocadas por fenômeno natural ou ações humanas, aberturas de estradas que causam aterramentos de rios, caça predatória (comercio exorbitante de animais silvestres) e outros fatores que influenciam na escassez de animais usados na alimentação pelos indígenas.

---

<sup>16</sup> Nos apêndices está disponível a tabela completa referente à fauna e a flora com todas as respostas dos colaboradores entrevistados nesta pesquisa.



Além desses animais conta-se também com aves bastante procuradas como: papagaio, gavião, maçarico, saburu, periquito, ema, jaçanã, graúna, martim-pescador, jaburu (ema), bico de brasa, arara, aracuã, maracanã, sabiá, curica, socó, surucuá, nambu, marreco, mergulhão, cigana, andorinha, tucano, juruti (pomba), akuru, cigana, jacamim, jacu (cujubim).

Há animais que são capturados vivos para serem domesticados e, posteriormente, usados para alimentação como anta, jabuti, arara, papagaio, pavão, periquito, udu, curica, tucano, jaburu, jaçanã, ema (outro tipo de pássaro que não a ema tradicionalmente conhecida), entre outros.

Porém, esses mesmos animais que são capturados vivos e são domesticados, às vezes, não são usados na alimentação. A não degustação desses animais, nesses casos, está relacionada a questões afetivas estabelecidas entre o dono e o animal domesticado, ou seja, esses animais quando alcançam o papel de animal integrante da família indígena não são usados na alimentação. Esses animais são a anta, jabuti, macaco, udu, pavão, papagaio, periquito, ema, jaçanã, graúna, martim-pescador, jaburu (ema), arara, aracuã, maracanã, sabiá, curica, socó, surucuá, nambu, tucano, juruti (pomba), akuru, jacamim, jacu (cujubim) entre outros.

Também há os animais que são caçados e mortos por necessidade de segurança e por serem considerados perigosos como a onça, o gato maracajá e outros.

A caça de aves é feita por motivos diversos. Existe a caça praticada apenas para a busca de matéria-prima para as atividades artesanais. As penas de aves são altamente desejáveis pela sua beleza e utilidade na feitura de alguns artefatos como brincos, colares, cocares, entre outros, adereços que são, comumente, usados nas festas dos índios Tembé, por exemplo, A Festa da Moça, uma festa que constitui um rito de passagem. A maioria das aves tem essa utilidade. Por isso aves como papagaio, gavião, maçarico, saburu, periquito, ema, jaçanã, graúna, martim-pescador, jaburu (ema), bico de brasa são bastante procuradas. Em outros casos, a caça de aves ocorre, porque, tanto a carne da ave é usada na alimentação como os seus anexos são utilizados para atividades manuais como é o caso da arara, aracuã, maracanã, sabiá, curica, socó, surucuá, nambu, marreco, mergulhão, cigana, andorinha, tucano, juruti (pomba), akuru, cigana, jacamim, jacu (cujubim).

#### 8.1.1.8. A fauna disponível para a prática da pesca e usada na alimentação

No que diz respeito à fauna disponível para a prática da pesca e usada na alimentação, conforme os entrevistados, atualmente pode-se contar com uma certa variedade de peixes como acari, acará, sarapó (esp. Gurupi), bodô, jejú, lambari, uéua, cascudo, acuanã (esp. Gurupi), piaba, bagre (mandi), mandubé (esp. Gurupí), anujá, pacu, coaca, traíra, jandiá, suribim, pirapucu, aracu, panaré, jacundá, jandiá e os crustáceos camarão e caranguejo.

Os colaboradores demonstram grande conhecimento sobre os peixes pertencentes à região e ao rio Gurupi. Conseguem distinguir os peixes que pertencem a outras regiões, como o caso de peixes existentes no rio Pindaré e peixes existentes em marés. Segundo eles, o acarau-açu e dourado e o Tucunaré são peixes de água salgada, o mexilhão é de maré, o Curimatá, a Gurujiba e o Puraquê pertencem à região do Pindaré. Segundo eles, a raia/arraia não é própria da região do Gurupí.

Conforme os indígenas, o rio ainda é o local de onde o alimento ainda pode ser retirado. A prática da pesca oferece menos dificuldade que a caça, resultando disso o fato de a pesca ser mais praticada que a caça.

#### 8.1.1.9. Os produtos resultantes do processo da produção da farinha e usados como alimento dos Tembé

Há alguns produtos resultantes do processo de produção da farinha usados na alimentação os quais foram elencados pelos colaboradores. Incluímos entre esses produtos, alguns que não fazem parte do cardápio alimentar dos Tembé da aldeia Teko-haw.

##### a) Tapioca

A tapioca, para os colaboradores da terceira idade, é a massa branca retirada da mandioca em seu estado antes de ter passado por processo de cozimento. Para esses colaboradores, a massa branca torrada e pronta no forno são chamadas de beiju e é feito no mesmo forno usado para torrar a farinha de mandioca.

*Tapioca gente tira pa fazemo a farinha tira aquele corocinho aí faz e torra no forno, pó branco para aí fazer Tapioca (Ruth, 83 anos).*

*Tupi'ak gente rala depois rala tira na peneira, tira bota água dentro, tira aquela tapioca, a goma, e tira e depois bota água tudinho deixa lá senta depois tira quem quiser torrar torra*

*tapioca torra quem quiser é beiju mermo no forno. A tapioca é a massa branca (Livino, 76 anos).*

Nota-se que, tanto para os entrevistados de faixa etária mediana, quanto para os da terceira idade, a tapioca (*Tupi'ak*) é a massa branca obtida e extraída da mandioca. Observa-se na fala do Sr. Roberto que este evidencia em sua fala que a tapioca não é o *medu* (português - beiju), o produto alimentar pronto para ser ingerido.

*Rela, tira aquela mandioca, depois pega água pa botar um pouco de água naquela mandioca ralada né, aí vai mexendo aí aquela água ta caindo aí já com já com aquela cousa é água branco já é o couso. A tapioca é feita no forno. A tapioca não é medu não, tapioca gente peneira tira aquele vasilha grande né, tem mandioca muito mandioca tira na água espreme aquela que já ta ralada aí vai saindo tapioca aí tem que botar água, né, deixar sentar, né, aquela tapioca, aí quando ele sentada aí tira aquela água aí bota outra pa boder lavar pa não ficar azedo. (Roberto, 56 anos).*

No relato da colaboradora Sandra usa-se o termo *tapiquinha*, no sentido diminutivo para se referir ao beiju feito na frigideira e no fogão, aos moldes dos não indígenas.

*Tapioca aqui gente tira a mandioca, rala, aí lava a massa pra tirar a goma. Gente custuma fazer a farinha. Tapiquinha, faz na frigideira (Sandra, 43 anos).*

O colaborador Uzu detalha a retirada da tapioca que, para ele, é a massa branca. E à massa branca, chamada de tapioca, depois de assada no forno de farinha é chamada de beiju, sendo produto alimentar pronto para ingerir.

*A tapioca é assim, vai na roça nós, pega mandioca rala, aí tira aquele tucupi da mandioca ralada, aí vai espremendo vai juntando aquele tucupi numa vasilha aí com um bom tempo a tapioca já começa a ficar no fundo da vasilha, a tapioca. Antes nós fazia no forno quando tava fazendo, no caso, a farinha no ultima farinha que a gente tira do forno fazer beiju, proveitava a quentura do forno aí fazia (Uzu, 38 anos).*

Os colaboradores evidenciam que tapioca é a massa branca, um produto cru, que, após ser assado no forno ou no fogão será, um alimento pronto para ingerir, o beiju.

#### b) Beiju

No que diz respeito ao beiju, os colaboradores relacionam e reforçam o fato de que o beiju é feito da tapioca, da massa branca. Na fala da dona Ruth, é interessante observar que a tapioca é a massa branca proveniente da mandioca ou da macaxeira para fazer o beiju de mandioca ou o beiju de macaxeira, alimento pronto para ingerir.

*Tapioca cru né esquentá aquela coisa aí boto dentro aí assa quando assa gente vira de novo assa de lado aí tira, hoje faz-se no fogão de lenha, antigamente fazia-se no fogo na lenha mesmo no forno. Tapioca para nós é o mesmo do beiju, beiju de mandioca, beiju de macaxeira (Ruth, 83 anos).*

No discurso do seu Livino, o medu (português – beiju) é o alimento assado no forno pronto para ingerir. Isso é bem explicado no depoimento a seguir:

*O medu bota numa panela e tira da panela e bota dentro quando assar vira de novo. O medu da mandioca é feito no forno, bota a mandioca dentro d'água depois machuca, depois escalda, depois vai bota cousa dentro açúcar e sal dentro da cous; fazendo o medu bota no forno pa assar (Livino, 76 anos).*

*Quando tá bem enchuta aí esfarela né, aí bota e deixa esquentar no forno. Aí vira aquele que meio cru em cima aí vira fica aquele cru em baixo põe sal (Roberto, 56 anos).*

A colaboradora mediana, Dona Sandra, diz que o beiju é o mesmo que a tapioca, porque o beiju é feito da massa branca chamada tapioca. E não porque a tapioca é o sinônimo de beiju.

*O beiju é o mesmo da tapioca (Sandra, 43 anos).*

O colaborador, Uzu, faz uma descrição do beiju feito atualmente, com o uso de produtos industrializados. Menciona o acréscimo do óleo de cozinha para temperar e evitar a aderência do beiju durante o processo de assar.

*A gente faz que nem eu tô dizendo, antes gente fazia no forno, aí hoje, agora gente faz num tem colocar um pouco de óleo pra temperar couzar depois vira, gente ainda faz no forno quando faz farinha (Uzu, 38 anos).*

c) Farinha de tapioca

No que diz respeito à farinha de tapioca, os colaboradores relatam que a massa branca é peneirada numa peneira específica para gerar os caroços (grãos) e logo depois levadas ao forno para torrar e, assim, obtém-se a farinha (com caroços granulada) de tapioca. Portanto, a farinha de tapioca é a farinha granulada (caroços) de tapioca e não a massa branca.

*Torrada no fogo, cê primeiro na peneira, depois bota no forno e torra (Livino, 76 anos).*

*Dá uma peneirada na peneira grande e, depois, torra no forno, fica carocinho torrado (Roberto, 56 anos).*

*Gente penera a tapioca aí sai o caroço, tem a penera própria e assa no forno (Sandra, 43 anos).*

*É mais fácil, também, peneira e bota pra torrar (Uzu, 38 anos).*

d) Goma

Conforme os colaboradores da terceira idade, a goma é a massa branca usada no preparo do mingau, o mesmo que *tapioca*, para eles (ou *tupi'ak*).

*Tupi'ak, pa nós a goma é a pó branco tirado para fazer a farinha. Faz um bolinho, pó de torrada, faz mingau (Ruth, 83 anos).*

*A goma, se quiser comer, come aquela goma, se quiser torrar torra, se quiser fazer beiju daquela goma faz, gente gosta também mermo é de fazer o mingau, deixar a água ferver e bota dentro, botar a goma e mexer (Livino, 76 anos).*

Do mesmo modo, os colaboradores de meia idade reafirmam que o mingau é feito da massa branca, mas que colocam a farinha de tapioca torrada (farinha granulada de tapioca torrada) na hora do preparo do mingau.

*Caroço maior vai colocando na panela, pra fazer mingau, assim caroço torrado bota pra ferver vai derrando aí vai mexendo meia hora ta pronto, aquela torrado farinha de tapioca né (Roberto, 56 anos).*

*Massa branca faz o mingau, faz o medu, farinha do medu. O mingau é só colocar a panela no fogo e depois deixa ferver a água bota a massa, sal e mexe até engrossar (Sandra, 43 anos).*

Dona Ruth, Seu Livino e Dona Sandra relatam que os produtos feitos a partir da massa branca, a *tapioca*, são o mingau, os bolinhos (beijus), a farinha de tapioca (pó de torrada – farinha granulada de tapioca).

*Pra nós é mingau (tupi'ak memê), mingau da tapioca (Uzu, 38 anos).*

O colaborador Uzu, destaca uma denominação fraseológica (*tupi'ak memê*) para se referir ao mingau pronto, feito da massa branca, tapioca, e/ou adicionamento da farinha de tapioca (granulada), mas os demais colaboradores, incluindo o próprio Uzu, no preenchimento do questionário lexical responderam a mesma forma lexical encontrada no dicionário de Boudin *minga'u* (forma adaptada para a língua tembé) correspondente a mingau (português). Observa-se que há outros caminhos a serem investigados em relação ao campo do léxico, e seria pelo viés da fraseologia.

e) Tacacá

Sabe-se que o povo paraense tem entre sua culinária o tacacá, famoso prato feito à base de dois importantes elementos extraídos da mandioca como o tucupi e a goma. Os trechos mencionados abaixo, afirmam que o tacacá é um alimento pertencente ao povo branco e que, em algum momento da história, tem relação com os afrodescentes e que esse alimento, o tacacá, não faz parte do cardápio do índio.

A colaboradora da terceira idade, Dona Ruth, corrobora que o alimento não é feito na aldeia Teko-haw, que não é apreciado pelos indígenas e que é alimento do branco.

*Nós não fazemos NÃO. Nós vê, assim, na televisão os branco (Ruth, 83 anos).*

O colaborador de terceira idade, Seu Livino, diz que o tacacá é um alimento conhecido pela aldeia cajueiro e que é feito durante uma data comemorativa religiosa, a Festa de São Sebastião.

*Aqui NÃO. Antigamente os veio fazia o tacacá na festa de São Sebastião no cajueiro, pega o tacacá e ferve ferve e aí pronto bota tempera dentro qualquer coisa dentro ai pronto tudinho, bota camarão (Livino, 76 anos).*

No que diz respeito aos colaboradores de idade mediana, o alimento tacacá não faz parte do cardápio dos habitantes da aldeia Teko-haw. Há tentativas frustradas do preparo desse alimento e os processos de feitura do tacacá são desconhecidos pelos indígenas da aldeia Teko-haw, conforme o exemplo no discurso do seu Roberto.

*Tem vez que querem fazer mais num sabe, nós num faz não. Tapioca mesmo bota pra na água pa ficar coisa aí bota pra ferver mexe mexe aí vira tacacá (Roberto, 56 anos).*

*Não faz, não, aqui (Sandra, 43 anos).*

f) Tucupi

Os colaboradores mencionam que o tucupi, atualmente, não tem utilidade alimentar para os índios. Dessa forma, o tucupi não é degustado ou apreciado de nenhuma forma na alimentação nem direta nem indiretamente. Isso pode ser confirmado pelos depoimentos a seguir. Embora na aldeia se saiba que o produto pode ser comercializado, estes também não o utilizam para fins de venda.

*Num faz nada não, também, joga fora, algum usa pra molho de pimenta para os Karaiw (Sandra, 43 anos).*

*Retira para fazer molho na pimenta pra fora. Aqui em casa, não (Uzu, 38 anos).*

Assim observa-se que os produtos resultantes do processo da produção da farinha como o tucupi (*Tukupi*), bem como o prato conhecido como tacacá (*takaká*) são produtos que não são usados na alimentação dos índios Tembé da aldeia Teko-haw.

### 8.1.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DAS PRÁTICAS CULTURAIS

Em linhas gerais, o que se pode afirmar, em termos de animais disponíveis na natureza e que ainda são conhecidos é que dos 80 animais registrados por Boudin, aproximadamente, 70 ainda são reconhecidos como disponíveis no ambiente onde a caça é procurada. As opiniões se dividem quando um colaborador diz que o animal ainda é encontrado e outros dizem que não. A inferência que fazemos dessa divisão de opiniões é que o animal não é tão comum na realidade deles.

Pode-se notar que alguns animais não são mais encontrados no ambiente e, por isso são desconhecidos dos entrevistados. Outros há cuja busca é muito trabalhosa pela escassez da espécie. Há o caso da *lontra*, por exemplo, que está entrando em extinção; o caso do *pavão* que é muito difícil de ser encontrado; algumas espécies de *papagaio* e de *gavião* que já não são reconhecidos por eles como fazendo parte da fauna atualmente disponível. É importante mencionar, também, que a variedade de macacos registrada por Boudin já não é mais reconhecida pelos entrevistados, provavelmente, porque essa variedade já não exista mais. Alguns dos que foram registrados por Boudin estão apenas na memória dos entrevistados mais velhos, mas com a observação de que não existem mais.

Ainda em se tratando de fauna, nota-se que dos 39 peixes (e crustáceos) registrados por Boudin, 26 foram reconhecidos pelos informantes como fazendo parte daquele bioma, significando que, embora não seja drástica, também nesse campo tem havido alterações.

No campo da flora, a espécie vegetal mais importante para a manutenção da produção da farinha, a *mandioca*, ainda é cultivada na aldeia Teko-haw, ao lado de outro tubérculo muito importante na mesa Tembé, a *macaxeira*.

Quanto às técnicas de captura de animais, nota-se que algumas armadilhas usadas para a caça já não são mais empregadas pelos indígenas. Uma ainda permanece, enquanto outras, menos usadas, com o tempo, assumiram um lugar principal.

Tais resultados observados nas práticas culturais permitem concluir que a dinamicidade na cultura é inevitável. Embora as práticas da caça, da pesca e da produção da farinha sejam mantidas, estas o são com alterações. Tais alterações tanto tem sua razão de ser na própria mudança ocorrida na natureza, no meio ambiente que forçaram as mudanças nas atividades de caçar, de pescar e de produzir a farinha, quanto por causa dos contatos estabelecidos com a cultura não indígena.

Não obstante o período de intenso contato estabelecido com a sociedade envolvente, os Tembé ainda têm dado mostras de grande resistência em muitos aspectos. Um dado muito importante a ser mencionado, por exemplo, é o fato de os Tembé terem aderido ao açúcar, às guloseimas vendidas na cidade, aos bolos feitos segundo a cultura do branco, mas não terem aderido ao uso do tucupi na alimentação ou mesmo para a comercialização com os brancos. A tradição de que o tucupi é um resíduo da mandioca de caráter venenoso e, portanto, imprestável para ser ingerido, ainda se mantém rigorosamente entre os Tembé. O tacacá, por exemplo, que é um alimento bastante apreciado pelos paraenses, não encontra adesão alguma entre os Tembé. Embora estes consumam o mingau de tapioca, feito da goma, consumam camarão, mas não aderiram ao prato, provavelmente por causa da presença do tucupi. Essa tradição é tão bem arraigada que eles nem aproveitam o tucupi para fins de comercialização com os não indígenas.

Assim, nota-se que nas práticas culturais há uma espécie de jogo entre perda e manutenção das três práticas culturais aqui observadas. As perdas vão correndo devagar, as inserções de elementos novos também vão se agregando aos poucos, num movimento de conservação e mudança, revelando o caráter dinâmico das culturas seja por razões internas à própria cultura, seja por razões externas ao grupo que terminam por forçar mudanças e adaptações. Importa saber se as mudanças ocorridas nas práticas da caça, da pesca e da produção da farinha têm reflexos na língua, especificamente no léxico da língua Tembé relacionado a tais práticas. Em outras palavras, que impactos linguísticos a dinâmica cultural trouxe para o léxico da língua Tembé, considerando que há uma estreita relação entre língua e cultura?



## **8.2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISES E RESULTADOS DOS ITENS LEXICAIS DA ALDEIA TEKÓ-HAW**

### **8.2.1 COMPARAÇÃO DAS TABELAS DOS ITENS LÉXICAIS DE BOUDIN (1966) E COLETADOS PELOS COLABORADORES<sup>17</sup>**

Nesta seção apresentamos alguns elementos lexicais referentes às três práticas culturais extraídas dos registros de Boudin (1966) conforme mencionado por nós anteriormente. Esses elementos lexicais foram usados nas entrevistas para fins comparativos com vistas a verificar se ainda são mantidos ou não na língua Tembé falada hoje na aldeia Teko-haw. A pesquisa revela que o nível de conhecimento e uso desse léxico ocorre em níveis variados, como segue:

- i) O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações;
- ii) O léxico conhecido por todos os indivíduos com alteração;
- iii) O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.

A sequência de apresentação e análise dos dados do léxico segue a seguinte disposição: a) análise do léxico referente à prática da caça; b) análise do léxico referente à prática da pesca; c) análise referente à prática da produção da farinha. Ao nos referirmos ao léxico conhecido com ou sem alterações/ estamos nos referindo a modificações que o item lexical tenha sofrido em sua estrutura como perda de material fônico, mórfico e outros, no entanto, essa pesquisa realizada não se trata de uma análise fonética propriamente dita, mas grafemática, ou seja, uma mudança verificada na pronúncia dos falantes e que precisam ser melhor estudadas no próprio campo da fonética, o que possibilita futuras pesquisas.

Esse léxico é apresentado tomando-se como parâmetro o registro de Boudin. É fundamental lembrar que, ao nos referirmos ao léxico, significa que é o léxico na língua Tembé, especificamente o léxico registrado por Boudin. Assim como apresentamos o léxico que é conhecido por todos os indivíduos, acrescentamos também, o léxico que é desconhecido de todos os entrevistados.

---

<sup>17</sup> Algumas aparentes alterações tais como o acréscimo de certos prefixos não está sendo consideradas por nós como alterações, porque fazem parte da morfologia da língua Tembé o uso de prefixos relacionais, o que não significa alteração na forma lexical do elemento.

Apresentaremos no corpo do trabalho tão somente os itens i, ii e iii da sequência acima, mas os demais estão disponíveis nos apêndices do trabalho.

## I. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA

### i. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações

- a) Animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais ou afins.

Na tabela a seguir apresentamos o léxico que diz respeito aos nomes de animais ou itens como partes do corpo desses animais ou afins registrados por Boudin e que ainda é conhecido e usado por todos os indivíduos na língua Tembé. Os itens estão dispostos em ordem alfabética. Foram encontrados 41 itens léxicos do conjunto de 93 registrados por Boudin.

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN  | ANO 2016<br>FALANTES TEMBÉ<br>DA ALDEIA TEKO-<br>HAW | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|---------------------|--|---------------------------------------|
| 01 | A'i (p.17)          | A'i  | Preguiça (espécie de macaco).         |
| 02 | 'Ak (p.18)          | I'ak   | Chifre.                               |
| 03 | Akãng (p.19)        | Akãng/ I'akãng                                       | Cabeça.                               |
| 04 | Akuru (p.21)        | Akuru  | Espécie de pássaro.                   |
| 05 | Akuti (p.21)        | Akuti  | Cutia.                                |
| 06 | Azuru (p.47)        | Aduru  | Papagaio                              |
| 07 | Arapapa (p.34)      | Arapapa  | Espécie de papagayos;<br>arapapá.     |
| 08 | Arapuha (p.34)      | Arapuha  | Veado.                                |
| 09 | Arar ≈ Arara (p.34) | Arar   | Tipos de arara                        |
| 10 | Mĩykur (p.136)      | Mĩykur   | Espécie de gambá                      |

|           |                                      |  |  |
|-----------|--------------------------------------|--|--|
|           |                                      |  | Mucura, gambá.                                 |
| <b>11</b> | Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303)   | Dawakak                                  | Lontra.<br>Lontra.                             |
| <b>12</b> | Hôkô (p.64)                          | Hôkô                                     | Socó (ave) espécie de socó.                    |
| <b>13</b> | Hupi'a (p.66)<br>Ma'ê-rupi'a (p.123) | Hupi'a<br>Ma'ê-rupi'a                    | Ovo.   |
| <b>14</b> | Huwĩ (p.66)                          | Huwĩ / Huwĩ-kwêr / Huwĩ-kwêr             | Sangue.  |
| <b>15</b> | Inamu (p.73)<br>Namu (p.173)         | Inamu / Namu                             | Nambu (ave).                                   |
| <b>16</b> | Wira-hu (p.292)                      | Wira-hu                                  | Gavião   |
| <b>17</b> | Ka'i (p.93)                          | Ka'i                                     | Macaco em geral                                |
| <b>18</b> | Kãng'ôk (p.96)                       | Ikãngwêr / Ukãng' ôk /<br>Do'ôk Ikãngwêr | Tirar ossos                                    |
| <b>19</b> | Karumê (p.98)                        | Karumê                                   | Carumbé (esp. De jabuti<br>c/manchas amarelas. |
| <b>20</b> | Ku-aku (p.105)                       | Deku-aku / Neku-aku                      | Chocar (aves e pássaros).                      |
| <b>21</b> | Tamanwa (p.238)                      | Tamanwa                                  | Tamanduá geral.                                |
| <b>22</b> | Kwanu (p.111)                        | Kwanu                                    | Porco espinho (coandu).                        |
| <b>23</b> | Kwati (p.112)                        | Kwati / Koati                            | Coati.   |
| <b>24</b> | Ma'ê-pirêr (p.121)                   | I-pirêr / Ma'ê-pirêr                     | Couro, pele de animal.                         |
| <b>25</b> | Marakaza (p.127)                     | Marakada                                 | Maracajá, gato do mato.                        |
| <b>26</b> | Pak (p.181)                          | Pak                                      | Paca.<br>Paca.                                 |

|    |                 |                            |                          |
|----|-----------------|----------------------------|--------------------------|
| 27 | Pĩkahu(p.195)   | Pĩkahu                     | Pomba.                   |
| 28 | Piku'i (p.196)  | Piku'i                     | Rolinha.                 |
| 29 | Piru (p.201)    | Piru                       | Perú.                    |
| 30 | Tapi'ir (p.240) | Tapi-ir / Tapi-ir ka'apôha | Anta.                    |
| 31 | Tapiti (p.241)  | Tapiti                     | Coelho.                  |
| 32 | Tatu (p.244)    | Tatu                       | Tatu.                    |
| 33 | Tazahu (p.247)  | Tadahu                     | Queixada (porco do mato) |
| 34 | Tu'i (p.271)    | Tu'i / Tu'i-ai             | Periquito.               |
| 35 | Tukan (p.271)   | Tukan                      | Tucano.                  |
| 36 | Urumä (p.281)   | Urumä                      | Pato                     |
| 37 | Zäkami (p.297)  | Däkami                     | Jacamim (p.297)          |
| 38 | Zakarê (p.297)  | Dakarê                     | Jacarê.                  |
| 39 | Zaku (p.297)    | Daku                       | Jacu (galináceas)        |
| 40 | Zapu (p.301)    | Dapu                       | Japu (esp. de pássaro)   |
| 41 | Zawti (p.304)   | Dawti                      | Jabuti.                  |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça ou afins;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN               | ANO 2016<br>FALANTES TEMBÉ<br>DA ALDEIA TEKO-<br>HAW | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|----------------------------------|--|---------------------------------------|
| 42 | Hu'ïw (p.65)<br>U'ïw (p.279)     | U'éw / U'ïw  | Flecha.<br>Flecha.                    |
| 43 | Itakĩhê (p.79)<br>Takĩhê (p.237) | Itakĩhê /<br>Takihê                                  | Facão.<br>Facão, terçado.             |
| 44 | Mukaw (p.156)                    | Mukaw  | Espingarda.                           |

|           |                 |              |                             |
|-----------|-----------------|--------------|-----------------------------|
| <b>45</b> | Tazĩ (p.247)    | Tadi / Itazĩ | Machado, ferro, metal, aço. |
| <b>46</b> | Wirapar (p.292) | Wirapar      | Arco.                       |

Quanto aos instrumentos e utensílios usados na prática da caça, verificamos que 05 itens dos 13 apresentados em Boudin ainda são conhecidos e utilizados pelos Tembé. Nota-se que, em boa parte dos casos, há uma coincidência entre o uso do elemento na prática cultural e a sobrevivência do item léxico correspondente.

- c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;
- d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

Quanto aos itens “c” e “d”, para estes, não foram encontrados léxicos correspondentes. Boudin registra 09 léxicos referentes ao item “c” e 15 referentes ao item “d”.

- e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>47</b> | Zĩwĩr (p.330)                    | Dĩwĩr  | Estar cru.   |

Verifica-se que, o único vocábulo que permanece inalterado na fala dos Tembé é o léxico indicativo do estado “cru” do alimento. Boudin registra 04 léxicos.

- f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>48</b> | Pê (p.185)                       | Pê   | Caminho  |

|           |             |      |                 |
|-----------|-------------|------|-----------------|
| <b>49</b> | Ka'a (p.92) | Ka'a | Mata, floresta. |
|-----------|-------------|------|-----------------|

Nesse campo os léxicos que ainda se mantêm inalterados são os correspondentes a “caminho” e a “mata”, elementos ainda muito presentes na vida dos Tembê. Boudin registra 04 léxicos.

Quanto ao léxico referente ao campo da caça, verifica-se que, dos 138 itens registrados por Boudin, 49 são conhecidos pelos falantes atuais da língua Tembê sem alteração.

## **ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração**

Nesta seção apresentamos o léxico que é conhecido pelos atuais falantes da língua tembê com alguma alteração. Consideramos alteração, tanto as modificações fônicas quanto as formas alternativas que foram apresentadas pelos atuais falantes do Tembê da aldeia Tekohaw.

- a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>  | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÊ<br/>DA ALDEIA TEKOHAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>        |
|-----------|---|--|---|
| <b>01</b> | A'ĩ-a'ĩr (p.17)<br><br>(vide: ra'ĩ-ra'ir)<br><br>Ra'ĩ-ra'ĩr (p.221) | Mümiri / Taĩha-i / Mĩmir /<br><br>Haytĩ                  | Filhotes de.<br><br><br><br>Prole, ninhada, filhotes. |
| <b>02</b> | Aka i-kĩwaw (p.18)  | Ati / Ipy-pema'i / Kĩwaw                                 | Crista.   |
| <b>03</b> | Apê (p.28)  | Ipê-Ikué Imamuer /<br>Dawtipêkwêr / Dawti pirêr          | Casca do jabuti.                                      |

|           |  |                                   |                                     |
|-----------|--|-----------------------------------|-------------------------------------|
|           | Zawti-apê                              |                                   |                                     |
| <b>04</b> | Mahâw (p.124)                          | Mahaw / Arapuhating               | Esp. de veado branco.               |
| <b>05</b> | Atînga-hu (p.42)                       | Pîpî                              | Espécie de coruja.                  |
| <b>06</b> | Awara (p.41)                           | Awara / Hapoza                    | Raposa                              |
| <b>07</b> | Hawêr (p.56)                           | Hawêr / Ia'hôk                    | Pêlos                               |
| <b>08</b> | Haytî (p.57)<br>Wîra-miriraytî (p.292) | Haytî / Mîmutî                    | Ninho.                              |
| <b>09</b> | Hîy (p.63)                             | Hîydahî / Hîy / Tuhî              | Nome de um pequeno papagaio curica. |
| <b>10</b> | Ta'i (p.236)                           | Hîydhwa-î / Dênay / Tui pihum     | Esp. de curica preta                |
| <b>11</b> | Kamazyô (p.93)                         | Kamazyô / Kamaleão                | Camaleão                            |
| <b>12</b> | Kara-kara (p.97)                       | Api-taw                           | Urubu, caracará.                    |
| <b>13</b> | Karara (p.97)                          | Kara-kara / karara / Dipumim      | Mergulhão (pássaro)                 |
| <b>14</b> | Ma'ê-roo (p.123)<br>Roo (p.230)        | Roo-kwer / Ma'êrokwêr             | Carne de animal.<br>Carne.          |
| <b>15</b> | Tzigan (p.276)                         | Cigana / Moiremaw                 | Cigana (esp. de pássaro).           |
| <b>16</b> | Mizu'i (p.136)                         | Miriri / Wiriri / Miriri ting     | Andorinha                           |
| <b>17</b> | Péki (p.186)<br>Pikî (p.195)           | I-ta / Urumänăi                   | Paturi                              |
| <b>18</b> | Uru-zawar (p.281)                      | Dawara                            | Onça marajoara.                     |
| <b>19</b> | Zaku-pê-tîng (p.297)                   | Daku-pi-hami                      | Esp. de jacu preto, vulgo cujubim.  |
| <b>20</b> | Zanay (p.298)                          | Dîpi-hay / Aruá / Adénay / Danaya | Jandaia.                            |

|           |                 |                         |         |
|-----------|-----------------|-------------------------|---------|
|           | Zan-a'i (p.298) |                         |         |
| <b>21</b> | Zapun (p.301)   | Graúna / Wirauna / Dapĩ | Graúna. |

Alguns desses itens léxicos apresentam alteração por apresentarem uma nova forma para expressar o conteúdo, diferente daquela que Boudin registrou. É o caso dos itens a seguir. Como se pode conferir na tabela acima há novos itens léxicos correspondentes a: filhote de (01); prole, ninhada, filhotes (01); crista (02); espécie de coruja (05); espécie de curica preta (10); urubu(12); andorinha (16); paturi (17) e graúna (21).

Sofreram alguma alteração, seja pela perda ou acréscimo de material fônico, seja pela junção de uma forma ao léxico já existente os seguintes itens correspondentes a: casco do jabuti (03); pelos (07); ninho (08); mergulhão (ave) (13); carne, carne de animal (14); onça marajoara (18) ;espécie de jacu preto (19); jandaia (20).

Verifica-se que, dos 93 itens lexicais levantados, 21 são conhecidos pelos falantes atuais com alguma alteração.

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|----------------------------|--|---|
| <b>22</b> | Iw-ĩwa (p.89)              | Iw-ĩwa / U'irapara   | Corpo da flecha (espécie de bambu).   |
| <b>23</b> | Kihê (p.101)               | Itaki-pêru'éha / Ikwaĩ / Kihê / Takwara                        | Ponta de ferro, taquara.  |
| <b>24</b> | Piwa (p.206)               | Batoca / Piwa / Ipôtôk   | Botoque na ponta das flechas para pássaros, flecha de ponta achatada para caçar pássaros. |



|           |              |                                    |                              |
|-----------|--------------|------------------------------------|------------------------------|
| <b>25</b> | Zĩwo (p.330) | Dĩwo / Ipihéké / Mori katu<br>hêhê | Flechar, acertar (com armas) |
|-----------|--------------|------------------------------------|------------------------------|

Dos instrumentos e utensílios usados na prática da caça ainda sobrevivem 04 itens léxicos, concorrendo ao lado de outras formas alternativas como é possível observar na tabela acima.

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

No que diz respeito a esse subtópico não foram encontrados itens correspondentes.

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>26</b> | Apirôk (p.31)              | Pirer- durôk / Ipê-ôk /<br>doôk Ipirêr                         | Tirar a casca ou a pele mole.                  |
| <b>27</b> | Hupar (p.65)               | Kädä / U'Kädämi /<br>Hupararôk                                 | Perder-se, desaparecer.                        |

Quanto a esse subtópico, apenas dois léxicos correspondentes aos verbos “tirar a casa” e “perder-se/desaparecer” são conhecidos e usados ainda que com alteração.

e) Alimentos feitos com as caças e modos de cozimento.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|

|           |                |   |                            |
|-----------|----------------|---|----------------------------|
| <b>28</b> | Kä'e (p.93)    | Mukeê / Ma'é ké.  | Moquear.                   |
| <b>29</b> | Patzôk (p.183) | Hema-papa / Piramapuha /<br>Ma'é sôk / Inamusôk /<br>Pasôk. | Bolinhas de carne, paçoca. |

Nota-se que o famoso modo de “moquear” o alimento ainda permanece vivo na prática alimentar Tembê, haja vista as festas culturais e a Festa do Moqueado em que boa parte dos alimentos são moqueados, mas o léxico correspondente já apresenta alterações: *kä'e* > *Mukeê / Ma'é ké*. Quanto aos itens lexicais para bolinho de carne e paçoca apresentam a forma mais próxima da registrada por Boudin, *pasôk* ao lado de outras formas alternativas.

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>30</b> | Ma'ê-zuka-haw (p. 124)           | Ma'ê-duka hér / Wiriti /<br>Aduka / Ma'ê-duka-haw                                | Matadouro.   |

Quanto a esse subtópico, foi encontrado um único item conhecido e usado com alguma alteração pelos falantes entrevistados, ao lado de outras formas. Não foi possível verificar se, na atualidade, existe um lugar específico para o abate de animais vivos que são sacrificados para as festas culturais como a Festa da Moça e a Festa do Moqueado, ocasiões em que grande quantidade de animais é abatida para fins de alimentação.

Observa-se que boa parte do léxico que foi registrado por Boudin na língua Tembê e que, de algum modo, está relacionado à prática da caça, ainda tem-se mantido. Contabilizando-se, temos um resultado de 49 (conhec. sem alteração) + 30 (conhec. Com alteração), ao todo 79 itens lexicais conhecidos por todos os indivíduos entrevistados de um total de 138 que foram registrados. Esse é um resultado que mostra o quanto da língua Tembê registrado à época de Boudin, mais de 50%, ainda tem-se preservado na língua.

É importante mencionar que ainda há outros elementos que são conhecidos parcialmente, ora por um único indivíduo, ora por 02, 03, 04 e 05. As tabelas referentes a

esses níveis de conhecimento estão disponíveis nos apêndices conforme já dito. As informações desses níveis de conhecimento parcial do léxico da língua Tembê referente à prática da caça indica tanto a manutenção quanto a perda desse léxico.

### iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados

Do conjunto lexical presente em Boudin há uma parte que é desconhecida de todos os falantes entrevistados. Há outra parte que é parcialmente desconhecida, conforme já vimos esclarecendo.

- a) Animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                                       | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÊ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>   |
|-----------|--|--|--|
| <b>01</b> | Témiar (p.254)   |  | Presa.   |
| <b>02</b> | Anäkä (p.26)<br>Ma-ita (p.125)<br>Parawa (p.183)<br>Pêri (p.189) |  | Espécie de papagaio<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio de bico amarelo. |
| <b>03</b> | Atora (p.38)   |  | Espécie de gambá   |
| <b>04</b> | Amé'a (p.23)   |  | Espécie de curica.   |
| <b>05</b> | Kärä'u (p.97)  |  | Esp. de socó.  |
| <b>06</b> | Wĩra-paku (p.292)  |  | Esp. de socó.  |
| <b>07</b> | Tupi'a (p.272)   |  | Ovo.   |
| <b>08</b> | Uru (p.281)  |  | Corcovado, esp.de nambuzinho   |
| <b>09</b> | Inazê (p.73)   |  | Gavião.  |

|           |  |  |  |
|-----------|--|--|--|
|           | Kôrô-kôrô (p.105)<br>Urutaw-ran (p.282)<br>Wäkäwä (p.284)<br>Winazê (p.290)<br>Zapukani (p.301)<br><br>Zawatô (p.303)<br>Zétapaw (p.340) |  | Esp. De gavião.<br>Gavião de penacho.<br>Esp. de gavião.<br>Gavião bobo.<br>Gavião.<br>Esp. de gavião pequeno, japacanim.<br>Gavião tesouro (esp. de falcão) |
| <b>10</b> | Zupara (p.335)<br>Zupati (p.335)   |  | Esp. de macaco da noite.<br>Esp. de macaco da noite  |
| <b>11</b> | Wazay (p.286)<br><br>Wĩra-raw (p.292)  |  | Penagens, cocares, enfeites de penas.<br><br>Penas, plumagens, penugens.   |
| <b>12</b> | Maturya (p.129)  |  | Cigana (esp. de pássaro).  |
| <b>13</b> | Ta'wêr-a'i (p.245)   |  | Paca.  |
| <b>14</b> | Wara-pirãng (p.285)  |  | Guará flamengo   |
| <b>15</b> | Zapun-un (p.301)   |  | Jacu preto.  |

b) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b>  | <b>ANO 2016</b>                          | <b>LÉXICO</b>                   |
|-----------|------------------|--|---------------------------------|
|           | <b>BOUDIN</b>    | <b>FALANTES TEMBÉ DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS</b> |
| <b>16</b> | Mõngaruk (p.143) |  | Ficar de tocaia.                |

O verbo da língua tembé *mongaruk* que expressa à estratégia utilizada de ficar de tocaia para a prática da caça, atualmente, apresenta a forma *tukay* ao lado de outras.

Quanto aos itens léxicos referentes a instrumentos e utensílios usados na prática da caça, aos tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça, bem como aos alimentos feitos com as caças e características desses alimentos não foram encontrados itens lexicais correspondentes desconhecidos dos indivíduos entrevistados.

c) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN   | ANO 2016<br>FALANTES TEMBÉ<br>DA ALDEIA TEKO-<br>HAW | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS   |
|----|--|--|---|
| 17 | Há(i)-Kwêr (p.54)<br>Hapé (p.54)<br>I-pĩar (p.75)<br>‘Iw (p.83)<br>Pê’ÿy (p.186)<br>Pê...mu-pĩwa (p.187)<br>Rapê (p.224) |  | Trilha.<br>Caminho.<br>Trilha, caminho do rio.<br>Caminho trilhado.<br>Caminho batido, trilhado.<br>Fazer uma trilha.<br>Caminho. |

Nota-se, nesse subtópico, que, embora os falantes conheçam o léxico para “caminho”, já não dominam certos detalhes que combinam a ideia de “trilha” e “caminho”, como as expostas acima.

Observa-se que o léxico desconhecido (17 itens) tem um índice bem mais baixo que o léxico conhecido, o que aponta para o fato de que o léxico conhecido é maior do que o desconhecido e de que a conservação tem sido maior que a perda.

## II. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA PESCA

### i. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b>  | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|-----------------------------------|--|--|
| <b>01</b> | Äkari (p.20)                      | Äkari  | Acari (esp. de peixe).                                     |
| <b>02</b> | Akara (p.20)                      | Akara  | Acará, nome de vários peixes.                              |
| <b>03</b> | Arapô (p.34)                      | Arapô  | Sarapó (peixe do Gurupí)                                   |
| <b>04</b> | Zézu (p.328)                      | Dédu / Dézu  | Jeju (esp. de peixe)                                       |
| <b>05</b> | Kwana (p.111)                     | Kwana  | Acuanã, peixe do rio Gurupi.                               |
| <b>06</b> | Mamiri (p.125)                    | Mamiri   | Piaba (esp. de peixe).<br>(sardinha)                       |
| <b>07</b> | Mani'i (p.126)                    | Mani'i   | Bagre, mandi.  |
| <b>08</b> | Manumê (p.127)                    | Manumê   | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)                      |
| <b>09</b> | Murakê (p.164)                    | Murakê   | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré).                    |
| <b>10</b> | Muti (p.165)<br>Puti (p.219)      | Muti   | Camarão.<br>Camarão.                                       |
| <b>11</b> | Nuza (p.178)                      | Nuda   | Anujá (esp. de peixe)                                      |
| <b>12</b> | Paku (p.181)                      | Paku   | Pacu.  |
| <b>13</b> | Pé-kwêr (p.186)                   | Ipé-kwêr / Pê-kwêr   | Escama, casca, crosta.                                     |
| <b>14</b> | Pira (p.199)                      | Pira   | Peixe.   |
| <b>15</b> | Tamata (p.238)<br>Tamwata (p.239) | Tamata   | Cascudo (peixe).<br>Cascudo (peixe)                        |

|           |                                  |                   |  |
|-----------|----------------------------------|-------------------|--|
| <b>16</b> | Tarã'ir (p.242)                  | Tarã'ir           | Traíra (peixe).                                      |
| <b>17</b> | Tukunarê (p.271)                 | Tukunarê          | Tucunaré, pescada (tucunaré de água salgada) (p.271) |
| <b>18</b> | Uaraku (p.278)<br>Waraku (p.285) | Uaraku / Araku    | Aracu (esp. de peixe)                                |
| <b>19</b> | Wapanarê (p.285)                 | Wapanarê / Panarê | Panaré (esp. de peixe).                              |
| <b>20</b> | Zakuna (p.297)                   | Dukuna / Dakuna   | Jacundá (esp. de peixe).                             |

Nesse campo, de um total de 44 itens léxicos levantados por Boudin, 20 ainda são do conhecimento dos falantes entrevistados. Observamos que, desses itens, a maioria é referente a peixes, boa parte deles ainda disponível na natureza.

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>21</b> | Pina (p.196)               | Pina   | Anzol.   |

Neste subtópico, verifica-se que, dos 07 elementos encontrados em Boudin, apenas 01 o nome na língua é conhecido e usado por todos os falantes. Diga-se que o elemento “anzol” é bastante utilizado ainda hoje pelos Tembê na prática da pesca.

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>22</b> | Timô (p.266)               | Timô   | Timbó.   |
| <b>23</b> | Kunami (p.106)             | Kunami   | Cunambi (esp. de timbó)                        |

|           |              |      |   |
|-----------|--------------|------|---|
|           |              |      | cultivado).   |
| <b>24</b> | Pari (p.183) | Pari | Cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede. |

Quanto a este item, os nomes na língua que ainda são de domínio de todos são os referentes a itens que ainda existem e são usados na prática cultural da pesca. O mesmo se dizer dos itens “d” e “e” a seguir.

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b>        |
|-----------|----------------------------------|--|---|
| <b>25</b> | Yar (p.295)                      | Yar  | Boiar.  |
| <b>26</b> | Piti’u (p.203)                   | Piti’u / Piti’uar  | Ter mau cheiro, cheirar forte (pessoas, animais) cheiro de peixe. |
| <b>27</b> | Zé-pina-itĩk (p.338)             | Dé-pina-itĩk / Pina-tĩk / I Pina-itĩk’maêr                                       | Pescar.   |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>28</b> | Iarapê (p.68)                    | Iarapê   | Igarapé.   |

No que diz respeito ao léxico que ainda é conhecido pelos falantes entrevistados em alteração, pode-se contabilizar 28 itens de um total de 120 itens arrolados em Boudin.



**ii. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados com algumas alterações**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                  | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---|--|--|
| <b>29</b> | Wara-ruha (p.285)                           | Wha / Araruha / Wara-ruha                                      | Caranguejo.                                    |
| <b>30</b> | Araruha-pêw (p.35)<br>Wara-ruha-pêw (p.285) | Wha-i / Ararupêw-i / Wara-ruha                                 | Esp. de caranguejinhos dos igarapés.           |
| <b>31</b> | Pira- razu:                                 | Ikanua / Razu-kwêr / Pira Ikãngwêra                            | Espinha de peixe.                              |
| <b>32</b> | Pira-pirêrma'ê (p.200)                      | Pira-urura / Nahi Têkpêkwêr / Pira pirêrma'ê / Urui.           | Peixe de couro.                                |
| <b>33</b> | Ruwêr (p.234)<br>Tuwêr (p.274)              | Hupi'a pira / Hupi'a ruwêr                                     | Ovas (peixe)<br>Ovas de peixe.                 |
| <b>34</b> | Tinĩ'a (p.266)                              | Mani'i / Tinĩ'a  | Jandiá (esp. de peixe)                         |
| <b>35</b> | Zinĩ'a (p.329)                              | Manĩ'i / Tinĩ'a / Dani'a                                       | Jundia (esp. de mandi prêto)                   |

Nesse subtópico encontram-se itens que coexistem com formas alternativas como o item 35, bem como outros que mantêm apenas parcialmente a forma registrada por Boudin como os itens 32 e 33.

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|-----------------|------------------------------------|----------------------------------|
|-----------|-----------------|------------------------------------|----------------------------------|

|           | <b>BOUDIN</b> | <b>DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---------------|---------------------------|------------------|
| <b>36</b> | Ham (p.54)    | Pinaham / Iham            | Linha            |

Apenas o nome referente à “linha” ainda é conhecido quanto a esse subitem.

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

Não foram encontrados itens referentes a esse subtópico.

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b>         | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|--|---|--|
| <b>37</b> | Mu-tĩk (p.165)<br><br>Pira-kutuk (p.200) | Ikutuk / Pina-itĩk / Dīwā /<br><br>Kutuk pira / Mutĩw pira-putaw.     | Fisgar peixe.<br><br>Fisgar o peixe, arpoar.               |
| <b>38</b> | Mutĩ-mutĩk (p.165)                       | Mutĩw / Pipiri / Itĩ’u  | Morder a isca.   |
| <b>39</b> | Pé’òk (p.187)                            | Pé’òk / Ido’òk pêkwêra /<br>Pê doòk Ipêkwêr                           | Escamar, descascar.  |
| <b>40</b> | Zuwan (p.337)                            | Miduan-duan / Pira-wan /<br>Dapô mukêka.                              | Fazer moquecas.  |

Os itens desses subtópico ainda são possíveis de serem reconhecidos como formas que trazem semelhanças com os termos registrados na obra de Boudin.

No caso da prática da pesca, observa-se o mesmo padrão de manutenção do léxico. De 102 itens lexicais registrados por Boudin 28 (conhec. Sem alteração) + 12 (conhec. Com alteração) totalizando 40 léxicos que ainda são conhecidos pelos Tembé entrevistados, indicando de 40% no total.

**iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>  | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKOHAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|-----------------------------|--|--|
| <b>47</b> | Anira (p.27)                |  | Espécie de sarapó.                             |
| <b>48</b> | Iwĩr-atza-par (p.87)        |  | Espécie de sarapó.                             |
| <b>49</b> | Kiha-kay (p.101)            |  | Esp. de jeju, (peixe do Gurupi).               |
| <b>50</b> | Kararu-kwêr (p.97)          |  | Grude de peixes.                               |
| <b>51</b> | Hazu (p.57)<br>Razu (p.225) |  | Espinha.<br>Espinha de peixe.                  |
| <b>52</b> | Wamiri (p.284)              |  | Piába (esp. de peixe), coáca                   |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                                | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKOHAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>   |
|-----------|---|--|--|
| <b>53</b> | Ĩwĩpo-apakwa-haw :<br>Iwo (p.89)<br>Pikĩr-ĩwo-haw (p.195) |  | Feixe de cipó.<br>Cipó, vareta flexível [...]enfiada no peixe.<br>Fileira, enfiada de peixes pequenos passados num cipó ou vareta flexível |
| <b>54</b> | Pina-rétĩwĩr:<br>Rétĩwir (p.228)                          |  | A barbela do anzol.<br>Barbela.  |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>55</b> | Muhu-timô (p.155)                |  | Timbó de muçum   |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>56</b> | Iapo (p.68)                      |  | Boiar.   |
| <b>57</b> | I-pé (p.74)                      |  | Na água [...].   |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b>   | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|--|--|--|
| <b>58</b> | ‘Ar ≈ĩ’ar (p.33);<br>Apê’a-ramo (p.28); A<br>superfície do.<br>Y- Apê’a-ramo (p.28) à<br>superfície da água. |  | À superfície da água.                                      |
| <b>59</b> | I-rĩpaw (p.77)<br>I-tĩpaw (p.82)   |  | Rio seco.<br>Secar o rio.                                  |
| <b>60</b> | I-tĩng (p.82)  |  | Água turva.  |

|           |                   |  |                   |
|-----------|-------------------|--|-------------------|
| <b>61</b> | I-tzororôm (p.82) |  | Olho d'água.      |
| <b>62</b> | I-wakaw (p.83)    |  | As voltas do rio. |

Também na prática da pesca o nível de desconhecimento do léxico é bem menor do que o nível de conhecimento. Foram apenas 16 léxicos coletados desconhecidos, de todos os indivíduos.

### **III. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA PRODUÇÃO DA FARINHA**

#### **i. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações**

a) Vegetais utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>01</b> | Hapo (p.54);               | Hapo<br><br>/ Wirarapô / Hapo-kwêr.                            | Raiz   |
| <b>02</b> | Mani'ôk (p.126)            | Mani'ôk  | Mandioca.                                      |
| <b>03</b> | Mandiib (p.126)            | Mani'iw  | Árvore da maniva,<br>mandioca (planta).        |

Nesse subitem constata-se a manutenção de três léxicos fundamentais para a feitura da farinha: o nome genérico para raiz, a raiz específica e o nome do vegetal de onde se extrai a mandioca. Sabe-se que a produção da farinha decorre da existência da mandioca. E nota-se esses léxico ainda bem preservado tal como o elemento ainda o na natureza enquanto cultivo.

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|

|           |                        | <b>HAW</b>   | <b>PORTUGUÊS</b>   |
|-----------|------------------------|--------------|--|
| <b>04</b> | Ingu'a (p.74)          | Nu'a / Inu'a | Pilão.   |
| <b>05</b> | Manaku (p.125) (p.183) | Manaku       | Paneiro, cesta, jamaxim.   |
| <b>06</b> | Tépĩtĩ (p.260)         | Tĩpĩtĩ       | Tipiti, expremedouro prensa, manga para extrair o caldo da mandioca. |
| <b>07</b> | Zapêhê (p.299)         | Dapihé       | Forno para torrar farinha de mandioca.                               |

É importante observar que os quatro elementos ainda estão presentes no cotidiano da aldeia Teko-haw.

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKOHAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>08</b> | Makatzêr (p.125)                 | Makasêra   | Macaxeira (esp. de mandioca).                              |
| <b>09</b> | Mézu (p.133)                     | Mêdu / Mêzu  | Beiju.   |
| <b>10</b> | Minga'u (p.135)                  | Minga'u  | Mingau, angu, papa, sopa.                                  |
| <b>11</b> | Takaka (p.237)                   | Takaka   | Tacaca, goma feita da massa da mandioca.                   |
| <b>12</b> | Tĩpĩ'ak (p.267)                  | Tupĩ'ak  | Tapioca.   |
| <b>13</b> | Tukupi (p.271)                   | Tukupi   | Tucupi, esp. de mólho.                                     |

Conforme já tratado na análise das práticas culturais, o único elemento da tabela acima que não é consumido pelos tembé da aldeia Teko-haw é o *tucupi*. O elemento, no entanto, é bem presente no cotidiano.

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>14</b> | Hêzwi (p.62)                     | Hédwi  | Brotar, grelar   |
| <b>15</b> | Mono'õng (p.145)                 | Mono'õng   | Amontoado.   |
| <b>16</b> | Hên (p.59)                       | Duhên  | Derramar.  |
| <b>17</b> | Mihĩr (p.133)                    | Mihér / Mihĩr  | Assar, tostar, queimar,<br>assado.                         |
| <b>18</b> | Mo-ka'a-pir (p.141)              | Ka'a-pir   | Fazer capinar.   |

Alguns itens desse subtópicos ainda são conhecidos dos falantes entrevistados. Embora, aparentemente, pareça haver alteração, estas são elementos que carregam informações morfológicas como é o caso do item 18.

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>19</b> | Iwĩ (p.84)                       | Iwĩ  | Terra, solo, chão.   |
| <b>20</b> | Kó (p.103)                       | Kó   | Roça.  |

Os dois itens constantes da tabela acima são cruciais e muito representativos e prioritários enquanto espaço da produção da farinha, o que justifica muito bem a sua manutenção.

Os itens conhecidos sem alteração totalizam 20 num universo de 70 registrados por Boudin.

**ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração.**

a) Os vegetais utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>     |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>21</b> | Têzwi (p.263)              | Iduí / Hizwi / Hédwi   | Brôto, nascimento (planta), está brotando, grelar. |
| <b>22</b> | Apê-um (p.29)              | Pêka-pihum / Pirêr pihum                                       | De casca preta.                                    |
| <b>23</b> | Kâng (p.95)                | Äkäng / Häkang / Irarokän                                      | Ramo, galho.                                       |
| <b>24</b> | Mani'ĩ-ro(w)(p.126)        | Mani'ĩ-rwêr / Mani'ôk wêro                                     | Folha da mandioca.                                 |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-<br/>HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>           |
|-----------|----------------------------|--|--|
| <b>25</b> | Ipê (p.75)                 | Ipê / Mani'ôk muahaw   | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.                |
| <b>26</b> | Käwära-péhé (p.99)         | Tĩku-rupê / Käwä-péhé / Wira-kapihé                            | Pá para mexer a farinha.                                 |
| <b>27</b> | Purupê (218)               | Mihaka-péhé / Tikuru-pê  | Enxada, enxó.  |
| <b>28</b> | Miha-mihaw (p.133)         | Miha-mihaw / Mani'ôk Kamihaw /                                 | Prensa para a farinha d'água<br>espremedouro de mandioca |



c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| 29        | Ku'i (p.106)                     | Tĩram  | Farinha.   |
| 30        | Ãtã; u'i-ãtã (p.26).             | Tĩram / Mandi'ók tãntãn.   | Farinha dura.  |
| 31        | Mani'ĩ-kwêr (p.126)              | Tukupi / Mani'ĩ- tawa/<br>Mani'ók kwêr.  | O caldo da mandioca do qual obtém-se a tapioca.            |
| 32        | Mandiócuí (p.126)                | Hêhâ-cu'i-kwêr / Ku'ĩ /<br>Tiram Ku'ĩ / Hãkui<br>Kwêra.                          | Pó, farinha, polvilho,<br>resíduo da mandioca.             |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| 33        | Akwa'ók (p.21)                   | Duha'akãn / Mani'iakãn /<br>Akãng nohók / Mupéma                                 | Quebrar os galhos.   |
| 34        | Ãkĩm (p.21)                      | Ãkĩm / Muhĩm   | Molhado, ensopado,<br>húmido.                              |
| 35        | Hĩwĩ-kay (p.63)                  | Mi-kay / Mikir   | Cavar.   |
| 36        | Awkĩ (p.43)<br>Pikwi (p. 196)    | Dawkĩ / Pikwi / Dakĩ   | Mexer, remexer, catar.                                     |
| 37        | Ho-hók (p.64)                    | Mo-tĩnêm / Tĩning /<br>Tupaw / Mo-Tĩr  | Secar.   |
| 38        | I-pê...ruru (p.75)               | Ité-mĩw / Ia'pĩw / Mimô  | Pondo-se de molho na<br>água.                              |

|           |                                      |  |  |
|-----------|--------------------------------------|--|--|
|           |                                      | / Emonô ipê.   |  |
| <b>39</b> | Iru-wapa'ar (p.79)<br>Kupir (p. 107) | ka'a pêtêk   | Roçar.<br>Fazer Trabalhos agrícolas,<br>roçar.                                   |
| <b>40</b> | Api (p.29)                           | De'api / Apĩ /<br>Mu-kay                                   | Queimar.   |
| <b>41</b> | Mõngwaw (p.144)<br>Mo-waw (p.150)    | Mo-waw / Minaw / Irupêm<br>/ Emonô maniku pê.              | Paneirar, coar, filtrar,<br>passar o crivo, crivar.<br>Peneirar, passar o crivo. |
| <b>42</b> | Mondok (p.143)                       | Monohôk  | Cortar, quebrar, partir.   |
| <b>43</b> | Mu-mézu (p.159)                      | Dapu-médu  | Fazer beiju  |
| <b>44</b> | Tĩkwar (p.265)                       | Tĩhitikwar / Atu-kwra /<br>Mukĩr Tĩram / Tĩram<br>tĩkwara. | Molhar a farinha para<br>fazer chibé, pôr água na<br>comida, fazer chibé.        |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b><br><b>DA ALDEIA TEKO-</b><br><b>HAW</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b><br><b>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
| <b>45</b> | Tapĩy (p.a241)                   | Tupĩy / Tupér  | Casa.  |

Também no que diz respeito ao léxico referente à produção de farinha ainda há manutenção de boa parte do léxico.

### **iii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos**

a) Vegetais utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b><br><b>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016</b><br><b>FALANTES TEMBÉ</b> | <b>LÉXICO</b><br><b>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------------|--|--|

|           |                    | <b>DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>PORTUGUÊS</b>     |
|-----------|--------------------|---------------------------|----------------------|
| <b>46</b> | Amikĩr (p.23);     |                           | Grelos, brotos.      |
| <b>47</b> | Ma'ê-ru'ã (p. 123) |                           | Olho da planta, talo |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                          |
|-----------|----------------------------|---|---|
| <b>48</b> | Paturun (p.183)            |   | Patrona, cestinho trançado com fibra de guarimã que se traz a tiracolo. |
| <b>49</b> | I'a (p.66)                 |   | Cabaça, cuia.   |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                        | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-HAW</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---|---|--|
| <b>50</b> | Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)<br>Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126) |   | Coalho, tapioca.<br>Tapioca                    |
| <b>51</b> | Miapé (p.133)                                     | Mêdu-mani'ôk / Mézu / Mani'ôk Mêdu.                       | Beiju de mandioca.                             |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>ANO 2016<br/>FALANTES TEMBÉ<br/>DA ALDEIA TEKO-</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|

|           |   | <b>HAW</b> |  |
|-----------|---|------------|--|
| <b>52</b> | Êzwi (p.52)   |            | Brotar, grelar.  |
| <b>53</b> | Mu-zaw (p.166).   |            | Fazer brotar, florar, abrir (flores).  |
| <b>54</b> | Atĩr (p.38)   |            | Amontoar   |
| <b>55</b> | Haw (p.55)  |            | Cortar, partir.  |
| <b>56</b> | (Iwĩ) - ĩwĩkôy (p.85)<br><br>Kây (p.100)<br><br>Zihĩr (p.328)     |            | Cavar, escavar (terra)<br>fossar para tirar as raízes.<br><br>Cavar.<br><br>Cavar. |
| <b>57</b> | Mo-ruru (p.148)   |            | Fazer amolecer, pôr de molho, fazer inchar ponto de molho.                         |
| <b>58</b> | Za-pĩhĩk (p.300)  |            | Extrair, arrancar raízes (mandioca).   |
| <b>59</b> | Ma'êzu-tim (p.124)<br><br>Zé-mi-tim (p.314)<br><br>Zu-tĩm (p.337) |            | Semear.<br><br>Semear.<br><br>Semear, plantar, enterrar.                           |
| <b>60</b> | Mu-nĩk (p.161)  |            | Incendiar, queimar, acender, abrasar, inflamar.                                    |
| <b>61</b> | Mu-nĩk (p.161)  |            | Fazer, amontoar, pôr em montão.  |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b> | <b>ANO 2016</b>                         | <b>LÉXICO</b>                   |
|-----------|-----------------|---|---------------------------------|
|           | <b>BOUDIN</b>   | <b>FALANTES TEMBÉ DA ALDEIA TEKOHAW</b> | <b>SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS</b> |

|           |                                     |  |                       |
|-----------|-------------------------------------|--|-----------------------|
| <b>62</b> | Apérêw (p.29)                       |  | Furo, buraco, covas.  |
| <b>63</b> | Iwy-kaywêr (p.85)<br>Iwĩ-ran (p.87) |  | Terra.<br>Solo árido. |

No que diz respeito aos itens lexicais desconhecidos de todos os falantes entrevistados, nota-se que, pelo menos, 18 itens já não são conhecidos nem usados pelos referidos falantes de um total de 70 listados por Boudin.

Nota-se, também, que na prática da produção da farinha ainda há um léxico preservado e o nível de desconhecimento é mais baixo do que o do conhecimento.

#### 8.2.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DOS ITENS LEXICAIS

Um olhar quantitativo ao léxico analisado mostra que, dos 310 itens lexicais registrados por Boudin referentes às três práticas culturais, 190 são conhecidos ainda que parte destes, com alguma alteração, o que significa que mais de 50% do léxico ainda tem-se mantido em contrapartida nos resta 120 itens, desde 76 itens desapareceram e os 44 itens estão englobados nos itens que desapareceram, pois correspondia ao item lexical sinônimo ou empréstimo lexical de outras etnias, saliento que o dicionário de Boudin foi um levantamento de léxicos indígenas Tenetehára existentes em 1966 no Gurupí.

Ao verificar-se o que se mantém e o que não se tem mantido em termos de léxico na língua Tembê referente às práticas da caça, da pesca e da produção da farinha é que há mais manutenção do que perda, o que não significa que a língua não esteja sofrendo perda. Se, por um lado, a manutenção do léxico no nível do conhecimento dos indivíduos, é um indicador positivo, por outro, não se pode esquecer o fato de que ter o léxico no nível do conhecimento ainda não é indicação de que o falante realmente faça uso daquele determinado léxico no dia-a-dia. Assim, verificar o uso desse léxico, bem como a transmissão dele para as gerações mais jovens poderia indicar com mais precisão o quanto podemos pensar em manutenção ou perda desse léxico a que vimos nos referindo.

Não se pode esquecer, também, o fato de que na aldeia Teko-haw o uso do português tem-se tornado cada dia mais forte entre os falantes. Assim, num contexto de bilinguismo e de pressão por força do contato estabelecido, tal resultado é um indicador da

forte resistência dos Tembé que, a despeito de toda a situação histórica ter sido desfavorável à manutenção da língua, ainda conta com boa parte do léxico preservado.

Nota-se, também, o quanto a língua está ligada à prática cultural. Vê-se que há bastante similitude entre o que ocorre com as práticas culturais e o que ocorre com a língua em termos de manutenção ou perda. Vê-se que a manutenção ou modificação do léxico a que vimos analisando, estão bastante relacionadas à manutenção ou modificação das práticas culturais da caça, da pesca e da produção da farinha. Mas não se pode pensar que a situação seja tão equânime. No caso dos Tembé da aldeia Teko-haw pode-se pensar que a prática cultural poderá ser mantida mesmo que o léxico sofra perda substancial e o grande fator responsável por isso é a presença da língua portuguesa que tem trazido uma enxurrada de léxico que causa pressão sobre a língua Tembé, fazendo com que, aos poucos, o léxico dessa língua seja substituído pelo léxico da língua portuguesa. Assim poderá haver a manutenção da prática cultural sem, necessariamente, haver a manutenção do léxico referente a essa prática cultural.

Embora não tenhamos feito um levantamento dos empréstimos do português que estão entrando na língua, o que levaria a outra pesquisa bastante exaustiva, na presente pesquisa já foi possível ter uma pequena mostra da entrada dos elementos do português em substituição a itens lexicais disponíveis na língua.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta que tínhamos ao pensar em realizar esta pesquisa era a de verificar, termos mais gerais, a relação entre língua e cultura, implementando tal verificação por meio do estudo de três práticas culturais desenvolvidas na aldeia Tekokaw habitada por índios Tembé.

A originalidade da aldeia Teko-haw se encontra na forma de sua organização social, nas suas práticas tradicionais e no modo de interpretar a cultura do outro conforme sua identidade cultural e tradição Tembé. Dessa forma, os Tembé da aldeia Teko-haw mostram sua resistência cultural a outras culturas dominantes, no entanto, assim como qualquer outra cultura em contato, os Tembé estão sujeitos às mudanças ocorridos pelo contato interétnico, o que vem ocasionando o hibridismo cultural e linguístico.

No que diz respeito ao contato entre línguas no Brasil é importante considerar a situação das línguas minoritárias, presentes em território brasileiro. O caso dos Tenetehara, e mais especificamente dos Tembé da aldeia Teko-haw, que aqui apresentamos, reúne um conjunto de elementos pertinentes para discutirmos a relação dos grupos minoritários em situação de contato.

Os habitantes indígenas da aldeia Teko-haw tem franca consciência da importância de manter viva a cultura Tembé embora não consigam esboçar ações que tornem mais fortemente concreta essa consciência. Há duas ações principais com as quais os Tembé se envolvem que revelam essa consciência: os rituais e a luta pela terra cumprem os dois papéis fundamentais; um é a união da aldeia e o outro é a reafirmação da identidade cultural indígena Tembé.

Teko-haw é uma aldeia onde os indígenas vivem o grande conflito entre manter-se índio e abraçar os ditos benefícios da cultura não indígena. A tentativa de conciliação desses aspectos contraditórios os coloca numa situação conflituosa: de um lado percebemos a força e a resistência extraídas quase que, milagrosamente, frente à situação de contato vivenciada desde o início da colonização e, de outro, a postura de não rejeitar de pronto e de forma alardeada o que vem de fora. Adota, antes, a postura de interpretar a cultura do outro (dominante) conforme a sua própria cultura Tembé (resistência). E essa característica Tembé de não fazer enfrentamentos drásticos da cultura do outro parece ter sido uma característica dos Tembé desde o início dos contatos com as demais culturas.

Os índios Tembé da aldeia Teko-haw mantêm algumas de suas tradições culturais e a língua ainda é falada na aldeia. Em suas festas religiosas incorporam os dias santos e o batizado cristãos, mas não o cristianismo como sistema religioso. A festa da Moça acontece em diversas etnias do ramo Tupi, no entanto, no estado do Pará, entre os Tembé, somente a aldeia Teko-haw ainda a realiza, mas, no caso da Semana Santa e a festa de São Benedito, elas são únicas na região e oriundas do contato interétnico, respectivamente, com não indígenas: brancos e negros. Os Tembé guardam o Wiraohavo, o rito de puberdade de rapazes e moças, que fazia parte da festa do milho, e é também conhecido como festa do moqueado. Eles fazem também o Wiraohavo-i (em que o i indica o diminutivo), que é o mesmo rito com

menor duração e mais simplificado, destinado a evitar que a criança adoça com a introdução de carne na sua dieta.

No que diz respeito à situação linguística nota-se que a língua não está numa situação confortável, pois, embora nesta pesquisa se mostre que, entre os falantes entrevistados, haja mais manutenção do léxico do que perda, esse resultado, como bem explicamos, não é garantia de que a língua não esteja ameaçada e não é garantia de que a língua esteja sendo transmitida às novas gerações. A situação sociolinguística dos Tembé desta aldeia ainda precisa ser estudada com mais criteriosidade.

No que diz respeito ao estudo do léxico aqui implementado, o enfoque destacado nesse particular, foi a perspectiva proposta por Eugenio Coseriu, o da estruturação de campos lexicais. Um estudo estrutural do léxico deixa claro que, ainda que não se possa abarcar todo o léxico de uma língua, pode-se começar a realizar a estruturação desse léxico a partir de um *corpus* delimitado. A teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu nos deu a possibilidade de realizar um levantamento de um léxico específico e, conseqüentemente, poder conhecer algum aspecto específico da sociedade em que tal estudo foi realizado.

Organizamos esses campos considerando três práticas fundamentais assentadas em dois grandes campos gerais: fauna e flora. Tínhamos a intenção de verificar a relação que as práticas culturais tecem com os elementos da natureza. As três práticas por nós eleitas para investigação (caça, pesca e produção da farinha) estão diretamente ligadas e dependentes de duas instâncias naturais básicas: a fauna e a flora. Nesse encadeamento nos perguntávamos até que ponto as modificações no ambiente natural (fauna e flora) teria interferido naquelas três práticas culturais (caça, pesca e produção da farinha) e até que ponto isso se refletiria na língua, mais especificamente, no léxico.

No caso da aldeia Teko-haw é notório que a devastação ambiental, como derrubada de árvores, retirada ilegal de madeiras, invasão do território indígena perpetrado por madeireiros, fazendeiros etc, bem como a abertura de estradas que facilitou o acesso a não indígenas e à entrada facilitada de elementos da cultura não indígena certamente tiveram impactos nas práticas culturais de subsistência em maior ou menor grau. A prática da caça, por exemplo, foi a que mais sofreu alterações com as modificações do ambiente natural. Como resultado também constatamos perda no léxico referente a essa prática cultural. Embora



afirmemos que há mais manutenção do que perda lexical, isso não significa que não houve perda. A perda de material lexical é um indicador da dinâmica da língua sujeita a influências várias enquanto que a manutenção lexical é um indicador de resistência e de que ainda precisamos investigar melhor o poder que a língua tem de resistir em ambientes desfavoráveis e mesmo hostis sua preservação.

O que vimos foi que há uma espécie de efeito em cadeia: modificações na natureza (fauna e flora) incidem em práticas culturais (caça, pesca e produção da farinha) que, por sua vez, interferem na língua (léxico) de um determinado grupo. Foi isso que observamos nesta pesquisa. Esta corrobora com o velho bordão de que há uma intrínseca relação entre língua, mundo e cultura. E, neste particular, o léxico é uma instância da língua em que isso se revela com maior transparência.

A experiência de realizar esta pesquisa não simplesmente responde às questões que as motivaram, mas abre caminhos para outras investigações em relação à fonética e a fraseologia que, por meio desta pesquisa, puderam ser levantadas.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza **Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais** In: *CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. In: Cadernos do CNLF*, Vol. XV Nº 5, t. 2. 2011. Rio de Janeiro, **Anais**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 1332.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Um estudo lexical o primeiro manuscrito da culinária portuguesa: o Livro e Cozinha da Infanta D. Maria Salvador**. Quarteto, 2009.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALKMIN & TARALLO. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. **Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro, UERJ – Instituto de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do Léxico**. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.) **Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 131 - 145.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia** – 2 ed. – Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2001, p. 13 – 22.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e Vocabulário Fundamental**. In: *ALFA: Revista de Lingüística*. v. 40. São Paulo: Ed. UNESP, 1996, p. 27-45.
- BOUDIN, Max. H. **Dicionário do Tupi-Moderno. (Dialeto Tembê-Ténêthár do Alto Rio Gurupí)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.
- BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupí-Guarani Português**. São Paulo: Vida livros, 1986.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2008.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARNEIRO, José de Ribamar Dias. **Povos e línguas indígenas no Maranhão**. Tese de doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ-2014.
- CARVALHO, M. Goretti. **Sinais de Morte e de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembê**. Dissertação de Mestrado em Linguística na UFPA. 2001.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- COSERIU, Eugenio. **Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional**. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

- COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural**. Vers. esp. De Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: \_\_\_\_\_ **Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro-RJ: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 13 - 85.
- COUTO, Hildo Honório de. **Linguística, ecologia e ecolinguística – contato de línguas**. São Paulo. Editora: Contexto. 2009.
- CUCHE, Denys. Capítulo 1 e Capítulo 2. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M. **Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. Editores Ltda. – 1986.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.
- GECKELER, Horst. **Semântica estrutural y teoria do campo léxico**. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.
- GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história. O povo Tenetehara em busca da liberdade**. Petrópolis, Vozes, 2002.
- GOMES, Mércio Pereira. **The etnical survival of the Tenetehara Indians of Maranhão, Brasil. PhD University of Flórida, 1977.**
- GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982, 370pp.
- GUMPERZ, J. and HERNANDEZ-CHAVEZ, E. **Bilingualism, bidialectalism and classroom interaction**. In: Cazden . E. el al. (cds.). *The Functions of Language in the Classroom*. New York: Teachers College Press, 1971.
- HAMERS, J. F., & BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2nd edn. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva LTDA. 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Belém-PARÁ, 2010.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades @**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 15/11/2014.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

JOHNSON, Richard. "What is cultural studies anyway?", in STOREY, John (org.). **What is Cultural Studies? A Reader**. Londres: Arnold, 1996, p. 75-114. (Edição brasileira: SILVA, Tomas Tadeu da (org.) *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica (1999).

KRIEGER, Maria da Graça. FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução À Terminologia: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ OLIVEIRA, Renata Sobrino Porto de. **Code-switching: perspectivas multidisciplinares**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. Departamento de Letras, 2006.

PAIXÃO, Antonio Jorge Paraense da. ARRUTI, José Mauricio Andion. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Interculturalidade e política na educação escolar indígena da aldeia Teko Haw-Pará**. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. 2010. 171p.

PEREIRA, Cesár. **Sinopse da História de Bragança**. Belém, 1962.

POPLACK, Shana. **Syntactic structure and social function of code-switching**. In: Latino Language and Communicative Behavior, ed. by Duran, R.. New Jersey: Ablex Publishing Corp., 1981, 169-184

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Schwarcz, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Aryon DalHogna. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. Loyola, São Paulo, 1985.

RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. **Tupi, tupinambá, línguas geral e português do Brasil**. In: NOLL, Volker & WOLF, Dietrich. **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

SILVA, Luana Duarte. **Irmandades de Pretos [manuscrito] edição e inventariação lexical em manuscritos goianos do século XVIII**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Goiás – UFGO. 2013.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupí**. Tese de doutorado da Universidade de Brasília - UnB. 2010.

STRADELLI, E. **Vocabulários da Língua Geral: Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez**. Rio de Janeiro, 1929.

HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) Representation Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, S. "Cultural identity and Diaspora". In Rutherford, J. (org.). Identity. Londres:

Lawrence and Wishart, 1990.

HALL, S. e Gieben, B. (orgs.) **Formations of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1992.

THOMASON, S; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. University of California Press: Berkeley, 1988.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. **Dicionário Tupi-Português: Com esboço de gramática de Tupi Antigo**. São Paulo: Traço Editora, 1984.

VERISSIMO, José. **As populações indígenas e mestiças da Amazônia**. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L, Parte Primeira, p. 295-390. 1887. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILELA, Mário. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

WAGLEY, Charles & GALVÃO, Eduardo. **Os índios Tenetehára. Uma cultura em transição**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

WEINREICH, U., LABOV, W., and HERZOG, M. I. **Empirical foundations for a theory of language change**. In: Directions for Historical Linguistics, a Symposium, W. P. Lehmann and Y. Malkiel, Eds. University of Texas Press, Austin, 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZANONNI, Claudio. **Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara**. Brasília. Conselho Indigenista Missionário, 1999.

INSTITUTO SOCIO-AMBIENTAL – ISA. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tembe>. Acesso em 15/10/2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE - FUNASA. Relatório de Gestão 2008 CORE/MA. Disponível em <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/RELATORIO-DE-GESTAO-MA-2008.pdf>. Acesso em 15/10/2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE - FUNASA. Relatório de Gestão 2009 CORE/PA. Disponível em [http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/RELATORIO\\_GESTAO-PA-2009.pdf](http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/RELATORIO_GESTAO-PA-2009.pdf). Acesso em 15/10/2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO – FUNAI. Terra indígena Tembê no Alto Rio Guamá - Pará. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em 15/10/2014.

# **ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA

PROFESSORA ORIENTADORA: TABITA FERNANDES

BOLSISTA: ELIENE ROSA CHAVES

LOCUS DA PESQUISA: COMUNIDADE INDÍGENA TEKÓ-HAW (PARAGOMINAS)

### **MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA COLETA (RECOLHA) DE DADOS.**

#### **I. LÉXICO DA FLORA REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FARINHA**

As sugestões de perguntas a seguir devem ser entendidas como sugestões, podendo sofrer adaptações de acordo com a necessidade. O aluno deve lembrar que, nessas sugestões, não constam todas as perguntas que podem ser feitas sobre o assunto. Estas, aqui apresentadas, são uma pequena demonstração.

**Ações:** 1) coletar os itens e expressões lexicais referentes ao campo lexical da farinha de mandioca; 2) transcrever os itens e expressões lexicais gravados ou escritos.

**Coleta de dados:** os dados deverão ser recolhidos considerando as fases da produção farinha desde os antecedentes do plantio até a fase da farinha em seu último estágio (a farinha propriamente dita). A seguir as possíveis fases desse processo.

Você deverá coletar todos os **itens e expressões lexicais** (nomes e verbos) referentes a:

##### **1) Antecedentes do plantio da mandioca**

- a) Como o solo deve estar?
- b) O solo é preparado de antemão?
- c) Como se prepara o solo?
- d) Que instrumentos são necessários para o preparo do solo?
- e) Qual a sequência de ações a serem realizadas para o preparo do solo?

##### **2) O plantio**

- a) Que instrumentos são necessários para se fazer o plantio da mandioca?
- b) Como se faz o plantio?
- c) Qual a sequência de ações a serem realizadas para se fazer o plantio da mandioca?
- d) Como se chama o buraco aberto na terra para plantar a mandioca?
- e) O que é depositado nesse buraco aberto na terra?

**3) A planta (maniva)**

- a) As partes da planta (maniva)
- b) Os tipos de maniva
- c) A maniva boa
- d) A maniva ruim
- e) Que nomes a planta recebe desde o momento quando brota no solo até a fase adulta?
- f) Outras questões

**4) A arrancada**

- a) Como se procede à arrancada da mandioca?
- b) Que instrumentos são necessários para a arrancada da mandioca?
- c) Que ações (verbos) são realizadas para a arrancada da mandioca?
- d) Outras questões

**5) O tubérculo (a raiz, a mandioca)**

- a) As partes da raiz (casca, entrecasca, polpa, o fio que fica no meio da polpa etc )
- b) Como se chama a raiz?
- c) Os tipos de raiz de mandioca?
- d) A raiz boa
- e) A raiz ruim

**6) O preparo da farinha propriamente dito**

6.1 O amolecimento do tubérculo (se for farinha d'água) ou a moagem do tubérculo (se for farinha seca)

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo.

*Mandioca mole e mandioca dura.*

6.2 A remoção da casca do tubérculo

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo

6.3 A amassada do tubérculo (prensagem?)

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo



6.4 Separações dos elementos resultantes da amassada/prensagem (tucupi, goma, massa para fazer farinha)

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo

6.5 a torração da farinha

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo

6.6 os arremates do processo

Obs.: Registrar todos os nomes e ações envolvidos no processo.

## OBSERVAÇÕES

1. Verifique quais são as fases da feitura da farinha na comunidade Teko-haw de modo que você possa ajustar sua pesquisa às fases realmente desenvolvidas na comunidade.
2. Não utilize termos técnicos com os colaboradores (léxico, itens lexicais, verbos etc). Ajuste-se à linguagem deles e busque a maneira mais simples para se fazer entender.
3. Se o colaborador estiver demonstrando cansaço, o ideal é parar o trabalho e continuar em outro momento.
4. Gentileza, educação, bom trato e respeito são fundamentais, por isso, trate o colaborador da melhor maneira possível.
5. Fotografias são muito bem-vindas nesse tipo de trabalho que você está desenvolvendo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA

PROFESSORA: TABITA FERNANDES

ALUNA: ELIENE ROSA

**MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA COLETA (RECOLHA) DE DADOS.**

**II. LÉXICO REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FAUNA: CAÇA**

2. FAUNA
  - 2.1 ANIMAIS CAÇADOS NO PASSADO
  - 2.2 ANIMAIS CAÇADOS NO PRESENTE
- 3 LUGARES DA ATIVIDADE DA CAÇA
- 4 UTENSÍLIOS (INSTRUMENTOS) DA ATIVIDADE DA CAÇA
- 5 MODOS (FORMAS) DE CAÇAR
- 6 ETAPAS DA ATIVIDADE DA CAÇA
- 7 SUJEITOS QUE PARTICIPAM DA ATIVIDADE DA CAÇA
- 8 PARTILHA DA CAÇA APREENDIDA
- 9 AÇÕES EM QUE SE DESDOBRAM A ATIVIDADE DA CAÇA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA

PROFESSORA: TABITA FERNANDES

ALUNA: ELIENE ROSA

**MODELO DE ORIENTAÇÕES PARA COLETA (RECOLHA) DE DADOS**

**III. LÉXICO REFERENTE AO CAMPO LEXICAL DA FAUNA: PESCA**

3.1 FAUNA

3.1.1 PEIXES (DO PASSADO)

3.1.2 PEIXES (DO PRESENTE)

3.2 LUGARES DA ATIVIDADE DA PESCA

3.3 UTENSÍLIOS (INSTRUMENTOS) DA ATIVIDADE DA PESCA

3.4 MODOS (FORMAS) DE PESCA

3.5 ETAPAS DA ATIVIDADE DA PESCA

3.6 SUJEITOS QUE PARTICIPAM DA ATIVIDADE DA PESCA

3.7 PARTILHA DA PESCA APREENDIDA

3.8 AÇÕES EM QUE SE DESDOBRAM A ATIVIDADE DA PESCA

## ANEXO D

### MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada “Denominações da fauna e da flora nos registros de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembé da região do Gurupí” que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: [elienerosachaves@yahoo.com](mailto:elienerosachaves@yahoo.com). Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1966) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembé da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

---

Colaborador (a) Tembé.

Aldeia Teko-haw, Paragominas-Pa \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Em caso de não poder assinar, recorre-se à impressão da digital.

Dedo Polegar - Direito

# APÊNDICES

**TABELAS DAS PRÁTICAS CULTURAIS COLETADOS EM PESQUISA DE CAMPO.**

I. PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS REFERENTES À CAÇA. A PESCA E A PRODUÇÃO DA FARINHA.

COLABORADORES INDÍGENAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 55 A 85 ANOS: Ruth Tembé, Livino Tembé, Roberto Tembé

1.1. AS PRÁTICAS CULTURAIS

| COLABORADORES | a) As práticas culturais, atualmente, da pesca, da caça e da produção da farinha são atividades que garantem a sobrevivência alimentar ou se a sobrevivência alimentar tem sido promovida de outra forma?   |
|---------------|---|
| 1) Ruth       | <p><i>A caça, pesca e farinha faz. De primeira a farinha era feita assim, na prensa, no tipiti, peneira peneirar. De primeira nós plantava feijão, arroz, cará, melancia, cana, <u>hoje gente compra né.</u> Trabalhava na roça eu e o papai plantava antes arroz, feijão, cará, macaxeira, batata, cana, mandioca.</i></p> <p><i>Antigamente pescava, caçava e fazia farinha assim que acaba a cousa. Quando num tem aquela cousa vai caçar de novo, acabou o peixe vai pescar ta cabando a farinha põe mandioca de molho com três dias faz farinha. A mulher que faz a farinha não é homem não. Bota mandioca na água no paneiro na costa.</i></p>  |
| 2) Livino     | <p><i><u>Todo mundo, gente fazia farinha, gente plantava tudo, hoje em dia, hoje em dia esse novato mais num fazem do jeito que nós fazia antes, entendeu. E nós antigamente quando era no machado, roçava, derrubava no machado e fazia um alquê de roça plantava batata, plantava cará, plantava esse cousa de macaxeira, plantava melancia, plantava tudo dele. Ai nós isso que era nosso elimento cousa de antigamente que o veio fazia, que nós fazia, então hoje em dia, nós tamo isso que eu to dizendo, nós tamo perdendo tudo, perdendo tudo, não planta mais cará, não planta mais melancia, não planta mais batata, não planta mais nada. Cana também fazia garapa, fazia mel, fazia rapadura, hoje em dia não se faz mais, isso ai ta si perdendo, eles vão perdendo já, tudinho.</u></i></p> |

|                   |   |
|-------------------|---|
|                   | <p><i>Antigamente nós fazia, os veio fazia.</i></p> <p><i>Sim, nós compra né, arroz, feijão e açúcar, café e tudo gente compra, conserva, antigamente gente não comprava isso em canto nenhum tem ai no mato. Nós compra porque quer né, depois que acostumou comprar gente compra.</i></p> <p><u><i>Antigamente todo nós caçava, pescava e fazia farinha para comer né, matava caça.</i></u></p> |
| <b>3) Roberto</b> | <p><i>Antigamente nós pa comer tinha que caçar, pescar e fazer farinha, isso daí gente fazia mingau de farinha, tudo tinha que plantar e caçar e pescar pa comer, agora quem pode compra arroz, feijão, açúcar esse cousa aí pa comer.</i></p>  |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>b) Quais as famílias que pescam, caçam e fazem farinha?</b> |
| <b>1) Ruth</b>       | <i>Tudinho faz farinha, caça e pesca pa comer.</i>             |
| <b>2) Livino</b>     | <i>Todo mundo. Faze meno que ante, mais faz.</i>               |
| <b>3) Roberto</b>    | <i>Todas daqui pesca, caça e faz farinha.</i>                  |
|                      |  |
|                      |  |

|           |  |             |                  |              |                    |                      |                 |
|-----------|--|-------------|------------------|--------------|--------------------|----------------------|-----------------|
|           | <b>c) Com que regularidade? Quantas vezes se pesca/caça/faz farinha no mês/semana?</b> |             |                  |              |                    |                      |                 |
| <b>Nº</b> | <b>FAMÍLIA</b>   | <b>CAÇA</b> | <b>FREQU.</b>    | <b>PESCA</b> | <b>FREQ U.</b>     | <b>PROD. FARINHA</b> | <b>FREQU.</b>   |
| 01        | Mª Hilda Tembé   | Sim         | 01 vez na semana | Sim          | Todo dia           | Sim                  | 02 vezes no mês |
| 02        | Mayara Tembé   | Sim         | 01 vez na semana | Sim          | 03 vezes na semana | Sim                  | 01 vez no mês   |

|    |                       |     |                            |     |                     |     |                     |
|----|-----------------------|-----|----------------------------|-----|---------------------|-----|---------------------|
| 03 | Iracema Temb          | Não | _____                      | Sim | Todo dia            | Sim | Toda semana         |
| 04 | Livino Temb           | Sim | Vou 03 ou 04 vezes no mês. | Sim | 02 Vezes na semana  | Sim | 03 vezes no mês.    |
| 05 | Manuel Temb           | Sim | 03 vezes semana            | Sim | Quase todo dia      | Sim | 02 vezes no mês.    |
| 06 | Arnaldinho Temb       | Sim | 02 vezes semana            | Sim | 03 vezes na semana  | Sim | Quando tem mandioca |
| 07 | Roberta Temb          | Sim | 02 vezes semana            | Sim | Todo dia            | Sim | 04 vezes no mês     |
| 08 | Ant S. Temb  (Sandra) | Sim | 01 vez na semana           | Sim | Todo dia            | Sim | Toda semana         |
| 09 | Osmael Temb  (Uzu)    | Sim | 02 vezes semana            | Sim | 02 vezes na semana  | Sim | 01 vez no mês       |
| 10 | José Lopes Temb       | Sim | 01 vez na semana           | Sim | Quase todos os dias | Sim | 02 vezes no mês     |
| 11 | Roberto Lopes Temb    | Sim | 02 vezes semana            | Sim | Quase todos os dias | Sim | 01 vez na semana    |
| 12 | José Roberto Temb     | Sim | 01 vez na semana           | Sim | Todos os dias       | Sim | 02 vezes no mês     |
| 13 | Carlos Sérgio Temb    | Sim | 01 vez no mês, se reuni.   | Sim | Quase todos os dias | Sim | Toda semana         |



|    |                               |     |                                |     |                    |     |                         |
|----|-------------------------------|-----|--------------------------------|-----|--------------------|-----|-------------------------|
|    | (Kaparai)                     |     |                                |     |                    |     |                         |
| 14 | Moreira Temb                  | Sim | Quando se reuni                | Sim | Todos os dias      | Sim | 01 vez na semana        |
| 15 | Ant <sup>o</sup> Carlos Temb  | Não | _____                          | Sim |  s vezes           | Sim | Quando tem mandioca     |
| 16 | Genilda Lopes Temb  (Kamucha) | Não | _____                          | Sim |  s vezes           | Sim | Ajudo toda a semana.    |
| 17 | M <sup>a</sup> Irene Temb     | Não | _____                          | Não | _____              | Sim |  s vezes                |
| 18 | Manoel Sabiá Temb             | Sim | Toda semana                    | Sim | Todo dia           | Sim | Toda a semana           |
| 19 | Martins Temb                  | Sim | 01 vez na semana               | Sim | 03 vezes na semana | Sim | Toda semana             |
| 20 | Valdeir Temb                  | Sim | 01 vez na semana               | Sim | Quase todo dia     | Sim | 04 vezes no mês         |
| 21 | João Temb  (Cecília)          | Sim |  s vezes no caminho            | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana      |
| 22 | Arnaldinho Temb               | Não | São quando se reuni para caçar | Sim | Todos os dias      | Sim | Quando tem mandioca     |
| 23 | M <sup>a</sup> Nazaré Temb    | Não | _____                          | Sim |  s vezes           | Sim | Ajudo a fazer a farinha |

|    |                       |     |                        |     |                    |     |                        |
|----|-----------------------|-----|------------------------|-----|--------------------|-----|------------------------|
| 24 | Edinaldo Temb         | Sim | 01 vez na semana       | Sim | Quase todo dia     | Sim | 03 vezes na m s        |
| 25 | Zataia Temb           | Sim |  s vezes               | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana     |
| 26 | Afonso Temb           | Sim | 02 vezes semana        | Sim | Todo dia           | Sim | 02 vezes na semana     |
| 27 | Mário Temb            | Sim |  s vezes               | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana     |
| 28 | Pedro Temb            | Sim |  s vezes               | Sim | 03 dias da semana  | Sim | 02 vezes na semana     |
| 29 | M  Irene Temb         | Não | _____                  | Sim |  s vezes gente vai | Sim | Quando faz gente ajuda |
| 30 | Agimiro temb          | Sim |  s vezes gente acha    | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana     |
| 31 | Martinho Temb         | Não | Quando se reuni eu vou | Sim | 02 vezes na semana | Sim | Quando tem mandioca    |
| 32 | Ruth Temb             | Não | _____                  | Não | _____              | Sim | Ajudo um pouco         |
| 33 | Ant  Temb             | Sim |  s vezes semana        | Sim | 03 dias da semana  | Sim | 02 vezes na semana     |
| 34 | Jair Temb  (Saracura) | Sim | Toda semana            | Sim | Todo dia           | Sim | Toda a semana          |

|    |                  |     |                            |     |                    |     |                   |
|----|------------------|-----|----------------------------|-----|--------------------|-----|-------------------|
| 35 | Raimundo Temb    | Sim |  s vezes eu vou com outros | Sim | 03 vezes na semana | Sim | 02 vezes semana   |
| 36 | Sebastião Temb   | Sim | 01 vez na semana           | Sim | Todo dia           | Sim | 01 vez na semana  |
| 37 | Jaime Temb       | Sim | Toda semana                | Sim | 02 vezes na semana | Sim | Toda semana       |
| 38 | Gi  Temb  (Kuri) | Sim | Gente se reuni             | Sim | Quase todo dia     | Sim | Quase toda semana |
| 39 | Jacinto Temb     | Sim | De vez enquanto            | Sim | 03 vezes na semana | Sim | 02 vezes semana   |
| 40 | Ywaumo Temb      | Sim |  s vezes na semana         | Sim | Todo dia           | Sim | Toda a semana     |

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>d) Pedir a eles que descrevam como se d  cada uma dessas práticas.</b>   |
| <b>1) Ruth</b>       | <p><i>De manhã vai pescar, leva farinha para fazer aquele piranzinho pa pegar piabinha bota no anzol grande pagar peixe grande. Quando quer pescar de noite vai com mais.</i></p> <p><i>Só os homens que ca am n  a mulher não. A mulher não sabe caçar na mata s  homem. Vai andar escutando reparando po aí no mato aí ver a caça aí mata. De primeiro não era espingarda era flecha, o arco. De primeiro armadilha ninguém usa, não.</i></p> <p><i>Vai lá na roça traz a mandioca bota na água deixa amolecer, gente faz aquele poceiro no garap  aí boto dento, quando a mandioca fica mole, molinha, aí vai descascar,</i></p> |

|                          |  |
|--------------------------|--|
|                          | <p><i>tira da água bota na camélia vai machucar aí bota no tipiti aí acabou de espremer aí vai pa peneirar peneira tipo um quatro assim pa peneirar e depois de peneirar aquele forno já está quente bota fogo de baixo para esquentar, antigamente era cimento no lugar do metal do forno.</i></p> <p><i>De primeiro a caça, jabuti, essa coisa era perto agora se muda por causa de quê? Por causa do fogo que ta queimando a mata difícil agora.</i></p>  |
| <p><b>2) Livino</b></p>  | <p><i>As vedes que a gente saia, saia de manhã cedinho saia ia pescar, matava, quando, ande de, ande de onze hora chegava, aí pronto, era rapidinho, hoje está difícil. Usava só flecha, nossa arma de antigamente era só flecha, ia só homem. A pesca era de flecha, de anzol, era assim. Armadilha precisava não, tinha muito peixe. Pescava de dia, só homem, pescava no rio de dia de noite não.</i></p> <p><i>Pá fazer farinha, gente plantava até quando madurava aí nó botava dento dágua, torrava aí tirava tapioca botava aí pronto fazia farinha, fazia farinha botava aí pronto, gente ia comer devagar até quando ia acabando fazia de novo, era assim. A mandioca vinha da roça, ia pro rio mermo banhar, ia pa casa de farinha, empanhava no pano, usava tipiti era assim.</i></p> |
| <p><b>3) Roberto</b></p> | <p><i>Naquele tempo não esperava não, só fazia mermo amanhecia o dia ia por mato, mora dessa chegava com a caça. Hoje é mais difícil né, tem que andar muito mato pa achar caça, tem gente que queima a mata, fazo caminho e empata o rio aí a caça vai pra longe, muito dentro da mata.</i></p> <p><i>Pescar ia cedinho pa chegar cedo como o peixe pa comer, antigamente era só com flecha que pescava, depois usou anzol e rede né. Agora gente pesca com anzol, malhadeira rede né de pescar, não usa mais flecha.</i></p> <p><i>Fazer farinha sempre, quando vai acabar a farinha ia na roça, pegava mandioca bota no rio, molece e levava pa casa de farinha, espremia no tipiti, peneira e bota no fogo pa torra, mexe e mexe torrar.</i></p>   |

## CAÇA

(AO INVESTIGAR AS PRÁTICAS DA CAÇA, NÃO PERDER DE VISTA AS MUDANÇAS AMBIENTAIS).

| COLABORADORES | a) Ainda há lugares propícios para caçar?   |
|---------------|---|
| 1) Ruth       | Só na mata né, dentro do mato mermo, anda muito.  |
| 2) Livino     | <i>Antigamente gente saia no mato quando era ante de onze hora chegava trazia caça, era rapidinha, era só na mata que caçava, rapinho achava, pendia, matava e trazia, hoje é mais difícil tem que andar muito dentro da mata e demora. Muita queimada e entra na nossa terra fez a caça muito e sumiu.</i> |
| 3) Roberto    | <i>Mata dentro, demora achar. Gente vem caçar muito bicho e leva muito aí difícil achar caça, tem gente que vende muito dinheiro.</i>   |

| COLABORADORES | b) Onde a caça é feita?                 |
|---------------|---|
| 1) Ruth       | <i>No mato mermo,</i>                   |
| 2) Livino     | <i>No mato, gente mora na mata, né.</i> |
| 3) Roberto    | Mato dentro.                            |

| COLABORADORES  | c) Quem caça?   |                |                |         |
|--|---|----------------|----------------|---------|
| 1) Ruth  | <i>Os homens que caça a mulher não.</i>               |                |                |         |
| 2) Livino  | <i>Só o homes.</i>                                    |                |                |         |
| 3) Roberto   | Os homens, às vezes a mulher vai junto, num caça não. |                |                |         |
| <b>d) Que animais ainda <u>hoje</u> são caçados?</b> |   |                |                |         |
|  | <b>Ruth</b>   | <b>Livino</b>  | <b>Roberto</b> |         |
|  | <b>83 anos</b>  | <b>76 anos</b> | <b>56 anos</b> |         |
| A'i (p.17)   | Preguiça (espécie)                                    | Não e nem      | Tem, come.     | Tinha e |

|   |   |   |                               |   |
|---|---|---|-------------------------------|---|
|   | de macaco).   | comia, nem criava porque tinha unha grande.             |                               | tem, não come não, não caça.                                  |
| Apê (p.28)<br>Zawti-apê:  | Casco de jabuti (vivo)<br><br>Casca do jabuti morto.  | Tinha e tem.  | Tem, põe comida.              | Tinha e tem.  |
| Akuru (p.21)  | Espécie de pássaro.   | Não, não usa pena miudinha.                             | Tem e come e usa pena enfete. | Tinha e tem, come, caça.                                      |
| Akuti (p.21)  | Cutia.  | Caçava e alimentava.                                    | Tem e come                    |   |
| Anäkä (p.26)<br>Äräkwä (p.34)<br>Azuru (p.47)<br>Ma-ita (p.125)<br>Parawa (p.183)<br>Pêri (p.189) | Espécie de papagaio.<br><br>Papagaio, aracuã.<br><br>Papagaio.<br><br>Esp. de papagaio.<br><br>Esp. de papagaio.<br><br>Esp. de papagaio de bico amarelo. | Caça para tirar a pena.                                 | Tem, usa pena.                | Tinha e tem, caça, cria filhote e usa pena.                   |
| Arapapa (p.34)  | Espécie de papagayos; arapapá.  | Não caça. Cria o filho tira a pena e depois vai embora. | Tem e usa pena e cria.        | Tinha e tem, come e usa pena.                                 |
| Arapuha (p.34)<br>Mahâw (p.124)<br>Rapuha (p.224)   | Veado.<br><br>Esp. de veado branco.<br><br>Veado.   | Caçava para comer.                                      | Tem e come.                   | Tinha e tem, esse que caça mermo, dá pa comer a família toda. |
| Arar ≈ Arara (p.34)   | Tipos de arara.   | Caçava para   | Tem e usa                     | Tinha e   |

|                                    |                                       |                                       |  |  |
|------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|--|--|
|                                    |                                       | tirar a pena.                         | pena e cria.   | tem, come mermo, usa a pena e cria filhote.                    |
| A'rawira (p.35)                    | Espécie de pássaro vermelho.          | Não sei.                              | Não sei.   | Não sei.   |
| Aruá (p.36)<br>Maräkänä (p.127)    | Maracanã.<br>Maracanã (esp. de louro) | Pegava para tirar a pena, matava.     | Tem e come e usa pena, cria.                                     | Tinha e tem, come, caça e usa pena.                            |
| Atora (p.38)<br>Mīykur (p.136)     | Espécie de gambá<br>Mucura, gambá.    | Não caçava, mata porque come galinha. | Tem, come não.   | Tinha e tem, não caça e num come não.                          |
| Atīnga-hu (p.42)                   | Espécie de coruja.                    | Não.                                  | Tem, come não e nem usa pena.                                    | Tinha e tem, num come não nem caça.                            |
| Awara (p.41)                       | Raposa.                               | Não. Maracajá do mato.                | Tem.   | Tinha e tem, mata porque é ruim, num passa na frente que mata. |
| Awiza (p.42)<br>Hawiza (p.56)      | Sabiá.<br>Sabiá (Espécie de pássaro). | Não.                                  | Tem, come e usa pena.  | Tinha e tem come, caça.  |
| Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303) | Lontra.<br>Lontra.                    | Não.                                  | Antigamente caçava pa tirar o couro para vender, agora proibiro. | Não tem não.   |
| Hakā-tik (p.53)                    | Espécie de passarinho não             | Não sei.                              | Não sei.   | Num sei  |

|   |  |   |                              |   |
|---|--|---|------------------------------|---|
|   | identificado.  |   |                              | não.  |
| Hiy (p.63)<br>Amé'a (p.23)<br>Ta'i (p.236)  | Nome de um pequeno papagaio, curica.<br><br>Espécie de curica.<br><br>Esp. de curica preta.                          | Não.  | Tem, cria e come e usa pena. | Tinha e tem, usa pena.                      |
| Hôkô (p.64)<br>Kārā'u (p.97)<br>Mawari (p.130)<br>Wĩra-paku (p.292)               | Socó (ave) espécie de socó.<br><br>Esp. de socó.<br><br>Esp. garça ou socó.<br><br>Esp. de socó.                     | Caçava para tirar a pena.<br><br>Não cria por causa do bico fere a criança. | Tem, come e usa pena.        | Tinha e tem, pega a pena pa usar.           |
| Hupi'a (p.66)<br>Ma'ê-rupi'a (p.123)<br>Tupi'a (p.272)<br>Wĩra-rupi'a (p.292)     | Ovo.<br><br>Ôvo de...<br><br>Ovo.<br><br>Ovos de pássaro.  | Pega.   | Tem.                         | Tinha e tem, gente pega.                    |
| Huruku'á (p.66)<br>Uruku'a (p.281)  | Surucuá (espécie de pássaro)<br><br>Surucuá (esp. de pássaro)  | Não.  | Tem, cria e come.            | Tinha e tem, come e caça.                   |
| Inamu (p.73)<br>Namu (p.173)<br>Pékwapa (p.186)<br>Pikwapa (p.196)<br>Uru (p.281) | Nambu (ave).<br><br>Nambu.<br><br>Esp. de nambu.<br><br>Pécuapa (esp. de nambu)<br><br>Corcovado, esp.de nambuzinho. | Caça para comer e precisa da pena.  | Tem, cria e come e usa pena. | Tinha e tem, caça muito, come e usa a pena. |
| Inazê (p.73)  | Gavião.<br><br>Carapira (esp. De   | Não come e nem usa as   | Tem, não come, é usa a       | Tinha e tem, caça pa tirar a pena           |



|                     |   |                         |                           |  |
|---------------------|---|-------------------------|---------------------------|--|
| Karipira (p.97)     | gavião).  | penas.                  | pena.                     | pa moça,<br>não come, .                      |
| Kôrô-kôrô (p.105)   | Esp. De gavião.                                   |                         |                           |  |
| Mézu'i-zu'i (p.130) | Esp. de<br>gaviãozinho.                           |                         |                           |  |
| Urutaw-ran (p.282)  | Gavião de<br>penacho.                             |                         |                           |  |
| Wäkawä (p.284)      | Gavião de<br>penacho.                             |                         |                           |  |
| Winazê (p.290)      | Esp. de gavião.                                   |                         |                           |  |
| Wira-hu (p.292)     | Gavião bobo.                                      |                         |                           |  |
| Wira-hu (p.292)     | Gavião.   |                         |                           |  |
| Zapukani (p.301)    | Gavião.   |                         |                           |  |
| Zawatô (p.303)      | Esp. de gavião<br>pequeno,<br>japacanim.          |                         |                           |  |
| Zétapaw (p.340)     | Gavião.<br><br>Gavião tesouro<br>(esp. de falcão) |                         |                           |  |
| Ipêk (p.75)         | Espécie de marreco<br>(pato)                      | Caça e come.            | Tem come.                 | Tinha e<br>ainda tem,<br>caça.               |
| Ka'i (p.93)         | Macaco em geral.                                  | Caça e come.            | Tem, todo<br>tipo e come. | Caça e<br>come, tem<br>muito mata<br>dentro. |
| Tamari (p.239)      | Macaco cuxiú.                                     |                         |                           |  |
| Wapurikĩ (p.285)    | Macaco da noite.                                  |                         |                           |  |
| Warĩw               | Guariba (esp. De<br>macaco).                      |                         |                           |  |
| Zupara (p.335)      | Esp. de macaco da<br>noite.                       |                         |                           |  |
| Zupati (p.335)      | Esp. de macaco da<br>noite.                       |                         |                           |  |
| Kamazyô (p.93)      | Camaleão.   | Não caça e<br>nem come. | Tem.                      | Tinha e tem<br>e não caça                    |

|  |  |   |                                 |  |
|--|--|---|---------------------------------|--|
|  |  |   |                                 | não.   |
| Kara-kara (p.97)   | Urubu, caracará.   | Não presta, fede muito até a pena.      | Tem.                            | Não caça, tinha e tem.                       |
| Karara (p.97)  | Mergulhão (pássaro)  | Não caça e a pena é muidinha.           | Tem.                            | Tinha e tem, caça né.                        |
| Karumê (p.98)  | Carumbé (esp. De jabuti c/manchas amarelas.  | Caça para comer                         | Tem, pega e cria e também come. | Tinha e tem, caça pa comer.                  |
| Kupi'i-war (p.107)<br>Ma'ê-mêngo (p.119)<br>Tamanwa (p.238)          | Tamanduá.<br>Esp. De pequeno tamanduá.<br>Tamanduá bandeira.   | Não caça e não come.                    | Tem.                            | Tinha e tem, não caça não num come.          |
| Kwanu (p.111)  | Porco espinho (coandu).  | Não come, quase não tem mais.           | Tem e come.                     | Tem gente que come, tinha e tem, caça.       |
| Kwati (p.112)  | Coati.   | Tem muito, mata e come.                 | Tem e come.                     | Tinha e tem gente que come, eu não.          |
| Ma'ê-tuwi-tuwi (p.124)<br>Ma'i-twi-twi (p.125)<br>Ma-tui-tui (p.129) | Esp. De maçarico menor (pássaro).<br>Maçarico (esp. de pássaro).<br>Maçarico, tarambola (esp. de pássaro). | Não caça e nem usa a pena.              | Tem e usa pena.                 | Tinha e tem, usa a pena, num come não, caça. |
| Marakaza (p.127)   | Maracajá, gato do mato.  | Não caça para comer, mais mata porque é | Tem.                            | Tinha e tem, não                             |

|                                   |  |  |                        |   |
|-----------------------------------|--|--|------------------------|---|
|                                   |  | perigoso.  |                        | caça não.   |
| Maturya (p.129)<br>Tzigan (p.276) | Cigana (esp. de pássaro).<br><br>Cigana. | Mata e come.<br>Quando a criança está com aquele puxado gente mata para a criança comer. | Tem.                   | Tinha e tem caça, mata pa comer quando ta aquele puxado.<br>Passa limão |
| Mizu'i (p.136)                    | Andorinha.                               | Não come.  | Tem e usa pena e cria. | Tinha e tem, usa a pena gente caça.                                     |
| Namê (p.173)                      | Esp. de colibri – pássaro: beija-flor.   | Não. Precisa da pena no cabeça da moça.  | Tem e usa pena.        | Tinha e tem usa na festa né da moça.                                    |
| Pak (p.181)<br>Ta'wêr-a'i (p.245) | Paca.<br><br>Paca.                       | Caça de noite para comer.  | Tem e come.            | Tinha e tem, come e caçamo.   |
| Péki (p.186)<br>Pikĩ (p.195)      | Paturi.<br><br>Paturi.                   | Não. Cria solto.   | Tem, come e cria.      | Tinhe e tem, não caça gente cria.                                       |
| Pĩkahu(p.195)                     | Pomba.                                   | Não.   | Tem e come.            | Tinha e tem, come quando caça.  |
| Piku'i (p.196)                    | Rolinha.                                 | Não.   | Tem e usa pena e come. | Não caça não num mata.  |
| Piru (p.201)                      | Perú.                                    | Não, cria no quintal.  | Tem e cria para comer. | Tinha e tem, cria.  |
| Taitetú (p.237)                   | Pecari – esp. de queixada.               | Come, cria.  | Tem.                   | Tinha e tem, come, cria..   |

|                                    |                                   |  |                            |   |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|----------------------------|---|
| Tãngara (p.239)                    | Esp. de pássaro, tanagra.         | Não.                                   | Deve ter.                  | Num sei.  |
| Tapi'ir (p.240)                    | Anta.                             | Caça para comer.                       | Tem, caça ou cria em casa. | Caça, ainda tem, gente come, cria.              |
| Tapiti (p.241)<br>Tarêru'a (p.242) | Coelho.<br>Préa (esp. de coelho). | Caça e come.                           | Tem.                       | Tem vezes que gente come num é muito bom não.   |
| Tatu (p.244)                       | Tatu.                             | Caça e come.                           | Tem.                       | Caça e come, tinha e tem vai pa panela.         |
| Tawĩru (p.245)                     | Saburu (esp. de pássaro)          | Caça quando quer pena e mata.          | Tem.                       | Mata pa tirar a pena.                           |
| Tazahu (p.247)                     | Queixada (porco do mato)          | Come, come, cria solto..               | Tem e come.                | Tinha e tem, come, cria.                        |
| Terêkôkô (p.260)                   | Esp. de passarinho.               | Não. Nada.                             | Tem.                       | Tinha, num sei se tem ainda.                    |
| Tétêw (p.261)                      | Esp. de pássaro.                  | Não. Nada.                             | Tem.                       | Tinha, num sei se tem ainda.                    |
| Tu'i (p.271)                       | Periquito.                        | Tira o filho para criar para as penas. | Tem e cria, usa pena.      | Come não, num usa pena não.                     |
| Tukan (p.271)                      | Tucano.                           | Caça por causa da pena para a criança. | Tem e usa pena.            | Tinha e tem, gente caça, come assado no espeto. |

|                                      |  |                            |                           |  |
|--------------------------------------|--|----------------------------|---------------------------|--|
| Uru-zawar (p.281)<br>Wawérêw (p.286) | Onça marajoara.<br>Esp. de oncinha.                    | Mata e não come, perigoso. | Tem, nós mata e não come. | Tem gente que come, mata quando ver,.              |
| Urumä (p.281)                        | Pato.  | Não caça, cria no quintal. | Tem e cria solto.         | Tinha e tem, cria.                                 |
| Wara (p.285)<br>Wara-pirãng (p.285)  | Guará.<br>Guará flamengo.                              | Não caça.                  | Tem.                      | Por aqui não tem guará não.                        |
| Wîra (p.292)                         | Pássaro.   | Tem muito.                 | Tem.                      | Tem muito tipo.                                    |
| Zäkami (p.297)                       | Jacamim (p.297)  | Não. Nada.                 | Tem.                      | Tinha e tem, caça. Se passar na frente vai chumbo. |
| Zakarê (p.297)                       | Jacaré.  | Caça pa comer.             | Tem.                      | Tinha e tem, come e caça.                          |
| Zaku (p.297)<br>Zaku-pê-tĩng (p.297) | Jacu (galináceas)<br>Esp. de jacu preto, vulgo cujubim | Caça para comer.           | Tem.                      | Tinha e tem, caça pa comer.                        |
| Zanay (p.298)<br>Zan-a'i (p.298)     | Jandaia.<br>Esp. de jandaia.                           | Não, nada.                 | Tem.                      | Tinha e tem, mata pa não perder gente come.        |
| Zanu (p.299)                         | Ema.   | Não, nada.                 | Tem.                      | Tinha e tem, come não.                             |
| Zapê-ahôk (p.299)                    | Nome da ave Parra Jaçanã.                              | Não, nada.                 | Tem.                      | Tinha e tem, caça não.                             |
| Zapu (p.301)                         | Japu (esp. de  | Sim, caça e                | Tem.                      | Caça, tinha  |

|                  |                                 |                     |          |                            |
|------------------|---------------------------------|---------------------|----------|----------------------------|
| Zapun-un (p.301) | pássaro) Jacu preto             | come.               |          | e tem, gente come.         |
| Zäpun (p.301)    | Graúna.                         | Não, nada.          | Tem.     | Tinha e tem, num come não. |
| Zawati (p.303)   | Esp. de martin-pescador.        | Não, nada.          | Tem.     | Tinha e tem, caça não.     |
| Zawĩru (p.304)   | Jaburu, ema.                    | Não, nada.          | Tem.     | Caça não, tinha e tem.     |
| Zawni (p.304)    | Bico de brasa (esp. de pássaro) | Não, nada.          | Tem.     | Tem também caça não.       |
| Zawti (p.304)    | Jabuti.                         | Sim. Caça e come.   | Tem.     | Tinha e tem, caça e come.  |
| Ziriw (p.329)    | Esp. de pássaro, udu.           | Não.                | Tem.     | Tinha e tem, come não.     |
| Zukaré (p.334)   | Pavão.                          | Não, nada, difícil. | Tem não. | Difícil.                   |
| Zéruti (p.340)   | Jurutí, pomba, esp. de rola.    | Caça e come.        | Tem.     | Tinha e tem, gente come.   |

| <b>a) Que instrumentos são usados para a caça?</b> |                 | <b>Ruth<br/>83 anos</b> | <b>Livino<br/>76 anos</b> | <b>Roberto<br/>56 anos</b> |
|--|-----------------|-------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Hu'ïw (p.65)                                       | Flecha.         | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |
| U'ïw (p.279)                                       | Flecha.         |                         |                           |                            |
| Itakĩhê (p.79)                                     | Facão.          | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |
| Takĩhê (p.237)                                     | Facão, terçado. |                         |                           |                            |

|                         |   |     |      |                                 |
|-------------------------|---|-----|------|---------------------------------|
| Ita-takĩhê-räymê (p.80) | Pedra de amolar.  | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Iw-ĩwa (p.89)           | Corpo da flecha<br>(espécie de bambu).  | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Kĩhê (p.101)            | Ponta de ferro,<br>taquara.   | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Ma'êkitik-haw (p.119)   | Lima.   | Sim | Tem. | Tinha                           |
| I'wéhé (p.84)           | Ralo. Lima.   |     |      |                                 |
| Mukaw (p.156)           | Espingarda.   | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Piwa (p.206)            | Botoque na ponta<br>das flechas para<br>pássaros, flecha de<br>ponta achatada para<br>caçar pássaros. | Sim | Tem. | Tinha,<br>botoca<br>gente fazia |
| Tazĩ (p.247)            | Machado, ferro,<br>metal, aço.  | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Mukaw-riapu (p.264)     | Tiro de espingarda.   | Sim | Tem. | Tinha                           |
| U'ĩw-rakwä (p.279)      | Ponta da flecha.  | Sim | Tem. | Tinha                           |
| Wirapar (p.292)         | Arco.   | Sim | Tem. | Tinha                           |

| <b>b) Quais as armadilhas usadas <u>hoje</u> para caçar?</b> | <b>Ruth</b>                      | <b>Livino</b>  | <b>Roberto</b> |            |
|--|----------------------------------|----------------|----------------|------------|
|  | <b>83 anos</b>                   | <b>76 anos</b> | <b>56 anos</b> |            |
| Akuti-kwar (p.21)  | Coelheira.                       | Não.           | Tem.           | Não tinha. |
| Izwa (p.91)  | Visgo para caçar<br>passarinho.  | Sim            | Tem.           | Tinha.     |
| Miha-mihaw (p.133)   | Armadilha.                       | Não            | Tem.           | Não.       |
| Mõngaruk (p.143)   | Ficar de tocaia.                 | Sim            | Tem.           | Sim.       |
| Tukay (p.271)  | Tapume, armadilha<br>para caçar. | Não            | Tem.           | Não.       |

|                          |                             |     |      |                       |
|--------------------------|-----------------------------|-----|------|-----------------------|
| Wĩra-rukay (p. 271)      | Armadilha para os pássaros. | Não | Tem. | Não.                  |
| Wĩra-hézar-pĩrêr (p.290) | Armadilha armada com paus.  | Não | Tem. | Não.                  |
| Wĩra-miri pari (p.292)   | Gaiola.                     | Sim | Tem. | Não tinha, agora tem. |
| Wĩra-pĩkaw (p.292)       | Arapuca.                    | Sim | Tem. | Tinha                 |

| <b>c) Quais os nomes dos “espaços” específicos onde os animais ficam?</b> |   | <b>Ruth<br/>83 anos</b> | <b>Livino<br/>76 anos</b> | <b>Roberto<br/>56 anos</b> |
|---|---|-------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Há(i)-Kwêr (p.54)   | Trilha.                                       |                         |                           |                            |
| Hapé (p.54)   | Caminho.                                      | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |
| I-pĩar (p.75)   | Trilha, caminho do rio.                       |                         |                           |                            |
| ‘Iw (p.83)  | Caminho trilhado.                             |                         |                           |                            |
| Ma’ê-rakĩkwêr (p.121)   | Vestígio, traço, rasto, trilha, (de animais). |                         |                           |                            |
| Pê (p.185)  | Caminho, estrada.                             |                         |                           |                            |
| Pê’iy (p.186)   | Caminho batido, trilhado.                     |                         |                           |                            |
| Pê...mu-pĩwa (p.187)  | Fazer uma trilha.                             |                         |                           |                            |
| Rapê (p.224)  | Caminho.                                      |                         |                           |                            |
| Ka’a (p.92)   | Mata, floresta.                               | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |
| Ma’ê-zuka-haw (p.124)   | Matadouro.                                    | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |
| Rémitĩm (p.228)   | Esconderijo de paca.                          | Sim                     | Tem.                      | Tinha                      |



## PESCA

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>a) Ainda há lugares, hoje, propícios para pescar?</b>  |
| <b>1) Ruth</b>       | <i>Antigamente, se pescava na beira do rio, hoje também.</i>  |
| <b>2) Livino</b>     | <i>Onde tem peixe nós pesca, rio, igarapezinho e ainda tem hoje.</i>  |
| <b>3) Roberto</b>    | <i>Pesca no rio de canoa, linha e anzol, peixe pequeno corta e joga no rio quando vem o pacu flecha. Agora não, esse daqui não tem frecha, se tivesse frecha.</i> |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>b) Onde a pesca é feita?</b>          |
| <b>1) Ruth</b>       | <i>No rio.</i>                           |
| <b>2) Livino</b>     | <i>Num rio, igarapé, onde tem peixe.</i> |
| <b>3) Roberto</b>    | <i>No rio.</i>                           |

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>c) Quem pesca?</b>                                     |
| <b>1) Ruth</b>       | <i>Antigamente só era os homem. Hoje todo pesca aqui.</i> |
| <b>2) Livino</b>     | <i>O homem, a vezes a mulher vai junto né, pa ajudar.</i> |
| <b>3) Roberto</b>    | <i>O homem, mulher só presta por jacundá no rio.</i>      |

| <b>d) Que animais ainda hoje são pescados?</b> |                               | <b>Ruth</b><br>83 anos | <b>Livino</b><br>76 anos | <b>Roberto</b><br>56 anos |
|--|-------------------------------|------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Ăkari (p.20)                                   | Acari (esp. de peixe).        | Sim                    | Tem.                     | Tem                       |
| Akara (p.20)                                   | Acará, nome de vários peixes. | Sim                    | Tem.                     | Tem                       |
| Akară-whu (p.20)                               | Acaraú-açu (peixe de          | Não                    | Não tem                  | Não                       |

|   |   |         |                           |          |
|---|---|---------|---------------------------|----------|
|   | água salgada).  |         | aqui.                     |          |
| Anira (p.27)<br>Arapô (p.34)<br>I-tu (p.82)<br>Iwĩr-atza-par (p.87)<br>To(w)i (p.270) | Espécie de sarapó.<br>Sarapó (peixe do Gurupí).<br>Espécie de sarapó de pequeno tamanho.<br>Espécie de sarapó.<br>Esp. de sarapó prêto. | Sim     | Tem.                      | Tem      |
| Ani'ã (p.27)  | Bodô (espécie de acari) peixe do Gurupí.  | Sim     | Tem.                      | Tem      |
| Araruha-pêw (p.35)<br>Wara-ruha (p.285)<br>Wara-ruha-pêw (p.285)                      | Espécie de caranguejo.<br>Caranguejo.<br>Esp. de caranguejinhos dos igarapés.   | Sim     | Tem.                      | Tem      |
| Aratay-iri (p.35)<br>Kiha-kay (p.101)<br>Zézu (p.328)                                 | Espécie de jejú pequeno.<br>Esp. de jeju, (peixe do Gurupi).<br>Jeju (esp. de peixe)  | Sim     | Tem.                      | Tem      |
| Ita-kuzêr (p.79)<br>Wärä-itä (p.285)  | Concha.<br>Concha, casca de molusco, mexilhão de água doce, ostra (tururu).   | Não tem | Tururu, só na maré mesmo. | Não tem. |
| Iwĩ-wa-ran (p.89)   | Lambari.  | Não     | Tem.                      | Tem      |
| Iya'u-kāngwer (p.90)  | Uéua (espécie de peixe).  | Sim     | Tem.                      | Tem      |
| Kri-kri (p.102)   | Esp. de peixinho  | Sim     | Tem.                      | Tem      |

|  |  |                   |                      |                    |
|--|--|-------------------|----------------------|--------------------|
|  | parecido com o cascudo.  |                   |                      |                    |
| Kirimata (p. 102)                                    | Curimatá (esp. de peixe do rio Pindaré).   | Não               | Não tem.             | Já tem por aqui já |
| Kwana (p.111)  | Acuanã, peixe do rio Gurupi.   | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Mamiri (p.125)<br><br>Piaw (p.193)<br>Wamiri (p.284) | Piaba (esp. de peixe).<br><br>(sardinha) piába (esp. de).<br><br>Piába (esp. de peixe), coáca. | Sim               | Tem.                 | Tem muito          |
| Mãngwa (p.125)                                       | Esp. de rã comestível.   | Aqui não.         | Tem.                 | Não                |
| Mani'i (p.126)                                       | Bagre, mandi.  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Manumê (p.127)                                       | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Murakê (p.164)                                       | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré).  | Não tem aqui não. | Não tem, só lá fora. | Puraquê não        |
| Muti (p.165)<br><br>Puti (p.219)                     | Camarão.<br><br>Camarão.   | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Nuza (p.178)   | Anujá (esp. de peixe)  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Paku (p.181)   | Pacu.  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Paru (p.183)<br><br>Paw-ru (p.184)                   | Esp. de peixe conhecido por coáca.<br><br>Coáca.   | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Pikĩr (p.195)  | Peixinhos em geral (piquiras)  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Pira (p.199)   | Peixe.   | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Pira-pirêrma'ê (p.200)                               | Peixe de couro.  | Sim               | Tem.                 | Tem                |
| Pira-zu (p.200)                                      | Dourado (esp. de   | Não               | Não.                 | Tem,               |

|                    |  |          |               |                                     |
|--------------------|--|----------|---------------|-------------------------------------|
|                    | peixe).  |          |               | TINHA, mais agora acho que não tem. |
| Ruwêr (p.234)      | Ovas (peixe)   | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Tuwêr (p.274)      | Ovas de peixe.                                       |          |               |                                     |
| Tamata (p.238)     | Cascudo (peixe).                                     | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Tamwata (p.239)    | Cascudo (peixe)                                      |          |               |                                     |
| Tarã'ir (p.242)    | Traíra (peixe).                                      | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Tini'a (p.266)     | Jandiá (esp. de peixe)                               | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Tukunarê (p.271)   | Tucunaré, pescada (tucunaré de água salgada) (p.271) | Não tem. | Num tem.      | Tem não                             |
| Uru-wi (p.282)     | Surubim, surubi.                                     | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Uruwi-ran (282)    | Gurijuba.  | Sim      | Tem.          | Tem não.                            |
| Urumara (p.282)    | Pirapucu, bicudo (esp. de peixe)                     | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Uaraku (p.278)     | Aracu (esp. de peixe)                                | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Waraku (p.285)     | Aracu (esp. de peixe)                                |          |               |                                     |
| Waraku-ran (p.285) | Aracurana (esp. de peixe).                           |          |               | Tem                                 |
| Wapanarê (p.285)   | Panaré (esp. de peixe).                              | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Zakuna (p.297)     | Jacundá (esp. de peixe).                             | Sim      | Tem.          | Tem                                 |
| Zawéwĩr (p.304)    | Raia.  | Não tem. | Tem lá fora   | Tem não                             |
| Zawira (p.304)     | Arraia.  |          | aqui não tem. |                                     |
| Zini'a (p.329)     | Jundia (esp. de mandi prêto)                         | Sim      | Tem.          | Tem                                 |

| e) Que instrumentos são usados para a pesca?   | Ruth<br>83 anos   | Livino<br>76 anos | Roberto<br>56 anos |     |
|--|---|-------------------|--------------------|-----|
| Apak'wa-haw (p.27)<br>Īwĩpo-apakwa-haw :<br>Iwĩ-pô (p.86)<br>Iwo (p.89)<br><br>Pikĩr-ĩwo-haw (p.195)<br><br>Po (p.206) | Feixe.<br><br>Feixe de cipó.<br><br>Cipó<br><br>Cipó, vareta flexível<br>[...]enfiada no peixe.<br><br>Fileira, enfiada de<br>peixes pequenos<br>passados num cipó ou<br>vareta flexível.<br><br>Cipó, corda. | Sim               | Tem.               | Tem |
| Ham (p.54)<br>Nêmo (p.176)<br>Inimô (p.74)   | Linha.<br><br>Fio, linha.<br><br>Fio.   | Sim               | Tem.               | Tem |
| Hétĩwĩr (p.61)<br>Pina-rétĩwĩr:<br>Rétĩwir (p.228)   | Barbela.<br><br>A barbela do anzol.<br><br>Barbela.   | Sim               | Tem.               | Tem |
| I-äkwa (p.68)  | Cabaça para água,<br>moringa.   | Sim               | Tem.               | Tem |
| Ma'êKutuk-haw<br>(p.119)   | Arpão, lança, azagaia,<br>garfo.  | Sim               | Tem.               | Tem |
| Pina (p.196)   | Anzol.  | Sim               | Tem.               | Tem |
| Pina-pôr (p. 209)  | Isca.   | Sim               | Tem.               | Tem |

| <b>f) Quais as armadilhas e os elementos materiais usadas hoje para pescar?</b> |   | <b>Ruth<br/>83 anos</b> | <b>Livino<br/>76 anos</b> | <b>Roberto<br/>56 anos</b> |
|---|---|-------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Hôkô (p.64)   | Rede para pescar, de forma cilíndrica.                        | Sim                     | Tem.                      | Tem                        |
| Iemi (p.69)   | Cerca de Tabume para pescar (p.69)                            | Sim                     | Tem.                      | Tem                        |
| I-timor (p.82)  | Timbó – vapor, fumo, exalação.                                | Sim                     | Tem.                      | Tem                        |
| Timô (p.266)  | Timbó.  |                         |                           |                            |
| Timô-rapôta (p.266)   | Feixe de timbó  |                         |                           |                            |
| Kunami (p.106)  | Bater timbó, embriagar o peixe.                               |                         |                           |                            |
| Muhu-timô (p.155)   | Cunambi (esp. de timbó cultivado).<br>Timbó de muçum.         | Sim                     |                           | Tem                        |
| Pari (p.183)  | Cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede.           | Sim                     | Tem.                      | Tem                        |
| Zêké'a (p. 312)   | Matapi, armadilha de varinha trançada para tomar peixe, covo. | Não conheço             | Tem.                      | Tem                        |

| <b>g) Quais os nomes dos “espaços” específicos para a prática da pesca?</b> |                       | <b>Ruth<br/>83 anos</b> | <b>Livino<br/>76 anos</b>         | <b>Roberto<br/>56 anos</b> |
|---|-----------------------|-------------------------|-----------------------------------|----------------------------|
| I (p.67)  | Água, rio.            | Sim                     | Tem. Aonde tem peixe gente pesca. | Pesca                      |
| I-apé'a-ramo (p.68)   | À superfície da água. |                         | Tem.                              |                            |

|  |  |     |              |       |
|--|--|-----|--------------|-------|
| ‘Ar ≈ĩ’ar (p.33);<br>Apê’a-ramo (p.28); A<br>superfície do.<br>Y- Apê’a-ramo (p.28)<br>à superfície da água. |  |     |              |       |
| I-apĩ-hêm (p.68)   | Lugar onde nasce o<br>igarapé.             |     | Tem.         |       |
| I-apĩ-rupi (p.68)  | Rio acima.                                 |     | Tem.         |       |
| Itĩ-apĩ-kutĩr (p.81)   | Rio acima.                                 |     |              |       |
| Iarapê (p.68)  | Igarapé.                                   |     | Tem e pesca. | Pesca |
| I-êê (p.69)  | Rio à-toa, aonde não<br>se encontra peixe. |     | Tem.         |       |
| I-hêmaw (p.70)   | A boca do rio.                             |     | Tem.         |       |
| Ipanêm (p.74)  | Rio sem peixe, rio<br>pobre [...]          |     | Tem.         |       |
| I-paw (p.74)   | Lagoa, lago.                               |     | Tem.         |       |
| Ipaw (p.74)  | Secar o rio.                               |     | Tem.         |       |
| I-rĩpaw (p.77)   | Rio seco.                                  |     |              |       |
| I-tĩpaw (p.82)   | Secar o rio.                               |     |              |       |
| I-tinĩng (p.82)  | Rio seco.                                  |     |              |       |
| Ĩ-pĩ (p.75)  | Fundo da água, rio.                        |     | Tem.         |       |
| I-pĩ-wĩ (p.76)   | No fundo da água.                          |     |              |       |
| Ipikwi (p.75)  | Remar.                                     |     | Tem.         |       |
| I pira-rénaw ≈ I-pôr-<br>katu(p.76)  | Rio piscoso (rio rico).                    | Sim | Tem.         |       |
| I-pĩtêr (p.76)   | Canal (meio do rio)                        |     | Tem.         |       |
| I-pupĩr-uhu (p.76)   | Rio muito largo.                           |     | Tem.         |       |

|   |                            |     |                    |                              |
|---|----------------------------|-----|--------------------|------------------------------|
| I-pur (p.76)  | Fonte, manancial.          |     | Tem.               |                              |
| Irī(k)ī-rupi (p.77)                                 | Descer o rio.              |     | Tem.               |                              |
| I-rapê (p.77)                                       | Leito do rio.              |     | Tem.               |                              |
| I ré'īm-katété (p.77)                               | Estirão (rio).             |     | Tem.               |                              |
| I-rémé'īw (p.77)                                    | A beira do rio.            | Sim | Tem.               | Pesca                        |
| I-rémīk (p.77)                                      | Água salgada,<br>salmoura. |     | Tem.               |                              |
| I-rīapu (p.77)                                      | Cachoeira.                 | Sim | Tem.               | Pesca                        |
| Irīkaw (p.77)                                       | Córrego.                   |     | Tem.               |                              |
| I-rīkwākên (p.77)                                   | Correnteza do rio.         |     | Tem.               |                              |
| I-rīpī (p.77)                                       | Rio fundo.                 |     | Tem.               |                              |
| I-tīpī (p.82)                                       | Rio fundo.                 |     |                    |                              |
| I-rīpīnétzakatu (p.77)                              | Água limpa.                |     | Tem.               |                              |
| I-rīrīk-haw (p.78)                                  | Riacho.                    |     | Tem.               |                              |
| I-tīng (p.82)                                       | Água turva.                |     | Tem.               |                              |
| I-tīpuk (p.82)<br>I-tzororôm (p.82)<br>Olho d'água. | Olho d'água.               |     | Tem e num<br>pesca | Pesca não                    |
| Itī-uhu (p.82)                                      | Rio está cheio.            |     | Tem.               |                              |
| I-tumatza-pé 9p.82)                                 | Rio abaixo.                |     | Tem.               |                              |
| I-wan (p.83)  | Mãe d'água.                |     | Tem.               | Ninguém<br>pesca essa<br>não |
| I-wakaw (p.83)                                      | As voltas do rio.          |     | Tem.               |                              |



## PRODUÇÃO DA FARINHA

| COLABORADORES | a) Quem faz farinha?   |
|---------------|--|
| 1) Ruth       | <i>Os homens que faz farinha, porque a roça é longe.</i>         |
| 2) Livino     | <i>O homem faz farinha e a mulher ajudava, expremia, coa</i>     |
| 3) Roberto    | <i>A mulher e os homens faz farinha, a mulher que faz mermo.</i> |

| COLABORADORES | b) Ainda há espaços para fazer roça?   |
|---------------|--|
| 1) Ruth       | <i>Na mata a dentro.</i>   |
| 2) Livino     | <i>Na beira do mato mesmo, perto do rio, vai aumentando, aumentando vai ficando longe né. Os homem fazia a farinha, antigamente, e a mulher ajuda nós. A mulher ajuda espremia, cõa e colocava no forno.</i> |
| 3) Roberto    | <i>Tem, longe ainda tem.</i>   |

| COLABORADORES | c) Quais os vegetais usados como matéria-prima?   |
|---------------|---|
| 1) Ruth       | <i>Mandioca, talo para plantar.</i>   |
| 2) Livino     | <i>Mandioca: Faz a farinha;<br/>Talo: comida dos porcos, galinha e plantar também;<br/>As folhas: gente deixa apodecer no mato mesmo.</i> |
| 3) Roberto    | <i>Só a mandioca pa fazer farinha, o talo planta e a folha joga fora.</i>   |

|   | Ruth    | Livino  | Roberto |
|---|---------|---------|---------|
| d) Quais os instrumentos usados na prática da feitura da farinha? | 83 anos | 76 anos | 56 anos |

|                        |   |     |     |     |
|------------------------|---|-----|-----|-----|
| I'a (p.66)             | Cabaça, cuia.   | Sim | Tem | Tem |
| Ingu'a (p.74)          | Pilão.  | Sim | Tem | Tem |
| Ipê (p.75)             | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.                               | Sim | Tem | Tem |
| Ir(i)-z-akãng (p.78)   | Cesto.  | Sim | Tem | Tem |
| Iru-z-äkãng (p.79)     | Espécie de cesto que os índios [...].                                   |     |     |     |
| Panaku (p.182)         | Cesto, jamaxim, paneiro.  |     |     |     |
| Paturun (p.183)        | Patrona, cestinho trançado com fibra de guarumã que se traz a tiracolo. |     | Tem | Tem |
| Manaku (p.125) (p.183) | Paneiro, cesta, jamaxim.  | Sim |     |     |
| Käwära-péhé (p.99)     | Pá para mexer a farinha.  | Sim | Tem | Tem |
| Purupê (218)           | Enxada, enxó.   | Sim | Tem | Tem |
| Tépĩtĩ (p.260)         | Tipiti, expremedouro, prensa, manga para extrair o caldo da mandioca.   | Sim | Tem | Tem |
| Miha-mihaw (p.133)     | Prensa para a farinha d'água expremedouro de mandioca.                  | Sim | Tem | Tem |

| <b>e) Quais os produtos resultantes do processo de produção da farinha?</b> |   | <b>Ruth<br/>83 anos</b> | <b>Livino<br/>76 anos</b> | <b>Roberto<br/>56 anos</b> |
|---|---|-------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Ãtã; u'i-ãtã (p.26)   | Farinha dura.                                   | Sim                     | Tem                       | Tem                        |
| Ku'i (p.106)  | Farinha.  | Sim                     | Tem                       | Tem                        |
| Makatzêr (p.125)  | Macaxeira (esp. de mandioca).                   | Sim                     | Tem                       | Tem                        |
| Mani'ĩ-kwêr (p.126)   | O caldo da mandioca do qual obtém-se a tapioca. | Sim                     | Tem                       | Tem                        |
| Mandiócuí (p.126)   | Pó, farinha, polvilho, resíduo                  | Sim                     | Tem                       | Tem                        |

|                            |  |     |                   |                   |
|----------------------------|--|-----|-------------------|-------------------|
|                            | da mandioca.                             |     |                   |                   |
| Mézu (p.133)               | Beiju.                                   | Sim | Tem               | Tem               |
| Miapé (p.133)              | Beiju de mandioca.                       | Sim | Tem               | Tem               |
| Minga'u (p.135)            | Mingau, angu, papa, sopa.                | Sim | Tem               | Tem               |
| TiramHêta (p.61)           | Farinha de sobra.                        | Sim | Tem               | Tem               |
| Takaka (p.237)             | Tacacá, goma feita da massa da mandioca. | Não | Tem gente que faz | Tem gente que faz |
| Ihĩk (p.70)                | Resina, [...], goma.                     | Sim | Tem               | Tem               |
| Tĩpĩ'ak (p.267)            | Tapioca.                                 | Sim | Tem               | Tem               |
| Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)        | Coalho, tapioca.                         |     |                   |                   |
| Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126) | Tapioca.                                 |     |                   |                   |
| Tukupi (p.271)             | Tukupi, esp. de mólho.                   | Sim | Tem               | Tem               |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>f) Nomes dos espaços específicos para a atividade da farinha? (roça, poço, casa da farinha).</b>  |
| <b>1) Ruth</b>       | <i>Tira mandioca da roça (kô) leva para o poço (ipü(ô)rami) aí leva para casa de farinha (tapĩyhé pi).</i>   |
| <b>2) Livino</b>     | <i>Gente pega a mandioca da roça (kô) vai para o poço (mĩkwara) que é no rio também aí vai para a casa da farinha (Tupĩy pi).</i>  |
| <b>3) Roberto</b>    | <i>Faz ainda como antigamente, vai buscar mandioca na roça (kô), leva para ficar de molho tira no poço (Ipaw'ai) do rio e depois de três dias bora pa casa de farinha (Tupéra pi).</i> |
| <b>COLABORADORES</b> | <b>g) Práticas da cultura – tapioca, mezu, goma e tacacá?</b>  |

|                         |  |
|-------------------------|--|
|                         |  |
| <p><b>1) Ruth</b></p>   | <p><i>Tapioca?</i></p> <p><i>Tapioca gente tira pa fazemo a farinha tira aquele corocinho aí faz e torra no forno, pó branco para aí fazer Tapioca.</i></p> <p><i>(Mezu) Beiju?</i></p> <p><i>Tapioca cru né esquento aquele coisa aí boto dentro aí assa quando assa gente vira de novo assa de lado aí tira, hoje faz no fogão de lenha, antigamente fazia no fogo na lenha mesmo no forno. Tapioca para nós é o mermo do beiju, beiju de mandioca, beiju de macaxeira.</i></p> <p><i>Goma?</i></p> <p><i>Tupi'ak, pa nós a goma é a pó branco tirado para fazer a farinha. Faz um bolinho, pó de torrada, faz mingau.</i></p> <p><i>Tacacá?</i></p> <p><i>Nós não fazemos NÃO. Nós ver assim na televisão o brancos.</i></p>  |
| <p><b>2) Livino</b></p> | <p><i>O que é Tapioca?</i></p> <p><i>Tupi'ak gente rala depois rala tira na peneira tira bota água dentro tira aquela tapioca, a goma, e tira e depois bota água tudinho deixa lá senta depois tira quem quiser torrar torra tapioca torra quem quiser é beiju mermo no forno. A tapioca é a massa branca.</i></p> <p><i>Farinha de tapioca (granulada)?</i></p> <p><i>Torrada no fogo cõa primeiro no panela depois bota no forno e torra.</i></p> <p><i>O Mezu?</i></p> <p><i>O medu bota numa panela e tira da panela e bota dentro quando assar vira de novo. O medu da mandioca é feito no forno, bota a mandioca dentro dágua depois machuca depois escalda depois vai bota cousa dentro açúcar e sal dentro da cousa fazendo o medu bota no forno pa assar.</i></p> |

|                          |   |
|--------------------------|---|
|                          | <p><i>Goma?</i></p> <p><i>A goma se quiser comer come aquela goma, se quiser torrar torra, se quiser fazer beiju daquela goma faz, gente gosta também mermo é de fazer o mingau, deixar a água ferver e bota dentro, botar a goma e mexer.</i></p> <p><i>Tacacá?</i></p> <p><i>Aqui NÃO. Antigamente os veio fazia o tacacá na festa de São Sebastião no cajueiro, pega o tacacá e ferve ferve e aí pronto bota tempera dentro qualquer coisa dentro aí pronto tudinho, bota camarão.</i></p>   |
| <p><b>3) Roberto</b></p> | <p><i>Tupi'ak - Tapioca?</i></p> <p><i>Rela tira aquela mandioca, depois pega água pa botar um pouco de água naquela mandioca ralada né, aí vai mexendo aí aquela água ta caindo aí já com já com aquela coisa é água branco já é o couso. A tapioca é feita no forno.</i></p> <p><i>A tapioca não é medu não, tapioca gente peneira tira aquele vazilha grande né, tem mandioca muito mandioca tira na água espreme aquela que já ta ralada aí vai saindo tapioca aí tem que botar água né deixar sentar né aquela tapioca aí quando ele sentada aí tira aquela água aí bota outra pa poder lavar pa não ficar azedo.</i></p> <p><i>Mezu/Medu - Beijú?</i></p> <p><i>Quando ta bem enchuta aí esfarela né aí bota e deixa esquentar no forno. Aí vira aquele que meio cru em cima aí vira fica aquele cru em baixo põe sal.</i></p> <p><i>Farinha de tapioca?</i></p> <p><i>Dá uma peneirar no paneira grande e depois torra no forno fica carocinho torrado.</i></p> <p><i>Goma?</i></p> <p><i>Caroço maior vai colocando na panela, pra fazer mingau assim caroço torrado bota pa ferver vai derrando aí vai</i></p> |

|  |  |
|--|--|
|  | <p><i>mexendo meia hora ta pronto, aquela torrado farinha de tapioca né.</i></p> <p><i>Tacacá?</i></p> <p><i>Tem vez que querem fazer mais num sabe, nós num faz não. Tapioca mesmo bota pra na água pa ficar cousa aí bota pra ferver mexe mexe aí vira tacacá.</i></p> |
|--|--|

II. PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS REFERENTES À CAÇA, A PESCA E A PRODUÇÃO DA FARINHA.

COLABORADORES INDÍGENAS COM FAIXA ETÁRIA ENTRE 20 A 50 ANOS: Sandra Tembé. Osmael Tembé (Uzu).

1.2. AS PRÁTICAS CULTURAIS

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>1) As práticas culturais, atualmente, da pesca, da caça e da produção da farinha são atividades que garantem a sobrevivência alimentar ou se a sobrevivência alimentar tem sido promovida de outra forma?</b>   |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>É! É realmente é o que gente é usado né no dia-a-dia da comunidade porque agente é como nós indígena agente veve da pesca, caça e da economia daqui mesmo produzido, da farinha tanto pro consumo como pra venda, temos artesanato também, geração de renda. Gente da muitas vezes gente usa várias vezes esse material que é industrializado sempre no final do ano que tem as festas né, tem as pessoas que vezes fazer como é festa do final do ano, pra natal quer fazer uma comida uma comemoração boa aí se reuni pra fazer uma festa cada um faz a sua parte pra colaborar no final do ano refrigerante, açúcar, preparação de bolo, farinha de trigo, manteiga, arroz, feijão, macarrão, café, leite, sopa.</i> |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Esse cousa ainda dá gente ainda pratica, ainda faz farinha, caça vai pro mato caçar, sai pra pescar, ainda faz. Agora que já está civilizado já compra açúcar, café, arroz, feijão, pão.</i>  |

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>2) Quais as famílias que pescam, caçam e fazem farinha?</b>                |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Olha aqui no geral quase todos né, caça, pesca e faz farinha.</i>          |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Aqui é a maioria faz farinha. Na minha casa caça, pesca e faz farinha.</i> |

| <b>3) Com que regularidade? Quantas vezes se pesca/caça/faz farinha no mês/semana?</b> |                     |             |                            |              |                    |                         |                     |
|--|---------------------|-------------|----------------------------|--------------|--------------------|-------------------------|---------------------|
| <b>Nº</b>  | <b>FAMÍLIA</b>      | <b>CAÇA</b> | <b>FREQU.</b>              | <b>PESCA</b> | <b>FREQU.</b>      | <b>PROD. DA FARINHA</b> | <b>FREQU.</b>       |
| 01   | Mª Hilda Tembé      | Sim         | 01 vez na semana           | Sim          | Todo dia           | Sim                     | 02 vezes no mês     |
| 02   | Mayara Tembé        | Sim         | 01 vez na semana           | Sim          | 03 vezes na semana | Sim                     | 01 vez no mês       |
| 03   | Iracema Tembé       | Não         | _____                      | Sim          | Todo dia           | Sim                     | Toda semana         |
| 04   | Livino Tembé        | Sim         | Vou 03 ou 04 vezes no mês. | Sim          | 02 vezes na semana | Sim                     | 03 vezes no mês.    |
| 05   | Manuel Tembé        | Sim         | 03 vezes semana            | Sim          | Quase todo dia     | Sim                     | 02 vezes no mês.    |
| 06   | Arnaldinho Tembé    | Sim         | 02 vezes semana            | Sim          | 03 vezes na semana | Sim                     | Quando tem mandioca |
| 07   | Roberta Tembé       | Sim         | 02 vezes semana            | Sim          | Todo dia           | Sim                     | 04 vezes no mês     |
| 08   | <b>AntºS. Tembé</b> | Sim         | De vez quando              | Sim          | Todo dia           | Sim                     | Toda semana         |

|    |                               |     |                          |     |                     |     |                      |
|----|-------------------------------|-----|--------------------------|-----|---------------------|-----|----------------------|
|    | <b>(Sandra)</b>               |     | por semana<br>02 vez.    |     |                     |     |                      |
| 09 | <b>Osmael Tembé (Uzu)</b>     | Sim | 02 vezes semana          | Sim | 02 vezes na semana  | Sim | 01 vez no mês        |
| 10 | José Lopes Tembé              | Sim | 01 vez na semana         | Sim | Quase todos os dias | Sim | 02 vezes no mês      |
| 11 | Roberto Lopes Tembé           | Sim | 02 vezes semana          | Sim | Quase todos os dias | Sim | 01 vez na semana     |
| 12 | José Roberto Tembé            | Sim | 01 vez na semana         | Sim | Todos os dias       | Sim | 02 vezes no mês      |
| 13 | Carlos Sérgio Tembé (Kaparai) | Sim | 01 vez no mês, se reuni. | Sim | Quase todos os dias | Sim | Toda semana          |
| 14 | Moreira Tembé                 | Sim | Quando se reuni          | Sim | Todos os dias       | Sim | 01 vez na semana     |
| 15 | Ant <sup>o</sup> Carlos Tembé | Não | _____                    | Sim | Às vezes            | Sim | Quando tem mandioca  |
| 16 | Genilda Lopes Tembé (Kamucha) | Não | _____                    | Sim | Às vezes            | Sim | Ajudo toda a semana. |
| 17 | M <sup>a</sup> Irene Tembé    | Não | _____                    | Não | _____               | Sim | Às vezes             |
| 18 | Manoel Sabiá Tembé            | Sim | Toda semana              | Sim | Todo dia            | Sim | Toda a semana        |



|    |                      |     |                               |     |                    |     |                         |
|----|----------------------|-----|-------------------------------|-----|--------------------|-----|-------------------------|
| 19 | Martins Temb         | Sim | 01 vez na semana              | Sim | 03 vezes na semana | Sim | Toda semana             |
| 20 | Valdeir Temb         | Sim | 01 vez na semana              | Sim | Quase todo dia     | Sim | 04 vezes no mês         |
| 21 | João Temb  (Cecília) | Sim |  s vezes no caminho           | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana      |
| 22 | Arnaldinho Temb      | Não | Só quando se reuni para caçar | Sim | Todos os dias      | Sim | Quando tem mandioca     |
| 23 | M  Nazare Temb       | Não | _____                         | Sim |  s vezes           | Sim | Ajudo a fazer a farinha |
| 24 | Edinaldo Temb        | Sim | 01 vez na semana              | Sim | Quase todo dia     | Sim | 03 vezes na m s         |
| 25 | Zataia Temb          | Sim |  s vezes                      | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana      |
| 26 | Afonso Temb          | Sim | 02 vezes semana               | Sim | Todo dia           | Sim | 02 vezes na semana      |
| 27 | Mário Temb           | Sim |  s vezes                      | Sim | Quase todo dia     | Sim | 02 vezes na semana      |
| 28 | Pedro Temb           | Sim |  s vezes                      | Sim | 03 dias da semana  | Sim | 02 vezes na semana      |
| 29 | M  Irene Temb        | Não | _____                         | Sim |  s vezes gente vai | Sim | Quando faz gente ajuda  |
| 30 | Agimiro              | Sim |  s vezes                      | Sim | Quase              | Sim | 02 vezes                |

|    |                          |     |                                     |     |                          |     |                           |
|----|--------------------------|-----|-------------------------------------|-----|--------------------------|-----|---------------------------|
|    | tembé                    |     | gente<br>acha                       |     | todo dia                 |     | na<br>semana              |
| 31 | Martinho<br>Tembé        | Não | Quando<br>se reuni<br>eu vou        | Sim | 02 vezes<br>na<br>semana | Sim | Quando<br>tem<br>mandioca |
| 32 | Ruth Tembé               | Não | _____                               | Não | _____                    | Sim | Ajudo um<br>pouco         |
| 33 | Ant <sup>o</sup> Tembé   | Sim | Às vezes<br>semana                  | Sim | 03 dias<br>da<br>semana  | Sim | 02 vezes<br>na<br>semana  |
| 34 | Jair Tembé<br>(Saracura) | Sim | Toda<br>semana                      | Sim | Todo dia                 | Sim | Toda a<br>semana          |
| 35 | Raimundo<br>Tembé        | Sim | Às vezes<br>eu vou<br>com<br>outros | Sim | 03 vezes<br>na<br>semana | Sim | 02 vezes<br>semana        |
| 36 | Sebastião<br>Tembé       | Sim | 01 vez na<br>semana                 | Sim | Todo dia                 | Sim | 01 vez na<br>semana       |
| 37 | Jaime<br>Tembé           | Sim | Toda<br>semana                      | Sim | 02 vezes<br>na<br>semana | Sim | Toda<br>semana            |
| 38 | Giê Tembé<br>(Kuri)      | Sim | Gente se<br>reuni                   | Sim | Quase<br>todo dia        | Sim | Quase<br>toda<br>semana   |
| 39 | Jacinto<br>Tembé         | Sim | De vez<br>enquando                  | Sim | 03 vezes<br>na<br>semana | Sim | 02 vezes<br>semana        |
| 40 | Ywaumo<br>Tembé          | Sim | Às vezes<br>na<br>semana            | Sim | Todo dia                 | Sim | Toda a<br>semana          |

|  |  |
|--|--|
|  |  |
|--|--|

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>4) Pedir a eles que descrevam como se dá cada uma dessas práticas.</b>   |
| <b>1) Sandra</b>     | <p><i>Caça:</i></p> <p><i>Eles saem para caçar pela manhã né e volta pela tarde trás a caça gente cuida né faz a limpeza na carne aí cozinha quando não dá para cozinhar tudo gente dividi pros parente e o resto que sobra pra gente gente costuma muquear né pra conserva é dessa forma. Caça de noite e de dia também.</i></p> <p><i>Pesca:</i></p> <p><i>A pesca é a mesma coisa sai de manhã volta de tarde com o peixe, algumas vezes pesca a noite.</i></p> <p><u><i>Produção da farinha:</i></u></p> <p><i>A produção da farinha é assim não é todo dia e nem semanal, as vezes ele tira assim como agora no mês de dezembro esse mês fazer uma preparação de farinha pra venda e pra consumo aquele tempo aí faz né uma quantidade que serve pra o consume e pra venda aí pronto para de novo aí quando ta acabando aí que eles faz de novo. Eles pega mandioca na roça põe na água aí amolece né depois tira aí faz a massa coloca no tipiti aí depois que enxugar aquela massa aí penera aí que vai forno pra torrar aí meche até secar.</i></p> |
| <b>2) Uzu</b>        | <p><i>Caça:</i></p> <p><i>Hoje aqui assim sobre a caça ta ficando um pouco difícil negócio de caça, antes agente ia atrás de caça ia e voltava logo cedo e hoje não hoje gente pra pegar uma caça tem que sair longe daqui da aldeia pra muito pra longe só vem no outro dia, pou caso do desmatamento e agora esse ano a mata ta queimando, pegando fogo, cada vês difícil vai ficando e tem gente que não é da nossa aldeia entra terra só pra caçar muito e acaba com tudo. Tem o lugar certo de pegar, gente sai de manhã, se não conseguir durante o dia já fica pela noite, fica esperando te conseguir.</i></p>  |

|  |   |
|--|---|
|  | <p><i>Pesca:</i></p> <p><i>Pesca pra mim gente é mais costumado pescar de manhã ou a tarde e também a noite no rio gurupí, com anzol. Hoje em dia gente pesca com anzol, com malhadeira.</i></p> <p><i>Produção da farinha:</i></p> <p><i>Pra fazer farinha gente vai um dia na roça aí passa quase o dia todo arrancando a mandioca carregando pra botar de molho na água aí durante uns três, quatro dia torno volto lá mecher com a mandioca aí ta mole descasca tudinho aí carrega bota lá, machuca ela, bota na prensa depois coou aí vai jogar pro forno pra fazer a farinha.</i></p> |
|--|---|

### CAÇA

(AS PRÁTICAS DA CAÇA, NÃO PERDER DE VISTA AS MUDANÇAS AMBIENTAIS).

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>d) Ainda há lugares propícios para caçar?</b>  |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Caça subindo na mata seguindo o rio. É descendo é subindo, do outro lado do rio.</i> |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Se caça longe de casa, muito dentro da mata.</i>                                     |

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>3) Onde a caça é feita?</b>  |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>A caça é feita na mata, dentro de casa também com os bicho que cria.</i> |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Feito na mata mesmo.</i>   |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>3) Quem caça?</b>                     |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Os homens, as mulheres não caçam.</i> |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Aqui que eu vejo só os homens.</i>    |

| <b>3) Que animais ainda <u>hoje</u> são caçados?</b>  |   | <b>Sandra</b><br><b>43 anos</b>                 | <b>Uzu</b><br><b>38 anos</b>                          |
|---|---|---|---|
| A'i (p.17)  | Preguiça (espécie de macaco).   | Tem, ma num não caça.                           | Tem, não caça nem antes nem hoje.                     |
| Apê (p.28)<br>Zawti-apê:  | Casco de jabuti (vivo)<br>Casca do jabuti morto.  | Tem   | Tem.  |
| Akuru (p.21)  | Espécie de pássaro.   | Tem, é um passarinho né, não come.              |   |
| Akuti (p.21)  | Cutia.  | Tem, caça pra comer.                            | Tem e caça.   |
| Anäkä (p.26)<br>Äräkwä (p.34)<br>Azuru (p.47)<br>Ma-ita (p.125)<br>Parawa (p.183)<br>Pêri (p.189) | Espécie de papagaio.<br>Papagaio, aracuã.<br>Papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio de bico amarelo. | Tem, caça mata por causa da pena e alguns come. | Tem, caça tirar pena.                                 |
| Arapapa (p.34)  | Espécie de papagayos; arapapá.  | Tem, alguns come.                               | Tem, caça quando vê pra comer.                        |
| Arapuha (p.34)<br>Mahâw (p.124)<br>Rapuha (p.224)   | Veado.<br>Esp. de veado branco.<br>Veado.   | Tem, caça come.                                 | Tem, caça e come.<br><br>Tem, caça e come, quando vê. |
| Arar ≈ Arara (p.34)   | Tipos de arara.   | Tem, caça tira a pena e come.                   | Tem, caça, come e tira a pena.                        |
| A'rawira (p.35)   | Espécie de pássaro  | Não sei.  |   |

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
|   | vermelho.  |  |   |
| Aruá (p.36)<br>Maräkänä (p.127)                                     | Maracanã.<br>Maracanã (esp. de louro)  | Tem, come.                             | Tem, caça e come.   |
| Atora (p.38)<br>Mĩykur (p.136)                                      | Espécie de gambá<br>Mucura, gambá.   | Tem, não caça.                         | Tem, num come não.  |
| Atĩnga-hu (p.42)  | Espécie de coruja.   | Tem, não caça.                         | Tem, ninguém num come não.  |
| Awara (p.41)  | Raposa.  | Tem, mata porque é perigoso, não come. | Tem, não caça e nem come, mata raposa porque vem pegar criação.     |
| Awiza (p.42)<br>Hawiza (p.56)                                       | Sabiá.<br>Sabiá (Espécie de pássaro).  | Tem, caça pra criar.                   | Tem, num caça pássaro pequeno não e nem da pena, pega cria em casa. |
| Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303)                                  | Lontra.<br>Lontra.   | Tem, num caça não mais, difícil, cria. | Tem ainda, num come não.  |
| Hakã-tik (p.53)   | Espécie de passarinho não identificado.  | Tem.                                   |   |
| Hĩy (p.63)<br>Amé'a (p.23)<br>Ta'i (p.236)                          | Nome de um pequeno papagaio, curica.<br>Espécie de curica.<br>Esp. de curica preta.  | Tem, caça e come.                      | Ainda tem, gente come.  |
| Hôkô (p.64)<br>Kārã'u (p.97)<br>Mawari (p.130)<br>Wĩra-paku (p.292) | Socó (ave) espécie de socó.<br>Esp. de socó.<br>Esp. garça ou socó.<br>Esp. de socó. | Tem, come.                             | Tem, come.  |

|                     |                                    |                       |                                       |
|---------------------|------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------|
| Hupi'a (p.66)       | Ovo.                               | Tem, come.            | Tem e come tudo, dá muito no inverno. |
| Ma'ê-rupi'a (p.123) | Ôvo de...                          |                       |                                       |
| Tupi'a (p.272)      | Ovo.                               |                       |                                       |
| Wĩra-rupi'a (p.292) | Ovos de pássaro.                   |                       |                                       |
| Huruku'á (p.66)     | Surucuá (espécie de pássaro)       | Tem, cria e não come. | Tem, não come.                        |
| Uruku'a (p.281)     | Surucuá (esp. de pássaro)          |                       |                                       |
| Inamu (p.73)        | Nambu (ave).                       | Tem, come.            | Tem, come muito.                      |
| Namu (p.173)        | Nambu.                             |                       |                                       |
| Pékwapa (p.186)     | Esp. de nambu.                     |                       |                                       |
| Píkwapa (p.196)     | Pécuapa (esp. de nambu)            |                       |                                       |
| Uru (p.281)         | Corcovado, esp.de nambuzinho.      |                       |                                       |
| Inazê (p.73)        | Gavião.                            | Tem, não come.        | Tem, não come não.                    |
| Karipira (p.97)     | Carapira (esp. De gavião).         |                       |                                       |
| Kôrô-kôrô (p.105)   | Esp. De gavião.                    |                       |                                       |
| Mézu'i-zu'i (p.130) | Esp. de gaviãozinho.               |                       |                                       |
| Urutaw-ran (p.282)  | Gavião de penacho.                 |                       |                                       |
| Wäkawä (p.284)      | Esp. de gavião.                    |                       |                                       |
| Winazê (p.290)      | Gavião bobo.                       |                       |                                       |
| Wira-hu (p.292)     | Gavião.                            |                       |                                       |
| Wira-hu (p.292)     | Gavião.                            |                       |                                       |
| Zapukani (p.301)    | Esp. de gavião pequeno, japacanim. |                       |                                       |
| Zawatô (p.303)      | Gavião.                            |                       |                                       |
| Zétapaw (p.340)     | Gavião tesouro (esp. de falcão)    |                       |                                       |

|                        |   |                   |                           |
|------------------------|---|-------------------|---------------------------|
| Ipêk (p.75)            | Espécie de marreco (pato)                   | Tem, come.        | Tem, é difícil, come.     |
| Ka'i (p.93)            | Macaco em geral.                            | Tem, come.        | Tem, come.                |
| Tamari (p.239)         | Macaco cuxiú.                               |                   |                           |
| Wapurikĩ (p.285)       | Macaco da noite.                            |                   |                           |
| Warĩw                  | Guariba (esp. De macaco).                   |                   |                           |
| Zupara (p.335)         | Esp. de macaco da noite.                    |                   |                           |
| Zupati (p.335)         | Esp. de macaco da noite.                    |                   |                           |
| Kamazyô (p.93)         | Camaleão.                                   | Tem, não caça.    | Tem, num come não.        |
| Kara-kara (p.97)       | Urubu, caracará.                            | Tem não caça.     | Tem, não come.            |
| Karara (p.97)          | Mergulhão (pássaro)                         | Tem, não caça.    | Tem, come.                |
| Karumê (p.98)          | Carumbé (esp. De jabuti c/manchas amarelas. | Tem, caça e come. | Tem, come muito.          |
| Kupi'i-war (p.107)     | Tamanduá.                                   | Tem, não come.    | Tem, não come.            |
| Ma'ê-mêngo (p.119)     | Esp. De pequeno tamanduá.                   |                   |                           |
| Tamanwa (p.238)        | Tamanduá bandeira.                          |                   |                           |
| Kwanu (p.111)          | Porco espinho (coandu).                     | Tem, não come.    | Tem, não come.            |
| Kwati (p.112)          | Coati.                                      | Tem, caça e come. | Tem, come muito.          |
| Ma'ê-tuwi-tuwi (p.124) | Esp. De maçarico menor (pássaro).           | Tem, não caça.    | Tem, não come não.        |
| Ma'i-twi-twi (p.125)   | Maçarico (esp. de pássaro).                 |                   |                           |
| Ma-tui-tui (p.129)     | Maçarico, tarambola (esp. de pássaro).      |                   |                           |
| Marakaza (p.127)       | Maracajá, gato do mato.                     | Tem, não caça.    | Tem, não come e nem caça. |



|                                    |   |                                |  |
|------------------------------------|---|--------------------------------|--|
| Maturya (p.129)<br>Tzigan (p.276)  | Cigana (esp. de pássaro).<br>Cigana.      | Tem, não caça,<br>alguns come. | Tem, come.                             |
| Mizu'i (p.136)                     | Andorinha.                                | Tem, na caça e<br>nem come.    | Tem, ninguém<br>come não.              |
| Namê (p.173)                       | Esp. de colibri – pássaro:<br>beija-flor. | Tem, não caça.                 | Tem, não come.                         |
| Pak (p.181)<br>Ta'wêr-a'i (p.245)  | Paca.<br>Paca.                            | Tem, caça e come.              | Tem, come<br>muito.                    |
| Péki (p.186)<br>Piki (p.195)       | Paturi.<br>Paturi.                        | Tem, não caça e<br>nem come.   | Tem, come.                             |
| Pikahu(p.195)                      | Pomba.                                    | Tem, não caça e<br>nem come.   | Tem, não come.                         |
| Piku'i (p.196)                     | Rolinha.                                  | Tem, não caça e<br>nem come.   | Tem, quando os<br>meninos caça<br>come |
| Piru (p.201)                       | Perú.                                     | Tem, cria e come.              | Tem, come e<br>cria.                   |
| Taitetú (p.237)                    | Pecari – esp. de queixada.                | Tem, come.                     | Tem, come.                             |
| Tãgara (p.239)                     | Esp. de pássaro, tanagra.                 | Tem, não caça.                 | Tem, não<br>ninguém come.              |
| Tapi'ir (p.240)                    | Anta.                                     | Tem, caça e come.              | Tem, come e<br>caça.                   |
| Tapiti (p.241)<br>Tarêru'a (p.242) | Coelho.<br>Préa (esp. de coelho).         | Tem, não caça.                 | Tem, caça e<br>come.                   |
| Tatu (p.244)                       | Tatu.                                     | Tem, caça e come.              | Tem, come e<br>caça.                   |
| Tawiru (p.245)                     | Saburu (esp. de pássaro)                  | Tem, não caça e<br>nem come.   | Num conheço<br>não.                    |
| Tazahu (p.247)                     | Queixada (porco do mato)                  | Tem, cria e come.              | Tem, come<br>muito, caça e             |

|                      |                                   |                            |                                     |
|----------------------|-----------------------------------|----------------------------|-------------------------------------|
|                      |                                   |                            | cria.                               |
| Terêkôkô (p.260)     | Esp. de passarinho.               | Num sei.                   |                                     |
| Tétêw (p.261)        | Esp. de pássaro.                  | Tem, não caça.             | Tem, num caça não.                  |
| Tu'i (p.271)         | Periquito.                        | Tem, não caça e nem come.  | Tem, caça pegar pena, num come não. |
| Tukan (p.271)        | Tucano.                           | Tem, caça pra tirar a pena | Tem, come e tira pena.              |
| Uru-zawar (p.281)    | Onça marajoara.                   | Tem, não caça.             | Tem, mata.                          |
| Wawérêw (p.286)      | Esp. de oncinha.                  |                            |                                     |
| Urumä (p.281)        | Pato.                             | Tem, cria e come.          | Tem, come e cria.                   |
| Wara (p.285)         | Guará.                            | Tem não.                   | Tem não.                            |
| Wara-pirãng (p.285)  | Guará flamengo.                   |                            |                                     |
| Wĩra (p.292)         | Pássaro.                          | Tem muito.                 | Tem.                                |
| Zäkami (p.297)       | Jacamim (p.297)                   | Tem, caça e come.          | Tem, come e caça.                   |
| Zakarê (p.297)       | Jacaré.                           | Tem, caça e come.          | Tem, caça e come.                   |
| Zaku (p.297)         | Jacu (galináceas)                 | Tem, caça e come.          | Tem, caça e come.                   |
| Zaku-pê-tĩng (p.297) | Esp. de jacu preto, vulgo cujubim |                            |                                     |
| Zanay (p.298)        | Jandaia.                          | Tem, não caça e nem come.  | Tem, quando pega come.              |
| Zan-a'i (p.298)      | Esp. de jandaia.                  |                            |                                     |
| Zanu (p.299)         | Ema.                              | Num tem não                | Por aqui não tem.                   |
| Zapê-ahôk (p.299)    | Nome da ave Parra Jaçanã.         | Tem, não caça, cria.       | Tem, num come e nem usa pena.       |

|                                  |                                   |   |                                   |
|----------------------------------|-----------------------------------|---|-----------------------------------|
| Zapu (p.301)<br>Zapun-un (p.301) | Japu (esp. de pássaro) Jacu preto | Tem, não caça.                              | Tem, caça e come.                 |
| Zäpun (p.301)                    | Graúna.                           | Tem, não caça, cria.                        | Num tem não.                      |
| Zawati (p.303)                   | Esp. de martin-pescador.          | Tem, não caça.                              | Tem, não caça não.                |
| Zawĩru (p.304)                   | Jaburu, ema.                      | Tem, não caça.                              | Tem se pega também pra usar pena. |
| Zawni (p.304)                    | Bico de brasa (esp. de pássaro)   | Tem, não caça.                              | Tem, num come não.                |
| Zawti (p.304)                    | Jabuti.                           | Tem, caça e come.                           | Tem, caça e come.                 |
| Ziriw (p.329)                    | Esp. de pássaro, udu.             | Tem, não caça.                              | Tem, quando pega come.            |
| Zukaré (p.334)                   | Pavão.                            | Tem, não caça, cria mas não come, usa pena. | Tem, num come não, nem caça.      |
| Zéruti (p.340)                   | Juruti, pomba, esp. de rola.      | Tem, não caça.                              | Tem e come.                       |

| <b>4) Que instrumentos são usados para a caça?</b> |                           | <b>Sandra<br/>43 anos</b>                  | <b>Uzu<br/>38 anos</b> |
|--|---------------------------|--|------------------------|
| Hu'ĩw (p.65)<br>U'ĩw (p.279)                       | Flecha.<br>Flecha.        | Tem, mais hoje usa a espingarda pra caçar. | Ainda tem.             |
| Itakĩhê (p.79)<br>Takĩhê (p.237)                   | Facão.<br>Facão, terçado. | Tem, usa.                                  | Tem.                   |
| Ita-takĩhê-räymê (p.80)                            | Pedra de amolar.          | Tem, usa.                                  | Tem                    |
| Iw-ĩwa (p.89)                                      | Corpo da flecha (espécie) | Tem.                                       | Tem.                   |

|  |   |                          |      |
|--|---|--------------------------|------|
|  | de bambu).  |                          |      |
| Kihê (p.101)                           | Ponta de ferro, taquara.  | Tem.                     | Tem. |
| Ma'êkitik-haw (p.119)<br>I'wéhé (p.84) | Lima.<br>Ralo. Lima.  | Tem.                     | Tem  |
| Mukaw (p.156)                          | Espingarda.   | Tem, caça hoje com isso. | Tem  |
| Piwa (p.206)                           | Botoque na ponta das flechas para pássaros, flecha de ponta achatada para caçar pássaros. | Tem.                     | Tem  |
| Tazĩ (p.247)                           | Machado, ferro, metal, aço.   | Tem.                     | Tem  |
| Mukaw-riapu (p.264)                    | Tiro de espingarda.   | Tem.                     | Tem  |
| U'ïw-rakwä (p.279)                     | Ponta da flecha.  | Tem.                     | Tem  |
| Wirapar (p.292)                        | Arco.   | Tem.                     | Tem  |

| <b>5) Quais as armadilhas usadas <u>hoje</u> para caçar?</b> |                               | <b>Sandra</b><br><b>43 anos</b> | <b>Uzu</b><br><b>38 anos</b> |
|--|-------------------------------|---------------------------------|------------------------------|
| Akuti-kwar (p.21)  | Coelheira.                    | Tinha, num tem mais.            | Tem não.                     |
| Izwa (p.91)  | Visgo para caçar passarinho.  | Não sei.                        | Ainda tem.                   |
| Miha-mihaw (p.133)   | Armadilha.                    | Tem.                            |                              |
| Mõngaruk (p.143)   | Ficar de tocaia.              | Tem.                            | Tem.                         |
| Tukay (p.271)  | Tapume, armadilha para caçar. | Num sei.                        | Num conheço.                 |

|                          |                             |          |                            |
|--------------------------|-----------------------------|----------|----------------------------|
| Wĩra-rukay (p. 271)      | Armadilha para os pássaros. | Num sei. | Num conheço.               |
| Wĩra-hézar-pĩrêr (p.290) | Armadilha armada com paus.  | Num sei. | Num conheço.               |
| Wĩra-miri pari (p.292)   | Gaiola.                     | Tem.     | Ainda faz.                 |
| Wĩra-pĩkaw (p.292)       | Arapuca.                    | Tem.     | Hoje não faz mais arapuca. |

| <b>6) Quais os nomes dos “espaços” específicos onde os animais ficam?</b> |   | <b>Sandra<br/>43 anos</b> | <b>Uzu<br/>38 anos</b> |
|---|---|---------------------------|------------------------|
| Há(i)-Kwêr (p.54)   | Trilha.                                       | Tem, caça.                | Tem, caça.             |
| Hapé (p.54)   | Caminho.                                      | Tem, caça.                | Tem, caça também.      |
| I-pĩar (p.75)   | Trilha, caminho do rio.<br>Caminho trilhado.  |                           |                        |
| ‘Iw (p.83)  | Vestígio, traço, rasto, trilha, (de animais). |                           |                        |
| Ma’ê-rakĩkwêr (p.121)   | Caminho, estrada.                             |                           |                        |
| Pê (p.185)  | Caminho batido, trilhado.                     |                           |                        |
| Pê’iy (p.186)   | Fazer uma trilha.<br>Caminho.                 |                           |                        |
| Pê...mu-pĩwa (p.187)  |   |                           |                        |
| Rapê (p.224)  |   |                           |                        |
| Ka’a (p.92)   | Mata, floresta.                               | Tem, caça.                | Tem, caça.             |
| Ma’ê-zuka-haw (p. 124)  | Matadouro.                                    | Tem.                      | Tem.                   |
| Rémitĩm (p.228)   | Esconderijo de paca.                          | Tem.                      | Tem.                   |

## PESCA

| COLABORADORES | a) Ainda há lugares, hoje, propícios para pescar?   |
|---------------|---|
| 1) Sandra     | <i>Sim, igarapezinho, rio gurupí, tem peixe.</i>  |
| 2) Uzu        | <i>É gente pesca em todos, é que tem o rio, gente diz que, aí tem o nome, gente chama o nome <b>puçam</b> é o lugar que pra nós onde os peixes fica mais ali né, puçam, aí nó vai pescar só aí. Tem outros que é o lago, a represa, gente também pesca, no igarapé também quando esse tempo essa época os igarapé tão tudo seco aí fica essa represa, aquela poços de água (Ipaw-ai) de água onde fica peixe.</i> |

| COLABORADORES | b) Onde a pesca é feita?                                      |
|---------------|---|
| 1) Sandra     | <i>No rio grande e pequeno, no período de inverno também.</i> |
| 2) Uzu        | <i>No rio, lago, igarapé.</i>                                 |

| COLABORADORES | c) Quem pesca?   |
|---------------|--|
| 1) Sandra     | <i>Os homens, as mulheres e as crianças de dia e de noite.</i> |
| 2) Uzu        | <i>É tudo, homem, mulher, criança.</i>                         |

| d) Que animais ainda hoje são pescados? |                                     | Sandra         | Uzu            |
|---|-------------------------------------|----------------|----------------|
|   |                                     | <b>43 anos</b> | <b>38 anos</b> |
| Äkari (p.20)                            | Acari (esp. de peixe).              | Tem e come.    | Tem, come.     |
| Akara (p.20)                            | Acará, nome de vários peixes.       | Tem e come.    | Tem, come.     |
| Akarä-whu (p.20)                        | Acaraú-açu (peixe de água salgada). | Tem e come.    | Tem, come.     |
| Anira (p.27)                            | Espécie de sarapó.                  | Tem e come.    | Tem, come.     |
| Arapô (p.34)                            | Sarapó (peixe do Gurupí).           |                |                |

|                       |  |                              |                                 |
|-----------------------|--|------------------------------|---------------------------------|
| I-tu (p.82)           | Espécie de sarapó de pequeno tamanho.                            |                              |                                 |
| Iwĩr-atza-par (p.87)  | Espécie de sarapó.   |                              |                                 |
| To(w)i (p.270)        | Esp. de sarapó prêto.  |                              |                                 |
| Ani'ã (p.27)          | Bodô (espécie de acari) peixe do Gurupí.                         | Tem, come.                   | Tem, come.                      |
| Araruha-pêw (p.35)    | Espécie de caranguejo.   | Tem, come.                   | Tem, come.                      |
| Wara-ruha (p.285)     | Caranguejo.  |                              |                                 |
| Wara-ruha-pêw (p.285) | Esp. de caranguejinhos dos igarapés.                             |                              |                                 |
| Aratay-iri (p.35)     | Espécie de jejú pequeno.   | Tem e come.                  | Tem, come.                      |
| Kiha-kay (p.101)      | Esp. de jeju, (peixe do Gurupi).                                 |                              |                                 |
| Zézu (p.328)          | Jeju (esp. de peixe)   |                              |                                 |
| Ita-kuzêr (p.79)      | Concha.  | Por aqui num tem.            | Tem não por aqui.               |
| Wärä-itã (p.285)      | Concha, casca de molusco, mexilhão de água doce, ostra (tururu). |                              |                                 |
| Iwĩ-wa-ran (p.89)     | Lambari.   | Tem.                         | Tem, come.                      |
| Iya'u-kängwer (p.90)  | Uéua (espécie de peixe).   | Tem e come.                  | Tem, come.                      |
| Kri-kri (p.102)       | Esp. de peixinho parecido com o cascudo.                         | Tem e come.                  | Tem, come.                      |
| Kirimata (p. 102)     | Curimatá (esp. de peixe do rio Pindaré).                         | Num tem na nossa região não. | Tem pouco, vai longe pra pegar. |
| Kwana (p.111)         | Acuanã, peixe do rio Gurupi.                                     | Tem e come.                  | Tem, come.                      |

|  |  |                       |                          |
|--|--|-----------------------|--------------------------|
| Mamiri (p.125)<br><br>Piaw (p.193)<br><br>Wamiri (p.284) | Piaba (esp. de peixe).<br><br>(sardinha) piába (esp. de).<br><br>Piába (esp. de peixe), coáca. | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Mãngwa (p.125)   | Esp. de rã comestível.   | Tem e come.           | Conheço não.             |
| Mani'i (p.126)   | Bagre, mandi.  | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Manumê (p.127)   | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)  | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Murakê (p.164)   | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré).  | Num tem nessa região. | Também num tem aqui não. |
| Muti (p.165)<br><br>Puti (p.219)                         | Camarão.<br><br>Camarão.   | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Nuza (p.178)   | Anujá (esp. de peixe)  | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Paku (p.181)   | Pacu.  | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Paru (p.183)<br><br>Paw-ru (p.184)                       | Esp. de peixe conhecido por coáca.<br><br>Coáca.   | Tem e come.           | Tem, come.               |
| Pikĩr (p.195)  | Peixinhos em geral (piquiras)  | Tem.                  | Tem, isca.               |
| Pira (p.199)   | Peixe.   | Tem.                  | Tem, come.               |
| Pira-pirêrma'ê (p.200)                                   | Peixe de couro.  | Tem.                  | Tem, come.               |
| Pira-zu (p.200)  | Dourado (esp. de peixe).   | Por aqui num tem.     | É difícil, tem.          |
| Ruwêr (p.234)<br><br>Tuwêr (p.274)                       | Ovas (peixe)<br><br>Ovas de peixe.   | Tem.                  | Tem e come.              |
| Tamata (p.238)<br><br>Tamwata (p.239)                    | Cascudo (peixe).<br><br>Cascudo (peixe)  | Tem e come.           | Tem, come.               |



|                    |  |                          |                  |
|--------------------|--|--------------------------|------------------|
| Tarā'ir (p.242)    | Traíra (peixe).                                      | Tem e come.              | Tem, come.       |
| Tinĩ'a (p.266)     | Jandiá (esp. de peixe)                               | Tem e come.              | Tem, come.       |
| Tukunarê (p.271)   | Tucunaré, pescada (tucunaré de água salgada) (p.271) | Num tem por aqui.        | Tem, come.       |
| Uru-wi (p.282)     | Surubim, surubi.                                     | Tem e come.              | Tem, come.       |
| Uruwi-ran (282)    | Gurijuba.  | Num tem não.             | Num conheço não. |
| Urumara (p.282)    | Pirapucu, bicudo (esp. de peixe)                     | Por aqui também não tem. | Tem, come.       |
| Uaraku (p.278)     | Aracu (esp. de peixe)                                | Tem e come.              | Tem e come.      |
| Waraku (p.285)     | Aracu (esp. de peixe)                                |                          |                  |
| Waraku-ran (p.285) | Aracurana (esp. de peixe).                           |                          |                  |
| Wapanarê (p.285)   | Panaré (esp. de peixe).                              | Tem e come.              | Tem e come.      |
| Zakuna (p.297)     | Jacundá (esp. de peixe).                             | Tem e come.              | Tem e come.      |
| Zawéwĩr (p.304)    | Raia.  | Por aqui também não tem. | Num tem não.     |
| Zawira (p.304)     | Arraia.  |                          |                  |
| Zinĩ'a (p.329)     | Jundia (esp. de mandi prêto)                         | Tem e come.              | Tem e come.      |

| <b>e) Que instrumentos são usados para a pesca?</b> | <b>Sandra</b>         | <b>Uzu</b>     |
|---|-----------------------|----------------|
|   | <b>43 anos</b>        | <b>38 anos</b> |
| Apak'wa-haw (p.27)                                  | Feixe.                | Tem.           |
| Ĩwĩpo-apakwa-haw :                                  |                       |                |
| Iwĩ-pô (p.86)                                       | Feixe de cipó.        | Tem.           |
| Iwo (p.89)  | Cipó                  |                |
| Pikĩr-ĩwo-haw                                       | Cipó, vareta flexível |                |

|  |   |                      |                  |
|--|---|----------------------|------------------|
| (p.195)<br><br>Po (p.206)                                  | [...]enfiada no peixe.<br><br>Fileira, enfiada de peixes pequenos passados num cipó ou vareta flexível.<br><br>Cipó, corda. |                      |                  |
| Ham (p.54)<br><br>Nêmo (p.176)<br><br>Inimô (p.74)         | Linha.<br><br>Fio, linha.<br><br>Fio.   | Tem.<br><br><br>Tem. | Tem.<br><br><br> |
| Hétŭwĩr (p.61)<br><br>Pina-rétŭwĩr:<br><br>Rétŭwir (p.228) | Barbela.<br><br>A barbela do anzol.<br><br>Barbela.   | Tem.<br><br><br>     | Tem.<br><br><br> |
| I-äkwa (p.68)  | Cabaça para água, moringa.  | Tem.                 | Tem.             |
| Ma'êKutuk-haw (p.119)                                      | Arpão, lança, azagaia, garfo.   | Tem.                 | Tem.             |
| Pina (p.196)   | Anzol.  | Tem.                 | Tem.             |
| Pina-pôr (p. 209)  | Isca.   | Tem.                 | Tem.             |

| <b>f) Quais as armadilhas e os elementos materiais usadas hoje para pescar?</b> |  | <b>Sandra<br/>43 anos</b> | <b>Uzu<br/>38 anos</b> |
|---|--|---------------------------|------------------------|
| Hôkô (p.64)   | Rede para pescar, de forma cilíndrica.                             | Tem.                      | Tem.                   |
| Iemi (p.69)   | Cerca de Tapume para pescar (p.69)                                 | Num sei não.              | Num faz não.           |
| I-timor (p.82)<br><br>Timô (p.266)<br><br>Timô-rapôta (p.266)                   | Timbó – vapor, fumo, exalação.<br><br>Timbó.<br><br>Feixe de timbó | Tem e algum ainda usa.    | Tem e faz ainda.       |

|                   |   |                    |                          |
|-------------------|---|--------------------|--------------------------|
| Kunami (p.106)    | Bater timbó, embriagar o peixe.                               |                    |                          |
| Muhu-timô (p.155) | Cunambi (esp. de timbó cultivado).<br>Timbó de muçum.         | Tem e usa.         | Tem.                     |
| Pari (p.183)      | Cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede.           | Tem, às vezes faz. | Tinha, num faz mais não. |
| Zêké'a (p. 312)   | Matapi, armadilha de varinha trançada para tomar peixe, covo. | Tem.               | Tinha, num faz mais não. |

| <b>g) Quais os nomes dos “espaços” específicos para a prática da pesca?</b>  |                             | <b>Sandra</b><br><b>43 anos</b> | <b>Uzu</b><br><b>38 anos</b> |
|--|-----------------------------|---------------------------------|------------------------------|
| I (p.67)   | Água, rio.                  | Tem.                            | Tem                          |
| I-apê'a-ramo (p.68)<br>'Ar ≈ĩ'ar (p.33);<br>Apê'a-ramo (p.28);<br>A superfície do.<br>Y- Apê'a-ramo (p.28) à superfície da água. | À superfície da água.       |                                 |                              |
| I-apĩ-hêm (p.68)   | Lugar onde nasce o igarapé. |                                 |                              |
| I-apĩ-rupi (p.68)  | Rio acima.                  |                                 |                              |
| Itĩ-apĩ-kutĩr (p.81)   | Rio acima.                  |                                 |                              |
| Iarapê (p.68)  | Igarapé.                    | Tem.                            |                              |

|                                  |   |      |  |
|----------------------------------|---|------|--|
| I-êê (p.69)                      | Rio à-toa, aonde não se encontra peixe. |      |  |
| I-hêmaw (p.70)                   | A boca do rio.                          |      |  |
| Ipanêm (p.74)                    | Rio sem peixe, rio pobre [...]          |      |  |
| I-paw (p.74)                     | Lagoa, lago.                            | Tem. |  |
| Ipaw (p.74)                      | Secar o rio.                            |      |  |
| I-rĭpaw (p.77)                   | Rio seco.                               |      |  |
| I-tĭpaw (p.82)                   | Secar o rio.                            |      |  |
| I-tinĭng (p.82)                  | Rio seco.                               |      |  |
| Ī-pĭ (p.75)                      | Fundo da água, rio.                     |      |  |
| I-pĭ-wĭ (p.76)                   | No fundo da água.                       |      |  |
| Ipikwi (p.75)                    | Remar.                                  |      |  |
| I pira-rénaw ≈ I-pôr-katu (p.76) | Rio piscoso (rio rico).                 | Tem. |  |
| I-pĭtêr (p.76)                   | Canal (meio do rio)                     |      |  |
| I-pupĭr-uĥu (p.76)               | Rio muito largo.                        |      |  |
| I-pur (p.76)                     | Fonte, manancial.                       |      |  |
| Irĭ(k)ĭ-rupi (p.77)              | Descer o rio.                           |      |  |
| I-rapê (p.77)                    | Leito do rio.                           |      |  |
| I ré'ĭm-katété (p.77)            | Estirão (rio).                          |      |  |
| I-rémé'ĭw (p.77)                 | A beira do rio.                         | Tem. |  |
| I-rémĭk (p.77)                   | Água salgada, salmoura.                 |      |  |
| I-rĭapu (p.77)                   | Cachoeira.                              | Tem. |  |
| Irĭkaw (p.77)                    | Córrego.                                |      |  |
| I-rĭkwäkên (p.77)                | Correnteza do rio.                      |      |  |

|   |                   |      |  |
|---|-------------------|------|--|
| I-rĩpĩ (p.77)                                       | Rio fundo.        |      |  |
| I-tĩpĩ (p.82)                                       | Rio fundo.        |      |  |
| I-rĩpĩnétzakatu (p.77)                              | Água limpa.       |      |  |
| I-rĩrk-haw (p.78)                                   | Riacho.           |      |  |
| I-tĩng (p.82)                                       | Água turva.       |      |  |
| I-tĩpuk (p.82)<br>I-tzororôm (p.82)<br>Olho d'água. | Olho d'água.      | Tem. |  |
| Itĩ-uhu (p.82)                                      | Rio está cheio.   |      |  |
| I-tumatza-pé (p.82)                                 | Rio abaixo.       |      |  |
| I-wan (p.83)  | Mãe d'água.       | Tem. |  |
| I-wakaw (p.83)                                      | As voltas do rio. |      |  |

### PRODUÇÃO DA FARINHA

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>a) Quem faz farinha?</b>                            |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Homem e mulher.</i>                                 |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Homem e mulher faz farinha hoje e antes também.</i> |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>b) Ainda há espaços para fazer roça?</b>                      |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Sim, pra longe mais tem muito, cada família tem uma roça.</i> |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Sim, tem sim, longe.</i>                                      |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>c) Quais os vegetais usados como matéria-prima?</b> |
|----------------------|--|

|                  |  |
|------------------|--|
|                  |  |
| <b>1) Sandra</b> | <p><i>Talo: usa pra fazer replanti.</i></p> <p><i>Folhas: faz nada.</i></p> <p><i>Mandioca: faz farinha.</i></p>                               |
| <b>2) Uzu</b>    | <p><i>Mandioca: faz farinha.</i></p> <p><i>Talo: usa pra já pra plantar na outra roça que for feita.</i></p> <p><i>Folha; não é usada.</i></p> |

| <b>d) Quais os instrumentos usados na prática da feitura da farinha?</b> |   | <b>Sandra</b><br><b>43 anos</b> | <b>Uzu</b><br><b>38 anos</b> |
|--|---|---------------------------------|------------------------------|
| I'a (p.66)   | Cabaça, cuia.   | Tem.                            | Tem                          |
| Ingu'a (p.74)  | Pilão.  | Tem.                            | Tem                          |
| Ipê (p.75)   | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.                               | Tem.                            | Tem                          |
| Ir(i)-z-akãng (p.78)   | Cesto.  | Tem.                            | Tem                          |
| Iru-z-äkãng (p.79)   | Espécie de cesto que os índios [...].                                   |                                 |                              |
| Panaku (p.182)   | Cesto, jamaxim, paneiro.  |                                 |                              |
| Paturun (p.183)  | Patrona, cestinho trançado com fibra de guarumã que se traz a tiracolo. |                                 |                              |
| Manaku (p.125) (p.183)   | Paneiro, cesta, jamaxim.  | Tem.                            | Tem                          |
| Käwära-péhé (p.99)   | Pá para mexer a farinha.  | Tem.                            | Tem                          |
| Purupê (218)   | Enxada, enxó.   | Tem.                            | Tem                          |
| Tépĩtĩ (p.260)   | Tipiti, expremedouro, prensa, manga para extrair o caldo da             | Tem.                            | Tem                          |

|                    |  |      |     |
|--------------------|--|------|-----|
|                    | mandioca.<br>Prensa para a farinha d'água<br>espremedouro de mandioca. | Tem. | Tem |
| Miha-mihaw (p.133) |  |      |     |

| <b>e) Quais os produtos resultantes do processo de produção da farinha?</b> |   | <b>Sandra<br/>43 anos</b> | <b>Uzu<br/>38 anos</b> |
|---|---|---------------------------|------------------------|
| Ãtã; u'i-ãtã (p.26)   | Farinha dura.                                   | Tem.                      | Tem.                   |
| Ku'i (p.106)  | Farinha.  | Tem.                      | Tem.                   |
| Makatzêr (p.125)  | Macaxeira (esp. de mandioca).                   | Tem.                      | Tem.                   |
| Mani'ĩ-kwêr (p.126)   | O caldo da mandioca do qual obtém-se a tapioca. | Tem.                      | Tem.                   |
| Mandiócuí (p.126)   | Pó, farinha, polvilho, resíduo da mandioca.     | Tem.                      | Tem.                   |
| Mézu (p.133)  | Beiju.  | Tem.                      | Tem.                   |
| Miapé (p.133)   | Beiju de mandioca.                              | Tem.                      | Tem.                   |
| Mínga'u (p.135)   | Mingau, angu, papa, sopa.                       | Tem.                      | Tem.                   |
| TiramHêta (p.61)  | Farinha de sobra.                               | Tem.                      | Tem.                   |
| Takaka (p.237)  | Tacacá, goma feita da massa da mandioca.        | Num faz não.              | Num faz não.           |
| Ihĩk (p.70)   | Resina, [...], goma.                            | Tem.                      | Tem.                   |
| Tĩpĩ'ak (p.267)   | Tapioca.  | Tem.                      | Tem.                   |
| Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)   | Coalho, tapioca.                                |                           |                        |
| Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126)  | Tapioca.  |                           |                        |

|                |                        |      |      |
|----------------|------------------------|------|------|
| Tukupi (p.271) | Tucupi, esp. de mólho. | Tem. | Tem. |
|----------------|------------------------|------|------|

|                      |   |
|----------------------|---|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>f) Nomes dos espaços específicos para a atividade da farinha? (roça, poço, casa da farinha).</b> |
| <b>1) Sandra</b>     | <i>Roça (kô); Poço (Ipãram); Casa de farinha (Tépéhér(o) pi).</i>                                   |
| <b>2) Uzu</b>        | <i>Roça (Kô); Poço (Ipãram); Casa de farinha (Tĩram ripi)</i>                                       |

|                      |  |
|----------------------|--|
| <b>COLABORADORES</b> | <b>g) Práticas da cultura – tapioca, mezu, goma e tacacá?</b>  |
| <b>1) Sandra</b>     | <p><i>Tapioca?</i></p> <p><i>Tapioca aqui gente tira a mandioca rala aí lava a massa pra tirar a goma. Gente custuma fazer a farinha. Tapiquinha faz na frigideira.</i></p> <p><i>Beijú?</i></p> <p><i>O beijú é o mesmo da tapioca.</i></p> <p><i>Farinha de tapioca?</i></p> <p><i>Gente peneira a tapioca aí sai o caroço, tem a peneira própria e assa no forno.</i></p> <p><i>Goma?</i></p> <p><i>Massa branca faz o mingau, faz o medu, farinha do medu. O mingau é só colocar a panela no fogo e depois deixa ferver a água bota a massa, sal e meche até engrossar.</i></p> <p><i>Tacacá?</i></p> <p><i>Não faz, não aqui.</i></p> <p><i>Tucupi?</i></p> <p><i>Retira para fazer molho na pimenta.</i></p> |
| <b>4) Uzu</b>        |  |



*Tapioca?*

*A tapioca é assim, vai na roça nós, pega mandioca rala, aí tira aquele tucupi da mandioca ralada, aí vai espremendo vai juntando aquele tucupi numa vasilha aí com um bom tempo a tapioca já começa a ficar no fundo da vasilha, a tapioca. Antes nós fazia no forno quando tava fazendo, no caso, a farinha no ultima farinha que a gente tira do forno fazer beiju, proveitava a quentura do forno aí fazia.*

*Farinha de tapioca?*

*É mais fácil também, peneira e bota pra torrar.*

*Beiju?*

*A gente faz que nem eu tô dizendo, antes gente fazia no forno, aí hoje, agora gente faz num tem colocar um pouco de óleo pra temperar cousar depois vira, gente ainda faz no forno quando faz farinha.*

*Goma?*

*Pra nós é mingau (tupi'ak memê) mingau da tapioca.*

*Tacacá?*

*Não faz aqui não.*

*Tucupi?*

*Num faz nada não também, joga fora, algum usa pra molho de pimenta.*

**TABELA DE LÉXICO COLETADOS EM PESQUISA DE CAMPO.**

A seguir apresentamos os dados lexicais coletados em pesquisa de campo.

**CAMPO I – FAUNA.**

**IV. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA.**

**A) TABELA CAMPO LEXICAL DA CAÇA.**

**g) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;**

| Nº        | ANO 1976  | 70 a 90 anos      |                          | 40 a 60 anos       |                             | 20 a 40 anos         |                             | LÉXICO  |
|-----------|---|-------------------|--------------------------|--------------------|-----------------------------|----------------------|-----------------------------|---|
|           | BOUDIN  | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos          | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos           | Uzu<br>38 anos       | Zilma<br>28 anos            | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS                            |
| <b>01</b> | Miâr (p.133)  |                   |                          | Miâr               | Pirapur-kaw<br>Miâr<br>Pira | Miâr<br>Dĩpĩ-rik-haw | Imimira<br>Miâr<br>Pina-tĩk | Presa, caça.<br>Caça, pesca, a coisa que se prende. |
| <b>02</b> | A'ĩ-a'ĩr (p.17)<br>(vide: ra'ĩ-ra'ir)<br>Ra'ĩ-ra'ĩr (p.221) | Mũmiri            | Taĩha-i<br><br>Ureku aku | Mũmira             | Ta'ira<br><br>Ipégwêra      | Mĩmir<br><br>Haytĩ   | <br><br>Haytĩ               | Filhotes de.<br><br>Prole, ninhada,                 |

|           |   |                     |              |                 |                      |   |                 |  |
|-----------|---|---------------------|--------------|-----------------|----------------------|---|-----------------|--|
|           |   |                     |              |                 |                      |   |                 | filhotes.  |
| <b>03</b> | A'i (p.17)                                    | A'i                 | A'i          | A'i             | A'i                  | A'i   | A'i             | Preguiça (espécie de macaco).                          |
| <b>04</b> | 'Ak (p.18)                                    | I'ak                | I'ak         | I'ak            | I'ak                 | I'ak  | I'ak            | Chifre.  |
| <b>05</b> | Aka i-kīwaw (p.18)<br>Akān-mitang (p.20)      | Ati                 | Ipy-pema'i   | I'Kiwaw         | Kiwaw<br>I'akāmirāng | Kiwaw   | Kiwaw           | Crista.<br>Cabeça vermelha,<br>crista.                 |
| <b>06</b> | Akāng (p.19)                                  | Akāng               | Ī'akāng      | I'akāng         | I'akāng              | Akāng   | I'akāng         | Cabeça.  |
| <b>07</b> | Apê (p.28)<br>Zawti-apê:                      | Ipê-Ikué<br>Imamuer | Dati apêkwêr | Datupêkwêr      | Dawti-<br>apêkwêr    | Dawtipêkw<br>êr<br>Dawti –vivo<br>Dawti<br>monogwêr-<br>morto | Dawti pirêr     | Casco de jabuti (vivo)<br>Casca do jabuti morto.       |
| <b>08</b> | Akuru (p.21)                                  | Akuru               | Akuru        | Akuru           | Akuru                | Akuru   | Akuru           | Espécie de pássaro.                                    |
| <b>09</b> | Akuti (p.21)                                  | Akuti               | Akuti        | Akuti           | Akuti                | Akuti   | Akuti           | Cutia.   |
| <b>10</b> | Anäkä (p.26)<br>Äräkwä (p.34)<br>Azuru (p.47) | Äräkwä<br>Aduru     |              | Äräkwä<br>Aduru |                      | Äräkwä<br>Aduru   | Äräkwä<br>Aduru | Espécie de papagaio.<br>Papagaio, aracuã.<br>Papagaio. |



|           |  |                      |                    |                    |                |               |                  |   |
|-----------|--|----------------------|--------------------|--------------------|----------------|---------------|------------------|---|
| <b>18</b> | Awara (p.41)                               | Awara                | Hapoza             | Hapoza             | Awara          | Awara         | Hapoza           | Raposa.   |
| <b>19</b> | Awiza (p.42)<br>Hawiza (p.56)              | Awida                | Hawida             | Awiza              | Hawida         | Hawida        | X                | Sabiá.<br>Sabiá (Espécie de pássaro).   |
| <b>20</b> | Aw(i)-zu (p.43)                            | AwidhoKwêr           |                    | Hawêr              | Hawitu         | Ma'ê hawêr    | Hawêra tété      | Penugem.  |
| <b>21</b> | Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303)         | Dawakak              | Dawakak            | Dawakak            | Dawakak        | Dawakak       | Dawakak          | Lontra.<br>Lontra.  |
| <b>22</b> | Hakā-tik (p.53)                            | Hakā-tik Keta        |                    |                    |                |               |                  | Espécie de passarinho não identificado.   |
| <b>23</b> | Hawêr (p.56)                               | Hawêr                | Ia'hôk             | Hawêr              | Hawêr          | Hawêr         | Hawêra           | Pêlos.  |
| <b>24</b> | Haytĩ (p.57)<br>Wĩra-miriraytĩ (p.292)     | Haytĩ                | Mimutĩ             | Haytĩ              | Haytĩ          | Haytĩ         | Haytĩ            | Ninho.<br>Ninho.  |
| <b>25</b> | Hĩy (p.63)<br>Amé'a (p.23)<br>Ta'i (p.236) | Hĩyдахĩ<br>Hĩydhwa-ĩ | Hĩyдахĩ<br>Hĩyďw-i | Hĩyдахĩ<br>Hĩyďw-i | Hĩy<br>Hĩyďw-i | Tuhĩ<br>Dênay | Tui<br>Tui pihum | Nome de um pequeno papagaio, curica.<br>Espécie de curica.<br>Esp. de curica preta. |

|           |   |                       |             |                    |                                 |                                 |                      |   |
|-----------|---|-----------------------|-------------|--------------------|---------------------------------|---------------------------------|----------------------|---|
| <b>26</b> | Hôkô (p.64)<br>Kārā'u (p.97)<br>Wīra-paku (p.292)                             | Hôkô                  | Hôkô        | Hôkô               | Hôkô                            | Hôkô                            | Hôkô<br><br><b>X</b> | Socó (ave) espécie de socó.<br><br>Esp. de socó.<br><br>Esp. de socó.           |
| <b>27</b> | Hupi'a (p.66)<br>Ma'ê-rupi'a (p.123)<br>Tupi'a (p.272)<br>Wīra-rupi'a (p.292) | Hupi'a<br>Ma'ê-rupi'a | Ma'ê-rupi'a | Hupi'a             | Hupi'a<br><br>Wira-mirir-rupi'a | Hupi'a<br><br>Wira-mirir-rupi'a | Ma'ê-rupi'a          | Ovo.<br><br>Ôvo de...<br><br>Ovo.<br><br>Ovos de pássaro.                       |
| <b>28</b> | Huwĩ (p.66)   | Huwĩ                  | Huwĩ-kwêr   | Duwĩ-kwêr          | Huwĩ-kwêr                       | Huwĩ-kwêr                       | Huwĩ-kwêr            | Sangue.   |
| <b>29</b> | Huruku'á (p.66)<br>Uruku'a (p.281)  | Huruku'á              |             | Uruku'a            | Uruku'a                         | Uruku'a                         | Uruku'a              | Surucuá (espécie de pássaro)<br><br>Surucuá (esp. de pássaro)                   |
| <b>30</b> | Inamu (p.73)<br>Namu (p.173)<br>Pékwapa (p.186)<br>Pikwapa (p.196)            | Namu                  | Namu        | Namu<br><br>I'piku | Inamu<br><br>Pékwaw             | Inamu<br><br><b>X</b>           | Inamu                | Nambu (ave).<br><br>Nambu.<br><br>Esp. de nambu.<br><br>Pécuapa (esp. de nambu) |

|           |   |   |   |   |   |   |   |  |
|-----------|---|---|---|---|---|---|---|--|
|           | Uru (p.281)   |   |   |   | Inamua'i                                    |   | Pékwa                                       | Corcovado, esp.de nambuzinho   |
| <b>31</b> | Inazê (p.73)<br>Karipira (p.97)<br>Kôrô-kôrô (p.105)<br>Mézu'i-zu'i (p.130)<br>Urutaw-ran (p.282)<br>Wäkäwä (p.284)<br>Winazê (p.290)<br>Wira-hu (p.292)<br>Zapukani (p.301)<br>Zawatô (p.303)<br>Zétapaw (p.340) | Karapira<br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | <br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | <br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | <br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | <br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | <br><br><br><br><br><br><br><br><br>Wira-hu | Gavião.<br>Carapira (esp. De gavião).<br>Esp. De gavião.<br>Esp. de gaviãozinho.<br>Gavião de penacho.<br>Esp. de gavião.<br>Gavião bobo.<br>Gavião.<br>Gavião.<br>Esp. de gavião pequeno, japacanim.<br>Gavião tesouro (esp. de falcão) |
| <b>32</b> | Ipêk (p.75)   | Uruma'i   | Urumä                                       | Urumäng'i                                   | Urumä                                       | Marêkäng-i                                  |   | Espécie de marreco (pato)  |

|           |  |                              |                               |                              |                             |                              |                   |  |
|-----------|--|------------------------------|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------|------------------------------|-------------------|--|
| <b>33</b> | Ka'i (p.93)<br>Tamari (p.239)<br>Wapurikĩ (p.285)<br>Warĩw<br>Zupara (p.335)<br>Zupati (p.335) | Ka'i<br>Kuthu'i<br><br>Warĩw | Ka'i<br>Kuthua'i<br>Apuritĩ   | Ka'i<br>X<br>Apurikĩ         | Ka'i<br>Kuthihu<br>Wapurikĩ | Ka'i<br><br>Apurikĩ<br>Warĩw | Ka'i<br><br>X     | Macaco em geral.<br>Macaco cuxiú.<br>Macaco da noite.<br>Guariba (esp. De macaco).<br>Esp. de macaco da noite.<br>Esp. de macaco da noite. |
| <b>34</b> | Kamazyô (p.93)   | Kamazyô                      | Kamazyô                       | Kamazyô                      | Kamazyô                     | Kamaleão                     | Kamaleão          | Camaleão.  |
| <b>35</b> | Kãng'ôk (p.96)   | Ikãngwêr                     | Ikãngwêr<br>Do-ôk<br>hadukwêr | O-ôk<br>Ikãngwêr<br>Ikãngwêr | Ukãng'ôk                    | Do'ôk<br>Ikãngwêr<br>Sun     | Do'ôk<br>Ikãngwêr | Tirar ossos, espinhos.   |
| <b>36</b> | Kara-kara (p.97)   | Api-taw                      | Api-taw                       | Api-taw                      | Api-taw                     | Api-taw                      | Api-taw           | Urubu, caracará.   |
| <b>37</b> | Karara (p.97)  | Kara-kara                    | Karara                        | Karara                       | Karara                      | Karara                       | Dipumin           | Mergulhão (pássaro)  |
| <b>38</b> | Karumê (p.98)  | Karumê                       | Karumê                        | Karumê                       | Karumê                      | Karumê                       | Karumê            | Carumbé (esp. De jabuti c/manchas amarelas.  |



|           |   |             |                      |             |                      |                      |                      |   |
|-----------|---|-------------|----------------------|-------------|----------------------|----------------------|----------------------|---|
| <b>39</b> | Ku-aku (p.105)  | Deku-aku    | Neku-aku             | Deku-aku    | Deku-aku             | Deku-aku             | Deku-aku             | Chocar (aves e pássaros).   |
| <b>40</b> | Ma'ê-mêngo (p.119)<br>Tamanwa (p.238)                           | Tamanwa     | Tamanwa-i<br>Tamanwa | Tamanwa     | Tamanwa-i<br>Tamanwa | Tamanwa-i<br>Tamanwa | Tamanwa-i<br>Tamanwa | Esp. De pequeno tamanduá<br>Tamanduá geral.   |
| <b>41</b> | Kwanu (p.111)   | Kwanu       | Kwanu                | Kwanu       | Kwanu                | Kwanu                | Kwanu                | Porco espinho (coandu).   |
| <b>42</b> | Kwati (p.112)   | Kwati       | Kwati                | Koati       | Koati                | Kwati                | Kwati                | Coati.  |
| <b>43</b> | Ma'êpépo-pépo-kwêr (p.121)<br>Wazay (p.286)<br>Wira-raw (p.292) | Ma'ê rawêra | Krerara              | Ma'ê rawêra | Waday<br>Hawdukwêr   | Ma'ê pupirêr         |                      | As penugens, os enfeites de pena.<br>Penagens, cocares, enfeites de penas.<br>Penas, plumagens, penugens. |
| <b>44</b> | Ma'ê-pirêr (p.121)  | I-pirêr     | Pirêr                | Ma'ê-pirêr  | Pirêro               | Pirêr                | Ipirêra              | Couro, pele de animal.  |
| <b>45</b> | Ma'ê-roo (p.123)  | Roo-kwer    | Kwando-kwêr          | Maê'Kwêr    | Miâr –roro Kwêra     | Roo-kwêr             | Ma'ê rokwêra         | Carne animal.   |

|           |  |              |          |           |            |             |             |  |
|-----------|--|--------------|----------|-----------|------------|-------------|-------------|--|
|           | Roo (p.230)  | Roo-kwer     | Roo-kwêr | Ma'ê-kwêr | Ma'êrokwêr | Roô-kwêr    | Ma'êrokwêra | Carne.   |
| <b>46</b> | Ma'ê-tuwi-tuwi (p.124)<br>Ma'i-twi-twi (p.125)<br>Ma-tui-tui (p.129) | Ma'i-twi-twi | Ma'i-twi | Ma-tui    | Ma-tui     | Piramé tué  | <b>X</b>    | Esp. De maçarico menor (pássaro).<br>Maçarico (esp. de pássaro).<br>Maçarico, tarambola (esp. de pássaro). |
| <b>47</b> | Marakaza (p.127)   | Marakada     | Marakada | Marakada  | Marakada   | Marakada    | Marakada    | Maracajá, gato do mato.  |
| <b>48</b> | Maturya (p.129)<br>Tzigan (p.276)                                    | Cigana       | Cigana   | Cigana    | Moiremaw   | Cigana      | Cigana      | Cigana (esp. de pássaro).<br>Cigana.   |
| <b>49</b> | Mizu'i (p.136)   | Miriri       | Miriri   | Miriri    | Wiriri     | Miriri ting | Miriri      | Andorinha.   |
| <b>51</b> | Mawari (p.130)   |              | Uiritim  |           | Uirätim    |             | <b>X</b>    | Esp. garça<br>ou socó.   |
| <b>52</b> | Namê (p.173)   | Namé         |          | Inamê     | <b>X</b>   | Inamê       | <b>X</b>    | Esp. de colibri – pássaro: beija-flor.   |



|    |                                     |                  |                  |                  |                  |             |        |  |
|----|-------------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|-------------|--------|--|
|    | Tarêru'a (p.242)                    | X                | X                | X                | Aruda            | Preâ        | X      | Préa (esp. de coelho).                   |
| 63 | Tatu (p.244)                        | Tatu             | Tatu             | Tatu             | Tatu             | Tatu        | Tatu   | Tatu.                                    |
| 64 | Tawĩru (p.245)<br>Zawĩru (p.304)    | Jaburu<br>Daburu | Saburu<br>Daburu | Jaburu<br>Jaburu | Jaburu<br>Jaburu | X<br>Jaburu | X<br>X | Saburu (esp. de pássaro)<br>Jaburu, ema. |
| 65 | Tazahu (p.247)                      | Tadahu           | Tadahu           | Tadahu           | Tadahu           | Tadahu      | Tadahu | Queixada (porco do mato)                 |
| 66 | Terêkôkô (p.260)                    | Terêkôkô         |                  | Têkôkô           |                  | X           |        | Esp. de passarinho.                      |
| 67 | Tétêw (p.261)                       | Tétêw            |                  | X                |                  | Tétêw       |        | Esp. de pássaro.                         |
| 68 | Tu'i (p.271)                        | Tu'i-ai          | Tu'i             | Tu'i             | Tu'i             | Tu'i-ai     | Tu'i   | Periquito.                               |
| 69 | Tukan (p.271)                       | Tukan            | Tukan            | Tukan            | Tukan            | Tukan       | Tukan  | Tucano.                                  |
| 70 | Uru-zawar (p.281)                   | Dawara           | Dawara           | Dawara           | Dawara           | Dawara      | Dawara | Onça marajoara.                          |
| 71 | Urumã (p.281)                       | Urumã            | Urumã            | Urumã            | Urumã            | Urumã       | Urumã  | Pato.                                    |
| 72 | Wara (p.285)<br>Wara-pirãng (p.285) | Kwara            |                  | Kwara            | Kwara            | Kwara       |        | Guará.<br>Guará flamengo                 |
| 73 | Wawérêw (p.286)                     | Wakada-i         |                  | Marakada         | Dawara-i         | Dawara-i    |        | Esp. de oncinha.                         |
| 74 | Wĩra (p.292)                        | Witu-Daku        |                  | X                |                  | Wira-mirim  | X      | Pássaro.                                 |

|           |  |                          |                      |                         |                         |                         |                        |  |
|-----------|--|--------------------------|----------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------|--|
| <b>75</b> | Zäkami (p.297)   | Däkami                   | Däkami               | Däkami                  | Däkami                  | Däkami                  | Däkami                 | Jacamim (p.297)  |
| <b>76</b> | Zakarê (p.297)   | Dakarê                   | Dakarê               | Dakarê                  | Dakarê                  | Dakarê                  | Dakarê                 | Jacaré.  |
| <b>77</b> | Zaku (p.297)<br>Zapun-un (p.301)<br>Zaku-pê-tǐng (p.297) | Daku<br><br>Daku-pi-hami | Daku<br><br>Daku-pêw | Daku<br><br>Daku-piting | Daku<br><br>Daku-piting | Daku<br><br>Daku-pihêmi | Daku<br><br>Daku pihum | Jacu (galináceas)<br><br>Jacu preto.<br><br>Esp. de jacu preto, vulgo cujubim. |
| <b>78</b> | Zanay (p.298)<br>Zan-a'i (p.298)                         | Dǐpi-hay<br>Ademi        | Aruá                 | Arua'i                  | Adénay                  | Dênay                   | Danaya                 | Jandaia.<br><br>Esp. de jandaia.   |
| <b>79</b> | Zanu (p.299)   |                          | Danu                 | Wiranu                  | Wiranu                  | Wiranu                  | <b>X</b>               | Ema.   |
| <b>80</b> | Zapê-ahôk (p.299)  |                          | Dapi-ahôk            | Dapê asôka              | Wapê-ahôk               | Wirapêw-iahôk           | <b>X</b>               | Nome da ave Parra Jaçanã.  |
| <b>81</b> | Zapu (p.301)   | Dapu                     | Dapu                 | Dapu                    | Dapu                    | Dapu                    | Dapu                   | Japu (esp. de pássaro)   |
| <b>82</b> | Zapun (p.301)  | Graúna                   | Wirauna              | Wirauna                 | Dapuána                 | Graúna                  | Dapĩ                   | Graúna.  |
| <b>83</b> | Zawati (p.303)   | Dawati                   | Dawati               | Dawati                  | Dawati                  | Sakatra                 |                        | Esp. de martin-pescador.   |
| <b>84</b> | Zawni (p.304)  | Dawani                   |                      | Dawani                  |                         | Dawani                  |                        | Bico de brasa (esp. de pássaro)  |

|           |                |         |         |        |          |          |       |                              |
|-----------|----------------|---------|---------|--------|----------|----------|-------|------------------------------|
| <b>85</b> | Zawti (p.304)  | Dawti   | Dawti   | Dawti  | Dawti    | Dawti    | Dawti | Jabuti.                      |
| <b>86</b> | Ziriw (p.329)  | Diriw   | Diriw   | Diriw  | Diriw    | Udu-i    |       | Esp. de pássaro, udu.        |
| <b>87</b> | Zukaré (p.334) | Däkaray | Däkaray | Däkaré | Däkaré-i | Däkaré-i |       | Pavão.                       |
| <b>88</b> | Zéruti (p.340) | Dérutiy | Dĩrutĩ  | Dĩrutĩ | Dérutĩ   | Duruti   |       | Juruti, pomba, esp. de rola. |

**h) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caca;**

| Nº        | ANO 1976                         | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos         |                  | LÉXICO                    |
|-----------|----------------------------------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|----------------------|------------------|---------------------------|
|           | BOUDIN                           | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos       | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS  |
| <b>89</b> | Hu'iw (p.65)<br>U'iw (p.279)     | U'éw              | U'iw            | U'iw               | U'iw              | U'iw                 | U'iw             | Flecha.<br>Flecha.        |
| <b>90</b> | Itakĩhê (p.79)<br>Takĩhê (p.237) | Itakĩhê           | Takĩhê          | Takĩhê             | Takĩhê<br>Takhêhu | Takĩhê<br>Takhêdihiw | Takĩhê           | Facão.<br>Facão, terçado. |

|           |   |                    |                       |             |                     |                              |                           |   |
|-----------|---|--------------------|-----------------------|-------------|---------------------|------------------------------|---------------------------|---|
| <b>91</b> | Ita-takihê-räymê<br>(p.80)                    | Ita-takihê-<br>räw | Ita-kihê<br>rymêhaw   | Ita-kihê    |                     | Ita-kihê<br>maniw<br>manêhaw |                           | Pedra de amolar.  |
| <b>92</b> | Iw-ïwa (p.89)                                 | Iw-ïwa             | Iwa                   | Iwa         | U'ïwa               | U'irapara                    | U'ïw                      | Corpo da flecha<br>(espécie de bambu).  |
| <b>93</b> | Kïhê (p.101)                                  | Itaki-<br>pêru'éha | Ikwaï                 | Kïhê        | Kihê                | Takwara                      | Itakwara                  | Ponta de ferro,<br>taquara.   |
| <b>94</b> | Ma'êkitik-haw<br>(p.119)<br><br>I'wéhé (p.84) | Ma'êkitik-<br>haw  |                       | Ma'êkitikaw | Takihê<br>moime-haw | Takihê<br>moime-haw          | Takihê<br>moirêmê-<br>haw | Lima.<br><br>Ralo. Lima.  |
| <b>95</b> | Mukaw (p.156)                                 | Mukaw              | Mukaw                 | Mukaw       | Mukaw               | Mukaw                        | Mukaw                     | Espingarda.   |
| <b>96</b> | Piwa (p.206)                                  | Batoca             | Mukaw 1<br><br>Piwa 2 | Ipiwa       | Piwa                | Batoca                       | Ipôtôk                    | Botoque na ponta das<br>flechas para pássaros,<br>flecha de ponta<br>achatada para caçar<br>pássaros. |
| <b>97</b> | Tazī (p.247)                                  | Tadī               | Itazī                 | Tazī        | Tadī                | Tadī                         | Tadī                      | Machado, ferro,<br>metal, aço.  |
| <b>98</b> | Mukaw-riapu<br>(p.264)                        | Dawpī              |                       | Opôk        | Dapī                | Dapī/Mukaw-<br>riapu         | Dapī haw                  | Tiro de espingarda.   |

|            |                    |          |         |            |           |                   |         |                                 |
|------------|--------------------|----------|---------|------------|-----------|-------------------|---------|---------------------------------|
| <b>99</b>  | U'iw-rakwä (p.279) | U'irapĩr |         | Akwai katu | U'iw akwá | U'iwapĩr          |         | Ponta da flecha.                |
| <b>100</b> | Wirapar (p.292)    | Wirapar  | Wirapar | Wirapar    | Wirapar   | Wirapar           | Wirapar | Arco.                           |
| <b>101</b> | Ziwo (p.330)       | Dĩwo     | Dĩwo    | Ipihéké    | Dĩwä      | Mori katu<br>hêhê | Dĩwä    | Flechar, acertar (com<br>armas) |

**i) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;**

| Nº         | ANO 1976            | 70 a 90 anos        |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos                       |                  | LÉXICO                           |
|------------|---------------------|---------------------|-----------------|--------------------|-------------------|------------------------------------|------------------|----------------------------------|
|            | BOUDIN              | Livino<br>77 anos   | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos                     | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS      |
| <b>102</b> | Akuti-kwar (p.21)   | <b>X</b>            | Tapiti          | <b>X</b>           | Tapitihénaw       | <b>X</b>                           |                  | Coelheira.                       |
| <b>103</b> | Izwa (p.91)         | Idi'whaw            | Pĩwa            |                    | U'iwatĩ           | <b>X</b>                           | <b>X</b>         | Visgo para caçar<br>passarinho.  |
| <b>104</b> | Miha-mihaw (p.133)  | <b>X</b>            |                 |                    | Wira-pik          | Mukaw-han                          |                  | Armadilha.                       |
| <b>105</b> | Mõngaruk (p.143)    | Tukay-Irahu-<br>haw | Tukay           | Tukay              | Deku-akuri        | Tukay dupê                         | Tukay            | Ficar de tocaia.                 |
| <b>106</b> | Tukay (p.271)       | Irahu-haw           | Pari            | Tukay              | Tukay             | <b>X</b>                           | Tukay            | Tapume, armadilha<br>para caçar. |
| <b>107</b> | Wira-rukay (p. 271) | <b>X</b>            |                 | Amué-<br>atu       | Tukay-<br>Watêhar | Kawrãn<br>wira mirim<br>pihikirhaw | <b>X</b>         | Armadilha para os<br>pássaros.   |



|            |                          |                |        |        |                |           |                |                            |
|------------|--------------------------|----------------|--------|--------|----------------|-----------|----------------|----------------------------|
| <b>108</b> | Wĩra-hézar-pĩrêr (p.290) | Wĩra-pĩk       |        |        | Wira-pĩk       | Wira-pari | <b>X</b>       | Armadilha armada com paus. |
| <b>109</b> | Wĩra-miri pari (p.292)   | Wĩra-miri pari |        | Gaiola | Wĩra-miri pari |           | Wĩra-miri pari | Gaiola.                    |
| <b>110</b> | Wĩra-pĩkaw (p.292)       | Wĩra-pĩk       | Irapuk | Irapĩk | Irapuk         | Arapuk    |                | Arapuca.                   |

**j) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;**

| Nº         | ANO 1976                            | 70 a 90 anos        |                            | 40 a 60 anos                |                   | 20 a 40 anos     |                  | LÉXICO                                       |
|------------|-------------------------------------|---------------------|----------------------------|-----------------------------|-------------------|------------------|------------------|--|
|            | BOUDIN                              | Livino<br>77 anos   | Ruth<br>84 anos            | Roberto<br>57 anos          | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos   | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO<br>EM PORTUGUÊS                  |
| <b>111</b> | Ahĩk (p.17)                         | Pehu-ér             |                            | Pehuêr                      | Ipén-gwêr         | Pên-gwêra        | Ipên-gwêra       | Pedaço, cortado [...].                       |
| <b>112</b> | Apirôk (p.31)                       | Pirer- durôk        | Da'ê<br>apêkwêr/<br>Ipihôk | Pirôk Ipê<br>Kwêr/<br>Pirôk | Ipê-ôk            | Doôk<br>pêngwêra | Doôk Ipirêr      | Tirar a casca ou a pele mole.                |
| <b>113</b> | Aw'ô (p.43)<br><br>Mu'aw'ôk (p.152) | Durôk<br>hawêr-diwi |                            | Aô'hame                     | Ua'ôk             | Ua'ôk            | Édoôk<br>Hawêra  | Depenar, tirar a pena.<br><br>Fazer depenar. |

|            |  |                        |          |            |                     |                      |        |   |
|------------|--|------------------------|----------|------------|---------------------|----------------------|--------|---|
| <b>114</b> | Êpézân (p.50)                                | Mĩkar                  | Urikar   | Akar       | Uêkar               | Uêkar                | Uêkar  | Seguir, procurar.   |
| <b>115</b> | Etzak (p.51)                                 | Imióró                 | Miy-hêhê | Ahôrame    | Mié                 | Miy matum<br>Hêhê    | Uêsaki | Olhar, vigiar, ver,<br>achar.   |
| <b>116</b> | Hanōng (p.54)<br><br>Mu-zuru-péka<br>(p.170) | Imióró                 | Pirar    |            | Udampitĩ<br><br>Utĩ | Dipĩtĩ<br><br>Dépira | Dipĩtĩ | Amarrar, armar.<br><br>Armar.   |
| <b>117</b> | Hêm-ahĩ...wi (p.58)                          | Dawaw                  | Dawaw    | Dawaw      | Dawaw               | Dawaw                | Dawaw  | Escapar, fugir de.  |
| <b>118</b> | Hupar (p.65)                                 | Kädä                   | U'Kädämi | Hupararôk  | Kädĩ                | Mu Kädĩ              | Kädĩ   | Perder-se,<br>desaparecer.  |
| <b>119</b> | Ita-momôr-haw<br>(p.80)<br><br>Zapi (p.300)  | X                      |          | Dapi       |                     | Momôr                |        | Lançar, atirar,<br>bodoque*.<br><br>Atirar pedra com<br>bodoque, atirar,<br>lançar, disparar. |
| <b>120</b> | (ma'ê) - ĩwo-har<br>(p.89)                   | Ipihä rutê<br>muka-haw | Hidĩan   | Nudawkwara | Hudiw ma'ê          | Duan Katu<br><br>a'ê |        | Ser bom atirador de<br>flecha.  |
| <b>121</b> | Ma'ê-raro (p.122)                            | Apukatu<br>mänä        | Uéru     |            | Ma'êri<br>miu'wäru  | Uêsak                | Uêsak  | Espiar, aguardar a<br>caça.   |

|            |  |               |         |               |                      |                   |              |  |
|------------|--|---------------|---------|---------------|----------------------|-------------------|--------------|--|
| <b>122</b> | Ma'ê-rêtahaw (p.122)                     | Ita'pĩĩ       | Rêta    | Rêta-têê-têwä | Rêta-tété            | Rêta-tété         | Rêta-tété'au | Fartura.   |
| <b>123</b> | Mo-émiar (p.139)<br><br>Mo-kurêr (p.142) | Ma-mô e'pênar |         | Ipêrwêra      | Muda'ak<br><br>Uêdar | Monô<br><br>Uêdar | Êpéang       | Dar uma parte da pesca ou da caça para repartir entre amigos.<br><br>Reservar comida, reservar uma parte da caça para repartir entre amigos. |
| <b>124</b> | Mo-zawaw (p.150)                         | Imuhê-kar     |         | Ritĩrĩk       | Monokar              | Monokar           |              | Afugentar.   |
| <b>125</b> | Pé hé' Ang (p.186)                       | Dakaw         | Monohôk | Mamohôk       | Monohôk              | Munay             | Monohôk      | Cortar, partindo em pedaços.   |

**g) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.**

| Nº         | ANO 1976       | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos   |                  | LÉXICO                      |
|------------|----------------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|----------------|------------------|-----------------------------|
|            | BOUDIN         | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS    |
| <b>126</b> | Kä'e (p.93)    | Mukeê             | Mukeé           | Ma'é ké            | Mukeê             | Mukeê          | Mukeê            | Moquear.                    |
| <b>127</b> | Patzôk (p.183) | Hema-papa         | Piramaçuha      | Ma'é sôk           | Inamusôk          | Pasôk          | Pasôk            | Bolinhas de carne, passoca. |

|            |               |       |       |       |       |       |       |            |
|------------|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------------|
| <b>128</b> | Ziwêr (p.330) | Mihér | Mir   | Mihêr | Mihêr | Mihêr | Mihêr | Assado.    |
| <b>129</b> | Ziwîr (p.330) | Dîwîr | Dîwîr | Dîwîr | Dîwîr | Dîwîr | Dîwîr | Estar cru. |

**h) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.**

|            | <b>ANO 1976</b>   | <b>70 a 90 anos</b>      |                        | <b>40 a 60 anos</b>       |                                    | <b>20 a 40 anos</b>      |                         | <b>LÉXICO</b>   |
|------------|---|--------------------------|------------------------|---------------------------|------------------------------------|--------------------------|-------------------------|---|
| <b>Nº</b>  | <b>BOUDIN</b>   | <b>Livino</b><br>77 anos | <b>Ruth</b><br>84 anos | <b>Roberto</b><br>57 anos | <b>Sandra</b><br>44 anos           | <b>Uzu</b><br>38 anos    | <b>Zilma</b><br>28 anos | <b>SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS</b>   |
| <b>130</b> | Há(i)-Kwêr (p.54)<br>Hapé (p.54)<br>I-pîar (p.75)<br>‘Iw (p.83)<br>Ma’ê-rakîkwêr (p.121)<br>Pê (p.185)<br>Pê’îy (p.186)<br>Pê...mu-pîwa (p.187)<br>Rapê (p.224) | Pê                       | Pê                     | Pê                        | Pê<br><br>Ma’ê ipipôra<br>Pê, Pêhu | Pê<br><br>Pê<br><br>Pêhu | X<br><br><br><br><br>X  | Trilha.<br><br>Caminho.<br><br>Trilha, caminho do rio.<br><br>Caminho trilhado.<br><br>Vestígio, traço, rasto, trilha, (de animais).<br><br>Caminho, estrada.<br><br>Caminho batido, trilhado.<br><br>Fazer uma trilha.<br><br>Caminho. |

|            |                        |               |            |         |               |               |           |                      |
|------------|------------------------|---------------|------------|---------|---------------|---------------|-----------|----------------------|
| <b>131</b> | Ka'a (p.92)            | Ka'a          | ka'a       | Ka'a    | Ka'a          | Ka'a          | Ka'a      | Mata, floresta.      |
| <b>132</b> | Ma'ê-zuka-haw (p. 124) | Ma'ê-duka hér | Wiritĩ     | Aduka   | Ma'ê-duka-haw | Duka-haw      | Duka-hara | Matadouro.           |
| <b>133</b> | Rémitĩm (p.228)        | Mĩkar         | Ukurak pak | Urukwar | Pak-kwara     | Pak-dimir haw | <b>X</b>  | Esconderijo de paca. |

**V. TABELA DE ITENS LEXICAIS – FAUNA.**

**B) TABELA CAMPO LEXICAL DA PESCA.**

**f) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca e partes do corpo desses animais;**

| N°        | ANO 1976  | 70 a 90 anos                    |  | 40 a 60 anos       |                              | 20 a 40 anos                             |                                | LÉXICO  |
|-----------|---|---------------------------------|--|--------------------|------------------------------|--|--------------------------------|---|
|           | BOUDIN  | Livino<br>77 anos               | Ruth<br>84 anos                          | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos            | Uzu<br>38 anos                           | Zilma<br>28 anos               | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS  |
| <b>01</b> | Äkari (p.20)  | Äkari                           | Äkari                                    | Äkari              | Wakari                       | Äkari                                    | Akari                          | Acari (esp. de peixe).  |
| <b>02</b> | Akara (p.20)  | Akara                           | Akara                                    | Akara              | Akara                        | Akara                                    | Akare<br>huâ/Akara-i           | Acará, nome de vários peixes.   |
| <b>03</b> | Akarä-whu (p.20)  | Akarä-whu                       | Akarä-whu                                | Akarä              |                              | Akarä-whu                                |                                | Acaraú-açu (peixe de água salgada).   |
| <b>04</b> | Anira (p.27)<br>Arapô (p.34)<br>I-tu (p.82)<br>Iwĩr-atza-par (p.87)<br>To(w)i (p.270) | Arapô<br><br><br><br>Tupira-hwa | Arapô<br><br>Arapô-i<br><br>Arapô-pihuna | Arapô              | Arapô<br><br><br>Arapô pihan | Arapô<br><br>Arapô-i<br><br>Arapô-pihuna | Iarapô<br><br><br>Iarapô-pihun | Espécie de sarapó.<br>Sarapó (peixe do Gurupí).<br>Espécie de sarapó de pequeno tamanho.<br>Espécie de sarapó.<br>Esp. de sarapó prêto. |

|           |  |                |                         |                          |                          |              |                   |  |
|-----------|--|----------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------|-------------------|--|
| <b>05</b> | Ani'ã (p.27)   | Wakari         | Wakari                  | Wakari                   | Akari                    | Akari        | <b>X</b>          | Bodô (espécie de acari) peixe do Gurupí.   |
| <b>06</b> | Araruha-pêw (p.35)<br>Wara-ruha (p.285)<br>Wara-ruha-pêw (p.285) | Wha<br>Wha-i   | Araruha<br>Araruhapêw-i | Wara-ruha<br>Wara-ruha-i | Wha<br>Wha-i             | Wha<br>Wha-i | Wha<br>Wha-i      | Espécie de caranguejo.<br>Caranguejo.<br>Esp. de caranguejinhos dos igarapés.        |
| <b>07</b> | Aratay-iri (p.35)<br>Kiha-kay (p.101)<br>Zézu (p.328)            | Dédu-i<br>Dédu | Dêdu-i<br>Dédu          | Dêdu-i<br>Dézu           | Dêdu-i<br>Dédu           | Dédu<br>Dédu | Dédu-ai<br>Dêdu   | Espécie de jejú pequeno.<br>Esp. de jeju, (peixe do Gurupí).<br>Jeju (esp. de peixe) |
| <b>08</b> | Hawa (p.56)<br>Kararu-kwêr (p.97)                                | Takanã         | Diwaw                   | IRimaĩ                   | I'aô                     | Iahĩ         | Iřimarĩ           | Espécie de grude gelatinoso do peixe.<br>Grude de peixes.                            |
| <b>09</b> | Hazu (p.57)<br>Pira- razu:<br>Razu (p.225)                       | Ikanua         | Hazu<br>Razu-kwêr       | Ikãngwêr                 | Ikãngwêr<br>Pira-kãngwêr | Pira-kãngwêr | Pira<br>Ikãngwêra | Espinha.<br>Espinha de peixe.<br>Espinha de peixe.                                   |

|           |                                    |           |          |          |                               |                |          |  |
|-----------|------------------------------------|-----------|----------|----------|-------------------------------|----------------|----------|--|
| <b>10</b> | Ita-kuzêr (p.79)                   |           |          |          | Wira-<br>kudêr/Itan<br>pêkwêr | <b>X</b>       | <b>X</b> | Concha.  |
|           | Wära-itä (p.285)                   |           |          |          | Itãn                          | <b>X</b>       | <b>X</b> | Concha, casca de molusco, mexilhão de água doce, ostra (tururu).                           |
| <b>11</b> | Iwĩ-wa-ran (p.89)                  | Larambari | <b>X</b> |          |                               | Uêkãn-i        | <b>X</b> | Lambari.   |
| <b>12</b> | Iya'u-kängwer (p.90)               | Uêua      | Uapanarê | Apanarê  | Uapanarê                      | Uéua           | Uéu      | Uéua (espécie de peixe).   |
| <b>13</b> | Kĩr (p.101)                        | <b>X</b>  |          |          |                               | Kangwêr<br>piw |          | Cartilagem, osso mole.   |
| <b>14</b> | Kri-kri (p.102)                    | Kri-Kri   |          |          |                               |                |          | Esp. de peixinho parecido com o cascudo.   |
| <b>15</b> | Kirimata (p. 102)                  | Kirimata  | Kurimata | Kurimata | Aqui não tem                  | Kurimata       | <b>X</b> | Curimatá (esp. de peixe do rio Pindaré).   |
| <b>16</b> | Kwana (p.111)                      | Kwana     | Kwana    | Kwana    | Kwana                         | Kwana          | Kwana    | Acuanã, peixe do rio Gurupi.   |
| <b>17</b> | Mamiri (p.125)<br><br>Piaw (p.193) | Mamiri    | Mamiri   | Mamiri   | Mamiri                        | Mamiri         | Mamiri   | Piaba (esp. de peixe).<br>(sardinha)<br><br>Piába (esp. de).<br><br>Piába (esp. de peixe), |



|           |                                |                  |          |          |                           |          |          |  |
|-----------|--------------------------------|------------------|----------|----------|---------------------------|----------|----------|--|
|           | Wamiri (p.284)                 |                  |          |          |                           |          |          | coáca.                                       |
| <b>18</b> | Mãngwa (p.125)                 | Mani-hu<br>Maniw | <b>X</b> |          | Du'ê                      | Mãngwa   |          | Esp. de rã comestível.                       |
| <b>19</b> | Mani'i (p.126)                 | Mani'i           | Mani'i   | Mani'i   | Mani'i                    | Mani'i   | Mani'i   | Bagre, mandi.                                |
| <b>20</b> | Manumê (p.127)                 | Manumê           | Manumê   | Manumê   | Piraduruhu                | Manumê   | Manumê   | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)        |
| <b>21</b> | Murakê (p.164)                 | Murakê           | Murakê   | Murakê   | Murakê                    | Murakê   | Muraquê  | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré).      |
| <b>22</b> | Muti (p.165)<br>Puti (p.219)   | Muti             | Muti     | Muti     | Muti                      | Muti     | Muti     | Camarão.<br>Camarão.                         |
| <b>23</b> | Nuza (p.178)                   | Nuda             | Nuda     | Nuda     | Nuda                      | Nuda     | Anuda    | Anujá (esp. de peixe)                        |
| <b>24</b> | Paku (p.181)                   | Paku             | Paku     | Paku     | Paku                      | Paku     | Paku     | Pacu.  |
| <b>25</b> | Paru (p.183)<br>Paw-ru (p.184) | Paru             | Paru     | Coáca    | Paru                      | Coáca    | <b>X</b> | Esp. de peixe conhecido por coáca.<br>Coáca. |
| <b>26</b> | Pé-kwêr (p.186)                | Ipê-kwêr         | Ipê-kwêr | Ipê-kwêr | Ipê-kwêr                  | Ipê-kwêr | Pê-kwêr  | Escama, casca, crosta.                       |
| <b>27</b> | Pêpo (p.188)                   | Miha- mutaw      |          | Ipêpô    | Pira-pukô,<br>Pira-mutaw. | Hway     | Ipê pipô | Asa, barbatana de peixe, alça.               |

|           |                                   |             |                |              |                   |                  |             |  |
|-----------|-----------------------------------|-------------|----------------|--------------|-------------------|------------------|-------------|--|
| <b>28</b> | Pikĩr (p.195)                     | Pikĩr       | Pira ira' i    | Mamiri'i     | X                 | Pirawan          | Pira-i      | Peixinhos em geral (piquiras)                        |
| <b>29</b> | Pira (p.199)                      | Pira        | Pira           | Pira         | Pira              | Pira             | Pira        | Peixe.   |
| <b>30</b> | Pira-pirêrma'ê (p.200)            | Pira-urura  | Nahi Têkpêkwêr | Urui         | Pira pirêro kwêw  | Pira pirêro ma'ê | Urui        | Peixe de couro.                                      |
| <b>31</b> | Pira-zu (p.200)                   | <b>X</b>    |                | Não tem aqui | Não tem aqui      | Dourado          | <b>X</b>    | Dourado (esp. de peixe).                             |
| <b>32</b> | Ruwêr (p.234)<br>Tuwêr (p.274)    | Hupi'a pira | Pira hupi'a    | Hupi'a ruwêr | Pira hupi'a       | Pira hupi'a      | Hupi'a kwêr | Ovas (peixe)<br>Ovas de peixe.                       |
| <b>33</b> | Tamata (p.238)<br>Tamwata (p.239) | Tamata      | Tamata         | Tamata       | Tamata            | Tamata           | Tamata      | Cascudo (peixe).<br>Cascudo (peixe)                  |
| <b>34</b> | Tarã'ir (p.242)                   | Tarã'ir     | Tarã'ir        | Tarã'ir      | Tarã'ir           | Tarã'ir          | Tarã'ir     | Traíra (peixe).                                      |
| <b>35</b> | Tinĩ'a (p.266)                    | Mani'i      | Tinĩ'a         | Mani'i       | Mani'i/<br>Tinĩ'a | Mani'i           | Mani'i      | Jandiá (esp. de peixe)                               |
| <b>36</b> | Zinĩ'a (p.329)                    | Manĩ'i      | Tinĩ'a         | Dani'a       | Tinĩ'a            | Mani'i           | Mani'i      | Jundia (esp. de mandi prêto)                         |
| <b>37</b> | Tukunarê (p.271)                  | Tukunarê    | Tukanarê       | Tukunarê     | Tukunarê          | Tukunarê         | Tukanarê    | Tucunarê, pescada (tucunarê de água salgada) (p.271) |

|           |  |          |                          |                         |                         |                         |                        |  |
|-----------|--|----------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------|--|
| <b>38</b> | Uru-wi (p.282)   | Uru-wi   |                          | Uru-wi                  | Uru-wi                  | Uru-wi                  | Urui                   | Surubim, surubi.   |
| <b>39</b> | Uruwi-ran (282)  | Mauni    |                          | Não tem                 | Ñ existe aqui           | Ñ existe aqui           | Não sei                | Gurijuba.  |
| <b>40</b> | Urumara (p.282)  | Pirapuku | Pirapuku                 | Pirapuku                | Pirapuku                | Pirapuku                | Pirapuku               | Pirapucu, bicudo (esp. de peixe)   |
| <b>41</b> | Uaraku (p.278)<br>Waraku (p.285)<br>Waraku-ran (p.285) | Uaraku   | Waraku<br><br>Waraku-ran | Araku<br><br>Waraku-ran | Araku<br><br>Waraku-ran | Araku<br><br>Waraku-ran | Araku<br><br>Araku-ran | Aracu (esp. de peixe)<br>Aracu (esp. de peixe)<br>Aracurana (esp. de peixe). |
| <b>42</b> | Wapanarê (p.285)                                       | Wpanarê  | Wapanarê                 | Wapanarê                | Wapanarê                | Wapanarê                | Panarê                 | Panaré (esp. de peixe).  |
| <b>43</b> | Zakuna (p.297)   | Dakuda   | Dukuna                   | Dukuna                  | Dakuna                  | Dakuna                  | Dakuna                 | Jacundá (esp. de peixe).   |
| <b>44</b> | Zawéwĩr (p.304)<br>Zawira (p.304)                      | <b>X</b> | Zawira                   | Dawira                  | Dawira                  | Não tem aqui            | Não sei                | Raia.<br>Arraia.   |

**g) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;**

| Nº | ANO 1976 | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos   |                  | LÉXICO                   |
|----|----------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|----------------|------------------|--------------------------|
|    | BOUDIN   | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS |

|           |   |                   |                              |                  |                          |            |                  |   |
|-----------|---|-------------------|------------------------------|------------------|--------------------------|------------|------------------|---|
| <b>45</b> | Apak'wa-haw (p.27)<br>Īwĩpo-apakwa-haw :<br>Iwĩ-pô (p.86)<br>Iwo (p.89)<br><br>Pikĩr-ĩwo-haw<br>(p.195)<br><br>Po (p.206) | Iwo potitik       | Dapikwan<br><br>Iw-pô        | Iw-pô            | Iw'pô<br><br>Ia'pô titik | Iw-pô      | Iw-pô            | Feixe.<br>Feixe de cipó.<br>Cipó<br>Cipó, vareta flexível<br>[...]enfiada no peixe.<br><br>Fileira, enfiada de<br>peixes pequenos<br>passados num cipó ou<br>vareta flexível.<br><br>Cipó, corda. |
| <b>46</b> | Ham (p.54)<br>Nêmo (p.176)<br>Inimô (p.74)  | Iham<br><br>Inimō | Pinaham/<br>Inêmô<br>Inimô'i | Pinaham<br>Inémô | Pinaham<br>Inimô         | Pinaham    | Pinaham<br>Inimô | Linha.<br>Fio, linha.<br>Fio.   |
| <b>47</b> | Hétĩwĩr (p.61)<br>Pina-rétĩwĩr:<br>Rétĩwir (p.228)  | Pina- mórô        | Pina-rétĩwĩr                 | Pina             | Räytĩ                    | Pinarékwan | <b>X</b>         | Barbela.<br>A barbela do anzol.<br>Barbela.   |
| <b>48</b> | I-äkwa (p.68)   | I'ä               | I'ai                         | Kawaw            | I'a                      | I'a        | <b>X</b>         | Cabaça para água,<br>moringa.   |

|           |                          |           |            |            |          |        |          |                                  |
|-----------|--------------------------|-----------|------------|------------|----------|--------|----------|----------------------------------|
| <b>49</b> | Ma'êKutuk-haw<br>(p.119) | Uiw-tinaê | Uiw-tĩng   |            | Wirayran | Visga  | Lança    | Arpão, lança, azagaia,<br>garfo. |
| <b>50</b> | Pina (p.196)             | Pina      | Pina       | Pina       | Pina     | Pina   | Pina     | Anzol.                           |
| <b>51</b> | Pina-pôr (p. 209)        | Kuamizi   | Pira-putaw | Pina-putaw | Pitaw    | Iputaw | Tĩramduá | Isca.                            |

**h) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;**

| Nº        | ANO 1976  | 70 a 90 anos           |                        | 40 a 60 anos           |   | 20 a 40 anos                              |                        | LÉXICO  |
|-----------|---|------------------------|------------------------|------------------------|---|---|------------------------|---|
|           | BOUDIN  | Livino<br>77 anos      | Ruth<br>84 anos        | Roberto<br>57 anos     | Sandra<br>44 anos                         | Uzu<br>38 anos                            | Zilma<br>28 anos       | SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS   |
| <b>52</b> | Hôkô (p.64)   | Malhadeira             | Pinai'tĩk              | Pira-<br>purikaw       | Kihaw-pari                                | Kihaw                                     | Kihaw-pari             | Rede para pescar, de<br>forma cilíndrica.   |
| <b>53</b> | Iemi (p.69)   | Pari                   |                        | Pari                   |   | Pari                                      |                        | Cerca de Tapume para<br>pescar (p.69)   |
| <b>54</b> | I-timor (p.82)<br><br>Timô (p.266)<br>Timô-rapôta (p.266)<br>Kunami (p.106) | Timô<br><br><br>Kunami | Timô<br><br><br>Kunami | Timô<br><br><br>Kunami | Timô<br><br>Timbô<br>kwahaw<br><br>Kunami | Timô<br><br>Timbô<br>kwahaw<br><br>Kunami | Timô<br><br><br>Kunami | Timbó – vapor, fumo,<br>exalação.<br><br>Timbó.<br><br>Feixe de timbó<br><br>Cunami (esp. de<br>timbó cultivado). |

|           |                   |      |         |        |        |         |          |  |
|-----------|-------------------|------|---------|--------|--------|---------|----------|--|
|           | Muhu-timô (p.155) |      |         |        |        |         |          | Timbó de muçum.  |
| <b>55</b> | Pari (p.183)      | Pari | Pari    | Pari   | Pari   | Pari    | Pari     | Cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede.            |
| <b>56</b> | Zêké'a (p. 312)   | Pari | Paria'i | Matapi | Matapi | Não tem | <b>X</b> | Matapi, armadilha de varinha trançada para tomar peixe, covão. |

**i) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;**

| Nº        | ANO 1976                   | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos     |                             | LÉXICO  |
|-----------|----------------------------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|------------------|-----------------------------|---|
|           | BOUDIN                     | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos   | Zilma<br>28 anos            | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS  |
| <b>57</b> | Iapo (p.68)<br>Yar (p.295) | Yar               | Yar             | Yar                | Yar               | Yar              | Yar                         | Boiar.<br>Boiar.  |
| <b>58</b> | I-pé (p.74)                |                   |                 |                    |                   |                  |                             | Na água [...].  |
| <b>59</b> | Kunami (p.106)             | Inopô             |                 | Inäpä              |                   |                  |                             | Bater timbó,<br>embriagar o peixe.                                |
| <b>60</b> | Mu-pikĩrwo (p.162)         | Dapikĩrwê         |                 | Dapikĩrwê          |                   | Nidĩhuan<br>pira | Idĩ'ruan pira<br>Iw'pô rupi | Enfileirar, enfiar<br>peixes num cipó.<br><br>Enfiar peixes em um |



j) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| Nº | ANO 1976   | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos   |                  | LÉXICO                      |
|----|--|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|----------------|------------------|-----------------------------|
|    | BOUDIN   | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS    |
| 69 | I (p.67)   | I                 | I               | I                  | I, Iarapê         | I, Iarerio     | I, I             | Água, rio.                  |
| 70 | I-apê'a-ramo (p.68)<br>'Ar ≈ĩ'ar (p.33);<br>Apê'a-ramo (p.28);<br>A superfície do.<br>Y- Apê'a-ramo (p.28) à superfície da água. | X                 |                 |                    | Tĩpĩ              |                |                  | À superfície da água.       |
| 71 | I-apĩ-hêm (p.68)   | X                 | Iarapê-i        |                    | X                 | Iarapê         | Irapê            | Lugar onde nasce o igarapé. |
| 72 | I-apĩ-rupi (p.68)<br>Itĩ-apĩ-kutĩr (p.81)  | X                 | Iapikutĩ        | Tapécutĩri         |                   |                | X                | Rio acima.<br>Rio acima.    |
| 73 | Iarapê (p.68)  | Iarapê            | Iarapê          | Iarapê             | Iarapê            | Iarapê         | Iarapê           | Igarapé.                    |
| 74 | I-hêmaw (p.70)   |                   |                 |                    | Iarapê-ahá        |                |                  | A boca do rio.              |
| 75 | I-êê (p.69)  |                   |                 | Iarapê Inaça       | Iarapê rana       |                |                  | Rio à-toa, aonde não        |



|           |  |                   |  |         |                               |                           |                        |  |
|-----------|--|-------------------|--|---------|-------------------------------|---------------------------|------------------------|--|
|           | Ipanêm (p.74)  | Ma'êta pira-irupi | Ma'ê tapira                                | Nahatay | Iarapê-panêm                  | Ipira rêta<br>Têtê imunaê | Iarapê narêtay<br>pira | se encontra peixe.<br>Rio sem peixe, rio pobre [...]   |
| <b>76</b> | I-paw (p.74)   |                   | Ipaw-i<br>Ipawa-ipê                        |         | Ipărăni                       |                           |                        | Lagoa, lago.   |
| <b>77</b> | Ipaw (p.74)<br>I-rĭpaw (p.77)<br>I-tĭpaw (p.82)<br>I-tinĭng (p.82) |                   | Pi-paw<br><br><br><br>Tinĭng ou<br>Iti-paw |         | <br><br><br><br>Iarapê-tinĭng |                           | Tinĭng                 | Secar o rio.<br>Rio seco.<br>Secar o rio.<br>Rio seco. |
| <b>78</b> | Ī-pĭ (p.75)<br>I-pĭ-wĭ (p.76)                                      |                   | Dĭ-pĭ                                      |         | Ī-pĭpa                        |                           |                        | Fundo da água, rio.<br>No fundo da água.               |
| <b>79</b> | Ipikwi (p.75)  | Pikwi             | Pikwi                                      | Pikwi   | Pikwi                         |                           |                        | Remar.   |
| <b>80</b> | I pira-rénaw ≈ I-pôr-katu(p.76)                                    | I-ta'têtê-pira    | Rêta-pira                                  |         | Iarapê pira<br>rénaw          | I pira rêta<br>Têtê ma'ê  |                        | Rio piscoso (rio rico).                                |
| <b>81</b> | I-pĭtêr (p.76)   |                   | Iarari-apê                                 |         | Rapê                          |                           |                        | Canal (meio do rio)                                    |
| <b>82</b> | I-pupĭr-uhu (p.76)   |                   | Uhu-aw                                     |         | Iarapê pupĭr-                 |                           |                        | Rio muito largo.                                       |

|           |                                |           |                             |           |                     |           |  |                            |
|-----------|--------------------------------|-----------|-----------------------------|-----------|---------------------|-----------|--|----------------------------|
|           |                                |           |                             |           | hu                  |           |  |                            |
| <b>83</b> | I-pur (p.76)                   |           |                             |           | Iaru-paw            |           |  | Fonte, manancial.          |
| <b>84</b> | Iřĩ(k)ĩ-rupi (p.77)            | I-apurupi |                             | Urĩk      |                     |           |  | Descer o rio.              |
| <b>85</b> | I-rapê (p.77)                  |           | I'wrik-aba                  |           | Iapihên             |           |  | Leito do rio.              |
| <b>86</b> | I ré'ĩm-katété (p.77)          |           |                             |           | Iarapê rwĩm<br>Tetê |           |  | Estirão (rio).             |
| <b>87</b> | I-rêmé'ĩw (p.77)               |           | I'ĩw                        |           | Iarapê u'ĩr         |           |  | A beira do rio.            |
| <b>88</b> | I-rémĩk (p.77)                 |           | Rémĩki                      |           | Irimikari           |           |  | Água salgada,<br>salmoura. |
| <b>89</b> | I-rĩapu (p.77)                 | Cachoeira | Cachoeira<br>ou<br>Ita-rĩpi | Cachoeira | Ita pupur           | Ita pupur |  | Cachoeira.                 |
| <b>90</b> | Iřĩkaw (p.77)                  |           |                             | Iřĩkwar   | Ipihêmi             |           |  | Córrego.                   |
| <b>91</b> | I-rĩkwäkên (p.77)              |           |                             |           | Iarapê-<br>pĩkwäkên |           |  | Correnteza do rio.         |
| <b>92</b> | I-rĩpĩ (p.77)<br>I-tĩpĩ (p.82) |           |                             |           | Iarapê tupĩ         |           |  | Rio fundo.<br>Rio fundo.   |
| <b>93</b> | I-rĩpĩnézakatu                 |           | I-ripizakatu                |           | I-purãngatãn        |           |  | Água limpa.                |

|            |                                     |           |                   |         |          |          |               |                   |
|------------|-------------------------------------|-----------|-------------------|---------|----------|----------|---------------|-------------------|
|            | (p.77)                              |           |                   |         |          |          |               |                   |
| <b>94</b>  | I-rĩrik-haw (p.78)                  |           | I-arapê<br>rwĩrik |         |          |          |               | Riacho.           |
| <b>95</b>  | I-tĩng (p.82)                       |           |                   |         |          |          |               | Água turva.       |
| <b>96</b>  | I-tĩpuk (p.82)<br>I-tzororôm (p.82) | I-apupuha | I-arihémi         | Ipupuha | <b>X</b> | Ihémihaw | Irapê         | Olho d'água.      |
| <b>97</b>  | Itĩ-uhu (p.82)                      |           |                   |         |          |          | Itĩnimerémikô | Rio está cheio.   |
| <b>98</b>  | I-tumatza-pé (p.82)                 |           |                   |         |          |          | Itĩpaw ikô    | Rio abaixo.       |
| <b>99</b>  | I-wan (p.83)                        | I-war     | Iriwar            | I-wan   | I-wan    |          | Idara         | Mãe d'água.       |
| <b>100</b> | I-wakaw (p.83)                      |           | <b>X</b>          |         |          |          | <b>X</b>      | As voltas do rio. |

## CAMPO I – FLORA

### I. TABELA DE ITENS LEXICAIS - FLORA

#### A) TABELA CAMPO LEXICAL DA PRODUÇÃO DA FARINHA

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| Nº | ANO 1976  | 70 a 90 anos      |                     | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos      |                  | LÉXICO  |
|----|---|-------------------|---------------------|--------------------|-------------------|-------------------|------------------|---|
|    | BOUDIN  | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos     | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos    | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS  |
| 01 | ‘A-kwêr (p.22)<br>Hapo (p.54);<br>Īwĭra-rapo (p.87) | Hapo-Kwêr         | Hapo-kwêr           | Hapo-kwêr          | Hapo              | Hapo              | Wirarapô         | Raiz comestível.<br>Raiz<br>Raízes.   |
| 02 | Amikĭr (p.23);<br><br>Têzwi (p.263)                 | Iduĭ              | Idwĭ                | Hizwi              | Hédwi             | Hidwi             | Hédwi            | Grelas, brotos.<br><br>Sair, brotar, nascer,<br>emergir, crescer.<br><br>Brôto, nascimento<br>(planta), está<br>brotando, grelar. |
| 03 | Apê-um (p.29)                                       | Pêka-pihum        | Apêkwêr -<br>pihuna | Ipihumi            | Pêkwêr<br>pihum   | Ipê-kwêr<br>pihum | Pirêr pihum      | De casca preta.   |



|           |  |          |        |          |                    |                    |  |                    |
|-----------|--|----------|--------|----------|--------------------|--------------------|--|--------------------|
|           |  |          |        |          |                    |                    |  | mandioca (planta). |
| <b>12</b> | Mani'ôk-pirêr<br>(p.126)<br><br>Mani'ô-pêkwêr<br>(p.126) | Ipê-kwêr | Ipirar | Ipê-kwêr | Ipêkwêr<br>mani'ôk | Mani'ôk<br>pêkwêra |  | Casca da mandioca. |

**f) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;**

|           | <b>ANO 1976</b>   | <b>70 a 90 anos</b>      |                        | <b>40 a 60 anos</b>       |                          | <b>20 a 40 anos</b>   |                         | <b>LÉXICO</b>   |
|-----------|---|--------------------------|------------------------|---------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------------|---|
| <b>Nº</b> | <b>BOUDIN</b>   | <b>Livino</b><br>77 anos | <b>Ruth</b><br>84 anos | <b>Roberto</b><br>57 anos | <b>Sandra</b><br>44 anos | <b>Uzu</b><br>38 anos | <b>Zilma</b><br>28 anos | <b>SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS</b>   |
| <b>13</b> | I'a (p.66)  | Kawaw                    | Kawaw                  | Kawaw                     | Kawaw                    | Kawaw                 | Kawaw                   | Cabaça, cuia.   |
| <b>14</b> | Ingu'a (p.74)   | Nu'a                     | Inu'a                  | Inu'a                     | Inu'a                    | Inu'a                 | Anu'a                   | Pilão.  |
| <b>15</b> | Ipê (p.75)  | Ipê                      | Ipê                    | Ipê                       | Ipê                      | Mani'ôk<br>muahaw     | Ipê                     | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.   |
| <b>16</b> | Ir(i)-z-akãng (p.78)<br><br>Iru-z-äkãng (p.79)<br><br>Panaku (p.182)<br><br>Paturun (p.183) | Panaku                   | Umaray                 | X                         | Maray                    | Irupêm                | Maray                   | Cesto.<br><br>Espécie de cesto que os índios [...].<br><br>Cesto, jamaxim, paneiro. |

|           |                                      |             |                  |                |            |                                |                    |  |
|-----------|--------------------------------------|-------------|------------------|----------------|------------|--------------------------------|--------------------|--|
|           | Manaku (p.125)<br>(p.183)            | Manaku      | Manaku           | Manaku         | Manaku     | Maniku                         | Maniku             | Patrona, cestinho<br>trançado com fibra de<br>guarimã que se traz a<br>tiracolo.<br><br>Paneiro, cesta,<br>jamaxim.            |
| <b>17</b> | Käwära-péhé (p.99)                   | Tiku-rupê   | Käwä-péhé        | Wira-kapihé    | Käwä-péhé  | Wirä-<br>pikurihaw             | Wirakan péhé       | Pá para mexer a<br>farinha.  |
| <b>18</b> | Purupê (218)                         | Mihaka-péhé | Tikuru-pê        | Tikuru-pê      | Tikuru-pê  | Tikuru-pê                      | Tikuru-pê          | Enxada, enxó.  |
| <b>19</b> | Tépiti (p.260)<br><br>Tĩpiti (p.269) | Tĩpiti      | Tépiti           | Tĩpiti         | Tĩpiti     | Dämi<br><br>Mani'ók<br>Kamawih | Tĩpiti             | Tipiti, expremedouro<br>prensa, manga para<br>extrair o caldo da<br>mandioca.<br><br>Exprometer, tirar<br>líquido por pressão. |
| <b>20</b> | Miha-mihaw (p.133)                   | Miha-mihaw  | Mani'ók<br>Mihaw | Miha-<br>Mihaw | Miha-Mihaw | Mani'ók<br>Kamihaw             | Mani'ók<br>Damihaw | Prensa para a farinha<br>d'água<br><br>espremedouro de<br>mandioca.  |

|    |                |        |        |        |        |        |        |  |
|----|----------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--|
| 21 | Zapêhê (p.299) | Dapihé | Dapihé | Dapihé | Dapihé | Dapihé | Dépéhé | Forno para torrar farinha de mandioca. |
|----|----------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--|

**g) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;**

| Nº | ANO 1976             | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos    |                  | LÉXICO  |
|----|----------------------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|-----------------|------------------|---|
|    | BOUDIN               | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos  | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS                        |
| 22 | Ãtã; u'i-ãtã (p.26). | Tĩram             | Ipik' Tĩram     | Tĩram -Ãtã         | Tĩramorantãn      | Mandi'òk tãntãn | Tĩram tãntãn     | Farinha dura.                                   |
| 23 | Ku'i (p.106)         | Tĩram             | Tĩram           | Tĩram              | Tĩram             | Tĩram           | Tĩram            | Farinha.  |
| 24 | Makatzêr (p.125)     | Makasêra          | Makasêra        | Makasêra           | Makasêra          | Makasêra        | Makasêra         | Macaxeira (esp. de mandioca).                   |
| 25 | Mani'ĩ-kwêr (p.126)  | Tukupi            | Mani'ĩ-tawa     | Tupi'ak            | Mani'òk kwêr      | Mani'òk kwêr    | Mani'òk kwêr     | O caldo da mandioca do qual obtém-se a tapioca. |
| 26 | Mandiócuí (p.126)    | Hêhâ-cu'i-kwêr    | Ku'ĩ            | Hâkui Kwêra        | Ku'ĩ              | Tĩram Ku'ĩ      | Tĩram Ku'ĩ       | Pó, farinha, polvilho, resíduo da mandioca.     |
| 27 | Mézu (p.133)         | Mêdu              | Mézu            | Mêdu               | Médu              | Mêdu            | Midu             | Beiju.  |
| 28 | Miapé (p.133)        | Mêdu-mani'òk      | Mézu            | Mêdu               | Mézu              | Mani'òk Mêdu    | Midu             | Beiju de mandioca.                              |



|    |  |           |                        |                       |                       |                       |                       |  |
|----|--|-----------|------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--|
| 29 | Minga'u (p.135)  | Minga'u   | Minga'u                | Minga'u               | Minga'u               | Minga'u               | Minga'u               | Mingau, angu, papa, sopa.  |
| 30 | TiramHêta (p.61)   | Radu-kwêr |                        | Hazu-kwêra            | Tiramtéte             | Tiram<br>deraru       |                       | Farinha de sopra.  |
| 31 | Takaka (p.237)<br><br>Ihĩk (p.70)  | Takaka    | Takaka/<br><br>Tupi'ak | Takaka<br><br>Tupi'ak | Takaka<br><br>Tupi'ak | Takaka<br><br>Tupi'ak | Takaka<br><br>Tupi'ak | Tacaca, goma feita da massa da mandioca.<br><br>Resina, [...], goma. |
| 32 | Tĩpĩ'ak (p.267)<br><br>Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)<br><br>Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126) | Tupi'ak   | Tupi'ak                | Tupi'ak               | Tupi'ak               | Tupi'ak               | Tupi'ak               | Tapioca.<br><br>Coalho, tapioca.<br><br>Tapioca.                     |
| 33 | Tukupi (p.271)   | Tukupi    | Tukupi                 | Tukupi                | Tukupi                | Tukupi                | Tukupi                | Tucupi, esp. de mólho.   |

**h) Nomes das ações♦ e processos que envolvem a prática da produção da farinha;**

| Nº | ANO 1976 | 70 a 90 anos |      | 40 a 60 anos |        | 20 a 40 anos |       | LÉXICO         |
|----|----------|--------------|------|--------------|--------|--------------|-------|----------------|
|    | BOUDIN   | Livino       | Ruth | Roberto      | Sandra | Uzu          | Zilma | SIGNIFICADO EM |

♦ Nesta tabela destinada aos itens lexicais de ações e processos também constam os verbos em sua forma nominal.

|           |  | 77 anos   | 84 anos    | 57 anos  | 44 anos                  | 38 anos        | 28 anos        | <b>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|--|-----------|------------|----------|--------------------------|----------------|----------------|---|
| <b>34</b> | Akwa'ók (p.21)   | Duha'akän | Mani'iakän | Häkäng   | Akäng nohök              | Dupê<br>Häkang | Mupéma         | Quebrar os galhos.  |
| <b>35</b> | Äkīm (p.21)  | Äkīm      | Äkīm       | Äkām     | Iakīm                    | Muhīm          | Iäkīm          | Molhado, ensopado, húmido.  |
| <b>36</b> | Êzwi (p.52)<br>Hêm (p.58)<br>Hêzwi (p.62)<br>Mu-zaw (p.166). | Hédwi     | Hédwi      | Hizwi    | Hidwi<br>Pôremi<br>Hidwi | Hidwi          | Hidwi<br>Urémo | Brotar, grelar.<br>Sair, brotar, nascer, emergir, crescer.<br>Está grelando, brotando.<br>Fazer brotar, florar, abrir (flores). |
| <b>37</b> | Atır (p.38)<br>Mono'õng (p.145)<br>Mu-nĩk (p.161)            | Mono'õng  | Mono'õng   | Mono'õng | Mono'õng                 | Mono'õng       | Mono'õng       | Amontoado.<br>Amontoar<br>Juntar, ajuntar, amontoar, colher, reunir, agrupar, congregar.<br>Fazer, amontoar, pôr                |

|           |  |          |         |         |                      |           |           |   |
|-----------|--|----------|---------|---------|----------------------|-----------|-----------|---|
|           |  |          |         |         |                      |           |           | em montão.  |
| <b>38</b> | Awkĩ (p.43)<br>Pikwi (p. 196)  | Dawkĩ    | Pikwi   | Apikwi  | Dakĩ                 | Dakĩ      | Dakĩ      | Mexer, remexer,<br>catar.<br><br>Mexer, remexer,<br>revolver (torrando a<br>farinha).               |
| <b>39</b> | Haw (p.55)<br>Mondok (p.143)   | Monohôk  | Monohôk | Monohôk | Monohôk<br>ou Munay. | Monohôk   | Monohôk   | Cortar, partir.<br><br>Cortar, quebrar,<br>partir.  |
| <b>40</b> | Hên (p.59)   | Duhên    | Duhên   | Duhên   | Dêhên                | Dêhên     | Duhên     | Derramar.   |
| <b>41</b> | Hĩwĩ-kay (p.63)<br>(Iwĩ) - ĩwĩkôy (p.85)<br><br>Käy (p.100)<br>Zihũr (p.328) | Mi-kay   | Mikir   | Mi-kay  | Mi-käy               | Mi-käy    | Wĩ-käy    | Cavar.<br><br>Cavar, escavar (terra)<br>fossar para tirar as<br>raízes.<br><br>Cavar.<br><br>Cavar. |
| <b>42</b> | Ho-hôk (p.64)  | Mo-tĩnêm | Mo-Tĩr  | Tupaw   | Tĩning               | Mo-tĩning | Tĩning    | Secar.  |
| <b>43</b> | I-pê...ruru (p.75)   | Ité-mĩw  | la'pĩw  | Mimô    | Imo'apĩw             | Emonô ipê | Emonô Ipê | Pondo-se de molho<br>na água<br><br>Fazer amolecer, pôr   |

|           |  |                       |            |            |                                       |                         |                           |   |
|-----------|--|-----------------------|------------|------------|---------------------------------------|-------------------------|---------------------------|---|
|           | Mo-ruru (p.148)  |                       |            |            |                                       |                         |                           | de molho, fazer inchar ponto de molho.  |
|           | Mu-pĩw (p.163)   |                       |            |            |                                       |                         | Mo-apiw                   | Amolecer, tornar-se mole, abrandar.   |
| <b>44</b> | Apo'ôk (p.33)<br>Ipĩk'ôk (p.76)<br><br>Pĩkôy (p.195)<br>Pĩ'ôk (p.197)<br><br>Za-pĩhĩk (p.300)<br><br>Zapĩ-po'o (p.300) | Apo<br><br><br>Dĩ-hôk |            | Apô-Kwêra  | Dapi poô<br><br>Dapi poôha<br>pukwêra | Dapi poôk<br><br>Êdo'ôk | Dapi poô<br><br>Dapi poôk | Desenraizar.<br><br>Arrancar raízes, principalmente de [...] mandioca, raízes.<br><br>Fazer uma coisa côncava, Arrancar raízes, cavar.<br><br>Extrair, arrancar raízes (mandioca).<br><br>Arrancar (batatas, mandiocas, etc).<br><br>Arrancar as raízes, arrancar o pé (plantas). |
|           |  |                       | Dapi po'ôk | Dapi po'ôk |                                       |                         |                           |   |

|           |   |                 |                 |                    |               |                         |                              |   |
|-----------|---|-----------------|-----------------|--------------------|---------------|-------------------------|------------------------------|---|
|           |   |                 |                 |                    |               |                         |                              |   |
| <b>45</b> | Iru-wapa'ar (p.79)<br>Kupir (p. 107)  | ka'a pêték      | Ka'a pêték      | Ka'a pêték         | Ka'a pêték    | Ka'a pêték              | ka'a pêték                   | Roçar.<br>Fazer Trabalhos agrícolas, roçar.   |
| <b>46</b> | Iwĩ-apik (p.85)   | Manoô-manam     |                 |                    |               |                         |                              | Depositar-se, [...], assentar.  |
| <b>47</b> | Kĩy (p. 103)  | Mutĩk           |                 |                    |               |                         |                              | Tirar, puxar, tirar a força.  |
| <b>48</b> | Ma'ê-tim (p.124)<br>Ma'êzu-tim (p.124)<br>Zé-mi-tim (p.314)<br>Zu-tĩm (p.337)<br>Mu-tĩw (p.165) | Mimu-hêm        |                 | Adipĩ<br><br>Dupéy |               | Dupĩm<br><br>Mutĩro haw | Edutém<br>Dutĩm<br><br>Dutĩm | Semear, fazer tarefas agrícolas, plantar.<br>Semear.<br>Semear.<br>Semear, plantar, enterrar.<br>Fazer plantação de, plantar. |
| <b>49</b> | Mihĩr (p.133)<br>Api (p.29)   | Mihér<br>De'api | Mihĩr<br>Mu-kay | Mihĩra<br>Apĩ      | Mihêr<br>Wapi | Mihĩra<br>Wapĩ          | Mihĩra<br>Mu-kay             | Assar, tostar, queimar, assado.<br>Queimar.<br>Abrasar, incendiar,  |

|           |  |            |                             |            |           |                |                    |  |
|-----------|--|------------|-----------------------------|------------|-----------|----------------|--------------------|--|
|           | Mu-kay (p.157)<br>Mu-nĭk (p.161)                 |            |                             |            |           |                | U-kay              | queimar.<br><br>Incendiar, queimar,<br>acender, abrasar,<br>inflamar.  |
| <b>50</b> | Mo-ĩ'u (p.141)                                   | Mo-ê'u     | Mo-aĩř                      | Mow-kāng   |           | Mo-kĭm         | X                  | Fazer beber, dar de<br>beber, regar.   |
| <b>51</b> | Mo-ka'a-pir (p.141)                              | Ka'a-pir   | Ka'apir                     | Ka'apir    | Ka'apir   | Ka'apir        | Ka'apir            | Fazer capinar.   |
| <b>52</b> | Mōngakwa'aw<br>(p.143)                           | Mōngahaw   |                             | Amōnkār    |           | Dêkaiw<br>hêhê | Hĭdwi              | Fazer crescer,<br>cultivar.  |
| <b>53</b> | Mōngatĭro (p.143)<br><br><i>Mu-atiro (p.152)</i> | Êta-tétiro | Ka'a pir<br><br>Dekô-bitĭro | Ikô-pitê'u |           | Mukaturam      | Mukatu<br><br>X    | Limpar, pôr em<br>ordem, preparar a<br>roça.<br><br><i>Trabalhar em<br/>conjunto (limpeza de<br/>roças, caça e pesca).</i> |
| <b>54</b> | Mōngwaw (p.144)<br><br>Mo-waw (p.150)            | Mo-waw     | Mo-waw                      | Minaw      | Irupêm    | Mo-waw         | Emonô<br>maniku pê | Paneirar, coar, filtrar,<br>passar o crivo, crivar.<br><br>Peneirar, passar o<br>crivo.                                    |
| <b>55</b> | Mu-mézu (p.159)                                  | Dapu-mêdu  | Dapô mêdu                   | Dapu-mêdu  | Dapô mêdu | Dapô mêdu      | Dapô mêdu          | Fazer beiju  |
| <b>56</b> | Mu-pupur (p.163)                                 | X          | Huhu                        |            |           | X              | X                  | Fermentar.   |

|    |                |            |        |          |        |                |                  |   |
|----|----------------|------------|--------|----------|--------|----------------|------------------|---|
| 57 | Tikwar (p.265) | Tĩhitikwar | Tikwar | Atu-kwra | Tikwar | Mukĩr<br>Tĩram | Tĩram<br>tĩkwara | Molhar a farinha para fazer chibé, pôr água na comida, fazer chibé. |
|----|----------------|------------|--------|----------|--------|----------------|------------------|---|

i) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| Nº | ANO 1976  | 70 a 90 anos      |                   | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos         |                  | LÉXICO  |
|----|---|-------------------|-------------------|--------------------|-------------------|----------------------|------------------|---|
|    | BOUDIN  | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos   | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos       | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS                        |
| 58 | Apérêw (p.29)<br>Iwĩ-kwâr (p.85)                  | Ikwâr             | Kuda              |                    | Iriwkwar          | Iriwkwar             | Ikwar            | Furo, buraco, covas.<br>Buraco (no chão), cova. |
| 59 | Hiw-kup (p.63)                                    |                   |                   |                    | Hiw-ku            |                      | X                | Fila, filadeira.                                |
| 60 | Iwĩ (p.84)<br>Iwy-kaywêr (p.85)<br>Iwĩ-ran (p.87) | Iwĩ               | Iwĩ               | Iwĩ                | Iwĩ               | Iwĩ                  | Iwĩ              | Terra, solo, chão.<br>Terra.<br>Solo árido.     |
| 61 | Iwĩ-ätä (p.85)                                    | Iwĩ-pirosôcô      |                   | Monosôk<br>pirêr   | Iwĩ sôsôk         | Iwĩ – ôsôk<br>pirêra | Iwĩ dôsôkaw      | Terra socada, Taipa.                            |
| 62 | Iwĩ-été (p.85)                                    | Iwĩ-êtê           | Timiwirêr<br>katu | X                  | Iwĩ katu          |                      | Iwĩ purâgatê     | Terra boa para a lavoura.                       |

|           |  |            |           |           |                  |                          |                          |   |
|-----------|--|------------|-----------|-----------|------------------|--------------------------|--------------------------|---|
| <b>63</b> | Iwĩ-maran (p.85)<br>Iwĩ-a(w)kĩ-haw<br>(p.85) | <b>X</b>   |           |           | Iwĩ Pira pĩpurêr | Iwĩ<br>Purapihaw<br>Hêhê | Iwĩ dakĩhaw              | Terra trabalhada.                         |
| <b>64</b> | Kó (p.103)                                   | Kô         | Kô        | Kô        | Kô               | Kô                       | Kó                       | Roça.                                     |
| <b>65</b> | Ko-rupaw (p.103)                             |            |           |           |                  | Ko-rénaw                 | Ka'a ou Iwĩ<br>purangatê | Lugar das roças, local<br>das plantações. |
| <b>66</b> | Kó- kay (p.104)                              | Ia-pĩ      |           | Kay-pirêr |                  | Kay haw                  | Ukay haw                 | Queimada (roça)                           |
| <b>67</b> | Ko-ram (p.105)                               | Ko-piahum  |           |           |                  | Kô-iapô<br>piram         | Ka'atê                   | Roça futura.                              |
| <b>68</b> | Mani'ôk-tĩm (p.126)                          | Mani'ôkata | Mani'akaw | Mani'akaw | Mani'akaw        | Maniôk'piu               | Mani'akaw                | Mandiocal.                                |
| <b>69</b> | Tapĩy (p.a241)                               | Tupĩy      | Tapĩy     | Tupér     | Tupĩy            | Tupêr                    | Tupĩy                    | Casa.                                     |



\*OBSERVAÇÃO:

- 1) Espaço em branco (apontado com uma seta): o colaborador (a) não se lembrou da palavra na língua tembé durante o retorno a entrevista o colaborador declarou não lembrar, novamente..

| Nº | ANO 1976                                      | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos              |                  | LÉXICO                   |
|----|---|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|---------------------------|------------------|--------------------------|
|    | BOUDIN  | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos            | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS |
| 64 | Iwĩ-maran (p.85)<br><br>Iwĩ-a(w)kĩ-haw (p.85) | X                 | ↑               | ↑                  | Iwĩ Pira pĩpurêr  | Iwĩ Purapĩhaw<br><br>Hêhê | Iwĩ dakĩhaw      | Terra trabalhada.        |

- 2) Espaço marcado com um X (apontado com uma seta): o colaborador(a) não sabe mesmo a palavra dita na língua tembé.

| Nº | ANO 1976         | 70 a 90 anos      |                 | 40 a 60 anos       |                   | 20 a 40 anos   |                  | LÉXICO                      |
|----|------------------|-------------------|-----------------|--------------------|-------------------|----------------|------------------|-----------------------------|
|    | BOUDIN           | Livino<br>77 anos | Ruth<br>84 anos | Roberto<br>57 anos | Sandra<br>44 anos | Uzu<br>38 anos | Zilma<br>28 anos | SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS    |
|    | I-apĩ-hêm (p.68) | X<br>↑            | Iarapê-i        |                    | X<br>↑            | Iarapê         | Irapê            | Lugar onde nasce o igarapé. |

Palavras escritas com barras (/): existem duas formas na língua, algumas já foram colocadas o (ou) no lugar do (/).

## APÊNDICE C

### I. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA, DA PESCA E DA PRODUÇÃO DA FARINHA.

Nesta seção apresentamos alguns elementos lexicais referentes às três práticas culturais e extraídas dos registros de Boudin conforme mencionado por nós anteriormente. Esses elementos lexicais foram usados nas entrevistas para fins comparativos com vistas a verificar se ainda são mantidos ou não na língua Tembé falada hoje na aldeia Tekohaw. A pesquisa revela que o nível de conhecimento e uso desse léxico ocorre em níveis variados, como segue:

- a) léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações;
- b) léxico conhecido por todos os indivíduos com alteração;
- c) léxico conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração;
- d) léxico conhecido por 02 indivíduos sem alteração/com alteração;
- e) léxico conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração;
- f) léxico conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração;
- g) léxico conhecido por 05 indivíduos sem alteração/com alteração;
- h) léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.

A sequência de apresentação e análise dos dados do léxico segue a seguinte disposição: análise do léxico referente à prática da caça; análise do léxico referente à prática da pesca; análise referente à prática da produção da farinha.

#### 1. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA CAÇA

##### ii. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.

- a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|--------------------|--------------------------------|---------------------------------------|
|    | Aʔi (p.17)         | Aʔi                            | Preguiça (espécie de macaco).         |

|  |   |                                  |  |
|--|---|----------------------------------|--|
|  |   |                                  |  |
|  | ‘Ak (p.18)  | I’ak                             | Chifre.                                  |
|  | Akãng (p.19)                                      | Akãng/ I’akãng                   | Cabeça.                                  |
|  | Akuru (p.21)                                      | Akuru                            | Espécie de pássaro.                      |
|  | Akuti (p.21)                                      | Akuti                            | Cutia.                                   |
|  | Azuru (p.47)                                      | Aduru                            | Papagaio                                 |
|  | Arapapa (p.34)                                    | Arapapa                          | Espécie de papagayos;<br>arapapá.        |
|  | Arapuha (p.34)<br>Mahâw (p.124)<br>Rapuha (p.224) | Arapuha<br>Mahaw’i               | Veado.<br>Esp. de veado branco.<br>Veado |
|  | Arar ≈ Arara (p.34)                               | Arar                             | Tipos de arara                           |
|  | Mĩykur (p.136)                                    | Mĩykur                           | Espécie de gambá<br>Mucura, gambá.       |
|  | Azawakak (p.45)<br>Zawakak (p.303)                | Dawakak                          | Lontra.<br>Lontra.                       |
|  | Hôkô (p.64)                                       | Hôkô                             | Socó (ave) espécie de<br>socó.           |
|  | Hupi’a (p.66)<br>Ma’ê-rupi’a (p.123)              | Hupi’a<br>Ma’ê-rupi’a            | Ovo.                                     |
|  | Huwĩ (p.66)                                       | Huwĩ / Huwĩ-kwêr / Huwĩ-<br>kwêr | Sangue.                                  |
|  | Inamu (p.73)<br>Namu (p.173)                      | Inamu / Namu                     | Nambu (ave).                             |
|  | Wira-hu (p.292)                                   | Wira-hu                          | Gavião                                   |

|  |                    |  |  |
|--|--------------------|--|--|
|  |                    |  |  |
|  | Ka'i (p.93)        | Ka'i                                     | Macaco em geral                                |
|  | Kãng'ôk (p.96)     | Ikãngwêr / Ukãng' ôk /<br>Do'ôk Ikãngwêr | Tirar ossos                                    |
|  | Karumê (p.98)      | Karumê                                   | Carumbé (esp. De jabuti<br>c/manchas amarelas. |
|  | Ku-aku (p.105)     | Deku-aku / Neku-aku                      | Chocar (aves e pássaros).                      |
|  | Tamanwa (p.238)    | Tamanwa                                  | Tamanduá geral.                                |
|  | Kwanu (p.111)      | Kwanu                                    | Porco espinho (coandu).                        |
|  | Kwati (p.112)      | Kwati / Koati                            | Coati.   |
|  | Ma'ê-pirêr (p.121) | I-pirêr / Ma'ê-pirêr                     | Couro, pele de animal.                         |
|  | Marakaza (p.127)   | Marakada                                 | Maracajá, gato do mato.                        |
|  | Pak (p.181)        | Pak                                      | Paca.<br><br>Paca.                             |
|  | Pĩkahu(p.195)      | Pĩkahu                                   | Pomba.   |
|  | Piku'i (p.196)     | Piku'i                                   | Rolinha.                                       |
|  | Piru (p.201)       | Piru                                     | Perú.  |
|  | Tapi'ir (p.240)    | Tapi-ir / Tapi-ir ka'apôha               | Anta.  |
|  | Tapiti (p.241)     | Tapiti                                   | Coelho.  |
|  | Tatu (p.244)       | Tatu                                     | Tatu.  |
|  | Tazahu (p.247)     | Tadahú                                   | Queixada (porco do mato)                       |
|  | Tu'i (p.271)       | Tu'i / Tu'i-ai                           | Periquito.                                     |
|  | Tukan (p.271)      | Tukan                                    | Tucano.  |
|  | Urumä (p.281)      | Urumä                                    | Pato   |
|  | Zäkami (p.297)     | Däkami                                   | Jacamim (p.297)                                |
|  | Zakarê (p.297)     | Dakarê                                   | Jacarê.  |

|  |               |       |                        |
|--|---------------|-------|------------------------|
|  | Zaku (p.297)  | Daku  | Jacu (galináceas)      |
|  | Zapu (p.301)  | Dapu  | Japu (esp. de pássaro) |
|  | Zawti (p.304) | Dawti | Jabuti.                |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>       | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
|           | Hu'iw (p.65)<br>U'iw (p.279)     | U'éw / U'iw                            | Flecha.<br>Flecha.                             |
|           | Itakihê (p.79)<br>Takihê (p.237) | Itakihê / Takihê                       | Facão.<br>Facão, terçado.                      |
|           | Mukaw (p.156)                    | Mukaw                                  | Espingarda.                                    |
|           | Tazĩ (p.247)                     | Tadĩ / Itazĩ                           | Machado, ferro, metal,<br>aço.                 |
|           | Wirapar (p.292)                  | Wirapar                                | Arco.  |

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

di) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais nesses dois quesitos acima conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.

g) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|

|  |               |       |                  |
|--|---------------|-------|------------------|
|  |               |       | <b>PORTUGUÊS</b> |
|  | Zĩwĩr (p.330) | Dĩwĩr | Estar cru.       |

h) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Pê (p.185)                 | Pê                                     | Caminho  |
|           | Ka'a (p.92)                | Ka'a                                   | Mata, floresta.                                |

#### **iv. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração**

k) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                                  | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>          | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---|---|--|
|           | A'ĩ-a'ĩr (p.17)<br>(vide: ra'ĩ-ra'ĩr)<br>Ra'ĩ-ra'ĩr (p.221) | Mũmiri / Taiha-i / Mĩmir /<br>Hayĩ              | Filhotes de.<br><br>Prole, ninhada, filhotes.  |
|           | Aka i-kĩwaw (p.18)  | Ati / Ipy-pema'i / Kiwaw                        | Crista.  |
|           | Apê (p.28)<br>Zawti-apê                                     | Ipê-Ikué Imamuer /<br>Dawtipêkwêr / Dawti pirêr | Casca do jabuti.                               |
|           | Mahâw (p.124)   | Mahaw / Arapuhating                             | Esp. de veado branco.                          |

|  |   |                                   |                                     |
|--|---|-----------------------------------|-------------------------------------|
|  |   |                                   |                                     |
|  | Atĩnga-hu (p.42)                          | Pĩpĩ                              | Espécie de coruja.                  |
|  | Awara (p.41)                              | Awara / Hapoza                    | Raposa                              |
|  | Hawêr (p.56)                              | Hawêr / Ia'hôk                    | Pêlos                               |
|  | Haytĩ (p.57)<br>Wĩra-miriraytĩ<br>(p.292) | Haytĩ / Mimitĩ                    | Ninho.                              |
|  | Hĩy (p.63)                                | Hĩyдахĩ / Hĩy / Tuhĩ              | Nome de um pequeno papagaio curica. |
|  | Ta'i (p.236)                              | Hĩydhwa-ĩ / Dênay / Tui pihum     | Esp. de curica preta                |
|  | Kamazyô (p.93)                            | Kamazyô / Kamaleão                | Camaleão                            |
|  | Kara-kara (p.97)                          | Api-taw                           | Urubu, caracará.                    |
|  | Karara (p.97)                             | Kara-kara / karara / Dipumim      | Mergulhão (pássaro)                 |
|  | Ma'ê-roo (p.123)<br>Roo (p.230)           | Roo-kwer / Ma'êrokwêr             | Carne de animal.<br>Carne.          |
|  | Tzigan (p.276)                            | Cigana / Moiremaw                 | Cigana (esp. de pássaro).           |
|  | Mizu'i (p.136)                            | Miriri / Wiriri / Miriri ting     | Andorinha                           |
|  | Péki (p.186)<br>Pikĩ (p.195)              | I-ta / Urumänäĩ                   | Paturi                              |
|  | Uru-zawar (p.281)                         | Dawara                            | Onça marajoara.                     |
|  | Zaku-pê-tĩng (p.297)                      | Daku-pi-hami                      | Esp. de jacu preto, vulgo cujubim.  |
|  | Zanay (p.298)<br>Zan-a'i (p.298)          | Dĩpi-hay / Aruá / Adénay / Danaya | Jandaia.                            |
|  | Zapun (p.301)                             | Graúna / Wirauna / Dapĩ           | Graúna.                             |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|--|--|--|--|

l) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>  | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|----------------------------|---|---|
| <b>01</b> | Iw-ĩwa (p.89)              | Iw-ĩwa / U'irapara                      | Corpo da flecha (espécie de bambu).   |
|           | Kihê (p.101)               | Itaki-pêru'êha / Ikwaĩ / Kihê / Takwara | Ponta de ferro, taquara.  |
|           | Piwa (p.206)               | Batoca / Piwa / Ipôtôk                  | Botoque na ponta das flechas para pássaros, flecha de ponta achatada para caçar pássaros. |
|           | Ziwo (p.330)               | Díwo / Ipihéké / Mori katu hêhê         | Flechar, acertar (com armas)  |

m) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>            | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | Mõngaruk (p.143)           | Tukay-Irahu-haw / Tukay / Deku-akuri / Tukay dupê | Ficar de tocaia.                               |

n) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|



|  |                         |  |                               |
|--|-------------------------|--|-------------------------------|
|  | Apirôk (p.31)           | Pirer- durôk / Ipê-ôk /<br>Doôk Ipirêr | Tirar a casca ou a pele mole. |
|  | Êpézân (p.50)           | Mĩkar / Urikar / Akar /<br>Uêkar       | Seguir, procurar.             |
|  | Etzak (p.51)            | Imiôró / Miy-hêhê / Mié /<br>Uêkar     | Olhar, vigiar, ver, achar.    |
|  | Hêm-ahĩ...wi (p.58)     | Dawaw                                  | Escapar, fugir de.            |
|  | Hupar (p.65)            | Kädä / U'Kädämi /<br>Hupararôk         | Perder-se, desaparecer.       |
|  | Ma'ê-rêtahaw<br>(p.122) | Ita'pĩtĩ / Rêta-tê-tê-téwä             | Fartura.                      |
|  | Pé hé' Ang (p.186)      | Dakaw / Monohôk                        | Cortar, partindo em pedaços.  |
|  | Warĩw (p.285)           | Warĩw                                  | Guariba (esp. De macaco).     |

o) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                      | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | Kä'e (p.93)                | Mukeê / Ma'ê ké.  | Moquear.                                       |
|           | Patzôk (p.183)             | Hema-papa / Piramapuha /<br>Ma'ê sôk / Inamusôk /<br>Pasôk. | Bolinhas de carne,<br>passoca.                 |
|           | Zĩwêr (p.330)              | Mihér / Mir   | Assado.  |

p) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ma'ê-zuka-haw (p.          | Ma'ê-duka hér / Wiritĩ /               | Matadouro.                                     |

|  |      |                       |  |
|--|------|-----------------------|--|
|  | 124) | Aduka / Ma'ê-duka-haw |  |
|--|------|-----------------------|--|

**v. O léxico conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração**

- a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Hakã-tik (p.53)            | Hakã-tik Keta                          | Espécie de passarinho não identificado.        |
|           | Mézu'i-zu'i (p.130)        | Wira-hu'i                              | Esp. de gaviãozinho.                           |

- b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

- c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

Observação – Não foi encontrada itens lexicais nesses dois quesitos acima conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração

- d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>      |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Ita-momôr-haw (p.80)       | Momôr                                  | Lançar, atirar, bodoque*.                           |
|           | Zapi (p.300)               | Dapi                                   | Atirar pedra com bodoque, atirar, lançar, disparar. |

i) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecidos por 01 indivíduo sem alteração/com alteração

j) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>   |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ma'ê-rakíkwêr<br>(p.121)   | Ma'ê ipipôra                           | Vestígio, traço, rasto,<br>trilha, (de animais). |

#### **iv. O léxico conhecido por 02 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Aruá (p.36)                | Aruã / Aru                             |  |
|           | Mawari (p.130)             | Uiritim / Uirãtım                      | Esp. garça<br>ou socó.                         |
|           | Tarêru'a (p.242)           | Aruda / Preâ                           | Préa (esp. de coelho).                         |
|           | Terêkôkô (p.260)           | Terêkôkô                               | Esp. de passarinho.                            |
|           | Tétêw (p.261)              | Tétêw                                  | Esp. de pássaro                                |
|           | Wĩra (p.292)               | Witu-Daku / Wira-mirim                 | Pássaro.                                       |
|           | Wĩra-rupi'a (p.292)        | Wira-mirir-rupi'a                      | Ovos de pássaro.                               |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecidos por 02 indivíduos sem alteração/com alteração

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Akuti-kwar (p.21)          | Tapiti / Tapitihénaw                   | Coelheira.                                     |
|           | Miha-mihaw (p.133)         | Wira-pĩk / Mukaw-han                   | Armadilha.                                     |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                          |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Mu-zuru-péka<br>(p.170)    | Utĩ / Dépira                           | Armar   |
|           | Mo-kMiurêr                 | Uêdar                                  | Reservar comida, reservar uma parte da caça para repartir entre amigos. |

e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecidos por 02 indivíduos sem alteração/com alteração

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

g)

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Pê (p.185)                 | Pêhu                                   | Estrada.                                       |

**v. O léxico conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>         | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>   | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|------------------------------------|--|--|
|           | A'rawira (p.35)                    | A'rawira / Uiraming-<br>pirãng / Ipirãng | Espécie de pássaro<br>vermelho.                |
|           | Maräkänä (p.127)                   | Maräkänä                                 | Maracanã (esp. de louro)                       |
|           | Pékwapa (p.186)<br>Pikwapa (p.196) | Ŧ'piku / Pékwa /                         | Pécuapa (esp. de nambu)                        |
|           | Karipira (p.97)                    | Karapira                                 | Carapira (esp. De gavião).                     |
|           | Tamari (p.239)                     | Kuthu'i / Kuthihu                        | Macaco cuxiú.                                  |
|           | Namê (p.173)                       | Namê / Inamê                             | Esp. de colibri – pássaro:<br>beija-flor.      |
|           | Tãgara (p.239)                     | Tãgara                                   | Esp. de pássaro, tanagra.                      |
|           | Zawni (p.304)                      | Dawani                                   | Bico de brasa (esp. de<br>pássaro)             |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecidos por 03 indivíduos sem alteração/com alteração

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>  | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                          | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|-----------------------------|---|--|
|           | Izwa (p.91)                 | Idi`whaw / Pīwa / U`iwatī                                       | Visgo para caçar passarinho.                   |
|           | Wīra-rukay (p. 271)         | Amué-atu / Tukay-<br>Watêhar / Kawrān wira<br>mirim pihikir haw | Armadilha para os pássaros                     |
|           | Wīra-hézar-pīrêr<br>(p.290) | Wīra-pīk / Wira-pari  | Armadilha armada com paus.                     |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

Observação – Não foi encontrada itens lexicais nesses três quesitos acima conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração

**vi. O léxico conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Miâr (p.133)               | Miâr                                   | Caça.  |
|           | Äräkwä (p.34)              | Äräkwä                                 | Aracuã, papagaio.                              |

|  |                    |                                       |                            |
|--|--------------------|---------------------------------------|----------------------------|
|  | Wapurikĩ (p.285)   | Apuritĩ / Wapurikĩ                    | Macaco da noite.           |
|  | Ma'ê-mêngo (p.119) | Tamanwa-i                             | Esp. De pequeno tamanduá   |
|  | Taitetú (p.237)    | Imotê / Imãntã-i / Ipêkari-katu       | Pecari – esp. de queixada. |
|  | Wara (p.285)       | Kwara                                 | Guará.<br>Guará flamengo   |
|  | Wawéréw (p.286)    | Wakada-i / Dawara-i / Marakada        | Esp. de oncinha            |
|  | Zanu (p.299)       | Danu / Wiranu                         | Ema.                       |
|  | Zapê-ahôk (p.299)  | Dapi-ahôk / Wapê-ahôk / Wirapêw-iahôk | Nome da ave Parra Jaçanã.  |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                     | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ita-takĩhê-räymê (p.80)    | Ita-takĩhê-räw / Ita-kihê rymêhaw / Ita-kihê maniw manêhaw | Pedra de amolar.                               |
|           | U'iw-rakwä (p.279)         | U'irapĩr / Akwai katu / U'iw akwá                          | Ponta da flecha.                               |

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|

|  |                           |                          |         |
|--|---------------------------|--------------------------|---------|
|  | Wĩra-miri pari<br>(p.292) | Wĩra-miri pari / Gaiola. | Gaiola. |
|--|---------------------------|--------------------------|---------|

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES   | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|--------------------|----------------------------------|---------------------------------------|
|    | Mo-zawaw (p.150)   | Imuhê-kar / Ritĩrĩk /<br>Monokar | Afugentar.                            |

e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

Observação – Não foi encontrada itens lexicais nesses dois quesitos acima conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração

**vii. O léxico conhecido por 05 indivíduos sem alteração/com alteração.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN                 | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES       | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS    |
|----|------------------------------------|--------------------------------------|--|
|    | Awiza (p.42)<br>Hawiza (p.56)      | Awida / Hawida                       | Sabiá.<br>Sabiá (Espécie de<br>pássaro). |
|    | Aw(i)-zu (p.43)                    | AwidhoKwêr / Hawitu /<br>Hawêra tété | Penugem.                                 |
|    | Huruku'á (p.66)<br>Uruku'a (p.281) | Huruku'á / Uruku'a                   | Surucuá (espécie de<br>pássaro)          |



|  |  |                                      |  |
|--|--|--------------------------------------|--|
|  |  |                                      | Surucuá (esp. de pássaro)  |
|  | Ipêk (p.75)  | Urumãng'i / Marêkãng-i / Urumä.      | Espécie de marreco (pato)  |
|  | Ma'êpépo-pépo-kwêr (p.121)   | Ma'ê rawêra / Krerara / Ma'ê pupirêr | As penugens, os enfeites de pena.  |
|  | Ma'ê-tuwi-tuwi (p.124)<br>Ma'i-twi-twi (p.125)<br>Ma-tui-tui (p.129) | Ma'i-twi-twi / Píramé tué            | Esp. De maçarico menor (pássaro).<br>Maçarico (esp. de pássaro).<br>Maçarico, tarambola (esp. de pássaro). |
|  | Rakikwer (p.222)   | Rak-îpê / Arapuha-pipôr              | Rasto de veado.  |
|  | Tawîru (p.245)<br>Zawîru (p.304)                                     | Jaburu / Daburu / Saburu             | Saburu (esp. de pássaro)<br>Jaburu, ema.   |
|  | Zawati (p.303)   | Dawati / Sakatra                     | Esp. de martin-pescador.   |
|  | Ziriw (p.329)  | Diriw / Udu-i                        | Esp. de pássaro, udu.  |
|  | Zukaré (p.334)   | Däkaray / Däkaré                     | Pavão.   |
|  | Zéruti (p.340)   | Dérutiy / Dĭrutĭ / Duruti            | Juruti, pomba, esp. de rola.   |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ma'êkitik-haw (p.119)      | Ma'êkitik-haw / Takihê moime-haw .     | Lima.  |

|  |                        |  |                     |
|--|------------------------|--|---------------------|
|  | Mukaw-riapu<br>(p.264) | Dawpĩ / Akwai katu / Dapĩ<br>/ Mukaw-riapu | Tiro de espingarda. |
|--|------------------------|--|---------------------|

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Wĩra-pĩkaw (p.292)         | Wĩra-pĩk / Irapĩk / Arapuk             | Arapuca.                                       |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                     | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                      |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Ahĩk (p.17)                | Pehu-ér / Ipên-gwêra                                       | Pedaço, cortado [...].  |
|           | Aw'ô (p.43)                | Durôk hawêr-diwi /<br>Aô'hame / Ua'ôk                      | Depenar, tirar a pena.  |
|           | Hanõng (p.54)              | Imióró / Dipĩtĩ / Pirar<br><br>/ Udampitĩ                  | Amarrar, armar.   |
|           | (ma'ê) - ĩwo-har<br>(p.89) | Ipihã rutê muka-haw /<br>Hudĩw ma'ê / Duan Katu<br><br>a'ê | Ser bom atirador de<br>flecha.                                      |
|           | Ma'ê-raro (p.122)          | Apukatu mănã / Uêsak /<br>Ma'êri miu'wãru                  | Espiar, aguardar a caça.  |
|           | Mo-émiar (p.139)           | Ma-mô e'pênar / Muda'ak<br><br>/ Ipêrwêra                  | Dar uma parte da pesca ou<br>da caça para repartir entre<br>amigos. |

e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Rémitim (p.228)            | Mĩkar / Ukurak pak / Pak-dimir haw     | Esconderijo de paca.                           |

**viii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da caça ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                                       | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|--|--|---|
|           | Témiar (p.254)   |  | Presa.  |
|           | Anäkä (p.26)<br>Ma-ita (p.125)<br>Parawa (p.183)<br>Pêri (p.189) |  | Espécie de papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio.<br>Esp. de papagaio de bico amarelo. |
|           | Atora (p.38)   |  | Espécie de gambá  |
|           | Wĩra-mirirayĩ (p.292)  |  | Ninho.  |
|           | Amé'a (p.23)   |  | Espécie de curica.  |
|           | Kärä'u (p.97)  |  | Esp. de socó.   |

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
|  | Wĩra-paku (p.292)  |  | Esp. de socó.   |
|  | Tupi'a (p.272)   |  | Ovo.  |
|  | Uru (p.281)  |  | Corcovado, esp.de nambuzinho  |
|  | Inazê (p.73)<br>Kôrô-kôrô (p.105)<br>Urutaw-ran (p.282)<br>Wäkäwä (p.284)<br>Winazê (p.290)<br>Zapukani (p.301)<br><br>Zawatô (p.303)<br>Zétapaw (p.340) |  | Gavião.<br>Esp. De gavião.<br>Gavião de penacho.<br>Esp. de gavião.<br>Gavião bobo.<br>Gavião.<br>Esp. de gavião pequeno, japacanim.<br>Gavião tesouro (esp. de falcão) |
|  | Zupara (p.335)<br>Zupati (p.335)   |  | Esp. de macaco da noite.<br>Esp. de macaco da noite   |
|  | Wazay (p.286)<br><br>Wĩra-raw (p.292)  |  | Penagens, cocares, enfeites de penas.<br><br>Penas, plumagens, penugens.  |
|  | Maturya (p.129)  |  | Cigana (esp. de pássaro).   |
|  | Ta'wêr-a'i (p.245)   |  | Paca.   |
|  | Wara-pirãng (p.285)  |  | Guará flamengo  |
|  | Zapun-un (p.301)   |  | Jacu preto.   |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

c) Os tipos de armadilha ou métodos utilizados pelo homem para a prática da caça;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima desconhecido de todos os indivíduos entrevistados.

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da caça e no preparo da mesma na feitura de alimentos;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Mu'aw'ôk (p.152)           |  | Fazer depenar.                                 |

e) Alimentos feitos com as caças e características desses alimentos.

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima desconhecidos de todos os indivíduos entrevistados.

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da caça.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>   | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|--|--|---|
|           | Há(i)-Kwêr (p.54)<br>Hapé (p.54)<br>I-pĩar (p.75)<br>'Iw (p.83)<br>Pê'ïy (p.186)<br>Pê...mu-pĩwa (p.187)<br>Rapê (p.224) |  | Trilha.<br>Caminho.<br>Trilha, caminho do rio.<br>Caminho trilhado.<br>Caminho batido, trilhado.<br>Fazer uma trilha.<br>Caminho. |

## 2. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA PESCA

### i. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN           | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS   |
|----|------------------------------|--------------------------------|---|
|    | Ăkari (p.20)                 | Ăkari                          | Acari (esp. de peixe).                  |
|    | Akara (p.20)                 | Akara                          | Acará, nome de vários peixes.           |
|    | Arapô (p.34)                 | Arapô                          | Sarapó (peixe do Gurupí)                |
|    | Zézu (p.328)                 | Dédu / Dézu                    | Jeju (esp. de peixe)                    |
|    | Kwana (p.111)                | Kwana                          | Acuanã, peixe do rio Gurupi.            |
|    | Mamiri (p.125)               | Mamiri                         | Piaba (esp. de peixe).<br>(sardinha)    |
|    | Mani'i (p.126)               | Mani'i                         | Bagre, mandi.                           |
|    | Manumê (p.127)               | Manumê                         | Mandubé (esp. de peixe do rio Gurupi)   |
|    | Murakê (p.164)               | Murakê                         | Puraquê (esp. do peixe do rio Pindaré). |
|    | Muti (p.165)<br>Puti (p.219) | Muti                           | Camarão.<br>Camarão.                    |
|    | Nuza (p.178)                 | Nuda                           | Anujá (esp. de peixe)                   |
|    | Paku (p.181)                 | Paku                           | Pacu.                                   |
|    | Pé-kwêr (p.186)              | Ipé-kwêr / Pê-kwêr             | Escama, casca, crosta.                  |
|    | Pira (p.199)                 | Pira                           | Peixe.                                  |

|  |                                   |                   |  |
|--|-----------------------------------|-------------------|--|
|  | Tamata (p.238)<br>Tamwata (p.239) | Tamata            | Cascudo (peixe).<br>Cascudo (peixe)                        |
|  | Tarã'ir (p.242)                   | Tarã'ir           | Traíra (peixe).  |
|  | Tukunarê (p.271)                  | Tukunarê          | Tucunaré, pescada<br>(tucunaré de água salgada)<br>(p.271) |
|  | Uaraku (p.278)<br>Waraku (p.285)  | Uaraku / Araku    | Aracu (esp. de peixe)                                      |
|  | Wapanarê (p.285)                  | Wapanarê / Panarê | Panaré (esp. de peixe).                                    |
|  | Zakuna (p.297)                    | Dukuna / Dakuna   | Jacundá (esp. de peixe).                                   |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da caça;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Pina (p.196)               | Pina                                   | Anzol.   |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Timô (p.266)               | Timô                                   | Timbó.   |
|           | Kunami (p.106)             | Kunami                                 | Cunambi (esp. de timbó<br>cultivado).          |
|           | Pari (p.183)               | Pari                                   | Cacuri, curral para<br>prender o peixe, cerca, |

|  |  |  |         |
|--|--|--|---------|
|  |  |  | parede. |
|--|--|--|---------|

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>     | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                    |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Yar (p.295)                | Yar  | Boiar.  |
|           | Piti'u (p.203)             | Piti'u / Piti'uar                          | Ter mau cheiro, cheirar forte (pessoas, animais) cheiro de peixe. |
|           | Zé-pina-itĭk (p.338)       | Dé-pina-itĭk / Pina-tĭk / I Pina-itĭk'maêr | Pescar.   |

f) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Iarapê (p.68)              | Iarapê                                 | Igarapé.                                       |

**ii. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados com algumas alterações.**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Wara-ruha (p.285)          | Wha / Araruha / Wara-ruha              | Caranguejo.                                    |
|           | Araruha-pêw (p.35)         | Wha-i / Araruhapêw-i /                 | Esp. de caranguejinhos                         |



|  |                                |  |                                  |
|--|--------------------------------|--|----------------------------------|
|  | Wara-ruha-pêw<br>(p.285)       | Wara-ruha  | dos igarapés.                    |
|  | Hawa (p.56)                    | Takanã / Diwaw / Irĩmarĩ                               | Espécie de grude gelatinoso      |
|  | Pira- razu:                    | Ikanua / Razu-kwêr / Pira Ikãgwêra                     | Espinha de peixe.                |
|  | Iya' u-kãngwer<br>(p.90)       | Uêua / Uapanarê / Uêu                                  | Uêua (espécie de peixe).         |
|  | Pira-pirêrma'ê<br>(p.200)      | Pira-urura / Nahi Têkpêkwêr / Pira pirêro ma'ê / Urui. | Peixe de couro.                  |
|  | Ruwêr (p.234)<br>Tuwêr (p.274) | Hupi'a pira / Hupi'a ruwêr                             | Ovas (peixe)<br>Ovas de peixe.   |
|  | Tinĩ'a (p.266)                 | Mani'i / Tinĩ'a  | Jandiá (esp. de peixe)           |
|  | Zinĩ'a (p.329)                 | Manĩ'i / Tinĩ'a / Dani'a                               | Jundia (esp. de mandi prêto)     |
|  | Urumara (p.282)                | Pirapuku   | Pirapucu, bicudo (esp. de peixe) |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ham (p.54)                 | Pinaham / Iham                         | Linha  |
|           | Pina-pôr (p. 209)          | Kuamizi / Pira-putaw / Tiramduá        | Isca.  |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Hôkô (p.64)                | Malhadeira / Pinai'tík /<br>Kihaw-pari | Rede para pescar, de<br>forma cilíndrica.      |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>           | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                            | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|--------------------------------------|---|--|
|           | Mu-tík (p.165)<br>Pira-kutuk (p.200) | Ikutuk / Pina-itík / Dīwā /<br>Kutuk pira / Mutīw pira-<br>putaw. | Fisgar peixe.<br>Fisgar o peixe, arpoar.       |
|           | Mutī-mutík (p.165)                   | Mutīw / Pipiri / Itī'u  | Morder a isca.                                 |
|           | Pé'ôk (p.187)                        | Pé'ôk / Ido'ôk pêkwêra /<br>Pê doôk Ipêkwêr                       | Escamar, descascar.                            |
|           | Zuwan (p.337)                        | Miduan-duan / Pira-wan /<br>Dapô mukêka.                          | Fazer moquecas.                                |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                                   | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ipanêm (p.74)              | Ma'êta pira-irupi / Iarapê-<br>panêm / Nahatay / Iarapê<br>narêtay pira. | Rio sem peixe, rio pobre<br>[...]              |

### iii. O léxico conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>           | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                              |
|-----------|--------------------------------------|--|---|
|           | Ita-kuzêr (p.79)<br>Wära-itä (p.285) | Wira-kudêr<br>Itan pêkwêr<br>Itãn      | Concha.<br>Concha, casca de molusco, mexilhão de água doce, ostra (tururu). |
|           | Kîr (p.101)                          | Kangwêr piw                            | Cartilagem, osso mole.  |
|           | Kri-kri (p.102)                      | Kri-Kri                                | Esp. de peixinho parecido com o cascudo.                                    |
|           | Pira-zu (p.200)                      | Dourado-dificil                        | Dourado (esp. de peixe).  |
|           | Uruwi-ran (282)                      | Mauni                                  | Gurijuba.   |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Po (p.206)                 | Ia'pô titik                            | Cipó, corda.                                   |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais nos quesitos acima conhecidos por 01 indivíduo com alteração/sem alteração.

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|

|  |                       |                  |                       |
|--|-----------------------|------------------|-----------------------|
|  | I-apé'a-ramo (p.68)   | Tĩpĩ             | À superfície da água. |
|  | I-hêmaw (p.70)        | Iarapê-ahá       | A boca do rio.        |
|  | I-pur (p.76)          | Iaru-paw         | Fonte, manancial.     |
|  | I ré'ım-katété (p.77) | Iarapê rwĩm Tetê | Estirão (rio).        |
|  | I-rĩkwäkên (p.77)     | Iarapê-pĩkwäkên  | Correnteza do rio.    |
|  | I-rĩpĩ (p.77)         | Iarapê tupĩ      | Rio fundo.            |
|  | I-tĩpĩ (p.82)         |                  | Rio fundo.            |
|  | I-rĩrĩk-haw (p.78)    | I-arapê rwĩrĩk   | Riacho.               |
|  | Itĩ-uhu (p.82)        | Itĩnimerémikô    | Rio está cheio.       |
|  | I-tumatza-pé (p.82)   | Itĩpaw ikô       | Rio abaixo.           |

#### iv. O léxico conhecido por 02 indivíduos sem alteração/com alteração

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|--------------------|--------------------------------|---------------------------------------|
|    | I-tu (p.82)        | Arapô-i                        | Espécie de sarapó de pequeno tamanho. |
|    | Iwĩ-wa-ran (p.89)  | Larambari / Uêkãn-i            |                                       |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|--------------------|--------------------------------|---------------------------------------|
|    | Apak'wa-haw (p.27) | Iwo potitik / Dapikwan         | Feixe.                                |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Timô-rapôta (p.266)        | Timbô kuahaw                           | Feixe de timbó.                                |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Kunami (p.106)             | Inopõ / Inäpä                          | Bater timbó, embriagar o peixe.                |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | I-apĩ-rupi (p.68)          | Iarapê Inaça / Tapécutĩri              | Rio acima.                                     |
|           | Itĩ-apĩ-kutĩr (p.81)       |  | Rio acima.                                     |
|           | I-êê (p.69)                | Iarapê Inaça<br>/ Iarapê rana          | Rio à-toa, aonde não se encontra peixe.        |
|           | I-paw (p.74)               | Ipaw-i Ipawa-ipê / Ipäräni             | Lagoa, lago.                                   |
|           | Ipaw (p.74)                | Pi-paw / Tinĩng                        | Secar o rio.                                   |
|           | I-tinĩng (p.82)            | Tinĩng ou<br>Iti-paw / Iarapê-tinĩng   | Rio seco.                                      |
|           | Ĩ-pĩ (p.75)                | Dĩ-pĩ / Ĩ-pĩpa                         | Fundo da água, rio.                            |
|           | I-pĩ-wĩ (p.76)             |  | No fundo da água.                              |
|           | I-põtêr (p.76)             | Iarari-apê / Rapê                      | Canal (meio do rio)                            |

|  |                        |                            |                         |
|--|------------------------|----------------------------|-------------------------|
|  | I-pupĩr-uhu (p.76)     | Uhu-aw / Iarapê pupĩr-hu   | Rio muito largo.        |
|  | Irĩ(k)ĩ-rupi (p.77)    | I-apurupi / Urĩk           | Descer o rio.           |
|  | I-rapê (p.77)          | I'wrik-aba / Iapihên       | Leito do rio.           |
|  | I-rêmé'iw (p.77)       | I'iw / Iarapê u'ir         | A beira do rio.         |
|  | I-rémĩk (p.77)         | Rémĩki / Irimikari         | Água salgada, salmoura. |
|  | Irĩkaw (p.77)          | Irĩkwar / Ipihêmi          | Córrego.                |
|  | I-rĩpínétzakatu (p.77) | I-ripizakatu / I-purãngatã | Água limpa.             |

**v. O léxico conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Mãngwa (p.125)             | Mani-hu / Mãngwa / Du'ê                | Esp. de rã comestível.                         |
|           | Zawéwĩr (p.304)            | Zawira / Dawira                        | Raia.  |
|           | Zawira (p.304)             |  | Arraia.  |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 03 indivíduo com alteração/sem alteração

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Iemi (p.69)                | Pari                                   | Cerca de Tapume para                           |

|  |  |  |               |
|--|--|--|---------------|
|  |  |  | pescar (p.69) |
|--|--|--|---------------|

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 03 indivíduos com alteração/sem alteração

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | I-apĩ-hêm (p.68)           | Iarapê-i / Irapê                       | Lugar onde nasce o igarapé.                    |

#### **vi. O léxico conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

|  | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|--|----------------------------|--|--|
|  | Akarã-whu (p.20)           | Akarã-whu / Akarã                      | Acaraú-açu (peixe de água salgada).            |
|  | Kirimata (p. 102)          | Kirimata                               | Curimatá (esp. de peixe do rio Pindar)         |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 04 indivíduos com alteração/sem alteração

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>N°</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Zêké'a (p. 312)            | Matapi / Paria'i / Pari                | Matapi, armadilha de varinha trançada para tomar peixe, covo. |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>N°</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                   | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>               | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                       |
|-----------|--|--|--|
|           | Mu-pikĩrwo (p.162)<br><br>Zapĩkĩrwo (p.300)) | Dapĩkĩrwo / Nidihuan pira / Idĩ'ruan pira Iw'pô rupi | Enfileirar, enfiar peixes num cipó.<br><br>Enfiar peixes em um cipó. |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>N°</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>      | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                             | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---------------------------------|--|--|
|           | Ipikwi (p.75)                   | Pikwi  | Remar.   |
|           | I pira-rénaw ≈ I-pôr-katu(p.76) | I-ta'tê-tê-pira / I pira rêta<br>Tê-tê ma'ê / Iarapê pira<br>rénaw | Rio piscoso (rio rico).                        |

### **vii. O léxico conhecido por 05 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>N°</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|
|-----------|----------------------------|--|----------------------------------|



|  |                                    |  | <b>PORTUGUÊS</b>                                 |
|--|------------------------------------|--|--|
|  | To(w)i (p.270)                     | Tupira-hwa / Arapô-pihuna / Iarapô-pihun | Esp. de sarapó preto.                            |
|  | Ani'ã (p.27)                       | Wakari / Akari                           | Bodô (espécie de acari) peixe do Gurupí.         |
|  | Aratay-iri (p.35)                  | Dêdu-i / Dédu-ai                         | Espécie de jejú pequeno                          |
|  | Paru (p.183)<br><br>Paw-ru (p.184) | Paru / coáca                             | Esp. de peixe conhecido por coáca.<br><br>Coáca. |
|  | Pêpo (p.188)                       | Miha- mutaw / Ipêpô / Hway               | Asa, barbatana de peixe, alça.                   |
|  | Pikĩr (p.195)                      | Pikĩr / Pira ira' i / Mamiri'i / Pirawan | Peixinhos em geral (piquiras)                    |
|  | Uru-wi (p.282)                     | Uru-wi                                   | Surubim, surubi.                                 |
|  | Waraku-ran (p.285)                 | Waraku-ran / Araku-ran                   | Aracurana (esp. de peixe).                       |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>       | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>         | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------------|--|--|
|           | Iwĩ-pô (p.86)                    | Iw-pô  | Cipó   |
|           | Nêmo (p.176)<br><br>Inimô (p.74) | Inêmô / Inimô'i                                | Fio, linha.<br><br>Fio.                        |
|           | Hétĩwĩr (p.61)                   | Pina- moro / Pina-rétĩwĩr / Rãyti / Pinarékwan | Barbela.                                       |
|           | I-äkwa (p.68)                    | I'ã / Kawaw                                    | Cabaça para água, moringa.                     |
|           | Ma'êKutuk-haw                    | Uiw-tinaê / Uiw-tĩng /                         | Arpão, lança, azagaia,                         |

|  |         |                          |        |
|--|---------|--------------------------|--------|
|  | (p.119) | Wirayran / Visga / Lança | garfo. |
|--|---------|--------------------------|--------|

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 05 indivíduos com alteração/sem alteração

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN        | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES      | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|---------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|
|    | Iha-paw (p.70)            | Ia-haw / Ia-haw tik                 | Atravessar água.                      |
|    | Zé-pina-itĭkar<br>(p.338) | Dé-pina-tipiha / Pĭnay-itĭk<br>ma'ê | Pescador.                             |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES               | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|--------------------|--|---------------------------------------|
|    | I-rĭapu (p.77)     | Cachoeira / Ita pupur / Ita-rĭpi             | Cachoeira.                            |
|    | I-tĭpuk (p.82)     | I-apupuha / I-apihémi /<br>Ihémi haw / Irapê | Olho d'água.                          |
|    | I-wan (p.83)       | I-war / Irĭwar / Idara / I-wan               | Mãe d'água.                           |

### viii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos.

a) Todos os animais que se constituem presa no processo da pesca ou itens como partes do corpo desses animais;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>     | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>      |
|-----------|--------------------------------|--|---|
|           | Anira (p.27)                   |  | Espécie de sarapó.                                  |
|           | Iwĩr-atza-par (p.87)           |  | Espécie de sarapó.                                  |
|           | Kiha-kay (p.101)               |  | Esp. de jeju, (peixe do Gurupi).                    |
|           | Kararu-kwêr (p.97)             |  | Grude de peixes.                                    |
|           | Hazu (p.57)<br>Razu (p.225)    |  | Espinha.<br>Espinha de peixe.                       |
|           | Piaw (p.193)<br>Wamiri (p.284) |  | Piába (esp. de).<br>Piába (esp. de peixe),<br>coáca |

b) Os instrumentos e utensílios usados na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                                       | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|--|--|---|
|           | Īwĩpo-apakwa-haw :<br>Iwo (p.89)<br><br>Pikĩr-ĩwo-haw<br>(p.195) |  | Feixe de cipó.<br><br>Cipó, vareta flexível<br>[...]enfiada no peixe.<br><br>Fileira, enfiada de peixes<br>pequenos passados num<br>cipó ou vareta flexível |
|           | Pina-rétĩwĩr:<br>Rétĩwir (p.228)                                 |  | A barbela do anzol.<br><br>Barbela.   |

c) Os tipos de armadilha e ou elementos materiais utilizados pelo homem para a prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Muhu-timô (p.155)          |  | Timbó de muçum                                 |

d) Nomes de ações e processos envolvidos na prática da pesca;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Iapo (p.68)                |  | Boiar.   |
|           | I-pé (p.74)                |  | Na água [...].                                 |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da pesca.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>  | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|---|--|--|
|           | ‘Ar ≈ĩ’ar (p.33);<br>Apê’a-ramo (p.28);<br>A superfície do.<br>Y- Apê’a-ramo<br>(p.28) à superfície da<br>água. |  | À superfície da água.                          |
|           | I-rĩpaw (p.77)<br>I-tĩpaw (p.82)  |  | Rio seco.<br>Secar o rio.                      |
|           | I-tĩng (p.82)   |  | Água turva.                                    |
|           | I-tzororôm (p.82)   |  | Olho d’água.                                   |

|  |                |  |                   |
|--|----------------|--|-------------------|
|  | I-wakaw (p.83) |  | As voltas do rio. |
|--|----------------|--|-------------------|

### 3. ANÁLISE DO LÉXICO REFERENTE À PRÁTICA DA PESCA

#### i. O léxico que é conhecido por todos os indivíduos entrevistados sem alterações.

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES      | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS   |
|----|--------------------|-------------------------------------|---|
|    | Hapo (p.54);       | Hapo<br><br>/ Wirarapô / Hapo-kwêr. | Raiz                                    |
|    | Mani'ôk (p.126)    | Mani'ôk                             | Mandioca.                               |
|    | Mandiib (p.126)    | Mani'iw                             | Árvore da maniva,<br>mandioca (planta). |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN        | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS                                      |
|----|---------------------------|--------------------------------|--|
|    | Ingu'a (p.74)             | Nu'a / Inu'a                   | Pilão.   |
|    | Manaku (p.125)<br>(p.183) | Manaku                         | Paneiro, cesta, jamaxim.   |
|    | Tépĩtĩ (p.260)            | Tĩpĩtĩ                         | Tipiti, expremedouro<br>prensa, manga para extrair<br>o caldo da mandioca. |
|    | Zapêhê (p.299)            | Dapihé                         | Forno para torrar farinha<br>de mandioca.                                  |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ku'i (p.106)               | Tĩram                                  | Farinha.                                       |
|           | Makatzêr (p.125)           | Makasêra                               | Macaxeira (esp. de mandioca).                  |
|           | Mézu (p.133)               | Mêdu / Mêzu                            | Beiju.   |
|           | Minga'u (p.135)            | Minga'u                                | Mingau, angu, papa, sopa.                      |
|           | Takaka (p.237)             | Takaka                                 | Tacaca, goma feita da massa da mandioca.       |
|           | Tĩpĩ'ak (p.267)            | Tupĩ'ak                                | Tapioca.                                       |
|           | Tukupi (p.271)             | Tukupi                                 | Tucupi, esp. de mólho.                         |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Hêzwi (p.62)               | Hédwi                                  | Brotar, grelar                                 |
|           | Mono'õng (p.145)           | Mono'õng                               | Amontoado.                                     |
|           | Mondok (p.143)             | Monohôk                                | Cortar, quebrar, partir.                       |
|           | Hên (p.59)                 | Duhên                                  | Derramar.                                      |
|           | Mihĩr (p.133)              | Mihér / Mihĩr                          | Assar, tostar, queimar, assado.                |
|           | Mo-ka'a-pir (p.141)        | Ka'a-pir                               | Fazer capinar.                                 |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM</b> |
|-----------|-----------------|--|----------------------------------|
|-----------|-----------------|--|----------------------------------|

|  | <b>BOUDIN</b> |     | <b>PORTUGUÊS</b>   |
|--|---------------|-----|--------------------|
|  | Iwĩ (p.84)    | Iwĩ | Terra, solo, chão. |
|  | Kó (p.103)    | Kó  | Roça.              |

**ii. O léxico conhecido por todos os indivíduos entrevistados com alguma alteração.**

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>     |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Têzwi (p.263)              | Iduí / Hizwi / Hédwi                   | Brôto, nascimento (planta), está brotando, grelar. |
|           | Apê-um (p.29)              | Pêka-pihum / Pirêr pihum               | De casca preta.                                    |
|           | Kãng (p.95)                | Ăkãng / Hăkang / Irarokăn              | Ramo, galho.                                       |
|           | Mani'ĩ-ro(w)(p.126)        | Mani'ĩ-rwêr / Mani'ôk wêro             | Folha da mandioca.                                 |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | I'a (p.66)                 | Kawaw                                  | Cabaça, cuia.                                  |
|           | Ipê (p.75)                 | Ipê / Mani'ôk muahaw                   | [...] cochô para pôr a massa de mandioca.      |
|           | Kăwăra-péhé (p.99)         | Tïku-rupê / Kăwă-péhé / Wira-kapihé    | Pá para mexer a farinha.                       |

|  |                    |                                   |  |
|--|--------------------|-----------------------------------|--|
|  | Purupê (218)       | Mihaka-péhé / Tikuru-pê           | Enxada, enxó.  |
|  | Miha-mihaw (p.133) | Miha-mihaw / Mani'ók<br>Kamihaw / | Prensa para a farinha<br>d'água<br><br>espremedouro de<br>mandioca |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                  | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>     |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | Ãtã; u'i-ãtã (p.26).       | Tĩram / Mandi'ók tãntã.                                 | Farinha dura.                                      |
|           | Mani'ĩ-kwêr (p.126)        | Tukupi / Mani'ĩ- tawa/<br>Mani'ók kwêr.                 | O caldo da mandioca do<br>qual obtém-se a tapioca. |
|           | Mandiócuí (p.126)          | Hêhâ-cu'i-kwêr / Ku'ĩ /<br>Tiram Ku'ĩ / Hâkui<br>Kwêra. | Pó, farinha, polvilho,<br>resíduo da mandioca.     |
|           | Miapé (p.133)              | Mêdu-mani'ók / Mézu /<br>Mani'ók Mêdu.                  | Beiju de mandioca.                                 |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>           | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Akwa'ók (p.21)             | Duha'akân / Mani'iakân /<br>Akãng nohók / Mupéma | Quebrar os galhos.                             |
|           | Äkĩm (p.21)                | Äkĩm / Muhĩm                                     | Molhado, ensopado,<br>húmido.                  |
|           | Hĩwĩ-kay (p.63)            | Mi-kay / Mikir                                   | Cavar.   |
|           | Awkĩ (p.43)                | Dawkĩ / Pikwi / Dakĩ                             | Mexer, remexer, catar.                         |



|  |                                      |   |  |
|--|--------------------------------------|---|--|
|  | Pikwi (p. 196)                       |   |  |
|  | Ho-hôk (p.64)                        | Mo-tĩnêm / Tĩning /<br>Tupaw / Mo-Tĩr                     | Secar.   |
|  | I-pê...ruru (p.75)                   | Ité-mĩw / Ia'pĩw / Mimô<br>/ Emonô ipê.                   | Pondo-se de molho na<br>água.  |
|  | Iru-wapa'ar (p.79)<br>Kupir (p. 107) | ka'a pêtêk  | Roçar.<br>Fazer Trabalhos agrícolas,<br>roçar.                                   |
|  | Api (p.29)                           | De'api / Apĩ / Mu-kay                                     | Queimar.   |
|  | Mõngwaw (p.144)<br>Mo-waw (p.150)    | Mo-waw / Minaw / Irupêm<br>/ Emonô maniku pê.             | Paneirar, coar, filtrar,<br>passar o crivo, crivar.<br>Peneirar, passar o crivo. |
|  | Mu-mézu (p.159)                      | Dapu-médu   | Fazer beiju  |
|  | Tĩkwar (p.265)                       | Tĩhitikwar / Atukwra /<br>Mukĩr Tĩram / Tĩram<br>tĩkwara. | Molhar a farinha para<br>fazer chibé, pôr água na<br>comida, fazer chibé.        |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| Nº | ANO 1976<br>BOUDIN  | PRONUNCIA DOS<br>COLABORADORES         | LÉXICO<br>SIGNIFICADO EM<br>PORTUGUÊS |
|----|---------------------|--|---------------------------------------|
|    | Mani'ôk-tĩm (p.126) | Mani'ôkata / Mani'akaw /<br>Maniôk'piu | Mandiocal.                            |
|    | Tapĩy (p.a241)      | Tupĩy / Tupér                          | Casa.                                 |

### iii. O léxico conhecido por 01 indivíduo sem alteração/com alteração

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

Observação – Não foi encontrada itens lexicais acima conhecidos por 01 indivíduo com alteração/sem alteração

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Panaku (p.182)             | Panaku                                 | Cesto, jamaxim, paneiro                        |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 01 indivíduo com alteração/sem alteração

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>     | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                 |
|-----------|--------------------------------|--|--|
|           | Mu-pĩw (p.163)                 | Mo-apiw                                | Amolecer, tornar-se mole, abrandar.                            |
|           | Pĩkõy (p.195)<br>Pĩ'ôk (p.197) | Dĩ-hôk                                 | Fazer uma coisa côncava, Arrancar raízes, cavar.               |
|           | Iwĩ-apĩk (p.85)                | Manoô-manam                            | Depositar-se, [...], assentar.                                 |
|           | Kĩy (p. 103)                   | Mutik                                  | Tirar, puxar, tirar a força.                                   |
|           | Mu-kay (p.157)                 | U-kay                                  | Abrasar, incendiar,  |
|           | <i>Mu-atiro (p.152)</i>        | Dekô-bitiro                            | <i>Trabalhar em conjunto (limpeza de roças, caça e pesca).</i> |
|           | Mu-pupur (p.163)               | Huhu                                   | Fermentar.   |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Hiw-kup (p.63)             | Hiw-ku                                 | Fila, filadeira.                               |

**iv. O léxico conhecido por 02 indivíduos sem alteração/com alteração**

- a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 02 indivíduos com alteração/sem alteração

- b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Tĩpĩtĩ (p.269)             | Dãmi / Mani'ôk Kamawih                 | Expremer, tirar líquido por pressão.           |

- c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais acima conhecidos por 02 indivíduos com alteração/sem alteração.

- d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Hêm (p.58)                 | Pôremi / Urémo                         | Sair, brotar, nascer, emergir, crescer.        |

|  |                   |            |   |
|--|-------------------|------------|---|
|  | Zapĩ-po'o (p.300) | Dapi po'òk | Arrancar as raízes,<br>arrancar o pé (plantas). |
|--|-------------------|------------|---|

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ko-rupaw (p.103)           | Ka'a ou Iwĩ purangatê /<br>Ko-rénaw    | Lugar das roças, local das<br>plantações.      |

**v. O léxico conhecido por 03 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>       | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Mandiópiu (126)            | Mandiópiu / Mandi'òk<br>iapunaw ma'ê         | Mandioca puba.                                 |
|           | Mani'òk-piruwê<br>(p.202)  | Piruwêr / Mandi'òk apuna<br>/ Mandi'òk apuna | Mandioca murcha                                |
|           | Hĩk (i)'ar (p.62)          | Dĩpĩ / Iyw                                   | Pé de (plantas).                               |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais nos quesitos acima conhecidos por 03 indivíduos com alteração/sem alteração.

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>     | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Ipik'ók (p.76)             | Dapi poôha pukwêra /<br>Êdo'ók / Dapi poók | Arrancar raízes,<br>principalmente de [...] mandioca, raízes. |
|           | Mu-tiw (p.165)             | Dupéy / Mutĩro haw /<br>Dutim.             | Fazer plantação de,<br>plantar.                               |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>   | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Iwĩ-maran (p.85)           | Iwĩ Pira pĩpurêr / Iwĩ / Iwĩ<br>dakĩhaw. | Terra trabalhada.                              |
|           | Ko-ram (p.105)             | Ko-piahum / Kô-iapô<br>piram / Ka'atê.   | Roça futura.                                   |

#### **vi. O léxico conhecido por 04 indivíduos sem alteração/com alteração**

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Api (p.29)                 | Ipũ / Mandiôpiu ma'ê /<br>Iapunra      | Mandioca podrida, [...] apodrecendo.           |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                 | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>  |
|-----------|--|--|---|
|           | Ir(i)-z-akāng (p.78)<br>Iru-z-ākāng (p.79) | Umaray / Irupēm                        | Cesto.<br>Espécie de cesto que os índios [...]. |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>          | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | TiramHêta (p.61)           | Hazu / Hazu-kwêra /<br>Tiram deraru / Tiramtété | Farinha de sobra.                              |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>      | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | Mo-ĩ'u (p.141)             | Mo-ê'u / Mo-aĩtir / Mow-<br>kāng / Mo-kīm   | Fazer beber, dar de beber,<br>regar.           |
|           | Mōngakwa'aw<br>(p.143)     | Mōngahaw / Amōnkār /<br>Dêkaiw hêhê / Hīdwi | Fazer crescer, cultivar.                       |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>                 | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Iwĩ-été (p.85)             | Iwĩ-été / Timiwirêr katu /<br>Iwĩ katu / Iwĩ purägatê. | Terra boa para a lavoura.                      |
|           | Kó- kay (p.104)            | Ia-pĩ / Kay-pirêr / Kay haw                            | Queimada (roça)                                |

**vii. O léxico conhecido por 05 indivíduos sem alteração/com alteração**

- a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>                               | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>     | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|--|--|--|
|           | Huwĩ-kãng (p.66)   | Hunkãng- / Pinakã / Hãkan                  | Talo.  |
|           | Mani'òk-pirêr<br>(p.126)<br><br>Mani'ô-pêkwêr<br>(p.126) | Ipê-kwêr / Ipirar / Ipêkwêr<br><br>mani'òk | Casca da mandioca.                             |

- b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

Observação – Não foram encontrados itens lexicais nos quesitos acima conhecidos por 05 indivíduos com alteração/sem alteração.

- c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Ihĩk (p.70)                | Tupi'ak                                | Resina, [...], goma.                           |

- d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Apo'òk (p.33)              | Apo / Apô-Kwêra / Dapi<br>poòk         | Desenraizar.                                   |
|           | Mõngatĩro (p.143)          | Êta-tétiro / Ka'a pir /<br>Mukaturam   | Limpar, pôr em ordem,<br>preparar a roça.      |

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b>              | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|---|--|
|           | Iwĩ-kwâr (p.85)            | Ikwâr / Iriwkwar / Kuda.                            | Buraco (no chão), cova.                        |
|           | Iwĩ-ätä (p.85)             | Iwĩ-pirosôcô / Monosôk<br>pirêr / Iwĩ – ôsôk pirêra | Terra socada, Taipa.                           |

**viii. O léxico desconhecido de todos os indivíduos**

a) Os vegetais que são utilizados como matéria-prima para o processo da produção da farinha e partes da constituição desse vegetal;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|           | Amikĩr (p.23);             |  | Grelos, brotos.                                |
|           | Ma'ê-ru'ã (p. 123)         |  | Olho da planta, talo                           |

b) Os instrumentos usados em todas as etapas da feitura da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                          |
|-----------|----------------------------|--|---|
|           | Paturun (p.183)            |  | Patrona, cestinho trançado com fibra de guarimã que se traz a tiracolo. |

c) Os produtos materiais resultantes do processo de produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b> | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|----------------------------|--|--|
|-----------|----------------------------|--|--|



|  |                            |  |                  |
|--|----------------------------|--|------------------|
|  | Tĩpĩ'a-kwêr (p.267)        |  | Coalho, tapioca. |
|  | Mani'ô-rĩpĩ'a-kwêr (p.126) |  | Tapioca          |

d) Nomes das ações e processos que envolvem a prática da produção da farinha;

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>  | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b>                                     |
|-----------|---|--|--|
|           | Êzwi (p.52)   |  | Brotar, grelar.  |
|           | Mu-zaw (p.166).   |  | Fazer brotar, florar, abrir (flores).  |
|           | Atĩr (p.38)   |  | Amontoar   |
|           | Mu-nĩk (p.161)  |  | Fazer, amontoar, pôr em montão.  |
|           | Haw (p.55)  |  | Cortar, partir.  |
|           | (Iwĩ) - ĩwĩkôy (p.85)<br><br>Käy (p.100)<br><br>Zihĩr (p.328)     |  | Cavar, escavar (terra)<br>fossar para tirar as raízes.<br><br>Cavar.<br><br>Cavar. |
|           | Mo-ruru (p.148)   |  | Fazer amolecer, pôr de molho, fazer inchar ponto de molho.                         |
|           | Za-pĩhĩk (p.300)  |  | Extrair, arrancar raízes (mandioca).   |
|           | Ma'êzu-tĩm (p.124)<br><br>Zé-mi-tĩm (p.314)<br><br>Zu-tĩm (p.337) |  | Semear.<br><br>Semear.<br><br>Semear, plantar, enterrar.                           |
|           | Mu-nĩk (p.161)  |  | Incendiar, queimar,  |

|  |  |  |                             |
|--|--|--|-----------------------------|
|  |  |  | acender, abrasar, inflamar. |
|--|--|--|-----------------------------|

e) Nomes dos lugares e espaços específicos para a atividade da feitura da farinha.

| <b>Nº</b> | <b>ANO 1976<br/>BOUDIN</b>          | <b>PRONUNCIA DOS<br/>COLABORADORES</b> | <b>LÉXICO<br/>SIGNIFICADO EM<br/>PORTUGUÊS</b> |
|-----------|-------------------------------------|--|--|
|           | Apérêw (p.29)                       |  | Furo, buraco, covas.                           |
|           | Iwy-kaywêr (p.85)<br>Iwĩ-ran (p.87) |  | Terra.<br>Solo árido.                          |

**FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE INDÍGENA TEKO-HAW FEITAS DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.**

**Figura 01: Ramada da aldeia Teko-haw.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 02: Campo de Futebol Brasil – Tenetehára.**



**Fonte da autora, 2014.**

**Figura 03: Posto de Saúde da aldeia Teko-haw.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 04: Visão Panorâmica da Escola da aldeia Teko-haw.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 05: Placa de inauguração da escola na aldeia Teko-haw.**



**Fonte: acervo Pessoal da autora**

**Figura 06: Formatura dos alunos da escola.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 07: Lideranças Indígenas da aldeia Teko-haw durante a formatura.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 08: Família Indígena Tembé – colaboradora Zilma Tembé e suas filhas.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 09: Sr. Manené Tembé – contador de história.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 10: Artesanato Tembé feito por Manené Tembé.**



**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura 11: Produção da farinha da aldeia Teko-haw.  
Fonte: Acervo da autora, 2014.**

**Figura A: Forno e Pá**



**Figura B: Cocho e peneira**



**Figura C: mandioca peneirada.**





**Fig. 12: Fauna – PESCA – base alimentar da aldeia Teko-haw**  
**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura D: Prática da pesca – Pescador Tembé.**



**Figura E: Prática da pesca – Malhadeira.**



**Figura F: Prática da pesca –Canoa e Ponto de pescar.**



**Fig. 13: Fauna - CAÇA**  
**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura G: Jabuti**



**Figura H: Queixada ou Porcão**



**Figura I: Anta**



**Figura 14: Trajetos - aldeia Teko-haw.**

**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura J: Ladeira da viúva.**



**Figura M: Voadeiras na margem do rio Gurupí na entrada aldeia Teko-haw.**



**Figura K: Entrada – Reserva Indígena Tembé.**



**Figura N: Rio Uraim – aldeia Tembé Cajueiro.**



**Figura L: Ponte da estrada do Sete.**



**Figura O: Rio Gurupí – 2º ponto de acesso ao rio Gurupí na aldeia Tekohaw**



**Figura 15: Colaboradores indígenas Tembé.**  
**Fonte: acervo da autora, 2015.**

**Figura P: Colaboradora Ruth Tembé.**



**Figura S: Colaboradora Sandra Tembé.**



**Figura Q: Colaborador Livino Tembé.**



**Figura T: Colabo Osmael Tembé**



**Figura R: Colaborador Roberto Tembé.**



**Figura U: Colaboradora Zilma Tembé**



**Figura 16: Marcas do contato interétnico na aldeia Teko-haw.  
Fonte: acervo da autora, 2015.**

**Figura V: Capela de São Benedito**



**Figura Y: Venda produtos industrializados**



**Figura W: Casa de farinha de alvenaria.**



**Figura Z: Fossa construída - escola**



**Figura X: Máquinas industriais-Farinha**



**Figura #: Construção de uma igreja.**



**Figura 17: Instituições Públicas de Apoio aos indígena.**

**Fonte: acervo da autora, 2014.**

**Figura \*: SESAI – Paragominas/PA**



**Figura ♦: CASAI – Paragominas/PA.**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

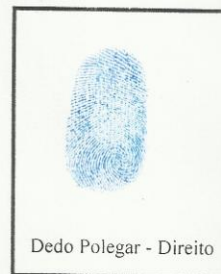
Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registros de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembé da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembé da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Ruth Tembé.

Colaborador (a) Tembé.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 07 de dezembro de 2014.

Em caso de analfabetismo, impressão.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

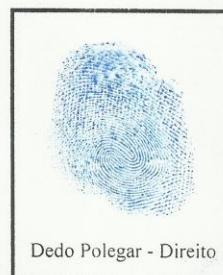
Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registros de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembê da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembê da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Livino Tembê

Colaborador (a) Tembê.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 07 de dezembro de 2014.

Em caso de analfabetismo, impressão.





## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registros de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembê da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembê da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Roberto Lopes Tembê

Colaborador (a) Tembê.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 06 de dezembro de 2015.

Em caso de analfabetismo, impressão.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

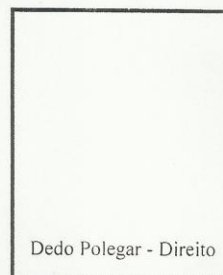
Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registro de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembê da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembê da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Sandra Tembê.

Colaborador (a) Tembê.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 08 de dezembro de 2014.

Em caso de analfabetismo, impressão.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

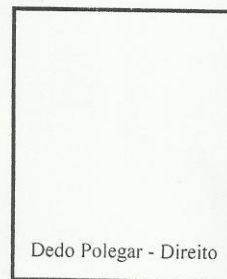
Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registro de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembê da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora - referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembê da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Osmael Lima Tembê

Colaborador (a) Tembê.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 06 de dezembro de 2014.

Em caso de analfabetismo, impressão.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar como colaborador (a) da pesquisa intitulada "Denominações da fauna e da flora nos registro de Max Boudin: perda, conservação e ressignificação dessas denominações por índios Tembê da região do Gurupí" que tem como pesquisadora a aluna do curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia: Eliene Rosa Chaves, matrícula: 201425770008 da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: elienerosachaves@yahoo.com. Tem como objetivo geral elaborar um estudo comparativo nos registros de Max Boudin (1967) com a intenção de verificar como se dá o processo de perda, de conservação e de ressignificação nas denominações da fauna e da flora – referentes às práticas da caça, pesca e produção da farinha - utilizada pelos índios Tembê da região do Gurupí. Minha participação será em conceder entrevista à pesquisadora para contribuir com o desenvolvimento da referida pesquisa. Não havendo nenhum impedimento para o uso e publicação dessas informações dadas.

Zilma Lima Tembê

Colaborador (a) Tembê.

Aldeia Tekohaw, Paragominas-Pa 07 de dezembro de 2014.

Em caso de analfabetismo, impressão.

